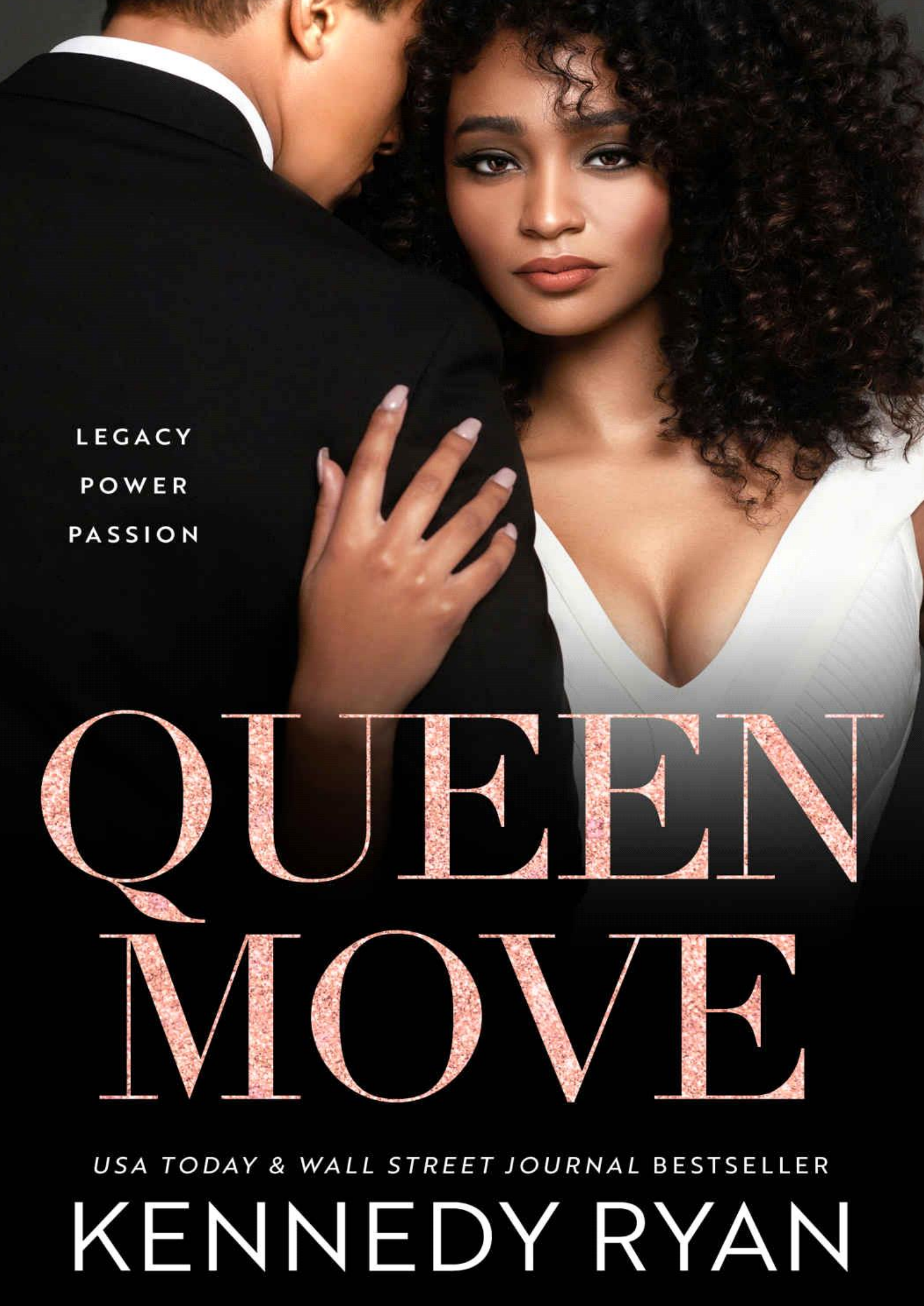
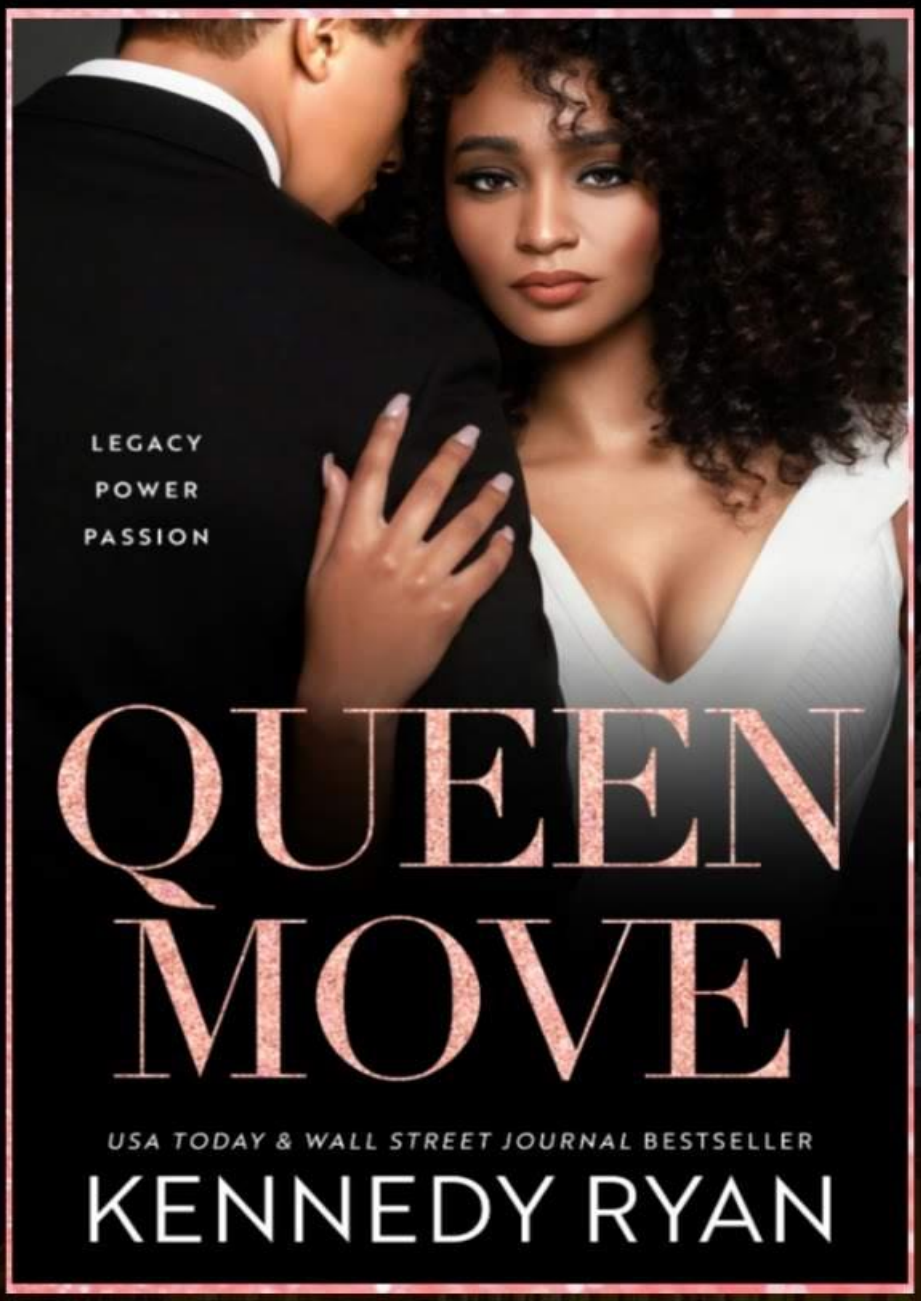

LEGACY
POWER
PASSION
QUEEN MOVE
USA TODAY & WALL STREET JOURNAL BESTSELLER
KENNEDY RYAN


1 Ano
Wicked
Lady

I Am Wicked Lady

Lançamento



KENNEDY RYAN
romance in real life

SINOPSE

O garoto que sempre senti como meu é agora o homem que eu não posso ter.

Escave um pouco e você encontrará fotos minhas na banheira com Ezra Stern. Tire sua mente da sarjeta. Tínhamos seis meses de idade.

Intrometa-se um pouco mais e um de nós pode confessar que guardamos nosso primeiro beijo um para outro.

Os mais desajeitados, molhados, desleixados... espetaculares trinta segundos da minha adolescência.

Meta-se em nossos assuntos e você verá duas famílias, mais próximas que o próprio sangue, dilacerando em um instante.

Vinte anos depois, meu melhor amigo "patinho feio" desde a infância, o garoto que ninguém notou, é um homem que ninguém pode ignorar.

Melhor. Feroz. Mais esperto.

Tomado.

Diga-me que está errado.

Diga-me que o garoto que sempre senti como meu, agora é o homem que eu não posso ter.

Quando nos encontramos novamente, tudo fica no nosso caminho – segredos, mentiras, promessas. Mas não chegamos tão longe para desistir agora.

E eu sei exatamente o que fazer se eu quiser fazê-lo meu.



QUEEN MOVE

KENNEDY RYAN

AGRADECIMENTOS DA AUTORA

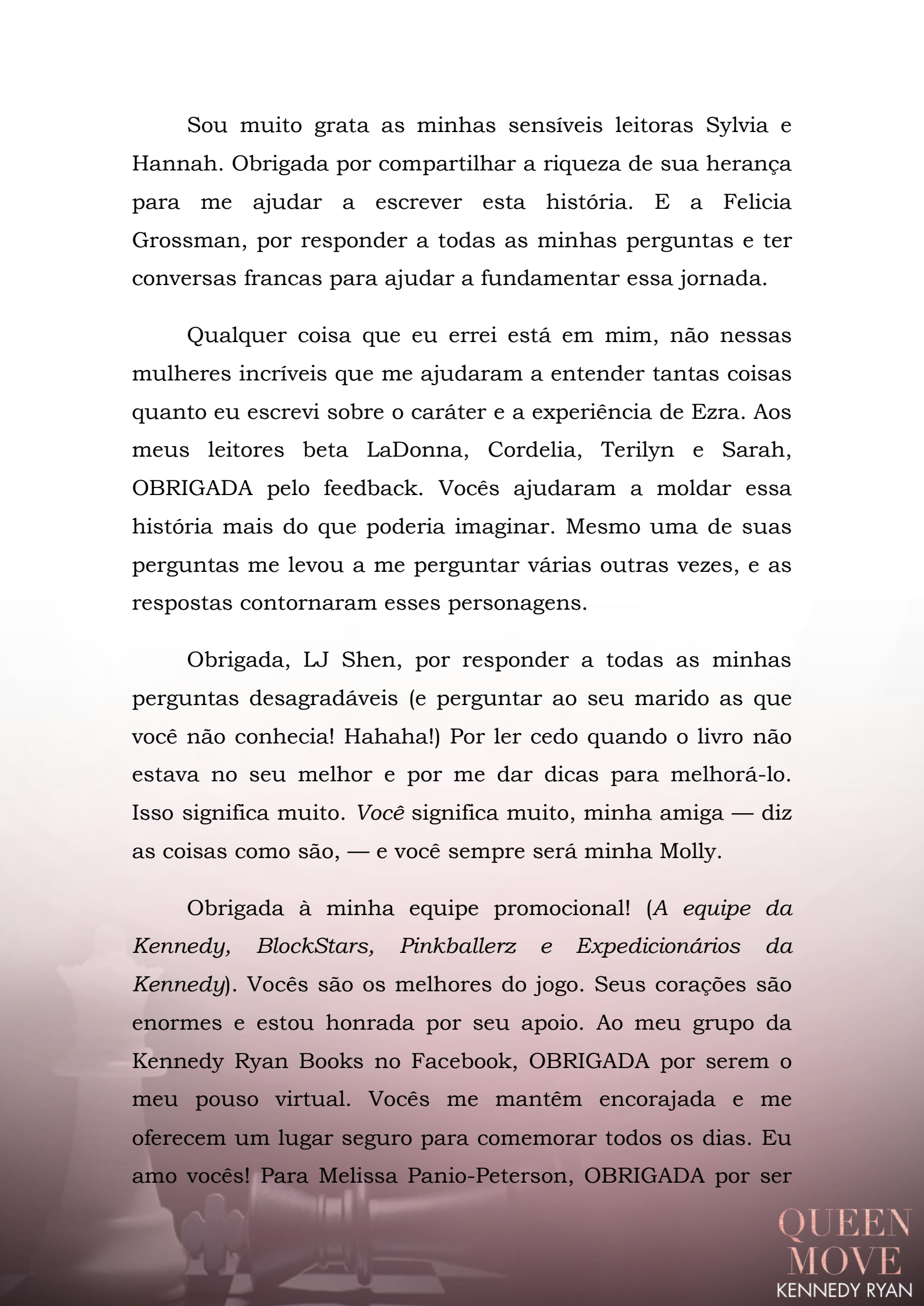
Sempre há muitos a agradecer, essa parte é quase tão difícil quanto escrever o livro em si. Na verdade, não, mas é difícil não deixar ninguém de fora. RINDO MUITO! Em primeiro lugar, quero agradecer a Liz, Jillian e MJ, a Evil Eye Team, por esta incrível experiência trabalhando com vocês e dando vida à história de Kimba. Vocês acreditaram em mim, *nela,* em cada passo do caminho, e isso significa o mundo. Eu tenho que agradecer a minha assessora Jenn da Social Butterfly. Você sempre se estica e puxa com cada uma das minhas novas expectativas. Todo e-mail às 02:00 e mensagens à meia – noite, você nunca reclama. Sua amizade é inestimável. Tia Kelly, obrigada!!! Você se importava com Kimba tanto quanto eu. Talvez às vezes até mais! Hahaha. Agradeço sua honestidade e determinação e seus — sentidos de aranha. — Acima de tudo, sua crença em mim e encorajamento foram uma tábua de salvação mais de uma vez. Para minha leitora alfa Joanna, não posso agradecer o suficiente por nunca se contentar; por não me deixar fugir com a mediocridade. Por ser sincera e honesta, mesmo quando é a última coisa que quero ouvir. Por recuar quando não quero ouvir, porque você se importa muito com a história. Eu já disse uma vez e vou repetir. Você é minha rede de segurança e sua amizade é preciosa demais. <3

Sou muito grata as minhas sensíveis leitoras Sylvia e Hannah. Obrigada por compartilhar a riqueza de sua herança para me ajudar a escrever esta história. E a Felicia Grossman, por responder a todas as minhas perguntas e ter conversas francas para ajudar a fundamentar essa jornada.

Qualquer coisa que eu errei está em mim, não nessas mulheres incríveis que me ajudaram a entender tantas coisas quanto eu escrevi sobre o caráter e a experiência de Ezra. Aos meus leitores beta LaDonna, Cordelia, Terilyn e Sarah, OBRIGADA pelo feedback. Vocês ajudaram a moldar essa história mais do que poderia imaginar. Mesmo uma de suas perguntas me levou a me perguntar várias outras vezes, e as respostas contornaram esses personagens.

Obrigada, LJ Shen, por responder a todas as minhas perguntas desagradáveis (e perguntar ao seu marido as que você não conhecia! Hahaha!) Por ler cedo quando o livro não estava no seu melhor e por me dar dicas para melhorá-lo. Isso significa muito. *Você* significa muito, minha amiga — diz as coisas como são, — e você sempre será minha Molly.

Obrigada à minha equipe promocional! (*A equipe da Kennedy, BlockStars, Pinkballerz e Expedicionários da Kennedy*). Vocês são os melhores do jogo. Seus corações são enormes e estou honrada por seu apoio. Ao meu grupo da Kennedy Ryan Books no Facebook, OBRIGADA por serem o meu pouso virtual. Vocês me mantêm encorajada e me oferecem um lugar seguro para comemorar todos os dias. Eu amo vocês! Para Melissa Panio-Peterson, OBRIGADA por ser



meu braço direito e flanco esquerdo. Hehehehe. Peço muito, e você nunca reclama. Não digo o suficiente o quanto sua presença na minha vida facilita as coisas. Eu te amo.

Para minha mãe, tia Evelyn e tia Joyce, as primeiras rainhas que eu já conheci. As mulheres que me mostraram tanto quanto me disseram. Que exibiram compaixão e caráter e me ensinaram como era o poder real - o poder de ajudar os outros e de tornar o mundo melhor onde e quando você puder.



DEDICATÓRIA

Para todas as meninas que precisam trabalhar duas vezes mais.

Você sabe quem você é.



PRÓLOGO

Kimba

Dois anos antes do presente

Existe algo mais triste do que a garotinha do papai no funeral de seu pai?

As fungadas silenciosas de minha mãe alguns assentos distantes me dá a resposta.

Uma viúva em luto.

— Ele era um homem bom, — alguém da longa fila de pessoas oferece, em sussurros, condolências a ela.

A cabeça da mamãe balança com um aceno de lágrimas. Mesmo nos dias atuais, ela ainda está usando um chapéu e um véu. É preto e chique como a Mama, canalizando a trágica Jackie Kennedy ou Coretta Scott King. Meu pai não era apenas um homem bom. Ele era um *grande* homem, e todos deveriam saber que ele deixa para trás uma viúva, sofrendo profundamente, mas que voltará a voar. Aperto o programa fúnebre entre meus dedos, encarando as palavras impressas.

Joseph Allen deixa para trás uma esposa, Janetta, três filhos, Kayla, Keith e Kimba, e seis netos.

Ele deixa para trás.

Papai se foi e eu não sei viver em um mundo que meu pai não habita. O caixão é coberto com flores de cheiro doce no centro da tenda do funeral. Quando deixarmos o cemitério, ele... *ele* será abaixado no chão com uma finalidade insondável, separado de nós por um forro de cetim branco, a sete palmos de terra e eternidade.

Kayla, minha irmã mais velha, soluça baixinho no final da fileira de nossa família. Seus quatro filhos a observam com cuidado, provavelmente não acostumados a ver sua mãe inabalável abalada e reduzida a lágrimas. Até eu tinha esquecido como ela fica quando chora – como se estivesse brava com a umidade que risca suas bochechas, ressentida com qualquer sinal de fraqueza.

Não é fraco chorar, papai costumava dizer. Isso é humano.

— Mas a Bíblia não diz que mesmo as pedras vão chorar? — Eu o desafiei quando era jovem, adorando que algo da escola dominical o pegou. — Então, talvez as lágrimas não sejam apenas para humanos.

— Você está ficando esperta demais para seu tamanho, garotinha, — ele disse, mas o profundo carinho em seus olhos quando ele me beijou me disse que estava satisfeito. Ele

gostou que eu fiz perguntas e me ensinou a nunca aceitar besteiras de ânimo leve.

Sinto sua falta, papai.

Nem uma semana desde seu ataque cardíaco, e eu já sinto muita falta dele.

A humanidade borra minha visão, molhada e quente e arde meus olhos. Eu quero que isso acabe. As flores, os enlutados bem vestidos, as câmeras de notícias estacionadas a uma distância que eles provavelmente consideram respeitosos. Eu só quero ir para a casa onde meus pais nos criaram, retirar-me para o escritório do papai e encontrar o estoque de charutos que só ele e eu conhecíamos.

Não conte à sua mãe, ele costumava sussurrar de maneira conspiratória. *Este será o nosso pequeno segredo.*

Mamãe odiava o cheiro de charuto na casa.

— Tru.

Quem me chamaria com esse nome? Agora, quando as únicas pessoas que o usam, minha família, estão preocupadas com sua própria dor? Um homem alto está parado na minha frente, suas grossas sobrancelhas escuras amontoadas de simpatia. Eu não o conheço. Eu me lembraria de um homem como este, forte como um carvalho. Um terno bem ajustado molda seus ombros poderosos. O cabelo castanho escuro, não muito preto, é cortado impiedosamente curto, mas sugere ondas, se for dada a chance de crescer.

Seu nariz proeminente, o torna reconhecido, acima dos lábios carnudos e finamente esculpidos abaixo. Seus olhos são surpreendentemente vívidos – de um azul tão profundo que são quase da cor das violetas africanas contra a pele como bronze banhado pela luz do sol. Não, um homem como ele você nunca esqueceria. Algo incomoda minha memória, puxa meus sentidos. Eu nunca esqueceria um *homem* que era assim, um homem com olhos assim... mas e um menino?

— Ezra? — Eu resmungo, descrença e incerteza se misturam com o nome que não pronuncio há anos.

Não pode ser.

Mas é.

No lugar do garoto desajeitado que eu conhecia, está um homem exalando autoconfiança no conjunto confiante de seus ombros, o orgulhoso porte sustentando sua cabeça. Se a adolescência foi o rascunho, este produto final é uma obra-prima da simetria e de linhas lindamente esboçadas.

Ele assente, um pequeno sorriso aliviando a linha sóbria de sua boca. — Sim, sou eu.

Talvez seja a emoção, a vulnerabilidade que destrói a guarda que eu sempre tranco. Talvez seja a compaixão em sua expressão. Ou talvez seja encontrar nos olhos de um estranho o conforto de um amigo perdido há muito tempo. Poderia ser todas essas coisas, ou talvez não seja nenhuma delas, mas eu me levanto e me jogo em seus braços. Ele não

parece tão surpreso quanto eu por essa fisicalidade não governada, sua força se apertando ao meu redor imediatamente. Ele é muito mais alto do que eu, muito mais alto do que a última vez que o vi, e ele mergulha um pouco mais perto do meu ouvido.

— Sinto muito, Kimba, — diz ele. — Ele foi um dos melhores homens que eu já conheci.

Suas palavras e braços esquentam os lugares, que estavam gelados a semana toda, e esse momento se derrete em um milhão de outros que eu pensei que havia perdido para sempre. Ezra e eu rabiscando nossos nomes em concreto molhado com paus. Andando de bicicleta pelas ruas, gritando e rindo ao anoitecer do verão, correndo contra o sol. Bombeando nossas pernas para nos impulsionar tão alto em balanços à noite em um parque deserto, nossos pés pareciam chutar as estrelas. Ezra Stern foi o eixo da minha infância.

— Ez. — Afasto-me o suficiente para olhar para ele, vasculhando suas feições pelas mudanças que vinte anos fizeram. — Mas você... o que você está... como...

— Voltei para Atlanta há alguns anos. Encontrei seu pai e nós... — Ele engole, me libera para enfiar uma mão no bolso de sua calça escura. Ele costumava fazer isso quando não tinha certeza. É uma das poucas coisas restantes do garoto que eu conhecia. E aqueles olhos.

— Nós conversamos, — continua ele. — Mantivemos contato. Ele me ajudou. Espero que esteja bem que eu esteja aqui.

Ele lança um olhar rápido para minha mãe do outro lado da nossa fila, ainda elegante e arrasada demais para realmente notar aqueles que estão na frente dela, muito menos o homem que está na minha frente.

— É claro. — Aperto sua mão livre, conectando nossos olhares. — *Estou* feliz que você veio.

Algo como alívio afrouxa sua expressão tensa. — Bom. Eu não queria...

— Papai.

A voz vem de trás dele. Olho em volta e vejo um garoto bonito com olhos violeta africanos. Sua pele é algumas tonalidades mais claras que a de Ezra, seus cachos menos grosseiros, e há traços talvez de ascendência asiática em seus olhos, mas há algo do garoto que eu conhecia anos atrás nesse caso, e meu coração se contrai.

Um filho. Ezra tem um filho.

Claro que sim. Estamos nos nossos trinta anos. Ele provavelmente também tem uma...

— Noah, eu pedi para você esperar com sua mãe. — Ezra passa a mão pelos cabelos do garoto.

— Eu estava, — diz Noah, com os olhos arregalados e fixos nos do pai. — Mas bà ngoại ligou. É uma emergência. Mamãe diz que precisamos ir.

Ezra e Noah olham para além da tenda e atravessam o tapete de grama do cemitério. Uma mulher pequena caminha através de um círculo fechado de pessoas, um telefone pressionado no ouvido, angústia no rosto. Eu vejo as outras partes de Noah nela. Uma mecha solta de cabelo escuro bate até em sua cintura e, mesmo a essa distância, ela é obviamente uma mulher bonita.

Esposa de Ezra. Filho de Ezra... não vejo esse homem há mais de duas décadas, mas minha respiração perde o fôlego quando me deparo com a vida que ele fez longe de mim. Éramos apenas crianças, e é claro que ele fez uma vida sem mim, assim como eu fiz uma vida sem ele, mas meu coração ainda afunda como uma âncora no fundo do oceano.

Uma família. Ezra tem uma família.

— Eu vi você na TV, — diz Noah, estudando-me de perto.

Franzo a testa, por um momento tão distante da realidade da vida além desta tenda funerária e do cheiro enjoativo de flores que não faço ideia do que ele está falando.

— A campanha, — diz Ezra, um pequeno sorriso levantando os cantos da boca. — Você estava fazendo uma entrevista na CNN.

— Oh. — Concordo com a cabeça e mantenho um pequeno sorriso em benefício de Noah. — Meu trabalho me faz falar na televisão algumas vezes, mas vou lhe contar um segredo.

Seus olhos brilham com prazer infantil.

Inclino-me no ouvido e sussurro: — Fico *muito* nervosa, e não é tão fácil quanto parece.

Noah assente, seu rosto sóbrio. — Eu também ficaria nervoso, mas papai disse que você é a garota mais inteligente que ele já conheceu.

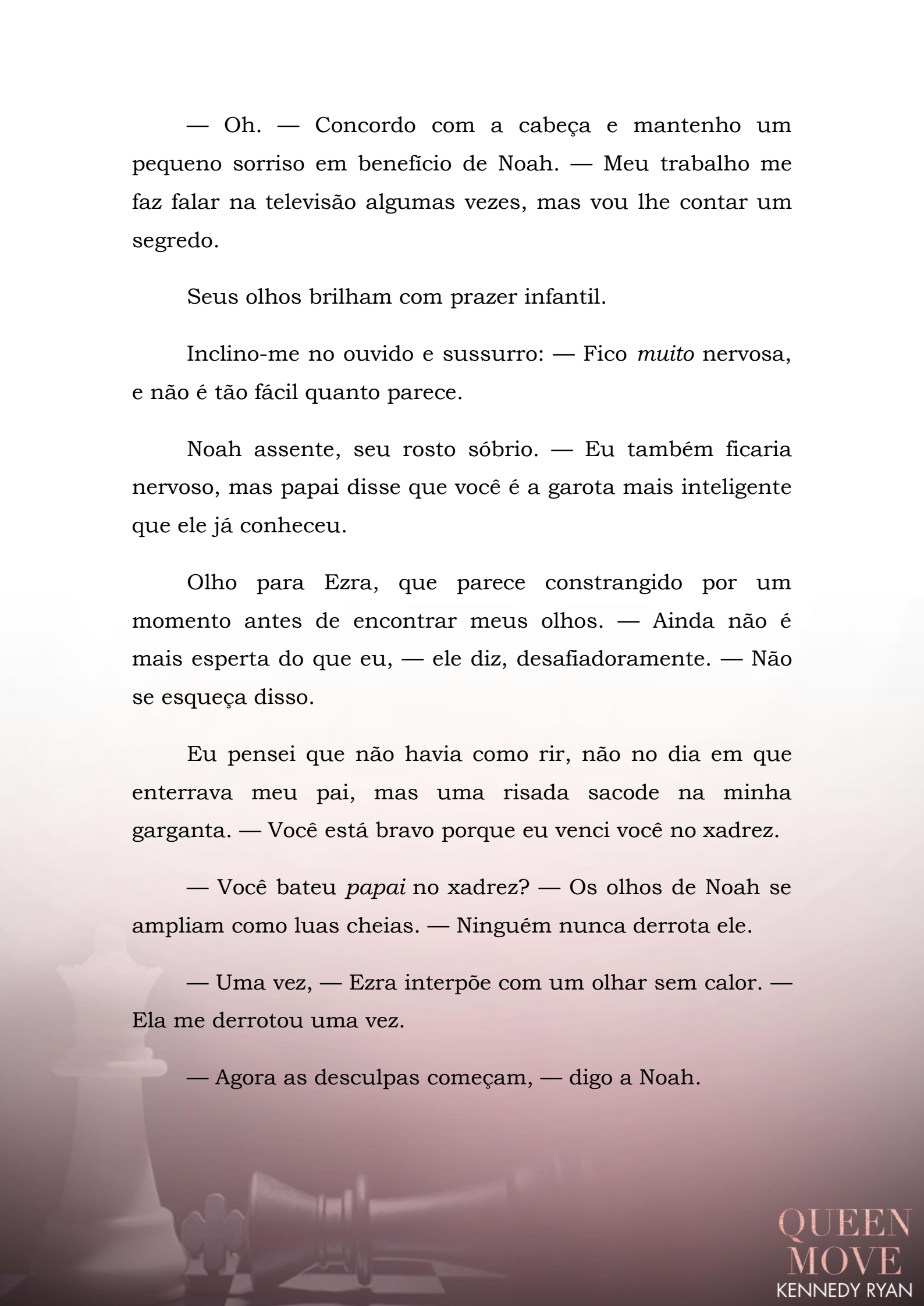
Olho para Ezra, que parece constrangido por um momento antes de encontrar meus olhos. — Ainda não é mais esperta do que eu, — ele diz, desafiadoramente. — Não se esqueça disso.

Eu pensei que não havia como rir, não no dia em que enterrava meu pai, mas uma risada sacode na minha garganta. — Você está bravo porque eu venci você no xadrez.

— Você bateu *papai* no xadrez? — Os olhos de Noah se ampliam como luas cheias. — Ninguém nunca derrota ele.

— Uma vez, — Ezra interpõe com um olhar sem calor. — Ela me derrotou uma vez.

— Agora as desculpas começam, — digo a Noah.



Ezra sorri, mas seu olhar volta para onde sua esposa está e o breve flash de humor desaparece. — Melhor irmos, Noah. Vamos ver o que sua mãe precisa.

Noah decola, correndo da barraca e atravessando a grama para sua mãe. Quando ele a alcança, ela o puxa pela dobra do braço e beija o topo da cabeça dele. Que linda família. Estou feliz por ele.

Ezra volta sua atenção para mim. — Eu só queria dizer o quanto sinto muito. Meus pêsames.

Uma dúzia de palavras improdutivas param na minha língua com a perspectiva de ele desaparecer novamente.

Não desapareça. Deixe-me pegar seu número. Devemos permanecer em contato.

Ele olha para mim e as palavras presas na minha garganta parecem queimar em seus olhos também, alimentadas pelo arrependimento. E esperança. Todas as coisas que clamam no meu peito brincam com seus traços expressivos.

— Kimba, nós poderíamos...

— Foi bom vê-lo novamente, — interrompo com delicadeza, deixando cair a mão que não sabia que ainda segurava. — Obrigada por vir.

Ele olha para mim por longos segundos e, apesar das minhas melhores intenções, eu olho de volta. Quando eu era

pequena, ninguém estava mais próximo de mim, ninguém me conhecia melhor do que Ezra Stern. Era o tipo de proximidade que você apreciava quando criança, o tipo que entre dois adultos não podia ser nada menos que íntimo.

— Adeus, Ez, — eu sussurro, piscando com lágrimas frescas.

— Sim. — Ele olha através da grama verde e lápides para onde sua família espera, e assente. — Adeus, Tru.

Passos longos e rápidos o levam para sua esposa e filho. Eles desaparecem sobre o topo de uma colina, de mãos dadas e depois da vista. Eles estavam aqui apenas alguns minutos. Duvido que mamãe tenha percebido que ele estava aqui. Ela ainda está presa em seu pior pesadelo, onde o amor de sua vida se foi.

— Adeus, papai, — eu digo, alto o suficiente para apenas eu e ele ouvirmos, como os pequenos segredos que ele e eu costumávamos guardar. O caixão na minha frente parte meu coração pelo que perdi.

Olho para a colina e derramo uma lágrima pelo que nunca tive.



PARTE UM

"Somos poeira estelar trazida à vida, então, capacitados pelo universo para descobrir a si próprio – e nós apenas começamos."

– Neil deGrasse Tyson, Astrofísica para Pessoas com Pressa



UM

Ruth

1983, Atlanta, GA

Shabat Shalom

As palavras são repentinas, inesperadas. Uma saudação que meu coração oferece quando não há ninguém para responder. Ninguém para me dizer isso *de volta.* As noites de sexta-feira, um dia de descanso, um Shabat, são agora os dias mais agitados da semana. Minha alma agita, *anseia* por descansar, mas não há paz aqui esta noite.

— Sua bunda está pronta!

As palavras animadas de meu marido Alfred ecoam da sala, quebrando o pequeno momento de silêncio que encontrei para mim mesma na banheira de água fumegante. É a primeira vez que recebemos alguém desde que nos mudamos. Com a comida fora, nossos novos vizinhos todos entretidos, eu usei o banho noturno do meu bebê como uma desculpa para fugir. Apesar do meu humor melancólico, o riso de Alfred e a voz estridente persuadem os cantos da minha boca em um sorriso.

— Parece que o papai está ganhando, — eu digo, pressionando meu nariz no meu filho. Ele geme de volta, rindo e esticando a palminha de estrela do mar na minha cara. Ele se contorce quando eu o coloco na água morna. Um sorriso aperta os cantos dos olhos da mesma cor que os meus, um azul tão profundo que é quase roxo. O contraste com a pele dourada e o monte de cachos escuros elásticos é impressionante. Alguns meus. Um pouco do pai dele. Totalmente ele mesmo.

Ele é adotado?

A caixa perguntou hoje, as sílabas arrastadas por um sotaque, os olhos arregalados passando entre meu filho e eu. Não é a primeira vez que me perguntam isso desde que nos mudamos para a Geórgia. Mesmo em Nova York, essa pequena mulher judia carregando *esse* bebê chamava a atenção ocasionalmente. Mas aqui? Toda vez que me aventuro, eles parecem não conseguir desviar o olhar. Alguns são discretos, pelo menos tentando esconder sua curiosidade, mas muitos nem se incomodam. Pela minha experiência até agora, a famosa hospitalidade do sul é, pelo menos no nosso caso, anulada pela boa bisbilhotice à moda antiga. Às vezes, grosseria total.

Aperto o xampu de bebê na palma da mão e esfrego em seus cabelos macios. — O que fizemos trazendo você aqui, Ezra?

Eu estava tão pronta para me afastar da minha família em Nova York que não considerei totalmente para onde estávamos *indo.* Meu marido não podia recusar uma bolsa integral da Universidade de Emory, e minha mãe e eu mal estávamos conversando naquela altura.

— Alfred Stern, — minha mãe dissera, saboreando o nome. — E um estudante de negócios da Columbia? Que bom partido, Ruth.

Eu praticamente podia ouvir seus pensamentos. Um bom garoto judeu com um belo nome judeu e um futuro brilhante. Bem, ela estava correta com a parte do *futuro brilhante,* mas eu sabia que meu namorado ateu, com sua altura imponente, pele escura e macia e coração teimosamente sem Deus, não era o que minha mãe tinha em mente. Eu sempre assumi que me casaria com alguém do meu próprio bairro. Certamente alguém judeu. Alfred entrou na livraria onde eu trabalhava e me arrebatou sem nem tentar.

— Senhor do céu, eles vão chegar às vias de fato jogando cartas.

Olho por cima do ombro e encontro Janetta Allen, uma das minhas novas vizinhas, cujo marido está na faculdade de direito com Al. Ela está parada na porta do banheiro, os braços estendidos, mantendo a filha Kimba longe do corpo. Ervilhas verdes brilhantes e purê de cenoura laranja espalham o macacão de Kimba, outrora intocado.

— Essa garota come como um tornado, — diz Janetta, balançando a cabeça em direção ao balcão. — Se importa se eu a despir?

— Ah, claro. — Eu rio da sua menina contorcida. — Eles não ficam limpos por muito tempo, não é?

— Oh, querida, eu desisti de limpar depois do bebê número um. — Janetta coloca Kimba no balcão e tira o macacão de seu corpinho. — Estou feliz por mantê-los vivos, por mais difíceis que meus filhos sejam.

Olho para suas curvas esbeltas um pouco invejosa. Eu tive mais dificuldade em me recuperar, mas ela não parece ter tido um bebê, muito menos vários.

— Quantos filhos você tem? — Eu pergunto, lavando o xampu dos cabelos de Ezra.

— Três. — Janetta sorri, os dentes brancos contra sua pele morena linda.

— Os outros dois estão com os primos esta noite. Levei mais tempo para deixá-los ir a qualquer lugar sem mim. Alguns anos atrás, todos aqui estavam no limite e mantendo seus filhos próximos.

— Você quer dizer por causa dos assassinatos de crianças? — Eu pergunto, franzindo a testa.

O caso dos assassinatos de crianças em Atlanta, dois anos e mais de vinte assassinatos e desaparecimentos não

resolvidos, paralisou todo o país. Minha mãe mencionou isso assim que soube que estávamos nos mudando para cá.

— Sim. — Janetta suspira. — Todos os meninos e meninas negros. Eu tinha que saber onde meus filhos estavam a cada segundo de cada dia. Nós até começamos a dormir em seus quartos depois que uma criança foi tirada da cama. Joseph no quarto de Keith e eu no de Kayla. Bem, isso está para trás agora, obrigada, Jesus.

Ela olha para o meu colar, ônix embutido com o pingente da estrela de David. — Desculpa. Esqueci que você era judia.

Por alguma razão, nós duas achamos esse comentário hilário, e rimos alto e longo daquela maneira contagiosa que quase faz você esquecer o que era engraçado em primeiro lugar.

— Whoo. Eu precisava dessa risada, — diz Janetta, os lábios ainda curvados com o humor restante. — E obrigada por nos receber, a propósito.

— Obrigada por ter vindo. Não tivemos muitos visitantes, acredite ou não, — respondo com ironia.

Janetta faz uma pausa, com os dedos apoiados na barriga nua de Kimba. Seu olhar oferece simpatia e vê mais do que eu provavelmente quero mostrar a ela. — Você sabe que vocês têm sido a conversa do bairro, certo?

Sua franqueza tira uma risada assustada de mim.

— Não posso dizer que estou surpresa. — Eu jogo água nos olhos de Ezra e ele ri, seu rosto se iluminando. — Presumo que ainda não há muitos casamentos mistos por aqui, mas *são* os anos oitenta.

Janetta encolhe os ombros, apoiando um quadril no balcão do banheiro. — *Loving*[1] foi o quê? Apenas quinze anos atrás? Não estamos tão distantes de seu casamento ser considerado criminoso e, no Sul, a ignorância por questões raciais perduram o máximo que puder.

Os desentendimentos que tive com meus pais e os desprezos que sofri na sinagoga em Nova York me dizem que o Sul não dominou o mercado com intolerância.

— Você parece familiarizada com a lei, — digo ao invés disso. — Você também é advogada?

— Oh, não, deixo isso para meu marido. Eu sou professora.

A mãozinha de Kimba voa para o rosto de Janetta, fazendo-nos rir.

— Ela é linda. — Eu aceno em direção à menina se contorcendo. — Quantos anos?

— Acabou de completar nove meses na semana passada.

---

1 História de um casal que são presos e exilados porque o casamento interracial era proibido no estado em que viviam.

Faço uma pausa, minhas mãos ainda parando nos cabelos encaracolados de Ezra. — Quando na semana passada?

— Última quinta.

— Dia vinte?

— Sim.

— Eles fazem aniversário no mesmo dia!

— De jeito nenhum. — Janetta me olha com os olhos arregalados e balança a cabeça. — Quais são as chances? Podemos fazer uma grande festa, se você quiser.

— Isso seria muito bom, — eu digo, sorrindo porque algo *seria* realmente muito bom pela primeira vez desde que nos mudamos para cá.

Janetta vasculha sua bolsa de fraldas. — Estou sem lenços e esta criança está tão pegajosa.

— Por que você simplesmente não a coloca aqui? — Faço um gesto em direção à banheira. — Tem bastante espaço.

— Tem certeza disso? — Janetta pergunta, hesitação em sua expressão tanto quanto em suas palavras.

— Claro. Por que não?

Janetta sorri com tristeza, caminhando por Kimba e colocando-a na água fumegante. — Eu acho que sou tão ruim

quanto alguns desses intrometidos por aqui. Eu assumi que você seria... eu não sei. Arrogante. Agiria de forma estranha.

— *Eu,* agir de forma estranha? — Eu rio e franzo a testa. — Toda vez que saio de casa, as pessoas me olham como se eu tivesse duas cabeças. Pelo menos uma vez por semana, perguntam-me se meu filho *pertence* a mim. Meu marido nunca está em casa e parece que estou nesse estado sozinha. De todas essas coisas, eu sinto falta da minha mãe, que me rejeitou por me casar com um homem que não é apenas *não* judeu, mas preto. Nesse ponto, eu beijaria estranhos para fazer amigos.

As palavras caem em uma corrente de ar ansioso, como se alguém tivesse estourado um balão, forçando-o a um zigue-zague frenético. Há quanto tempo eu guardo tudo, esperando o alfinete estourar? Eu pisco com as lágrimas que surgiram nos meus olhos e pressiono uma mão no meu peito, onde a solidão se acumula. O banheiro fica silencioso, com o som de risadas e ostentação que vem com jogos de cartas flutuando na sala em tons suaves. Não levanto os olhos, com medo de que, se o fizer, vou chorar e não conseguir parar, mas meus dedos, enterrados nos cabelos de Ezra, tremem e meu lábio inferior treme.

Janetta estende a palma da mão aberta e acena com a cabeça para o frasco de xampu de bebê atrás de mim na borda da banheira. — Posso pegar um pouco?

Agradeço que ela não fique pensando na minha explosão. Isso me dá tempo para me recompor e, no silêncio, lavamos nossos bebês. Engulo as lágrimas que escaldam minha garganta e me apego ao amor que me trouxe aqui, tão longe da minha comunidade, minha família, minhas tradições e minha fé.

— Sabe, não tenho amigos judeus, — diz Janetta. — Você será a primeira.

Shabat Shalom.

Encontro os olhos de Janetta, escuros, gentis e curiosos.

— Gostaria disso, — sorrio e lavo o sabão dos pequenos ombros e costas de Ezra. — Embora já se passaram meses desde que eu pisei em uma sinagoga.

— Há uma a dois quarteirões daqui.

— Sério? Eu estava pensando que queria que meu filho crescesse com as tradições que eu tive. Eu não quero enganá-lo com isso. Alguns rabinos nem mesmo reconhecem meu casamento.

— Porque, Alfred é preto?

— Ah não, — eu faço uma careta. — Bem, talvez alguns. Principalmente porque ele não é judeu. Alguns são mais conservadores que outros. Ninguém na minha família jamais se casou com alguém que não era judeu, então...

— A família de Joe ajudou a eleger o primeiro, o *único* prefeito judeu de Atlanta, — diz Janetta, uma nota de orgulho em sua voz. — Sam Massell. Seu vice-prefeito era Maynard Jackson. Quatro anos depois, o pessoal de Joe ajudou a *torná-lo* o primeiro prefeito negro de Atlanta.

— A família de Joe está na política? — Aproveito a oportunidade para falar sobre algo que não seja meus problemas e puxo Ezra do banho, enxugando-o, beijando seus cabelos úmidos.

— A família de Joe está em ascensão. Em mudanças para corrigir os erros. Seu pai era um Homem Livre. Militante. Engajado. Fez isso tudo. Ele é uma lenda aqui na cidade. Ruas e escolas com o nome dele. Tudo isso.

— Você é próxima da família dele? — Eu pergunto melancolicamente.

— Próxima do meu jeito. Especialmente porque meus pais se foram. Eu era filha única e a família de Joe me trata como um deles.

— Isso deve ser legal, — eu engasgo uma risada sem humor. — Nós nos casamos na prefeitura. Minha família não estava lá. Nem a dele.

— Você sente falta deles? Sua família, quero dizer?

Eu concordo. — Eu estava pensando sobre eles, o que eles estão fazendo na sexta à noite. É o Shabat.

— Eu estou supondo que eles provavelmente não estão jogando cartas e bebendo cerveja como se não houvesse amanhã?

— Não, — eu sorrio. — Você nem pode acender as luzes, cozinhar ou fazer muita coisa no Shabat. Quando eu era criança, achava que era o dia mais chato da semana. Agora percebo que era o mais pacífico.

— E sua família lhe deu as costas?

— No começo, sim. Minha mãe começou a ligar depois que Ezra nasceu.

— Então, as coisas estão melhorando entre vocês?

— Eu não falei muito com ela. Nós duas dissemos algumas coisas terríveis quando ela descobriu sobre Al. Fiquei tão magoada e com raiva que só..., — pisco de novo as lágrimas, lembrando o cheiro de pão de challah, peixe e sopa de galinha que mamãe serviria para o jantar de sexta-feira.

— Mas você sente falta dela? — Janetta pergunta.

Eu aceno, engulo e seco Ezra com uma toalha.

— Então, garota, ligue de volta. A vida é muito curta. — Janetta puxa Kimba do banho. — Minha mãe faleceu no ano passado. Ela nunca conheceu essa neta. Se sua mãe estiver disposta a deixar isso para trás, dê uma chance a ela. Família é tudo.

Risos surgem da sala de estar, gritos e vozes estridentes. O timbre pesado do meu marido, os tons mais claros dos outros. Eu aguço meus ouvidos para tentar ouvir algumas frases.

— Eles acabaram de dizer 'dirigindo uma Boston'? — eu pergunto, sorrindo e oferecendo à Janetta uma toalha para Kimba. — O que é isso?

— Do jogo de espadas, é quando uma equipe ganha todas as mãos.

— Que tipo de mãos?

— Você nunca jogou espadas? — Janetta pergunta, surpresa ao finalizar a pergunta.

— Não. Eu não sabia que Al jogava.

Mas, pensando bem, em Nova York, Al era mais quieto. Mais reservado, para si mesmo. Eu cresci lá, e todos os cantos pareciam em casa. Al cresceu em Chicago e não tinha muitos amigos quando nos conhecemos no campus. Eu o apresentei aos meus amigos; nenhum deles jogava espadas. Nova York parecia muito com o meu mundo. Atlanta? Mesmo que Al não tenha crescido aqui, este mundo já se parece com o dele.

— Se Al está dirigindo uma Boston, — diz Janetta com um sorriso, — ele não apenas joga espadas, mas deve ser muito bom. O que você gosta de jogar?

— Você vai rir, — eu digo, inconsciente, mas ainda conseguindo sorrir sob o calor de seu encorajamento.

— Provavelmente, mas isso é tão ruim? Criança, três bebês, ensinando garotos durões e lutando para manter minha casa na metade do caminho, eu poderia rir.

— Eu gosto de jogar mah-jongg.

— Mah quem?

Nós duas rimos, eu colocando um macacão em Ezra e Janetta pegando uma camiseta fresca de sua bolsa de fraldas para Kimba.

— Minha mãe, Bubbe e...

— Bubbe?

— É assim que chamo minha avó. Elas jogavam mah-jongg com seus amigos quando eu era criança. Eu chamava aquilo de um velho jogo de mulher judia. Mesmo sendo originário da China, nós o adotamos como nossos. É como bridge ou gin rummy, eu acho, mas com essas pedras azulejadas. De qualquer forma, comecei a jogar com o grupo da minha mãe em um verão e fiquei viciada.

Por um momento, quase consigo ouvir o barulho das pedras e seus gritos de 'cinco linhas', 'seis pontos' e 'dois bam' tão perto quanto as risadas na minha sala de estar. Ainda vejo as mesas carregadas de anéis de gelatina de chocolate escuro, misturas de Bridge, cerejas de abacaxi e

marasquino perfuradas com palitos de dente. Cheiro da mistura pungente de seus vários perfumes, os aromas socializando em uma tarde de verão.

— Você sente falta, não é? — Janetta pergunta, descansando uma Kimba de olhos sonolentos no ombro.

Passei tanto tempo escondendo isso de mim mesma, e se eu for honesta, de Al, para que ele não achasse que eu tivesse me arrependido de casar com ele, me mudar para cá, sair de casa – é difícil admitir. Depois de uma breve hesitação, concordo.

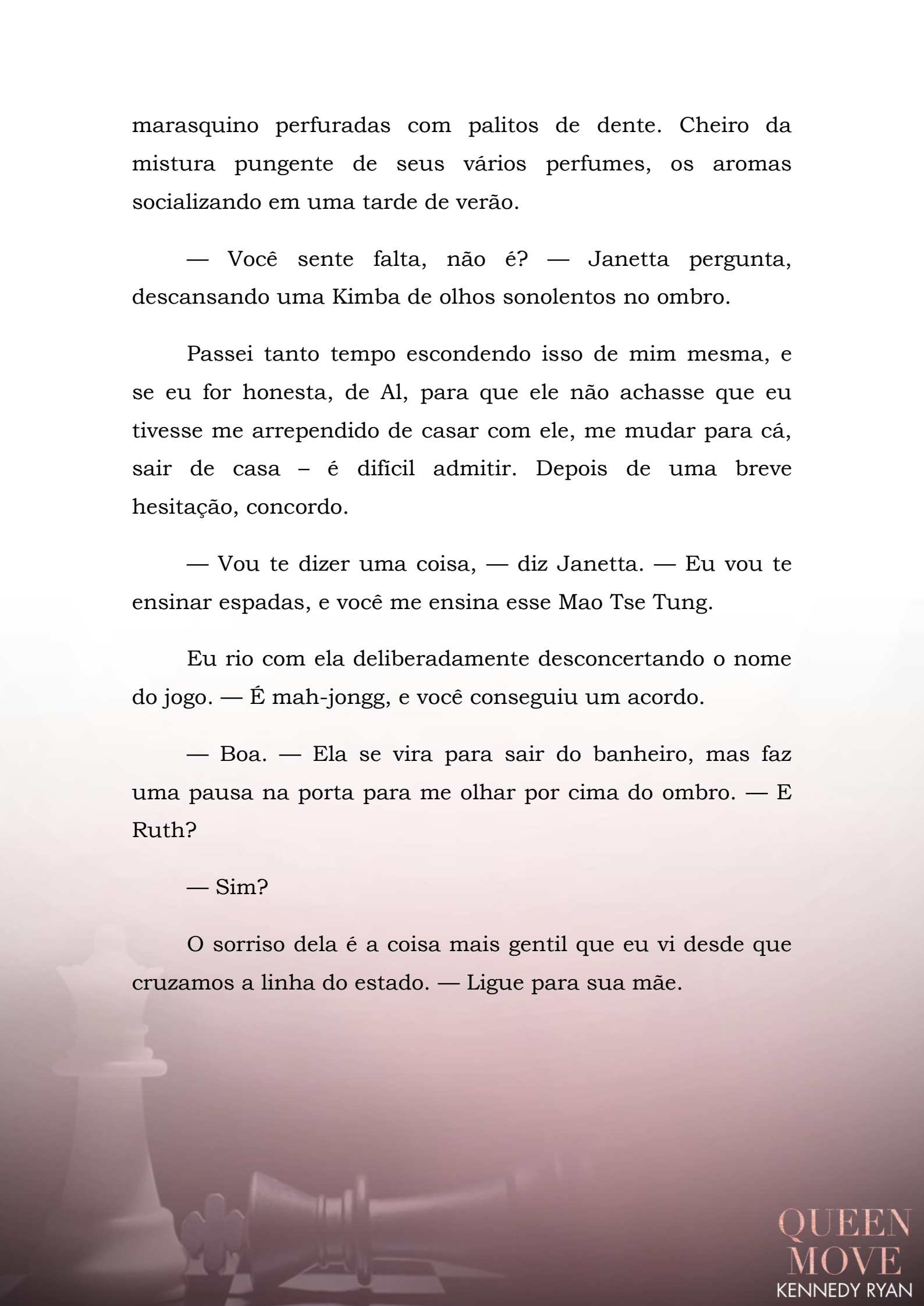
— Vou te dizer uma coisa, — diz Janetta. — Eu vou te ensinar espadas, e você me ensina esse Mao Tse Tung.

Eu rio com ela deliberadamente desconcertando o nome do jogo. — É mah-jongg, e você conseguiu um acordo.

— Boa. — Ela se vira para sair do banheiro, mas faz uma pausa na porta para me olhar por cima do ombro. — E Ruth?

— Sim?

O sorriso dela é a coisa mais gentil que eu vi desde que cruzamos a linha do estado. — Ligue para sua mãe.



DOIS

Kimba

10 Anos, Atlanta, GA

Afasto a cortina da janela da sala de estar novamente, como fiz uma dúzia de vezes na última hora.

— Afaste-se daí. — Minha mãe bate na minha cabeça quando ela passa a caminho da cozinha. — Eles terminarão em breve. Venha pôr a mesa.

— Sra. Stern manteve Ezra refém o fim de semana inteiro, — eu lamento. — Ir à sinagoga e não conseguir fazer coisas até sábado à noite.

— Ele não é mais refém no Sabbath do que você no domingo de manhã em Pine Grove Baptist por horas.

Sigo mamãe até a cozinha, já com medo de sentar em bancos duros em um vestido rígido com meias e rabos de cavalo amanhã. Do pôr-do-sol de sexta-feira à noite até sábado, os Sterns observam o Shabat. Bem, a Sra. Stern faz. O Sr. Stern joga golfe com meu pai, mas Ezra e sua mãe vão à sinagoga às sextas e sábados. Nossas duas famílias sempre comem juntas aos sábados à noite, alternando casas. Aos domingos, minha família sempre come com meus avós.

— Aqui está. — Mamãe me entrega uma pilha de pratos. — Eu preciso alisar seu cabelo hoje à noite depois do jantar.

— Eu tenho que fazer isso?

— Maynard Jackson virá ao culto amanhã, então seu avô e papai querem que todos pareçam brilhantes como moedas de um centavo.

— Eu odeio alisar meu cabelo. — Faço beicinho, colocando os pratos na frente dos assentos vazios.

— Desfaça esse bico. — Mamãe entra na sala de jantar carregando uma travessa Corningware com tampa.

— Seja útil e traga o frango.

— Onde está Kayla? — Eu murmuro no meu caminho de volta para a cozinha. — E Keith? Por que sou a única trabalhando?

— Porque você será a única a comer. Vou sair, — diz minha irmã mais velha, sentada à mesa da cozinha. Ela sopra unhas recém pintadas. — E não posso pôr a mesa. Minhas unhas ainda estão molhadas.

No caminho para pegar o frango no fogão, deslizo a mão por uma das unhas dela. — Sua pequena pirralha. — Kayla olha para a falha na unha e joga sua lixa em mim.

— Ow! Mamãe, Kayla está jogando coisas em mim.

— Seu grande bebê, — resmunga Kayla.

— Eu não sou um bebê.

— Bem, você, com certeza, soa como um, — diz mamãe, voltando para a cozinha. — O que você faria se eu não estivesse aqui, faça, porque estou cansada demais para separar vocês duas.

— Tudo o que eu precisava ouvir, — murmuro, pegando um pão doce da cesta de pão no balcão e jogando na minha irmã.

— Melhor você parar. — Kayla desvia do pão, e ele pousa na mesa à sua frente. — Se eu não tivesse um encontro, eu lidaria com você agora. Se eu fosse você, dormiria com um olho aberto.

— Encontro? — Mamãe para no caminho de volta para a sala de jantar com outro prato. — Quem tem um encontro?

— Hum-— Kayla olha para mim como se fosse minha culpa. — Eu te falei sobre ele, mamãe. Você disse que estava tudo bem se eu fosse ao cinema.

— Você disse que estava perdendo o jantar porque estava indo ao cinema *com amigos.* — Mamãe continua na sala de jantar, mas grita por cima do ombro: — Se seu pai não o conheceu você sabe que isso não está acontecendo.

— Keith é um ano mais novo que eu, — grita Kayla. — E você nem sabe onde ele está a maior parte do tempo. Ele provavelmente está com uma garota agora.

Mamãe reaparece na porta da cozinha, as duas sobrancelhas levantadas diante da audácia de Kayla. — Com quem você está gritando? — Ela lança um olhar pedregoso para minha irmã. — Você perdeu a cabeça?

— Não Senhora. — Kayla suspira pesadamente, apertando os lábios com alguma rebelião em que provavelmente pensou melhor em não falar. — Estou apenas dizendo.

— Basta dizer em outro lugar, — diz mamãe. — E Keith é um garoto. É diferente.

— Por que é diferente? — Kayla exige. — Eu sou *mais velha,* mas ele tem mais liberdade do que eu. Não é justo.

— Oh, acho que você tem muita liberdade, senhorita, — diz mamãe. — Você pode discutir o que é '"justo" com seu pai. Sua reunião foi até tarde, mas ele está voltando para casa agora. Que tal isso?

O comentário faz exatamente o que mamãe sabia. Kayla fica quieta. Papai não precisa governar nossa casa com mão de ferro. Ele é um homem severo, mas é o coração dele que nos mantém alinhados. Ele faria qualquer coisa por qualquer um de nós, e nós sabemos disso. Desapontá-lo já é uma punição suficiente.

— Ouça, — diz mamãe. — Quando esse seu menino chegar, apenas apresente-o ao seu pai e tudo ficará bem, Zee.

Mamãe sempre usa nossos nomes do meio quando está sendo gentil conosco. Todos os nossos primeiros nomes começam com K. Kayla, Keith, Kimba, mas nossos nomes do meio são todos para pessoas que nossos pais admiravam na história. Kayla Zora para Zora Neale Hurston. Keith Stokely para Stokely Carmichael. Kimba Truth para Sojourner Truth.

A campainha toca e eu saio da minha cadeira, corro para a sala e abro a porta.

— Kimba, — diz a Sra. Stern com um sorriso, parada na varanda segurando um prato coberto. — Oi.

— Ei, Sra. Stern.

Ela entra, enquanto o Sr. Stern e Ezra atravessam a rua da casa deles, ambos carregando pratos também. Um ao lado do outro, você nunca saberia que eles eram pai e filho. Ezra é muito mais claro com olhos azuis e é pequeno para a idade. O Sr. Stern facilmente tem um metro e oitenta e seis.

— Ei, Ez. — Eu dou um passo para trás para que eles possam entrar. — Ei, Sr. Stern.

Mamãe e Sra. Stern já estão rindo na cozinha. Quando elas se reúnem, não há como impedi-las, seja nos jantares de sábado à noite ou nos jogos de mah-jongg que elas brincam com algumas das damas da sinagoga da Sra. Stern.

— Joseph está atrasado de novo? — Sra. Stern pergunta, colocando uma cesta de pão challah em cima da mesa ao lado do peixe que ela costuma trazer.

— Garota, sim, — mamãe suspira e encolhe os ombros. — Com as Olimpíadas em breve, o prefeito Jackson está tentando fazer o máximo possível antes que seu mandato termine. Então isso significa que Joseph está sempre atrasado. Ele está a caminho, no entanto. Quinze minutos no máximo.

— Se importa se eu assistir ao jogo enquanto esperamos? — o Sr. Stern pergunta, acenando com a cabeça em direção à sala de estar. — Alguém não me deixou ligar a televisão o fim de semana inteiro.

A boca da Sra. Stern se aperta, mas ela e minha mãe assentem com permissão. Mesmo que o Sr. Stern não acredite em Deus, a mãe de Ezra desenha a linha no Shabat. Uma vez que o sol se põe na sexta-feira, ela não liga a televisão ou acende as luzes ou dirige ou qualquer coisa até depois do culto do sábado à noite.

— Como foi a sinagoga? — Mamãe pergunta, colocando os talheres nos pratos.

— Bom. — A Sra. Stern coloca uma garrafa de vinho ao lado do chá doce da mamãe. — Helen e Dina estavam lá, as pessoas que vieram ao mah jongg na semana passada.

— Oh, elas eram tão legais. Podiam não jogar nada, mas legais. — Mamãe olha para Ezra, seu rosto suavizando. — Como foi o Shabat, Ezra?

Seus ombros magros levantam e caem, o encolher de ombros me dizendo tudo que eu preciso saber. Sua cabeleira de cachos escuros e elásticos está como um capacete por causa do pequeno chapéu que ele provavelmente tirou alguns minutos atrás. A primeira vez que vi Ezra usando seu yarmulke, chamei-o de Kangol judeu.

Sra. Stern não achou graça.

— Ainda não está escuro, mamãe. — Eu dou uma cotovelada em Ezra. — Podemos andar de bicicleta por um tempo?

Mamãe e Sra. Stern trocam um olhar rápido e depois assentem.

— Você pode andar vinte minutos, Tru, — diz mamãe com firmeza. — Assim que a luz da rua acender, traga seus quadris estreitos para casa.

Pego a mão de Ezra e seguimos em direção à sala de estar. — Sim, se-se-nhora. — Eu odeio quando gaguejo.

— Eu disse que a senhora Downy ligou semana passada? — Mamãe pergunta, com a voz baixa, mas nos alcançando no saguão quando estamos prestes a sair de casa.

Sra. Downy? Minha professora?

Coloco minha mão no braço de Ezra, parando-o para que pudéssemos escutar.

— Não, o que ela queria? — Sra. Stern pergunta.

— Ela queria falar sobre colocar Tru em uma aula de recuperação.

— O quê? Porque, ela gagueja? Kimba é inteligente como uma raposa.

— Eu sei, — indignação apimenta a voz de mamãe. — Ela está tendo um ano difícil porque algumas crianças começaram a provocá-la, mas é só isso.

Ezra e eu olhamos um para o outro. Ele parece tão focado na conversa na sala de jantar quanto eu.

— Cheguei à escola tão rápido, — diz mamãe. — Dirigi-me no meu período de planejamento e disse-lhe que se ela tentasse aquilo novamente, teria que lidar comigo.

— Bom para você, Janetta, — diz a Sra. Stern.

Vergonha enche minha garganta, faz-me sentir como se estivesse sufocando. Eu me concentro no alto brilho do piso de madeira de mamãe.

— Sra. Downy é estúpida, — diz Ezra, suas primeiras palavras desde que entrou em casa.

Eu olho para cima e Ezra não diz mais nada, mas inclina a cabeça em direção à porta.

— Está pronta? — Ele pergunta.

Acho que todas as manhãs, quando Ezra acorda, Deus lhe dá um pequeno pote de palavras. Ele usa tão poucas, talvez um quarto do que o resto de nós faz. E ele tem tanto medo que acabe, que usa o menor número possível. Metade de suas frases são uma palavra ou um grunhido. Nos fins de semana, ele fala tão pouco, aposto que no final do dia, ele tem palavras sobrando.

Mamãe e Sra. Stern seguiram em frente, agora conversando sobre uma venda na Dillard's. Eu aceno e sigo Ezra pela porta. Lá fora, pego minha bicicleta e Ezra corre até sua casa para pegar a dele. Nós nos encontramos no meio da rua que separa nossas casas.

— Corrida? — Ele pergunta sua voz calma.

Sem responder, pulo na minha bicicleta e vou embora. Ezra tremula atrás de mim. Seus suportes batem e suas rodas giram enquanto ele corre atrás de mim.

— Kimba, você não pode simplesmente começar, — ele grita atrás de mim. — Temos que contar.

— Quem disse? — Eu grito de volta, sacudindo o constrangimento da Sra. Downy e rindo da irritação na voz de Ezra. Conseguir irritar Ezra Stern é uma das minhas coisas favoritas.

— As regras dizem. — Sua voz está mais próxima agora, suas respiradas pequenas cheias de esforço. — Você sempre quer quebrar as regras.

Ele para ao meu lado, fazendo aquela coisa de pé que lhe dá vantagem em nossas corridas. Exibindo um sorriso, ele se aproxima e corre em direção ao carrossel que sempre serve como nossa linha de chegada. Para se vangloriar, ele desce da bicicleta, põe o suporte e se senta no carrossel para me esperar. Pelo menos ele não fez a dança do *Rocky* como na última vez que me derrotou.

— Trapaceiros nunca vencem, — diz ele, sorrindo e recostando-se nas mãos.

— Fedelho. — Eu coloco minha bicicleta e, ignorando-o, vou até o escorregador.

— E essa foi outra vitória que veio de virada, a propósito, — diz ele. — Desde que você gosta de trapacear.

— Eu não trapaceei. Uma vantagem não é trapaça.

— Bem, eu não sabia que você ia ter vantagem. — Ele sobe nas barras de macaco e se pendura pelos braços magros. — Você sabe como meu pai chama isso quando uma pessoa tem uma vantagem que a outra pessoa nem sabe?

— Como?

— América. — Ele ri e eu sorrio, embora não entenda metade do que o Sr. Stern diz na maioria das vezes.

— Ele ouviu algo sobre aquele trabalho em Chicago? — Eu pergunto, encarando-o e pendurando nas barras também. Prendo a respiração enquanto espero que ele responda.

— Ele não conseguiu.

Suspensos das barras, nossos corpos se contorcendo, nós nos encaramos e sorrimos de orelha a orelha. Eu tenho medo que o Sr. Stern consiga um dos muitos empregos que ele está sempre solicitando no Norte.

— Por que sua mãe quer tanto deixar Atlanta? — Eu pergunto, caindo no chão, uma nuvem empoeirada soprando em volta dos meus pés.

Ezra também cai e encolhe os ombros. — Ela diz que aqui, as pessoas ainda fazem muita intriga por eu ser mestiço. Ela diz que em Nova York, as pessoas não olham fixamente ou fazem comentários idiotas.

— Que tipo de comentários idiotas? — Eu pergunto, mas já ouvi alguns deles. Eu meio que sei.

— Perguntando se eu sou adotado, — murmura Ezra, seu queixo afundando na gola da camiseta. — Perguntando o que eu sou, ou me chamando de Oreo ou zebra, ou o que quer que seja. Papai está se candidatando em muitos lugares, mas mamãe está esperando por Nova York. Ela sente falta da nossa família lá.

— Você os vê o tempo todo, no entanto. — Meu interior está pesado como se houvesse um rolo de moedas no fundo da minha barriga.

— Mamãe diz que férias e algumas semanas no verão não são suficientes. Ela quer estar mais perto da minha bubbe.

Pensar em Ezra se mudando faz meu estômago ficar todo revirado, meus olhos arderem e minha garganta apertada. Ele é meu melhor amigo. Temos até a mesma data de aniversário. Ele não pode ir.

— Mm, talvez sua avó possa ss-se mudar para cá. — Quando fico nervosa ou chateada, minha língua "pula" e quero mordê-la ao meio. Meu fonoaudiólogo me diz para respirar fundo e desacelerar antes de falar. Às vezes esqueço, mas Ezra nunca tira sarro de mim, como algumas outras crianças fazem.

— Bubbe nunca sai de Nova York, — diz Ezra. — Ela quer que eu vá ao Bar Mitzvah.

Aprendi muito sobre as tradições judaicas dos Sterns, o suficiente para saber que isso é um grande negócio.

— Você vai? — Eu pergunto, feliz que minha língua esteja cooperando novamente.

— Eu acho. — Ezra encolhe os ombros. — Eu teria que começar a frequentar a escola hebraica todos os dias depois da escola.

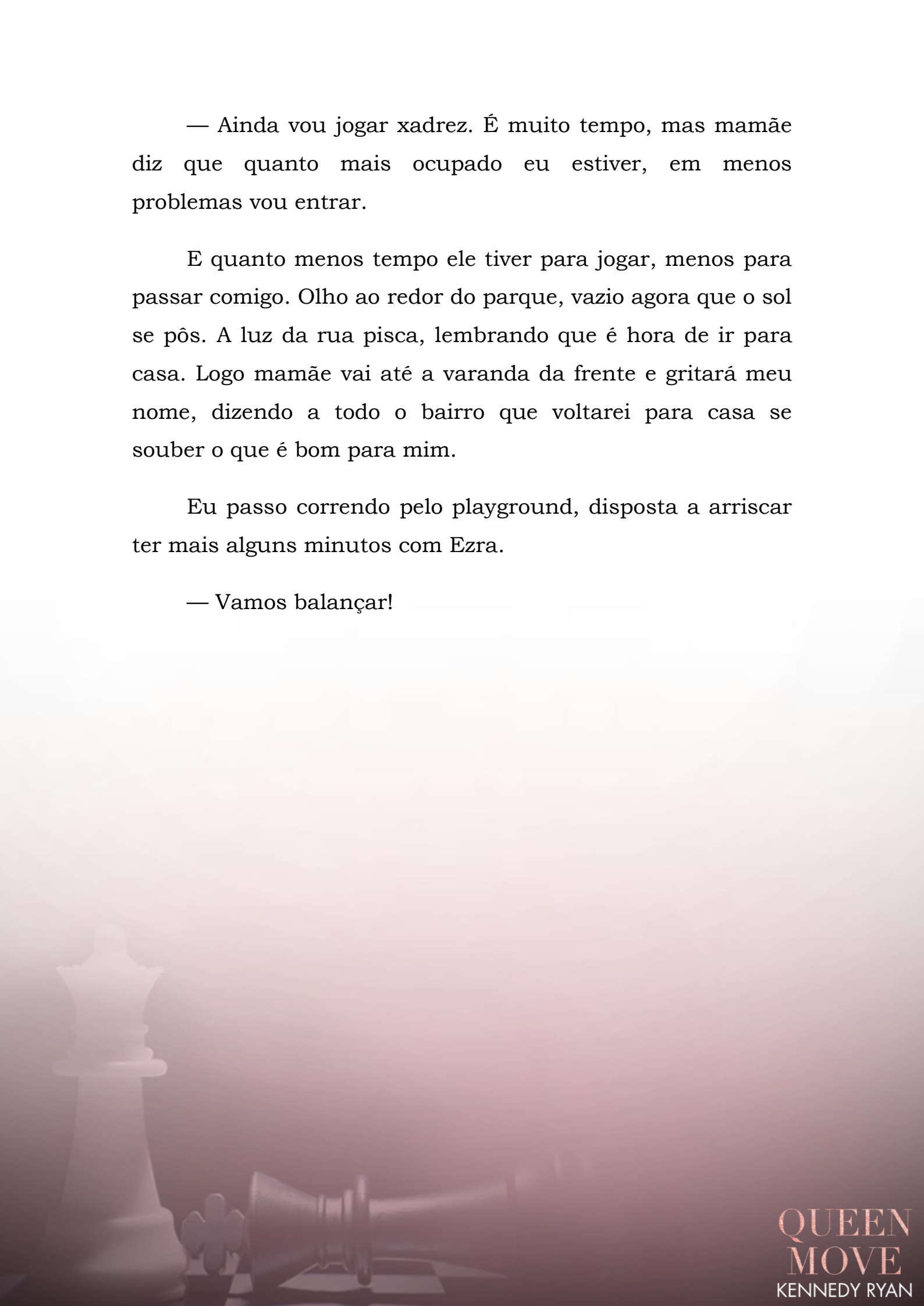
— Porcaria. — Eu gosto da palavra que minha mãe não me deixa dizer. — E o xadrez? Você acabou de começar as competições.

— Ainda vou jogar xadrez. É muito tempo, mas mamãe diz que quanto mais ocupado eu estiver, em menos problemas vou entrar.

E quanto menos tempo ele tiver para jogar, menos para passar comigo. Olho ao redor do parque, vazio agora que o sol se pôs. A luz da rua pisca, lembrando que é hora de ir para casa. Logo mamãe vai até a varanda da frente e gritará meu nome, dizendo a todo o bairro que voltarei para casa se souber o que é bom para mim.

Eu passo correndo pelo playground, disposta a arriscar ter mais alguns minutos com Ezra.

— Vamos balançar!



TRÊS

Ezra

12 anos

Seja forte, seja muito forte, e nós nos fortaleceremos.

Hazak, Hazak, Venithazek.

As palavras hebraicas se voltam para minha cabeça, estremecendo com as letras de Outkast derramando através dos fones de ouvido colocados sobre o meu yarmulke enquanto caminho para casa. Esta é a minha vida – todas as influências e interesses colidindo, conflitando, fazendo sentido e caos. Bubbe quer que eu faça o Bar Mitzvah, então estou louco tentando me atualizar, frequentando a escola hebraica três dias por semana *depois* da escola. Eu pratico xadrez nos outros dois.

De alguma forma, minha avó, com apenas 1,50 m, lança uma longa sombra sobre mim, mesmo de Nova York. Não posso negar nada a essa pequena dama e ela sabe disso. Alguns meses atrás, ela foi diagnosticada com câncer de ovário, então, quando me implorou para uma celebração do Bar Mitzvah, mesmo que basicamente exija que eu esteja na sinagoga o tempo todo, abarrotando com o que as outras

crianças passaram os últimos *anos* se preparando, pelo menos dois anos, eu faço isso.

Culpa da Vovó.

A maioria das crianças na sinagoga é legal, e eu fiz novos amigos, mas alguns adoram encontrar maneiras de me fazer sentir como se não pertencesse. Alguns riem de mim quando acham que eu não os ouço, ou talvez eles não se importem. Quando eles têm festas ou saem juntos, geralmente não sou convidado. Mamãe diz que eu imagino isso, porque ela não quer acreditar que alguém na sinagoga me trataria dessa maneira. Meu pai diz que eu definitivamente não estou imaginando isso, mas para ignorar e manter minha cabeça baixa. Papai acha tudo idiota de qualquer maneira e pergunta pelo menos uma vez por semana por que estou fazendo isso. Eu digo a ele, e acho que digo a mim mesmo, é para Bubbe. Mas há uma parte de mim que simplesmente quer entender o máximo possível sobre essa parte de mim, minha herança judaica. Nenhum dos meus pais realmente sabe como é viver aqui como *eu*. Olhar em volta e não ver ninguém que se parece com você. Viver com os olhares e perguntas sobre "o que eu sou". Parecer um quebra-cabeça, peças escondidas e espalhadas, e sempre tentando encontrar e encaixar todas as minhas partes. Ver-me não como metade disso ou aquilo, mas como um *todo.*

A sinagoga fica a apenas alguns quarteirões da minha casa e estou quase em casa. Kimba e eu não vamos ao parquinho tanto quanto costumávamos agora que estamos na

7ª série. Ela se juntou à banda. Clarinete. Ela é boa, mas entre minhas aulas de hebraico e xadrez e o treino de banda, não nos vemos tanto fora da escola, o que é uma merda. Se eu estiver em casa antes do anoitecer, podemos dar um passeio de bicicleta antes do jantar.

Minha casa está logo à frente quando alguém puxa meu braço.

— Que diabos -— Quando olho para cima, três garotos da escola hebraica estão lá, de braços cruzados, um sorrindo, um encarando e um franzindo a testa.

— Nós ligamos para você seis vezes, — diz um deles, o mais ofensivo. Robert. O nome dele é Robert e ele sempre fica sentado no canto e tem dificuldades com o básico da Torá, apesar de estar estudando há anos.

— A música, — digo, apontando para meus fones de ouvido, que deslizo para descansar na parte de trás do meu pescoço. — Desculpa. Eu não pude ouvir você.

Eu olho entre os três intencionalmente, levantando as sobrancelhas para perguntar o que eles querem.

— Viemos conversar um pouco, — diz Paul, o sorrisinho.

Eu cruzo meus braços para combinar com os deles. — Então fale.

— Fique longe de Hannah, — diz Michael, o que franze a testa.

— Quem? — Abaixo o volume no CD player portátil preso ao meu cinto.

— Minha irmã Hannah, — diz Robert, ainda encarando.

Quem é ela?

— Eu não sei quem...

Pele pálida. Uma massa de sardas. Cachos castanhos escuros, bem enrolados. Desvia o olhar rapidamente toda vez que a pego olhando para mim.

— Eu mal conheço sua irmã, — digo com um encolher de ombros. — Mas tudo bem.

— Vamos continuar assim, Fração. — Paul ri.

Fração. Um novo, mais criativo do que Zebra ou Oreo, mas igualmente um insulto. A lava penetra na minha barriga, enquanto o Big Boi é reduzido a um baixo murmúrio nos meus ouvidos.

— Sim, vamos continuar assim. — Robert bate na minha testa e pega meu yarmulke. — Você não precisa bagunçar tudo, não é mesmo, Stern?

— Pare de jogar. — Pego o boné, mas Robert o joga para Paul.

O sorrisinho de Paul se abre em um sorriso completo quando ele pega meu yarmulke e a gira sobre seu dedo. —

Olha, está girando como uma bola de basquete. Você gosta de basquete, certo, Stern?

Todos os três são mais altos do que eu, mas sou eu quem jogaria basquete? Eu nunca joguei na minha vida. Reviro os olhos, mas estico meus braços para pegar o yarmulke. Paul segura sobre a cabeça fora do meu alcance e joga para Michael.

— Dê para mim, — eu digo, minhas palavras chacoalhando contra meus dentes cerrados.

— *Tire* ele de mim, — Michael rebate, franzindo a testa, mas a maldade ainda sombreando seus olhos.

— Esse é o problema, certo? — Eu pergunto, recostando-me nos calcanhares, não mais alcançando o yarmulke. — Você acha que eu vou tirar algo de você?

— O quê? — O sorriso maldoso de Michael desliza.

— Sim, — eu digo, aproximando-me dele até apenas uma polegada separar nossos narizes. — Você odeia que eu falo hebraico melhor do que você depois de meses quando você aprende há anos. E você odeia que sua irmã goste de mim. Bem, você pode dormir à noite porque eu não gosto dela de volta.

Ele me pressiona com força o suficiente para eu quase cair, mas me recupero antes de cair no chão. Minhas mãos batem no concreto, as palmas das mãos raspando, mas me impedem de cair na calçada. Minha vontade e meu corpo

anulam a sabedoria da minha mente, e pulo em sua direção sem pensar, sem pesar as probabilidades. *Três contra um.* Eu o empurro de volta.

— Este pequeno shvartze[2] me empurrou, — Michael cospe, seu olhar reacendendo. *Shvartze.*

Eu perdi a conta de quantas vezes Big Boi e Dre usaram a palavra 'N[3]' no álbum *Southernplayalisticadillacmuzik* tocando através dos meus fones de ouvido, e ela passou pelos meus ouvidos, uma farpa sem ferrão que nunca quis prejudicar. Mas ouvir isso em iídiche desses garotos que têm tudo e querem que eu não tenha nada? Não é o mesmo. Vindo desse garoto, tão orgulhosamente vestindo seu ressentimento e superioridade, é uma faca lançada através das minhas inseguranças. É uma calúnia que corta cada parte de mim, não apenas a parte preta.

Michael me empurra em direção a Robert, e Robert me empurra para Paul; eles estão me jogando entre si em um jogo de batata quente.

Mantenha sua cabeça baixa. Mantenha sua cabeça baixa. Mantenha sua cabeça baixa.

Eu tento o meu melhor para agarrar o aviso do meu pai, mas minhas mãos estão feridas, meu ego está machucado e

---

2 Shvartze caracterizado como uma ofensa. Shvartze ou Shvartza é uma gíria iídiche, (judia) que se refere a afro-americanos barulhentos, que geralmente são dos guetos.
3 Usado em vez de ou em referência à palavra "negro" Nigger/ Nigga devido à sua natureza tabu. Nos EUA é um termo ou palavra que não se deve dizer, e mesmo quando dito remete a ofensa. Portanto substitui-se por "N word"

estou cansado de tudo. A precaução desliza pelos dedos untados de raiva. Quando Paul me empurra novamente, eu bato minha mão no rosto de Michael. O sangue escorre de seu nariz.

— Merda! — Michael segura seu rosto, o sangue escorrendo entre os dedos. — Você vai se arrepender por ter feito isso. Segura ele.

Robert agarra um dos meus cotovelos e Paul agarra o outro.

— Bata-me agora, shvartze, — Michael rosna através do sangue escorrendo por seus lábios. O primeiro soco no meu estômago rouba toda a minha respiração, a dor irradiando do meu meio. Eu caio por um segundo, dando aos dois garotos me segurando todo o meu peso enquanto tento respirar. Outro soco é mais duro que o primeiro, ou pelo menos mais doloroso, e eu chio, todo o ar preso na minha garganta. Quando o terceiro soco chega, fico feliz por não conseguir respirar o suficiente para falar, porque imploraria para que ele parasse.

Ele puxa o punho para trás, pronto para ir para mim novamente, mas Robert deixa cair meu cotovelo e uiva. Paul deixa cair o outro, gritando de dor.

Michael olha por cima do meu ombro, arregalando os olhos. — O que você está...

Antes que ele possa terminar essa frase, alguém passa por mim. Uma caixa de clarinete bate no peito dele uma, duas, três vezes.

— D-d-deixe-o em paz! — Kimba grita, girando, atingindo os outros dois garotos novamente com seu estojo de clarinete. O rosto de Paul contorce-se de raiva e ele se lança para ela, mas por instinto, mesmo com a minha dor ofegante, eu consigo me colocar entre ele e ela, suportando o peso dele com um grunhido. Kimba levanta o estojo com as duas mãos, pronto para abaixá-lo como um martelo na cabeça de Michael.

— Tru, não! — Pego o estojo antes que ele caia, puxando-o das mãos dela e deixando-o cair no chão. Envolvo meus braços em torno de seu pequeno corpo contorcido. Ela se aproxima do rosto de Michael, os dedos estendidos como garras, o rosto torcido de raiva.

— O que está acontecendo aí em baixo? — Nossa vizinha, a Sra. Washington, alguns metros acima de nossas casas, fica na varanda da frente, as mãos nos quadris, vestindo um avental com a testa franzida.

— Vamos sair daqui, — Paul assobia, agarrando o braço de Robert e decolando.

Michael caminha para trás, mantendo os olhos fixos em mim, e aponta um dedo longo. — Isso não acabou, Fração! Fique longe de Hannah.

Ele se vira e corre atrás dos outros dois garotos, virando a esquina e desaparecendo. — Vocês estão bem? — a senhora Washington grita.

— Sim, senhora. — Faço minha boca sorrir e, deixando Kimba ir, aceno. Pela expressão dela, posso dizer que a Sra. Washington não acredita em mim, mas com um último olhar penetrante, ela entra.

— Merda, — eu digo, tentando um dos palavrões que uso quando minha mãe não está por perto. — Ela vai contar aos meus pais.

— Eu vou contar a eles, — diz Kimba, com uma expressão franzida.

— Oh, isso é ótimo. Sim, diga a eles que fui espancado por alguns caras brancos da sinagoga. Como se minha mãe já não estivesse apenas procurando uma desculpa para nos arrumar e mudar, quer o papai arranje um novo emprego ou não. Ela me mandou morar com Bubbe em Nova York. É isso que você quer?

Kimba pisca para mim, lágrimas se acumulando em seus olhos escuros. — V-você...

Ela fecha os olhos e pressiona os lábios, a frustração de não deixar as palavras claras em seu rosto, como eu já tinha visto centenas de vezes antes.

Tome seu tempo, Tru.

— Você acha que ela faria isso? — Ela pergunta mais devagar depois de um momento, uma lágrima escorrendo por uma suave bochecha marrom. — Te levar embora?

Não suporto vê-la chorar.

— Não... não chore. Nah. Eu estou apenas... não. Provavelmente não. Vamos apenas não contar a ela. Nem todo mundo é como eles. Não é grande coisa, ok?

— Isso *é* uma grande coisa. — Ela fecha as mãos pequenas em punhos ao seu lado. — Eles lhe deram um soco no estômago.

Ela se aproxima, levantando minha camiseta. — Você está machucado? Eles...

— Pare. — Pego a mão dela, afastando-a de mim. — Estou bem.

Não somos mais bebês. Não somos crianças pequenas nos balanços. Nossos pais nos sentaram no ano passado e explicaram que somos velhos demais para festas do pijama, e quando Kimba tenta levantar minha camisa para ter certeza de que estou bem, sei que estamos ficando velhos demais para muitas coisas.

— Eles machucaram você, — ela sussurra, deixando a mão cair. — Você tem certeza de que está bem?

Ela os viu me batendo. Me viu caído como um covarde, pequeno e encolhido, enquanto aqueles meninos maiores me

deram um soco. A vergonha coça na minha barriga. Sangue aquece minhas bochechas. Sou branco o suficiente para corar, mas preto demais para misturar.

— Eu disse que estou bem. — As palavras deixam minha boca afiada como agulhas, picando nós dois.

— Mas, Ezra...

— Kimba, pare. — Eu corro minhas mãos pelos meus cabelos, meus dedos emaranhados nos cachos grossos e pequenos.

Meu yarmulke está na calçada, marcado por uma pegada suja de tênis. Inclino-me para pegá-lo e girá-lo como uma bola de basquete, observando-o girar e girar no meu dedo no silêncio que se estende espesso como caramelo entre Kimba e eu. Uma música familiar e estridente quebra o silêncio, e nossas duas cabeças se voltam para o som. O velho caminhão de sorvete aparece à vista, subindo lentamente a rua.

Há tantas coisas que eu poderia dizer à Kimba. Quero explicar como às vezes me sinto dividido, como sempre há algo se movendo dentro de mim, procurando um lugar para pousar, encaixar e *descansar.* Quero dizer a ela que só para quando estou com ela, que ela é minha melhor amiga no mundo todo, e prefiro levar um soco no estômago todos os dias do que me afastar e não a ter mais. Mas são muitas palavras que nem chegam perto de dizer a ela o que eu sinto.

— Sorvete? — Eu pergunto em vez disso, mantendo meu olhar fixo no caminhão frágil pintado em neon balançando em nossa direção.

Cruzo meus dedos para que ela não pergunte novamente se estou bem, porque acho que ela não saberia o que fazer com a verdade. *Eu* não sei o que fazer com a verdade. Às vezes não estou bem. A música familiar fica mais alta e mais próxima.

Finalmente, ela fala. — Ok, Ezra. Sorvete.



QUATRO

Kimba

13 anos

— Psssst!

O assobio vem quando um pedaço de origami feito de folha de caderno cai sobre minha mesa. Olho nervosamente do pequeno quadrado de papel para a professora na frente da nossa classe. A Sra. Clay é a professora mais rígida da oitava série. Ela não brinca e eu não a testo. Ezra e eu éramos as únicas crianças negras nas classes talentosas há muito tempo, embora eu saiba que a maioria não pensa em Ezra como negro. Eles não sabem bem o que fazer com seus olhos azuis, cachos ásperos e pele bronzeada. Para mim, ele é apenas meu melhor amigo.

No início deste ano letivo, outra garota negra apareceu na sala de aula, Mona Greene. Eu nem sabia o quanto eu precisava disso até que ela viesse. Eu sempre tenho Ezra, é claro, mas uma garota que se parece comigo? Tem o cabelo como eu? Entende essa corda bamba que andamos entre a escola e a casa, encontrando o equilíbrio certo entre ser preto o suficiente e *apenas o* suficiente preto, eu amo ter isso. Mona chega de ônibus de um distrito vizinho através de um

programa implementado pela cidade. Ela é ótima, mas ela *quase* sempre me causa problemas.

Eu passo o dedo sobre o papel na minha mesa e olho por cima do ombro, pegando os olhos arregalados de Mona. Ela inclina a cabeça, silenciosamente me pedindo para abrir a nota. Dou uma volta e olho a Sra. Clay cautelosamente. Quando ela se vira para o quadro para escrever algo sobre Charles Dickens, deslizo uma unha por uma dobra da carta e a abro o mais silenciosamente possível.

Kimba, acho você tão bonita e inteligente. Você vai comigo para o baile?

Sim

Não

Jeremy

O baile acontece em duas semanas, para comemorar o final do ano e nos enviando em grande estilo para o verão e a nona série. Mona, Ezra e eu iremos, mas nenhum de nós tem pares.

Olho por cima do ombro para Mona, e um sorriso travesso paira entre as bochechas dela como uma rede.

— *Oh meu Deus,* — gesticulo com a boca para ela, meus olhos esticados.

— *Eu sei,* — ela murmura de volta, acenando com entusiasmo.

Um braço longo alcança o corredor e pega a nota. Eu suspiro, tentando pegar o papel de volta de Ezra, mas ele vira seu corpo magro um pouco para longe de mim, sorrindo e batendo em minhas mãos. A Sra. Clay se vira de repente, provavelmente alertada pelos pequenos barulhos que eu fiz. Ezra e eu instantaneamente ficamos quietos e imperceptíveis. Seus olhos estreitados examinam a classe fila por fila, mas depois de alguns segundos, ela volta para o quadro-negro e retoma a lição.

O sorriso de Ezra desaparece enquanto ele lê, derretendo-se por centímetros. Uma carranca aperta entre as sobrancelhas. Ele coloca o papel de volta na minha mesa, afunda na cadeira e começa a rabiscar nas margens do caderno. As palavras estão em hebraico, então não faço ideia do que ele está escrevendo, mas ele pressiona com tanta força que o lápis rasga o papel.

— Ez. — Minha voz sai como um gato sibilante, baixa e irritada. — Não leia minhas coisas.

— Desde quando? — Ele murmura, sem se preocupar em olhar para cima, sua boca larga de mau humor. Seus ombros estão como parênteses, curvados, apoiando seu corpo como se o estivessem segurando. — Nós nunca guardamos segredos um do outro. Eu pensei que você e Mona estavam apenas brincando. Eu não sabia que era...

Ele olha para o caderno e grava as letras hebraicas no papel, uma fita preta rasgada presa à camiseta sobre seu

coração, um sinal judeu de luto. Foi um mês difícil para ele. Bubbe morreu duas semanas antes do Bar Mitzvah de Ezra. Os Sterns foram para Nova York imediatamente para o funeral, até o pai de Ezra, que nunca se deu bem com a família da Sra. Stern. Quando eles voltaram, fomos ao Bar Mitzvah de Ezra na sinagoga e na recepção depois. Não entendi tudo o que aconteceu, mas sabia que Ezra trabalhou duro para aprender hebraico e se preparar para a cerimônia. Ele se destacou, como ele sempre faz em tudo. Eu pesquisei as melhores coisas para dar, e descobri que presentes de adiantamento de dezoito anos são como boa sorte, então dei a ele dezoito Pixie Stix[4]. A Sra. Stern não costuma ser rigorosa quanto a ele manter Kosher[5], mas antes do Bar Mitzvah, ele o fazia. Pixie Stix é o seu favorito.

— Ei, — eu sussurro. — Eu sinto muito.

Ele não responde, mas o músculo da mandíbula dá um nó.

— Ezra, eu...

— Srta. Allen, — a Sra. Clay interrompe, sua voz como uma tartaruga estalando. — Já que você quer tanto falar, pode ler a passagem.

Que passagem?

Porcaria.

---

4 Doce.
5 Produtos kosher, ou alimentos kosher, são todos aqueles que obedecem à lei judaica

Eu odeio ler em voz alta. No papel, consigo me segurar com qualquer uma das crianças em nossas aulas de superdotados, mas quando leio em voz alta, as palavras embaralham minha boca e estrangulam minha língua.

— Hum, n-n-não, senhora. — Aperto os lábios e engulo com força, fechando os olhos e respirando profundamente como minha fonoaudióloga sugeriu. — Não, eu não quero f-f-falar. Eu sinto muito. Eu...

— Não foi um pedido, senhorita Allen. — Ela se encosta no quadro-negro, aparentemente indiferente ao fato de que provavelmente está sujando pó de giz em todo o casaco bege. — Leia a passagem.

— Hum, t-tudo bem. — Engulo meu medo e estudo o quadro. — Qual exatamente eu devo...

— O que estamos discutindo. — A Sra. Clay solta um longo suspiro. — As linhas de abertura do livro, por favor.

Olho para o livro na minha mesa, *A Tale of Two Cities*, e o abro na primeira página. Trinta pares de olhos me esperam. A sala está tão silenciosa que eu os ouço respirando, ouço minhas *próprias* respirações superficiais e em pânico. Meus lábios secos mal se abrem para deixar as palavras saírem. Eu os lambo e tento.

— F-f-foi o melhor dos tempos, — eu consigo, minha voz rouca. — Foi o...

— Mais alto para que possamos ouvi-la. E por favor, fique de pé. Você já sabe o que fazer agora.

Um exercício que evitei o máximo possível durante todo o ano letivo. Eu sou toda atrevida e confiante em todas as outras classes e áreas da minha vida, mas esta? Ler em voz alta? Na frente de todo mundo? Arriscando o desdém das crianças mais inteligentes da nossa escola quando minha língua me decepciona? Eu estou aterrorizada.

Pegando o livro, eu levanto. — F-foi o melhor dos tempos...

Risadinhas surgem atrás de mim. Faço uma pausa na diversão de meus colegas, respirando fundo e recomeçando.

— F- foi o melhor dos tempos...

Sussurros. Risadas. Suspiros por trás me param de novo. Olho em volta, olho por cima do ombro e encontro os olhos de Mona. Eles estão amplos, chocados. Sua boca está aberta e ela a cobre com uma mão.

Antes que eu possa processar as expressões divertidas e surpresas ao meu redor, Ezra se levanta e amarra seu casaco na minha cintura.

— O que você está fazendo? — Pergunto-lhe. — O que...

Ele pega minha mão e me acompanha pela fila de mesas e sai pela porta sem falar. Olho para trás, esperando a fúria

da Sra. Clay, mas seu rosto se suavizou. Quando seus olhos encontram os meus, eles estão compassivos.

— Tudo bem, classe, — diz ela, seu tom brusco de volta no lugar. — É o bastante. Vamos voltar a isso. Darlene, você poderia ler a passagem?

Ezra me puxa para fora da porta e começa a descer o corredor. Puxo minha mão, tentando libertá-la.

— O que você está fazendo? Onde estamos indo?

Ele não responde, mas continua andando. Afasto minha mão e paro no meio do corredor.

— Ezra, eu sei que você usou suas, tipo, doze palavras para o dia, — digo com as mãos plantadas nos quadris, — mas é melhor você me dizer o que está acontecendo agora.

Ele também para, passando a mão pelos cabelos. — Kimba, eu... você... — Ele geme e fecha os olhos.

— Apenas cuspa. Mas que diabos? Você amarra esta jaqueta em volta da minha... — eu paro, meu cérebro finalmente alcançando o porquê dele ter feito isso.

— Há uma mancha na parte de trás da sua calça, — ele murmura, com os olhos colados no chão enquanto arrasta as palavras pelos lábios.

— Uma mancha?

O fogo incendeia sob a superfície das minhas bochechas. Minhas pontas dos dedos ficam frias. Meu estômago está tremendo. Eu fiquei menstruada pela primeira vez há dois meses. Kayla me contou histórias de horror sobre isso acontecendo na escola, e eu tentei ser muito cuidadosa. Mas hoje eu vesti sapatos brancos e calças brancas. Sentei-me perto da frente da classe da Sra. Clay, para que todos os alunos sentados atrás de mim vissem...

— Oh Deus.

Saio correndo pelo corredor em direção ao banheiro, apertando as mangas do casaco de Ezra em volta da minha cintura. Os passos de Ezra atrás de mim apenas me incentivam mais rápido. Eu preciso me afastar dele.

— Tru! — Ele chama, mas eu continuo andando. Ele me alcança e pega meu braço. — Você está bem?

— Além de estar morta de vergonha? — Eu murmuro, evitando os olhos dele. — Sim. Formidável.

— Essas crianças não importam, — diz ele, virando a cabeça na direção da classe em que acabamos de fugir. — E você sabe que não precisa se envergonhar de mim.

Olho para cima para encontrar seus olhos, e eles estão azuis escuros, quase violeta. Eu amo tanto essa cor, mas odeio que só venha quando ele está chateado. — Eu estou bem, Ezra. Obrigada pela jaqueta.

Começo a desamarrar, mas ele coloca a mão sobre a minha.

— Mantenha até que você não precise, — diz ele, sua voz rouca de desconforto. — Eu pego mais tarde. Eu sei onde você mora.

Nós rimos.

— Sim, do outro lado da rua. — Eu sorrio, mas aperto sua mão sobre a minha. — Obrigada, Ez. Você sempre cuida de mim.

— Nós cuidamos um do outro, — diz ele, sua voz suave quando ele olha para cima de nossas mãos, seus olhos intensos. — Hazak, Hazak, Venithazek.

Parece hebraico, mas não tenho ideia do que isso significa. — O que você disse?

— Seja forte, muito forte. — Seus dedos apertam os meus e ele não desvia o olhar ou desliza a mão no bolso, ou qualquer outra coisa que Ezra faz quando não tem certeza. — E vamos nos fortalecer.

As palavras são sementes afundando profundamente em minha alma, em meu coração. Elas criam raízes e florescem. Nós cuidamos um do outro a vida toda. Não sei o que fazer com esses sentimentos. O que sinto por Ezra é tão antigo quanto nós, e ainda novo. É familiar, mas é tímido e de tirar o fôlego.

— Sr. Stern, Srta. Allen, — o vice-diretor fala a alguns metros do corredor. — Vocês não deveriam estar na aula?

— Eu tenho um problema feminino.

Só menstruei duas vezes, mas já descobri que você só precisa se referir a ela para que os homens comecem a tropeçar e parecer desconfortáveis.

— Bem, sim. — Ele puxa a gravata e limpa a garganta. — Você, hum, faz o que precisa ser feito.

Ele aponta para Ezra. — Você não tem um, hum, problema desse tipo, Sr. Stern. Vá para a aula.

— Sim senhor. — Ezra olha para mim, um pequeno sorriso nos lábios. — Vejo você mais tarde, ok?

— Sim, mais tarde.

Com um último olhar para o vice-diretor, eu empurro a porta do banheiro. Graças a Deus eu sou a única aqui. Eu tropeço na última cabine.

Droga!

Eu não tenho suprimentos. Minha bolsa ainda está na sala de aula. Não tenho moedas para comprar um tampão ou um absorvente da máquina. Mortificação e desamparo trazem lágrimas aos meus olhos, mas eu os golpeio com impaciência. A porta do banheiro se abre e eu endureço, ouço.

— Kimba? — É a voz de Mona. — Você está aqui?

— Última cabine.

Abro a porta para encontrá-la ali parada segurando minha mochila. — Pensei que você poderia precisar disso, — diz ela com um sorriso hesitante.

— Obrigada.

Eu aceito a mochila e fecho a porta novamente, remexendo na bolsa para encontrar um absorvente. Quando termino de me ajustar, saio para lavar as mãos. Mona está encostada no balcão.

— Todo mundo estava rindo de mim? — eu pergunto, esfregando sabão debaixo d'água.

— Na verdade, não. — Mona encolhe os ombros. — Acho que todo mundo ficou surpreso e meio que reagiu no começo, mas depois acabou e nós seguimos em frente quando a Sra. Clay fez outras pessoas começarem a ler.

Eu seguro minhas mãos sob o ar forçado para secá-las.

— Não tenho certeza de quem ficou mais traumatizado, — continua Mona. — Você ou Ezra.

Nossos olhos pegam no espelho. Por algum milagre, nossos lábios começam a tremer simultaneamente. E, então, a tensão que segurou demais meus ombros rígidos e minhas costas retas nos últimos vinte minutos estalam, e eu estou rindo. Mona ri também, pulando no balcão e se encostando no espelho.

— Ele te tirou de lá como se fosse o Serviço Secreto ou algo assim, — diz Mona.

— Eu sei, certo? — Eu rio e balanço minha cabeça. — Isso é Ezra.

O secador de ar para e pego minha mochila e vou para a porta. O saguão está vazio, um trecho de vozes abafadas atrás de portas fechadas.

— Eu o vi quando ele voltava para a aula. — Mona deixa a porta do banheiro se fechar atrás dela. — Disse a ele que isso era coisa de menina e eu poderia lidar com isso.

— Aposto que foi demais, — digo secamente.

— Eu sei que vocês são amigos há muito tempo.

— Literalmente desde que éramos bebês, — eu digo, sorrindo enquanto lembranças ao longo dos anos passam pela minha mente. Eu sempre tive Ezra e ele sempre me teve. Não consigo imaginar de outra maneira.

— Sim, bem, ele é um cara, e ele vai ter que se acostumar a compartilhar você com amigos que são meninas. Quero dizer, ele está com Hannah agora, e você não tem nenhum problema, certo?

— Hannah? — Meu sorriso diminui e depois desaparece. — Ezra mal a conhece. Eles não têm aulas juntos nem nada.

— Eles não estavam naquela coisa do Bar Mitzvah, ou o que quer que fosse na sinagoga? — Mona assente, mesmo

que eu não responda. — Foi quando tudo começou. Ele não te contou?

— Hum, bem, eu não tenho certeza se há algo a dizer.

— Pelo que ouvi, — diz Mona, olhando ao redor como se o corredor vazio estivesse danificado antes de olhar para mim, — o irmão dela estava louco por isso.

Fique longe de Hannah.

Foi o que o garoto gritou naquele dia em que atacaram Ezra.

— É melhor Ezra ter cuidado, — diz Mona. — Ele pode ter o 'Bar Mitzvah', mas aqui ainda é a Geórgia, e Hannah ainda é branca e Ezra ainda é negro.

O sorriso de Mona se eleva para um lado e ela se inclina contra um armário. — Bem, semi-negro. O pai dela diria que ele é negro, embora eu duvide que ela o leve para casa para conhecer os pais.

— Ele é preto quando é conveniente para outras pessoas e branco quando não é, — eu digo. — E se Hannah não pode apresentar Ezra a seus pais, então ela não o merece. Ela não merece Ezra, ponto *final*.

— Estou indo. — Mudo a mochila no ombro e puxo a manga do casaco de Ezra. — Preciso ligar para mamãe e pedir que ela me pegue. Essas calças estão arruinadas.

— OK. — O sorriso travesso de Mona retorna com uma vingança. — O que você vai dizer a Jeremy?

Uma imagem de Hannah vem à mente, uma lembrança do Bar Mitzvah de Ezra. Hannah vestida de rosa, seu rosto bonito e suave e polvilhado de sardas. Os cabelos longos e encaracolados estavam soltos e caíam pelas costas. É isso que Ezra quer? Alguém que parece mais como a mãe dele do que eu? Um nó queima na minha garganta como carvão aceso, e tenho dificuldade em engolir.

— Sim. — Eu me viro e vou em direção ao escritório para ligar para mamãe. — Eu vou ao baile com Jeremy. Tanto faz.

Ligo e deixo um recado na recepção da escola primária das aulas da mamãe. *Quanto tempo ela vai demorar?*

No corredor, abaixo os olhos toda vez que um aluno passa. Mesmo sentada e com a segurança da jaqueta de Ezra, parece que eles podem ver minha mancha.

— Kimba, — diz a Sra. Stern da porta do escritório. — Está pronta?

Pego minha mochila e aperto a jaqueta de Ezra na minha cintura. Ela sobe ao volante do seu Camry verde e eu pego o banco do passageiro. A Sra. Stern sai cuidadosamente do estacionamento da escola como se estivesse testando a carteira de motorista.

— Sua mãe está na aula, obviamente, — diz a Sra. Stern. — Então ela me pediu para vir.

— Obrigada, — murmuro.

Voltamos em silêncio. Não é exatamente estranho. Mais como o tipo de silêncio em que você não precisa dizer nada e está tudo bem. A Sra. Stern costuma me fazer sentir assim. Talvez seja aí que Ezra aprendeu.

— Então eu ouvi que você sofreu um pequeno acidente, — ela diz, olhando-me rapidamente quando chegamos ao semáforo. — Você não precisa falar sobre isso se não quiser, mas se quiser...

Balanço a cabeça e fixo o olhar pela janela, olhando as árvores vestidas com suas cores mais brilhantes, comemorando a primavera.

— Bem, saiba que isso acontece com todas as garotas em algum momento, — diz a Sra. Stern. — De qualquer forma, tendo apenas Ezra, eu não consigo lidar com os problemas das garotas. Pensei que teríamos outro, mas não conseguimos.

Ela não parece exatamente triste. Eu posso ver como Ezra seria suficiente para qualquer um.

— Eu tenho uma pergunta, — digo depois de mais alguns segundos de silêncio.

— Oh, claro. — Sua voz está ansiosa e ela me lança um sorriso encorajador. — Qualquer coisa.

— Por que você quer tanto se mudar?

O sorriso desliza e diminui, e ela pressiona os lábios, como se ela fosse deixar escapar muitas palavras de cada vez. — Sinto falta da minha família, Kimba. Eu quero tomar conta dos filhos da minha irmã. Eu quero estar na sinagoga onde cresci. Quero carne da lanchonete ao virar da esquina e todas as coisas que fizeram de Nova York não apenas uma cidade, mas minha casa. Quero a pequena parte em que minha fé e minha comunidade e as coisas que me fizeram quem eu sou tudo ao vivo.

Ela olha para mim com olhos tristes, com os olhos de Ezra. — Fiquei tão feliz em sair, partir e fazer minhas próprias coisas, seguir meu próprio caminho, mas minha mãe morreu e eu não estava com ela. Quero que o desvio seja feito.

Penso no meu avô, meus pais, nossa enorme família jantando juntos todos os domingos. Emprestando as coisas de Kayla sem perguntar. Limpando a casa juntos nas manhãs de sábado com meus irmãos, música tocando e mamãe cantando “September” de Earth, Wind and Fire no topo de seus pulmões. O esconderijo secreto de charutos do papai. Os quebra-cabeças de um milhão de peças que Mama insiste que façamos juntos às vezes quando seguimos nosso próprio

caminho e não estivemos na mesma mesa no mesmo horário durante toda a semana.

— Eu entendo, — eu digo. — Mas eu não quero que Ezra vá.

Entramos na entrada da garagem, e ela olha para a porta da garagem, os arbustos floridos vigiando os degraus da varanda, com um pequeno sorriso duro nos lábios. — Não se preocupe, Kimba. Duvido que possamos sair.



CINCO

Kimba

Faz duas semanas desde que meu período chegou sem aviso prévio e apareceu na aula da Sra. Clay através da minha calça branca. Ezra veio naquela noite para pegar seu casaco. Houve um tempo em que ele teria subido as escadas e mal batido antes de entrar no meu quarto. Naquela noite, fingi cãibras, pedi à Kayla que levasse o casaco dele e dissesse que o veria mais tarde. Ela olhou para mim estranhamente. Foi a primeira vez que Ezra apareceu e eu me recusei a vê-lo. Talvez crescer signifique crescer separado. E talvez outras pessoas tenham mais significado para você do que aquelas que costumavam significar mais.

Como Hannah.

Jeremy está meio que me levando para o baile. Tecnicamente, papai não está aceitando isso, então Kayla está levando eu, Mona e Ezra ao baile, e eu vou encontrar Jeremy lá.

— Seu cabelo parece bom, — digo à Mona no meu quarto enquanto nos preparamos.

Ela olha para o espelho e dá um tapinha no novo corte de cabelo assimétrico. — Você acha?

— Melhor que o meu. — Solto um longo suspiro, farfalhando a franja crespa pendurada na minha sobrancelha. Eu deveria ter esperado para fazê-lo. Ontem, fiz um novo relaxamento e até dormi com a cabeça pendurada na cama para preservar os cachos que nosso cabeleireiro fez, mas ainda estão um pouco amassados. Eles frisaram e retraíram com a umidade.

— Talvez Kayla possa ajudar? — Mona pergunta, mas há dúvida na sua voz. Nós duas sabemos que Kayla não pode ser incomodada metade do tempo.

Gostaria que mamãe estivesse aqui para fazer isso, mas ela e papai estão em um evento com o prefeito. Como sempre.

— Vale a pena tentar, — eu digo e espero que Kayla esteja de bom humor.

Eu ando pelo corredor até o quarto de Kayla. “Sweet Love” de Anita Baker flutua pela porta. Kayla ainda grava a Quiet Storm do rádio em uma fita cassete. Ela provavelmente está ouvindo uma de suas mixagens. Eu bato na porta.

— Quem é? — Ela pergunta sobre a música.

Eu reviro meus olhos. Ela sabe quem é. Nossos pais não estão aqui e apenas o bom Deus sabe onde Keith está. Você pode apostar que o salário de sexta-feira envolve alguma garota biscate e um pacote de seis cervejas. Ele também não

quer se envolver com coisas desse tipo, o que só torna as duas coisas ainda mais atraentes para ele.

— É Whitney Houston. Quem você pensa que é? Posso entrar Zee?

A porta se abre inesperadamente e eu tropeço para frente, de cabeça primeiro.

— O que você quer? — Kayla pergunta, os braços cruzados sob os seios, mal contidos em uma blusa minúscula. — Já é hora de partir? Eu pensei que o baile não começasse até as sete.

— Sim, está certo. — Eu tomo minha vida em minhas mãos e a evito, entrando em seu santuário interior. — Eu estava esperando que você pudesse me ajudar com meu cabelo?

Ela inclina a cabeça, estreitando os olhos em avaliação. Anita Baker nos embala com sua serenata enquanto espero tensa e pronta para a rejeição, até que ela finalmente dá de ombros.

— Me encontre no banheiro.

Trinta minutos depois, ela não apenas restaurou meus cachos à sua antiga glória, como também aplicou um pouco de maquiagem para Mona e eu. Mamãe ainda não gosta que eu use maquiagem, mas uma noite não vai doer.

— Este vermelho fica bem em você, Tru, — diz Kayla. Ela abre os lábios para mim. — Faça assim. — Eu imito seu lábio aberto e olho no espelho.

— Uau. — Meus olhos, cheios dos cílios alongados com rímel e alinhados com lápis preto, parecem maiores. Mais escuros. Mais velha.

— Certo?

Kayla se inclina para trás, estudando sua obra. — Você vai beijar muito hoje à noite? — Mesmo sabendo que um blush não apareceria na minha pele, ainda estou feliz pela cor que preenche às minhas bochechas.

— Hum, eu não sei. — Eu dou de ombros. — Talvez.

— Aposto que Jeremy vai querer, — Mona canta. — Ele beijou muitas garotas da nossa classe, e todas dizem que ele é ótimo nisso.

— Você já beijou um cara antes, certo? — Kayla pergunta, encarando seu reflexo no espelho e penteando as sobrancelhas.

— Não exatamente, — murmuro, esfregando meus lábios. A cor brilhante parece grudenta agora e eu adoraria limpá-la.

— Merda. — Kayla fica parada, com a mão parada no ar, os olhos se voltando para mim. — Você nunca foi beijada, Tru?

— Não é grande coisa, — eu digo defensiva. — Muitas garotas na oitava série não.

— Você, Mona? — Kayla pergunta.

— Sim, no ano passado. — Mona desliza um olhar de desculpas em minha direção e encolhe os ombros. — Desculpa.

— Então esse Jeremy vai querer te beijar, — diz Kayla. — Deixe-me mostrar o básico.

Minha irmã me instrui a beijar francês usando a mão dela, fazendo coisas estranhas com a língua, gemendo e fechando os olhos em êxtase falso. Eu apenas a encaro, confusa, um pouco alarmada e provavelmente traumatizada.

Saída rápida.

A campainha me salva de mais beijos franceses falsos. — Provavelmente é Ez, — eu digo. — Deixe-me ir vestir meu vestido. — Eu saio do banheiro e corro para o meu quarto.

— Eu sempre pensei que Ezra seria seu primeiro namorado, — ouço Kayla dizendo à Mona.

Uma cena é reproduzida em tecnicolor na minha memória. Ezra e eu em seu quintal quando tínhamos seis anos de idade. Ele foi a um casamento na semana anterior e decidiu que deveríamos nos casar. Sendo Ezra, ele havia memorizado todos os aspectos de um casamento judaico, e os reencenamos sob sua árvore. Quando chegamos à parte em

que o noivo poderia beijar a noiva, ele me beijou nos lábios e nós dois rimos. Meu coração dói um pouco por esse dia. Temos apenas treze anos e sei que há muito mais inocência a perder, mas, de alguma forma, também pensei que guardaríamos todos os nossos primeiros. Eu pisco as lágrimas quentes pensando nele beijando Hannah hoje à noite com suas sardas e cabelos longos e encaracolados. Passo um dedo cuidadoso sob meus olhos para não atrapalhar o trabalho duro de Kayla e desço as escadas.

— Esqueça, Ezra Stern.



SEIS

Ezra

Esta é a pior noite da minha vida.

Retiro o que eu disse. A noite em que ligaram para dizer que Bubbe morreu, isso foi o pior. Sabíamos que seu tempo estava próximo, e mamãe queria ir para Nova York imediatamente, mas papai teve uma reunião e perguntou se poderíamos esperar mais um dia. Através da parede, ouvi mamãe chorando, gritando que era culpa dele que ela não tenha visto Bubbe uma última vez. Eu sei que ela estava descarregando, mas sei que isso machucou papai e, depois de alguns minutos dela gritando com ele, ele começou a gritar de volta.

Sim, aquela noite foi definitivamente pior, mas essa também é ruim. Luzes estroboscópicas de neon iluminam o ginásio escuro da escola, e arco-íris inflados balançam nas vigas. Eu acho que há um tema, mas eu não estava exatamente no comitê de decoração, então não tenho ideia do que eles estavam procurando.

Brega adolescente? *Acertou em cheio.*

Supervisores e mesas de ponche alinham as bordas da sala. Pressiono meus ombros com mais força contra a parede nas minhas costas, incapaz de desviar os olhos da pista de dança.

Deles.

Mona se encosta na parede ao meu lado. — Eles parecem bem juntos, certo?

Arrastando meu olhar de Jeremy dançando com Kimba, as mãos apoiadas nos quadris dela, eu dou de ombros. Braços cruzados sobre o peito, puxo um joelho para cima e afundo meu calcanhar na parede. Eu sentei no banco da frente com Kayla quando ela nos levou até aqui, e Mona sentou no banco de trás com Kimba. Talvez eu esteja usando minha capa de invisibilidade por cima dessa camisa e gravata estúpida, porque elas definitivamente esqueceram que eu estava no carro. Elas treinaram Kimba o trajeto inteiro até aqui sobre como beijar Jeremy. Abaixei minha testa na janela do carro e tentei bloquear frases como “a língua dele na sua boca” e “apenas chupar”.

Olho para Mona e percebo pela primeira vez que ela tem um daqueles cortes de cabelo estranhos que são mais longos de um lado que do outro.

— Por que você está olhando assim para mim? — Ela pergunta, uma ruga entre as sobrancelhas escurecidas a lápis. Por que elas sempre pensam que camadas de tinta e outras coisas as fazem parecer melhor? Eu tenho que admitir

que Kimba está realmente bonita hoje à noite, embora eu goste de seus lábios sem as coisas vermelhas. Eles são naturalmente desta cor rosa acastanhado. Eu fico olhando para eles o tempo todo.

— Eu não estou olhando para você de nenhuma maneira, — eu minto.

— Eu tenho batom nos dentes? — Ela pergunta, passando a língua sobre eles.

— Não.

Eu não posso *não* olhar por mais tempo, então eu encontro Jeremy e Kimba na pista de dança de novo, ainda balançando para frente e para trás. Se não me engano, as mãos dele estão um pouco mais perto da bunda dela agora.

— Oooooh. — Mona me cutuca, seu pequeno cotovelo afiado socando minhas costelas. — Kyle está lá sozinho.

Ela dá um tapinha no lado mais longo do cabelo e puxa a barra do vestido curto. — Eu vou pedir para ele dançar comigo.

Eu gostaria de ser tão ousado — poderia simplesmente sair para a pista de dança e dizer a Jeremy para deixar Kimba. Eu lembraria a ela que, quando tínhamos seis anos, ela se casou comigo, e que isso deveria contar para alguma coisa. Mesmo que tudo esteja diferente agora, e estamos prestes a entrar no ensino médio, e nossos corpos estejam mudando e eu me sinta estranho ao redor dela na maioria

das vezes, algumas coisas sempre devem permanecer as mesmas.

— Você vai ficar bem sozinho, Jack? — Mona pergunta, apertando os olhos para mim na penumbra.

Ela nos chama de tripulação da *Three's Company*[6]. Eu sou Jack, ela é Janet e Chrissy é Kimba. Levou um tempo para eu deixar Mona entrar. Sempre fomos apenas Kimba e eu. Claro, eu me ressenti que houvesse coisas de "garota" que Kimba disse a ela que eu não sabia, mas Mona é uma boa pessoa. Parece que a maneira como me sinto sobre Kimba está rabiscada em todo o meu rosto, mas Mona nunca percebeu, então acho que sou melhor em esconder isso do que acho que sou. Kimba certamente não sabe.

— Eu estou bem, Janet, — digo ironicamente.

— É chamado de dança por uma razão. Você deveria... sabe, dançar.

— Eu não danço. — Estremeço ao pensar em forçar meus membros magros a algum tipo de ritmo. — Ninguém quer ver isso.

— Acho que esse é o lado da sua mãe, não é? — Ela brinca. Reviro os olhos, sorrio e dou-lhe o dedo.

— Eu tenho que ir antes que alguém arrebate o Kyle. Você tem certeza que ficará...

---

6 Série americana dos anos 70.

— Eu ficarei bem.

E eu fico bem com outra música e meia. Eu não sou tão acanhado como um vaso de plantas, preso, rígido e imóvel em um canto.

Estou pensando em caminhar os três quilômetros para casa quando alguém pisa na minha frente. — Quer dançar?

Hannah.

Ela endireitou os cachos e seus cabelos caem até a cintura. Suas sardas se escondem atrás de um pó. Quem disse para ela fazer isso? As sardas são meio fofas. Ela me olha nos olhos, mas há algo tímido em seu rosto, como se ela tivesse que fazer isso.

— Onde está seu irmão? — Eu pergunto. — Talvez você devesse checar com ele antes de dançarmos.

— Sinto muito por isso. — Hannah cobre o rosto com as mãos por um segundo.

— Ele me disse o que ele fez, mas eu estava com vergonha de falar com você sobre isso antes. Não importa o que ele pensa. Eu não ligo.

É fácil para ela não se importar com o que seu irmão ou seu pai pensam sobre ela gostar de mim. Não foi ela quem foi espancada no caminho de volta da sinagoga para nada.

— Então, você quer dançar? — Hannah pergunta novamente.

Olho de volta para a pista de dança, onde as luzes estroboscópicas de neon banham Kimba e Jeremy em uma variedade de cores. Ela ri de algo que ele diz e sua mão desliza mais um centímetro.

— Claro. — Empurro a parede, sabendo que não posso dançar porcaria nenhuma, mas não me importando. — Apenas uma lenta, no entanto. Se uma música rápida começar, eu estou saindo.

— Combinado, — diz ela, seus lábios rosados e brilhantes puxados em um sorriso.

Hannah e eu geralmente temos mais ou menos a mesma altura, mas ela está usando saltos altos, então ela está com alguns centímetros a mais do que eu esta noite. Encontro um lugar para as minhas mãos *ficarem*, em algum lugar entre os quadris e cintura. Ainda posso ver por cima do ombro dela e, quando olho para cima, meus olhos encontram os de Kimba. Ela sorri, mas eu conheço todos os sorrisos de Kimba Allen de cor, e esse parece o que ela usava quando a tia deu a ela "flores" no Natal. Franzo o cenho e inclino a cabeça. Não há nada sobre o gesto que significaria muito para qualquer outra pessoa, mas Kimba e eu estamos trabalhando em nossa telepatia desde os dias de carrinho, e ela sabe que estou perguntando o que há de errado.

— *Nada,* — ela murmura, aquele sorriso falso zombando de como seus olhos estão tristes.

— Você recebeu muito dinheiro pelo Bar Mitzvah? — Hannah pergunta.

— Hã? — Eu arrasto meu olhar de volta um centímetro até o de Hannah. — Bar Mitzvah?

— Sim, Robert ganhou muito dinheiro. Eu só queria saber se você também.

— Eu acho. — Eu dou de ombros. — Foi direto para o meu fundo da faculdade.

— Você recebeu algum presente legal?

— Uh, sim. Alguém me deu dezoito Pixie Stix.

— Como o doce de açúcar em pó? Como isso é legal?

É legal porque Kimba dedicou um tempo para entender algo sobre minha herança, levou um tempo para pesquisar a importância do chai, o significado de dezoito anos. Porque ela me conhece o suficiente para imaginar que manter Kosher estava me deixando louco e meu doce favorito era a maneira perfeita de me rebelar.

Meus olhos voltam para o ombro de Hannah, mas Kimba e Jeremy não estão mais lá. Eu procuro na pista de dança, em todo o ginásio em um movimento frenético, mas não há sinal deles. Então eu vejo *ele* caminhar de volta para o ginásio vestindo uma carranca. Ele vai até uma garota chamada Clarissa e fala com ela, depois a leva para a pista. Nenhum sinal de Kimba.

— Hannah. Eu preciso checar alguma coisa.

— Agora? — Hannah pergunta, a confusão em seu rosto se transformando em horror. — Mas essa não é uma música rápida. Eles estão tocando *I'll Make Love to You*. Você não pode sair da pista de dança no meio do Boyz II Men.

— Desculpa. — Eu dou de ombros e me viro para sair.

— É sério isso? — Hannah grita nas minhas costas enquanto o Boyz canta. — Meus amigos estavam certos. Você *é* esquisito.

Eu posso viver com esquisito se isso significa que Hannah me deixará em paz. Eu ando até Jeremy dançando com Clarissa agora, a cabeça dele mergulhada no pescoço dela e as mãos diretamente na bunda dela. Estou surpreso que um supervisor não tenha vindo e o chamado a atenção por isso.

— Ei. — Eu bato em seu ombro.

Ele olha para cima, uma carranca distorcendo suas feições uniformes. As meninas amam esse cara. Jogador de basquete estrela. Alto. Bonito. Eu posso ver por que Kimba estava aqui com ele.

— O quê? — Ele pergunta. — Estou um pouco ocupado, Elijah.

Eu nem me incomodo em corrigi-lo. — Onde está Kimba?

Ele revira os olhos e abaixa a cabeça de volta ao pescoço de Clarissa sem responder. Eu enfio meu dedo em seu braço. — Onde ela está?

Sua cabeça se levanta e há fogo em seu olhar. — Que diabos está errado com você? Você não vê que estou...

— Ela estava dançando com você. Você desapareceu. Agora você voltou e ela não, então onde ela está?

Sua carranca desliza em um sorriso sabedor. — Você gosta dela, Stern?

Eu não respondo, mas o brilho zombador em seus olhos acende um fogo debaixo do meu colarinho.

— Você é um idiota, Jeremy, — diz Clarissa, virando a cabeça para olhar para mim. — Ela estava no banheiro feminino há alguns minutos.

— Obrigado. — Eu corro da pista de dança e saio pelo corredor em direção aos banheiros. Está vazio, com apenas um painel fluorescente suspenso brilhando. Paro em frente ao banheiro das meninas.

— É realmente isso que você está prestes a fazer, Stern? — eu murmuro para o corredor vazio.

Sim. Sim, é.

Eu abro a porta apenas uma fresta. — Tru, — eu sussurro alto. — Você está aqui?

A acústica no banheiro cavernoso envolve minhas palavras em eco. Isso é estúpido e alguma garota vai sair sem roupa a qualquer momento e me denunciar a um acompanhante.

— Kimba, você está...

— Ezra, sim. Que droga. O que você quer?

Meus ombros caem e a tensão no meu estômago relaxa um pouco. Abro a porta mais alguns centímetros, enfiando a cabeça para ver se mais alguém está visível. Está vazio e antes que eu possa falar a mim mesmo pra cair fora dele, eu acelero o passo, passando por todas as cabines até que eu vejo sapatilhas vermelhas de Kimba. Eu bato na porta.

— Você está bem?

— Você não pode estar aqui. É o banheiro das meninas. Caramba. Saia.

— Eu sei. Eu vou. Apenas... você está bem? — Eu hesito. — Ele... Jeremy machucou você ou algo assim?

Porque se ele fez, eu não me importo se ele tem dois metros a mais do que eu, vou encontrar uma maneira de esmagá-lo.

— Não. Hum, não. Ele não me machucou. — Sua risada flutua sob a porta do box. — Eu provavelmente machuquei ele.

Eu me inclino contra a porta, querendo estar mais perto, mesmo que eu a ouça bem. — Como?

— Ele tentou me beijar e eu mordi o lábio dele.

Um sorriso enorme se estende pelo meu rosto. É um alívio que ela não esteja machucada, mas também um alívio por ela não querer beijá-lo. Ou talvez ela queria? Eu não entendo.

— Por que você o mordeu?

Depois de um momento, a porta do box para deficientes se abre. Kimba não sai, mas permanece no lugar. Ela não parece machucada, ou como se seu vestido estivesse rasgado ou qualquer uma das coisas terríveis que eu imaginei. Hesito, depois entro e tranco a porta do box atrás de mim.

— Você tem certeza que está bem? — Eu pergunto. — Quando Jeremy voltou sozinho, pensei...

— Eu disse que estou bem. — Ela se encosta na parede e olha para o chão, encolhendo os ombros. — Acabei de perceber que não queria beijá-lo.

Eu pressiono meus lábios para lutar contra o sorriso que quer sair por todo o meu corpo. — Oh. Ok.

— Você beijou Hannah? — Ela pergunta, sua voz suave, os olhos ainda fixos nos sapatos.

— Hannah? Não. Eu não queria.

— Você não queria? Eu pensei... não importa.

— Não sei por que o irmão dela acha que eu gosto dela. E não sei por que ela pensaria que sim. Eu nunca disse nada para... nunca.

Sua cabeça ainda cai, então eu não consigo ver todo o seu rosto, mas um sorriso curva os cantos da boca.

— Você já beijou alguém, Ez?

Eu não falo, não tenho certeza de como lhe dizer a verdade sem parecer um bobo total. Houve um tempo em que contava tudo a ela, mas as coisas estão mudando muito ultimamente. A maneira como saímos, as coisas que ela diz à Mona, mas não me diz, o modo como me sinto ao seu redor.

— Não. — Minha resposta é tão baixa que mal ouço isso sair dos meus lábios. — Mas eu...

— Mas o quê? — Ela dá alguns passos em minha direção. — Tudo bem que você ainda não beijou ninguém. Eu também não.

— Talvez nós pudéssemos -— Eu limpo minha garganta. — Talvez devêssemos nos beijar.

Quando ela não responde imediatamente, eu me apresso. — Só para acabar logo com isso, quero dizer. Não é grande coisa. Não precisamos...

— OK.

Eu olho rapidamente, conectando nossos olhares no silêncio. — OK.

Em alguns passos, apago o pequeno espaço deixado entre nós, ficando perto o suficiente para cheirar seu chiclete de menta.

— Posso fazer algo nojento? — Ela pergunta, um sorriso beliscando os olhos nos cantos.

— Com a sua língua? — Eu pergunto meio apreensivo, meio brincando.

— Ez. — Ela ri. — Não. Quero dizer... ainda não.

Ela enfia a mão na boca, pega uma bola de chiclete e a cola na parede, embaixo de um poema rabiscado com tinta vermelha que começa com as palavras 'As rosas estão mortas'.

— Você está pronto? — Ela pergunta, seus olhos estão firmes como se estivesse no comando, mas eu sei como é a confiança real de Kimba e ela está tão nervosa quanto eu, o que de alguma forma me faz sentir calmo. Pego uma das mãos dela e uno nossos dedos e acaricio meu polegar ao longo do dela.

— Posso fazer algo estranho? — Eu sussurro.

— Com a sua língua? — Ela sussurra de volta, seu sorriso tão brilhante quanto as luzes fluorescentes no corredor.

Eu rio e balanço minha cabeça. — Ainda não.

Com a mão livre, estendo a mão e deslizo o polegar sobre o lábio inferior, manchando seu brilho labial vermelho.

— O que você está fazendo? — Ela pergunta, sua boca se movendo sob o meu dedo.

— Tirando essas coisas de batom.

— Por quê? — Ela reduziu o volume de sua voz como um *segredo.*

— Porque eu gosto dos seus lábios do jeito que sempre são.

Seu sorriso diminui em uma linha reta, e o riso escorre de seus olhos. Eu traço seu lábio superior com o dedo indicador, passando até que a tonalidade vermelha do brilho se apague. Mesmo depois que quase não resta cor, toco sua boca desnecessariamente, tão suave e macia. Eu deveria me sentir constrangido, nervoso ou estranho. É o meu primeiro beijo, afinal, mas eu não sinto. Parece, em vez disso, que estou caminhando até um momento que me espera a vida toda. Desde que nós dois nascemos no mesmo dia em cidades diferentes. Desde que a Sra. Allen jogou Kimba na banheira comigo antes que pudéssemos conversar.

Inclino-me para frente e pressiono minha boca na dela, hesitante, caso ela se afaste. Prendendo a respiração porque até o esforço de respirar pode prejudicar esse lugar entre nossos lábios que merece toda a minha concentração. Ainda

estamos por um segundo ou dois com meus lábios descansando contra os dela, nossos olhos abertos.

— Não devemos fechar os olhos? — Ela sussurra, as palavras frescas nos meus lábios.

— Sim. Na contagem de três, vamos fechar.

Ela assente.

— Um, — eu digo, sem desviar o olhar dela. — Dois. Três.

Seus cílios, escuros e compridos com rímel, caem, mas eu trapaceio porque não quero perder nada.

Com os olhos ainda fechados, ela diz: — Kayla disse que devemos usar nossa língua.

Pressiono minha boca na dela e deslizo minha língua pelo lábio inferior. Os olhos dela se abrem.

— Eu fiz errado? — Eu pergunto rapidamente.

— Eu não sei, mas gostei.

Ela gostou.

Aperto gentilmente seus dedos e me inclino novamente, pressionando nossos lábios. Não sei se ela pretende fazer isso, ou se é um erro, mas sua boca se abre e minha língua desliza para dentro. Hesitante, nossas línguas se tocam, acariciam, e algo doce e afiado corta o centro do meu corpo. Eu me pergunto se ela sente isso também. Nós dois ficamos

parados, olhando nos olhos um do outro por alguns segundos.

Não sei o que devo fazer, mas tomo seu lábio inferior entre os meus, e então ela toma os meus entre os dela, e eu posso prová-la. Provo o ponche vermelho da pista de dança, provo seu chiclete de hortelã, provo sua *confiança,* que é a coisa mais doce. E então eu esqueço de pensar sobre isso, esqueço de me preocupar se estou fazendo certo ou se eu errei. Nossas cabeças balançam e nossas bocas se fundem e chupamos a língua um do outro, e não é nada estranho. É desleixado e molhado, mas da melhor maneira. Uma nova fome retumba por dentro, não por comida, mas por ela. Toda vez que eu a provo, chupo seus lábios, lambo dentro de sua boca, a fome cresce. Eu alcanço e seguro seu rosto, precisando ser mais profundo e querendo que o mundo inteiro fora deste banheiro vá embora. Querendo fazer nosso próprio pequeno planeta na última cabine do banheiro das meninas e nunca parar de beijar Kimba.

"Vision of Love" de Mariah Carey flutua em tons suaves para nossa cabine. Além dessas paredes, de volta ao ginásio, eles estão dançando, mas neste canto de nossa última noite da escola, temos nosso próprio tema. Nossos próprios arco-íris e luzes, música e magia. Prendemos a respiração um do outro e seguramos as mãos um do outro, cruzando nossos corações e guardando nossa inocência. Estamos à beira do *próximo,* mas hoje à noite, temos agora, e é melhor do que

tudo que já tive e deve ser tão bom quanto qualquer coisa que está por vir.

— Ez, — Kimba suspira na minha boca. — Eu preciso respirar.

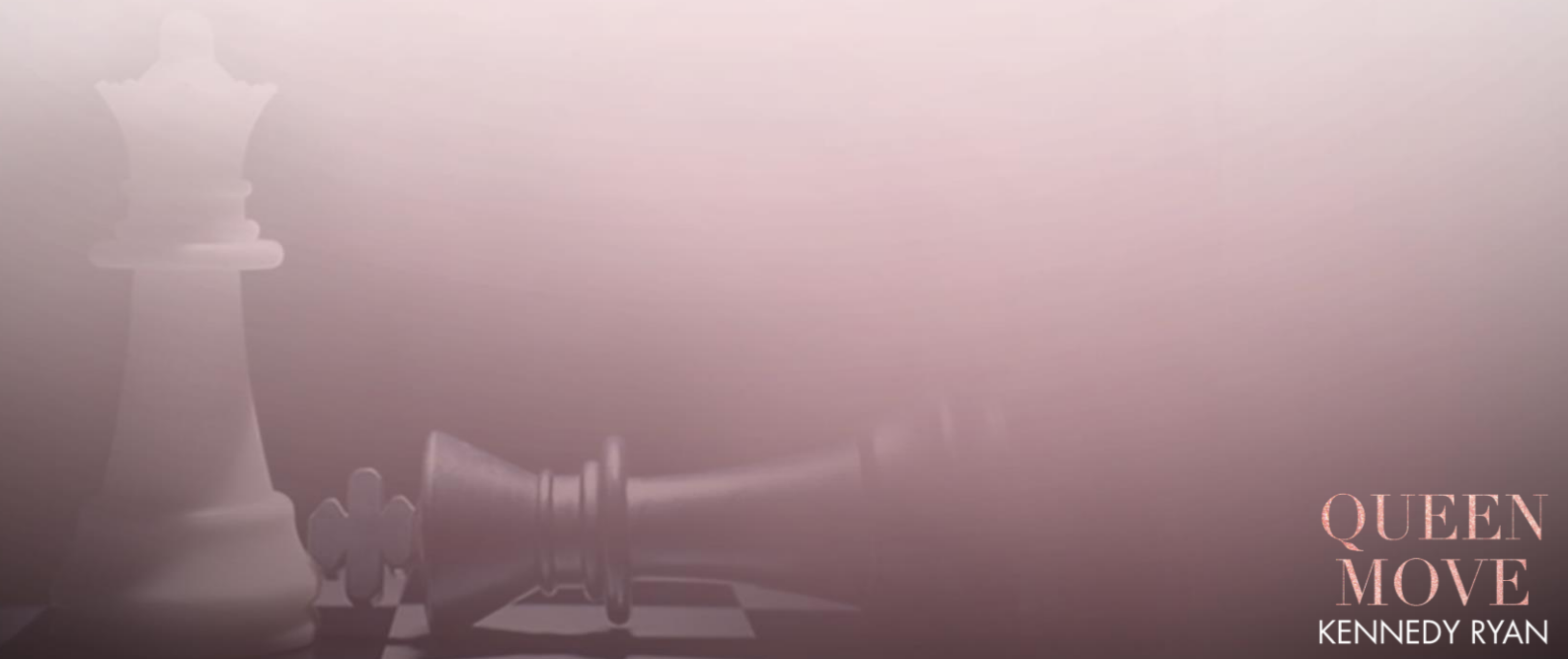
Eu não. Eu prenderia a respiração a noite toda se isso significasse que eu poderia continuar a beijá-la, mas eu me afasto para que ela possa. Nós dois estamos ofegantes, nossos olhos presos, nossos dedos entrelaçados, minha mão descansando na curva suave de seu pescoço.

Foi perfeito. Um momento de globo de neve onde tudo foi sacudido e todas as minhas partículas ainda estão caindo no chão, reassentando-se em uma pessoa completamente nova.

— Tudo bem? — Eu pergunto.

Os belos lábios de Kimba, macios e inchados de nossos beijos, abrem um sorriso largo. — Vamos fazer de novo.

Esta é a melhor noite da minha vida.



SETE

Kimba

— Vocês estão quietos aí atrás, — diz Kayla do banco da frente, pegando meus olhos no espelho retrovisor. — Tudo foi bem hoje à noite?

— Oh sim. Muita diversão.

— Com certeza. Foi ótimo.

As respostas saem apressadas de nós, empilhando-se umas sobre as outras. Ezra e eu nos observamos pelo canto dos nossos olhos, sorrisos secretos gravados nos lábios inchados de beijo. A mãe de Mona a pegou e a levou para casa. Kayla chegou às dez em ponto para nos pegar. Estamos no banco de trás, separados por uma distância decente, mas nossos dedos se entrelaçam no assento entre nós.

— Então, o que aconteceu com Jeremy? — Kayla pergunta, seu tom inclinado dessa maneira irritante, como se ela estivesse dando um tapinha na minha cabeça.

O sorriso de Ezra balança. Aperto seus dedos até que ele me olhe. Reviro os olhos e sorrio, esperando um sorriso verdadeiro voltar ao seu rosto.

— Você fez como eu te disse? — Kayla pergunta.

— Eu não beijei Jeremy. — Eu estico meus olhos para ela no espelho. — Basta deixar pra lá, Zee.

— Tudo bem, — diz ela, manobrando cuidadosamente seu orgulho e alegria em nossa garagem. — Você está começando o ensino médio em alguns meses. O que você está esperando?

O momento perfeito. A pessoa perfeita. Foi o que tive esta noite.

— Hmmm. — Kayla faz uma careta para a porta da garagem levantada para revelar a Mercedes dos meus pais. — Mamãe e papai já estão em casa.

O aço e o cromo brilham na luz do teto da garagem. Kayla se vira, apoiando um braço no banco do passageiro e lançando um olhar entre Ezra e eu. — Fora. Vocês dois. Diga a eles que estarei em casa à meia-noite.

— Aonde você vai? — Eu pergunto, cruzando os braços sobre o peito e recostando-me como se não estivesse saindo até que ela fale.

— Não é da sua conta, — diz ela, um sorriso perverso abrindo seus lábios.

— Tommy. — Exasperação me faz fazer uma careta. — Eu pensei que você tinha terminado com ele. Vocês terminam uma vez por semana.

— Eu decido quando terminar, — diz ela. — Agora saia do meu carro.

Ezra sai imediatamente. Abro a porta e saio, mas me inclino na janela aberta do lado do passageiro. — Não faça nada que eu não faria.

— Não vou a um convento, então tenho certeza de que haverá muitas coisas que você não faria.

— Tanto faz, Zee. — Bato no teto do carro e observo as lanternas traseiras quando ela se afasta e vai embora.

Ezra está na minha entrada. Ele olha para a rua e respira fundo. A Sra. Washington está parada na varanda, regando as fileiras de plantas que descem seus degraus.

Mesmo? A essa hora da noite? Ela usa essas plantas como desculpa para dar uma espreitada quando algo está acontecendo no bairro.

Ezra pega minha mão e me leva para a garagem. Ele não abaixa a porta e não solta minha mão.

— Esta noite... foi... — Ele balança a cabeça e faz uma careta.

Careta? Eu pensei que foi perfeito. Eu quero beijá-lo novamente agora. Ele não sentiu o mesmo?

— Eu... eu fiz algo errado? — Eu pergunto. — Foi...

— Não. — Ezra une nossos dedos e segura meu olhar. — O oposto. Estava exatamente certo. O melhor primeiro beijo de todos os tempos.

A respiração aliviada sai do meu peito e nossos sorrisos se encontram no meio, entre nós.

— Eu estava pensando, — diz ele. — Você é minha melhor amiga. — Ele olha com expectativa, deixando-me espaço para responder.

— Sim. O mesmo. Você é meu também. Meu melhor amigo, quero dizer. Você sabe disso.

— Eu estava pensando em Tommy e Kayla. E todas as pessoas que terminam, voltam e terminam novamente. Não quero que sejamos assim.

— Estamos... estamos juntos? Sei que nos beijamos, mas não tinha certeza se...

— Eu gosto de você, Tru, — diz ele baixinho, os olhos baixos para o chão da garagem. — Se você não se sente da mesma maneira, então...

— Eu sinto. — Eu me aproximo e agarro sua outra mão. — É como eu me sinto.

Seu sorriso surge lentamente, beliscando os cantos como se ele estivesse tentando contê-lo. — OK. Bom.

Ele fica sério e olha para cima e puxa nossas mãos entre nossos peitos. — Eu nunca quero algo estúpido para arruinar

nossa amizade. As pessoas terminam o tempo todo, e me assusta que algo possa... mudar, e então não seríamos amigos.

— Sim. Entendo. — Mordo o lábio e aceno com a cabeça.

— Então, pacto.

— Pacto? — Eu rio. — Como os pactos que fazíamos quando éramos crianças? Como nunca convocaríamos o Candy Man? Ou quando tínhamos sete anos e eu não diria a ninguém onde você enterrou aquele anel de doces?

— Você leva essa informação para o túmulo, Kimba Allen, — diz ele com falsa gravidade. — Você cruzou seu coração e tudo.

— Eu nunca vou contar. — Minha risada se transforma em um sorriso. — Então, qual é esse pacto?

Seus olhos traçam meu rosto, descansam nos meus lábios e enviam vibrações através da minha barriga. Ele estende o dedo mindinho para mim.

— Nosso pacto é que sempre seremos amigos, — diz ele, com a voz baixa, com certeza. — Que nada ficará entre nós, nem mesmo um ao outro.

Nem um ao outro.

Não tenho muita certeza do que isso significa, mas prendo meu dedo no dele. — Pacto.

— Devemos nos beijar, — diz ele, puxando-me para mais perto pelo meu mindinho.

Estou sem fôlego, esperando nossos lábios se tocarem e por aquela sensação que tive no banheiro para dominar todo o meu corpo novamente.

— Maldição, Ruth! — A voz irritada do Sr. Stern viaja de dentro da minha casa quando nossos lábios são separados por apenas uma respiração.

— Deixe-me explicar, — diz a mãe de Ezra, suas palavras nos alcançando na garagem.

— *Você não pode explicar isso!* — Ele grita de volta. — Estamos saindo, e isso é definitivo.

Saindo?

Nossos olhos arregalados se conectam, medo e pânico crescendo dentro de mim com a ameaça da partida de Ezra. Ouvimos a porta da frente abrir tão violentamente que bate contra a casa. Passos apressados descem os degraus. Saindo de minha casa, o Sr. Stern quase passa pela garagem aberta, mas olha duas vezes quando nos vê lá dentro. A fúria distorce seus traços.

— Vamos, Ezra, — ele retruca. — Estamos indo para casa.

— Mas, pai, eu...

— Agora, Ezra! — o pai dele ruge tão alto que tenho certeza de que a Sra. Washington ficou com água na boca enquanto regava as plantas com falsidade.

— OK. OK. — Ezra deixa cair minha mão e se inclina para frente para me beijar rapidamente. É apenas um selinho, mas talvez ele sinta a pequena emoção como eu, porque ele permanece. Ele se aproxima e desliza a língua para dentro. Parece bom e certo. Eu levanto minha mão para tocar os cachos grossos em sua nuca.

— Ezra! — O Sr. Stern grita da varanda do outro lado da rua. — Eu não vou chamar novamente. Venha. Agora.

— Ezra, — diz a Sra. Stern, observando-nos pela porta aberta da garagem. — Escute seu pai. Venha para casa.

— OK. — Ezra caminha na direção de sua mãe, mas se vira no último minuto e olha para mim por cima do ombro, com os olhos sérios.

— Vejo você amanhã, — diz ele suavemente com a mãe esperando lá.

Eu aceno, uma sensação estranha se desenrolando dentro de mim quando as vozes elevadas dos meus pais me alcançam de dentro de casa.

— OK. Amanhã.

O rosto da Sra. Stern está manchado de lágrimas e seu cabelo está despenteado, incomum porque sua aparência é

sempre elegante. Com a boca tremendo, ela me olha por um longo momento antes de falar.

— Adeus, Kimba, — ela diz e toca o ombro de Ezra, pedindo-lhe para ir embora.

Fecho a garagem e passo cautelosamente pela porta da cozinha, ficando o mais quieta possível, no caso de pegar fragmentos da discussão.

— Isso não é justo, Joe, — minha mãe diz, com lágrimas na voz. — Como você pode até...

A sala fica em silêncio, um som quieto.

— Tru? — Ela pergunta abruptamente. — É você?

Suspiro e arrasto os pés da cozinha para a base da escada no saguão. Meus pais estão em lados opostos da sala, um abismo entre eles. A jarra de uísque de meu pai está em cima da mesa de café, uma visão rara, pois eles não bebem muito. O vidro quebrado suja os tijolos em frente à lareira.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto. — Os Sterns...

— Não são nossos amigos, — meu pai diz severamente. — Fique longe deles.

— Não. — Isso sai antes que eu perceba, mas me recuso a me desculpar. — Sobre o que você e os Sterns estão brigando, eu não ligo, mas Ezra...

— O que eu disse, Kimba? — meu pai rosna, seu rosto tão distorcido pela raiva que eu nem o reconheço.

— Mas papai...

— Vá para o seu quarto, — diz mamãe, sua voz suave, firme e inflexível.

— Mamãe, eu...

— Vá para o seu quarto! — Ela grita, lágrimas escorrendo por baixo das pálpebras fechadas. — Pelo amor de Deus, você pode, pela primeira vez, fazer o que lhe dizem e ficar de fora dos negócios de pessoas adultas? Vá para o seu maldito quarto, Kimba!

Mamãe nunca me xinga. Eu luto contra minhas próprias lágrimas e corro os degraus. A discussão deles recomeça no andar de baixo, mas silencioso, deliberadamente em voz baixa e escondido. Corro para o quarto deles e pego o telefone na mesa de cabeceira. Eu poderia discar o número de Ezra de olhos fechados. Meus dedos voam sobre o teclado sem pensar, mas a linha está ocupada. Tento de novo e de novo, mas não consigo passar. Depois de alguns minutos, vou para o meu quarto e me deito na cama, sem me preocupar em enrolar o cabelo ou tirar o vestido.

Parece que vivi um ano no período de uma noite. Não sei o que está acontecendo entre nossos pais, mas sei o que está acontecendo entre Ezra e eu. Estamos *começando.* Beijei meu melhor amigo e as coisas nunca mais serão as mesmas.

Aconteça o que acontecer entre nossos pais, nós temos um ao outro. E sempre seremos amigos.

De manhã, acordo com a luz do sol caindo pela minha janela aberta. Minha boca parece com algodão, meu vestido está enrugado e ainda estou usando os sapatos que achei a noite toda um pouco apertados. Eu os chuto, deslizo da cama e encontro meus chinelos. Eu nem me incomodo em me trocar, mas desço correndo as escadas e saio pela porta da frente.

Paro bem na minha varanda. A Sra. Stern está na entrada da garagem carregando malas no porta-malas do carro. Ezra está jogando uma mochila no banco de trás quando me vê. Ele para, olha para a mãe e atravessa o quintal para me encontrar. Meu coração balança, feliz em vê-lo e com medo de vê-lo partir.

— Ezra, — a Sra. Stern diz com firmeza. — Nós precisamos ir.

Ele a lança um olhar zangado, ignora-a e sobe para a varanda.

— Ei, — diz ele, sua voz moderada.

— Ei. — Eu lambo meus lábios e faço a pergunta óbvia. — O-o-onde você está indo?

A dureza deixa seu rosto e ele pega minha mão. — Para Nova York...

— Nova York? — Eu pergunto, meu peito apertando. — Mas o acampamento não é por mais duas semanas.

Todo verão, Ezra vai para o acampamento de verão judaico perto de sua bubbe. Mesmo que ela tenha falecido, ele ainda estava planejando ir este ano.

— Nós estamos indo cedo. — Um músculo em sua mandíbula aperta. — Mamãe diz que precisamos fugir. Meu pai não vem conosco.

— Por que você não pode ficar aqui? — Eu pergunto, minha voz melancólica, quase implorando.

Ezra encolhe os ombros, uma carranca desmoronando entre as sobrancelhas novamente. — Eles não vão me deixar.

— Mas v-v-você vai voltar, certo? — Mordo minha língua até as lágrimas picarem meus olhos. Eu odeio como minhas palavras não saem quando eu mais preciso delas, quando é mais importante.

— Eu voltarei. — Ele olha em volta. Sua mãe entra na casa deles, mas deixa o carro ligado. Ninguém está fora, nem mesmo a Sra. Washington. O bairro nos permite uma rara fatia de privacidade.

Ezra toca sua testa na minha e segura meu pescoço.

As lágrimas transbordam, deslizando pelas minhas bochechas e salgando os cantos da minha boca. Estou

perdendo alguma coisa. Eu estou perdendo-o. Eu sei isso. Mesmo que ele diga que voltará. Eu apenas sei...

— Não vá. — É um sussurro molhado que não consigo segurar. — Ezra, tenho um mau pressentimento. Como eu nunca tive.

Mesmo dizendo isso, as palavras atravessam algo direto no meu coração.

— É apenas pelo verão, — diz ele, afastando e levantando meu queixo, dando-me um sorriso que eu sei que é forçado. — Eu voltarei antes do início das aulas. Você acha que eu perderia o nosso primeiro ano do ensino médio?

Eu hesito, mas balanço minha cabeça. — Ezra, me beije.

Ele procura meu rosto por um segundo, olha em volta, na rua que nunca é tão quieta, tão vazia em uma manhã de sábado, e se inclina para a frente para pressionar nossos lábios, deslizando sua língua na minha boca. Ainda estamos hesitantes, mal temos certeza de que estamos fazendo certo, nossos lábios e línguas agarrados, molhados e doces. Eu pensei que poderia ter sido a música ou as decorações, a dança ou o momento que fez o beijo da noite passada ser mágico, mas não é nada disso.

Somos nós.

Essa mágica ainda está lá quando a única música é o zumbido distante de alguém cortando o gramado em uma

rua. Ainda está lá quando a iluminação ambiente nada mais é do que luz do sol.

— Ezra, — diz a Sra. Stern.

Nós quebramos nosso beijo e olhamos para cima. Ela está no carro, com os cotovelos apoiados no teto do lado do motorista. Seu olhar passa entre nós, seus olhos tristes e vermelhos. — Temos que ir agora, filho.

O nó na minha garganta incha, quente e enorme, e eu me recuso a soltar sua mão por um segundo. Eu jogo meus braços em volta dele e enterro meu rosto em seu pescoço. Seus braços magros se apertam ao meu redor, e eu sinto suas lágrimas no meu pescoço também.

Não vá.

Quero fazê-lo ficar, implorar para que ele não vá embora, para não ignorar esse sentimento horrível na boca do estômago, mas a Sra. Stern toca a buzina e sobe atrás do volante.

Eu te amo, Ez.

Parece ridículo, mesmo na minha própria cabeça, nos meus pensamentos. Nós temos treze anos. O que sabemos sobre o amor? O beijo, esses sentimentos são tão novos que eu não consigo nem formar, então digo a única palavra que sempre significará a mesma coisa para nós, não importa o quê.

— Pacto, — eu sussurro.

Ezra assente, funga e lentamente me deixa ir, passando os olhos pelo meu rosto como se ele achasse que é a última vez também. — Pacto.



PARTE DOIS

“ ...parece menos que estou te conhecendo

e mais como se estivesse lembrando quem você é.”

– Lang Leav, Almas gêmeas



OITO

Kimba

Nos Dias de Hoje

— Você gostaria de fazer história, congressista?

Perdi a noção de quantos líderes fiz essa pergunta. Eles sempre dizem que sim, o pensamento de abrir caminho para intoxicá-los em uma resposta brusca. Geralmente, são os que respondem mais rápido que nem sequer fazem um estrago. Aqueles que demoram a responder, que ponderam por um segundo, geralmente têm as melhores chances de mudar o mundo. Telefone pressionado no meu ouvido com o ritmo do silêncio enquanto espero que Mateo Ruiz, o congressista da Geórgia, responda, eu praticamente posso ouvi-lo contando o custo, ponderando suas próximas palavras.

— Sim, — ele finalmente diz. — E estou ansioso pelo seu apoio.

— Você vai ter. — Pressiono minha própria hesitação para fazer a jogada arriscada. — Adoraria liderar o cargo do primeiro governador latino-americano da Geórgia. Minha empresa tem um histórico comprovado.

Eufemismo, já que acabamos de eleger o presidente em exercício.

— É o que você faz, — Mateo concorda. — Eu ainda estou descobrindo a composição da nossa equipe, mas vou manter você em mente.

Manter-me em mente? Meu telefone não parou de tocar desde que soube que eu havia recusado uma posição de gabinete na nova administração. Todo candidato do lado da minha bancada que se preze quer que eu faça sua campanha, mas o único candidato que eu realmente quero representar *me manterá em mente?*

— Quem mais você está considerando? — Eu pergunto, desinteressada em ficar enrolando.

— Você está em uma lista muito curta, Kimba, — diz ele secamente. — Você sabe disso.

— Eu e... deixe-me adivinhar. Anthony Rodderick?

Sua risada confirma que eu adivinhei certo. — Anthony tem muito a oferecer, e ele é um filho nativo.

— Eu cresci em Atlanta. Minha família é uma das mais influentes da cidade. Você sabe disso. Tenho interesse pessoal em ver o primeiro governador de minoria do meu estado natal.

— Eu sei que sim, e claro que reconheço o peso do nome Allen em Atlanta. Você conhece Atlanta, mas há Atlanta e

depois o resto do estado, que nós dois sabemos que é um grupo demográfico diferente.

— Ah, eu vejo. Você acha que precisa de um bom e velho garoto para vencer os bons e velhos garotos. Alguém como eu não conseguiria entender nada além dos limites da cidade de Atlanta, mesmo que eu tenha acabado de eleger um presidente para todos os *cinquenta* estados.

— Preciso de estabilidade e sua empresa está em transição. Estou em êxtase por ter nossa primeira dama indígena, mas Lennix era metade da Hunter, Allen & Associates. Se formos honestos, ela era o rosto disso.

Ninguém para culpar além de mim mesma. Eu não deveria ter nada a provar nesta fase da minha carreira, mas ainda estou sendo questionada. Ainda estou sendo julgada. Até certo ponto, levei um tiro no pé todos esses anos atrás, certificando-me de que minha parceira de negócios, Lennix, fosse a única na frente das câmeras. Minha aversão a falar em público, sempre empurrando-a para fora, levou muitos a acreditar que Lennix estava dirigindo o show sozinha. Agora que ela se foi, alguns se perguntam se ainda há um show.

Bem, existe, e eu estou executando.

— Com todo o respeito, congressista, você não precisará de um rosto para vencer sua eleição. Você precisará de uma mente política afiada, experiência e determinação, tudo o que tenho. Embora compreenda suas preocupações com a estabilidade durante essa transição, ainda tenho a equipe

mais talentosa e com mais fome do mercado. Nenhuma de nossas campanhas sofrerá.

— Como eu disse, vou manter você em mente.

Quero dizer a ele que ele pode manter esse dedo do meio em mente, mas depois lembro o quanto realmente gosto dele, que concordo com ele em política, em princípio. Que eu honestamente acredito que as coisas que ele quer fazer podem transformar a vida dos trabalhadores e da classe média em meu estado natal. Isso significa algo para mim. É o quadro geral, e vale a pena deixar de lado meu orgulho e ego por tempo suficiente para esperar a resposta que desejo.

Papai costumava dizer: não fale sobre isso, *seja* isso. A maneira mais rápida de calar alguém que pensa que você não pode fazer algo é *fazer* algo. Dois anos desde que ele faleceu, e suas palavras continuam a me guiar todos os dias.

— Sim, por favor, lembre-se, congressista, — eu digo, executando uma meditação interna. — Admiro profundamente Anthony e respeito tudo o que ele fez, mas acho que sou a melhor pessoa para levá-lo à vitória na Geórgia. Espero que você venha a concordar.

Ele ri. — Ninguém pode dizer que você não tem confiança, Kimba.

— Eu sou uma mulher, uma mulher negra nisso, trabalhando em um mundo masculino. Se eu esperasse que outras pessoas acreditassem em mim, não iria muito longe, e

meus clientes também. E levo meus clientes longe, congressista. — Eu deixo isso afundar porque nós dois sabemos que eu coloquei um na Casa Branca. — Entre em contato quando estiver pronto para conversar.

Ele é um dos bons. Aquele político raro que não é um narcisista e que está realmente nisso mais para o povo do que para si mesmo. Porque é sempre um *pouco* para nós mesmos. Enquanto espero que ele chegue à conclusão certa – que deveríamos trabalhar juntos –farei um pouco de trabalho sozinha. Vou procurar coisas como amantes escondidas, hábito com drogas ilícitas, convicções passadas por debaixo do tapete. Todo armário tem esqueletos. Gosto de revelar os segredos sujos dos meus candidatos antes mesmo de começarmos. Se eu posso cavá-los e encontrá-los, mais alguém pode. Eu sou uma garota meio *ofensiva,* então eu cavo primeiro e cavo fundo.

— Entrarei em contato, — diz ele. — De qualquer jeito.

Um movimento na porta do escritório me distrai. Minha assistente, Karla, bate no relógio e levanta as sobrancelhas as fazendo desaparecerem sob a franja roxa. Meu próximo compromisso deve estar aqui. Considerando quem é meu próximo compromisso, estou surpresa que ela não tenha simplesmente entrado pela porta. Afinal, também costumava ser a companhia dela.

— Congressista, eu tenho que ir. — Nós nos desconectamos e Karla sorri satisfeita quando ela se vira para sair.

Minha porta do escritório se abre e um homem enorme entra, falando em um microfone na manga, seu volume encolhendo a sala.

— Com licença? — Jogo meu celular em cima da mesa e encosto o quadril contra a borda. — Você acabou de entrar no meu escritório?

— Eu tenho que varrer o espaço antes que a primeira-dama entre, — ele entoa distraidamente, andando pela sala e checando, *suponho,* se há explosivos.

— Uh-huh. Eu percebi, mas eles *devem* ter ensinado você a bater no serviço secreto, certo?

— Sim, senhora, — diz ele, um pouco de cor rastejando em suas bochechas. — Me desculpe por isso.

— Todos nós estamos limpos? — Eu pergunto com um sorriso provocador.

— Tudo limpo, — diz ele no microfone, permitindo um pequeno sorriso.

Eu rapidamente esqueço sua grosseria quando Lennix corre, os braços estendidos. — Kimba, — ela diz, apertando-me como se eu fosse uma balsa em corredeiras. — Graças a Deus.

Aperto suas costas e, em seguida, levanto seus braços do meu pescoço depois de alguns segundos. — Uau, calma aí, pequena coala.

— Eu sinto muito. — Ela se afasta, sorrindo ironicamente. — Estou feliz em ver uma pessoa normal.

Ela olha por cima do ombro para onde o homem do Serviço Secreto está parado na porta como um centurião.

— Hal, obrigada por verificar a sala, — diz Lennix. — Você pode esperar lá fora.

A incerteza desliza por seu rosto por um momento, apertando os cantos dos olhos e lábios. Ele abre a boca, provavelmente pronto para se opor, mas Lennix levanta uma mão e aponta para a porta com a outra.

— Obrigada, Hal.

Ele se vira para sair e fecha a porta atrás de si. — Ele é novo, — ela diz, revirando os olhos. — E zeloso.

— Não é uma das pessoas normais, eu acho. — Atravesso o escritório para me sentar no sofá e dou um tapinha na almofada ao meu lado. — Venha contar à mamãe todas as coisas.

Quando ela se aproxima e se senta, seu vestido puxa bem no meio, revelando uma pequena protuberância na barriga.

— Oh, meu Deus! — Toco o pequeno monte, quebrando a etiqueta da mulher grávida, porque esse é meu afilhado lá. — Olhe para o nosso amendoim.

Seu sorriso se amplia e seus olhos cinzentos acendem. — Eu sei. Nunca fiquei tão feliz em ganhar peso.

— Eu aposto que Maxim está como um louco protetor e andando sob a lua.

— Todos os itens acima e mais. Ele está em êxtase. Nós dois estamos. — Ela esfrega a mão sobre o pequeno solavanco, sua expressão suavizando. — Mas está acontecendo quando há muita pressão, muito escrutínio e pessoas em cima de nós o tempo todo. Parece que raramente estou sozinha, muito menos sozinha com Maxim.

Ela olha ao redor do escritório, mobiliado com itens que escolhemos juntas quando abrimos nossa empresa de consultoria política. — Eu meio que sinto falta da vida normal.

— Foda-se o normal. Nós não somos garotas normais. — Eu relaxo no canto do sofá e cruzo as pernas. — Estamos na Liga das Cadelas Extraordinárias. Você me escutou? Você é a primeira Primeira-Dama nativa americana que este país já teve. Muito bem, é pressão. Sua agenda é a mais ambiciosa que já vimos de uma primeira-dama, então sim, é difícil, mas você conseguiu.

Quando ela anunciou que seu foco seria simplesmente mulheres, todos pediram que ela elaborasse. Só mulheres? Salário igual para as mulheres. Reforma dos direitos de maternidade das mulheres. Ensino médio para mulheres. Ela montou o Gabinete para o Empoderamento das Mulheres, um corpo de especialistas que cria programas e solicita apoio do setor corporativo para formar parcerias com iniciativas do governo.

— Estou tão feliz que você esteja na CWE[7], — diz Lennix, soltando um suspiro. — Eu gostaria que você reconsiderasse a posição que Maxim lhe ofereceu em *seu* gabinete, para que você estivesse na Casa Branca ainda mais.

— Por mais tentador que seja ser a chefe de gabinete, é como um trabalho de mesa quando preciso estar em campo. Isto é onde eu pertenço. Eu quero estar nas trincheiras e continuar o trabalho que nos propusemos a fazer.

— Entendo, — diz Lennix, quase melancolicamente. — Você sabe o quanto foi difícil para mim abandonar nossa missão.

— Você não foi embora. Você está *cumprindo* nossa missão em uma escala que nunca poderíamos imaginar. — Eu balanço minhas sobrancelhas. — Fale sobre poder? Querida, você *dorme* com o poder. Quando o pai do seu bebê

---

7 A Common Weakness Enumeration é um sistema de categoria para fragilidades e vulnerabilidades de software. É sustentado por um projeto comunitário com os objetivos de entender falhas no software e criar ferramentas automatizadas que podem ser usadas para identificar, corrigir e evitar essas falhas.

é o líder do mundo livre, eu chamaria isso de estar em missão.

— Eu não posso reclamar. — Lennix ri guturalmente, inclinando-se para trás e descansando a cabeça no sofá. — Exceto que é você, e você é minha melhor amiga, então você tem que me deixar reclamar.

— Sim. Parte da descrição do trabalho. — Eu balanço um dedo para ela. — Mas a mesma está dizendo a verdade. Você está exatamente onde pertence e onde pode fazer o melhor agora. Você tem tudo pelo que agradecer. — Inclino minha cabeça em direção à porta fechada. — Além do Robocop por aí agindo como um cão de caça, cheirando em busca de bombas debaixo da minha mesa Queen Anne, o que há com o Sr. Alerta Máximo?

— Como eu disse — Ela sorri e balança a cabeça. — Ele é novo. Eu me canso da presença constante do Serviço Secreto, mas entendo. E eles estão tão exagerados agora que a notícia saiu que eu estou grávida.

— Nós não tivemos um bebê na Casa Branca desde... — Eu franzo a testa, pensando em voltar. — Uau. Desde os Kennedy.

— Sim, estamos esperando um final melhor, — ela diz secamente. — Assim, toda a superproteção. Há mais quatro de onde Hal veio no saguão.

— Ah, aposto que Karla está salivando. Você sabe que ela ama um homem grande.

Logo na hora, uma batida vem e minha assistente enfia a cabeça pela porta. Há um rubor em suas bochechas pálidas e seu cabelo roxo está levemente desgrenhado, como se ela passasse os dedos por ele.

— Devo alimentar aqueles homens lá fora? — Ela sussurra. — Eu poderia pedir o almoço para todos.

— Isso não será necessário, — diz Lennix. — Não vou ficar muito tempo, mas obrigada, Karla.

— Não se apresse, — diz Karla, as bochechas ficando mais rosadas. — Realmente. Não é problema.

— Não se distraia com todos esses músculos, — aviso de brincadeira — e minha entrega?

— Já chegou. — O sorriso de Karla está envergonhado. — Devo trazê-la?

— Claro. Obrigada, moça. — Esfrego minhas mãos. — É o vestido que vou usar para a cerimônia de premiação em Atlanta. A fundação da minha família está honrando líderes comunitários.

Sempre garanto que nossa fundação tenha muitas doações, mas meu envolvimento prático é limitado, e isso tem sido um ponto sensível. Minha mãe insistiu que eu participasse desse evento e estou realmente ansiosa por isso.

Karla volta pela porta carregando uma enorme caixa marrom. Faço um gesto em direção à mesa de trabalho do outro lado do meu escritório, agradecendo a ela quando ela sai. Depois que a caixa é arrumada, rasgo a embalagem para encontrar outra caixa lá dentro, branca, com a palavra *Lo* e amarrada com uma larga fita roxa.

— Eu não sabia que era um dos designs da Lotus Ross, — Lennix suspira, tocando o laço de seda. — Vocês se conhecem?

— Nos conhecemos no Image Awards não faz muito tempo. Ela é o máximo... você a amaria.

— Eu adoro as coisas dela. Essa última linha foi incrível.

— Você está de brincadeira? Ela enviará o que você quiser. Uma chance de vestir a primeira-dama? Que designer não aproveitaria essa oportunidade?

— Estou tomando cuidado para garantir que esteja usando as roupas de estilistas promissores quando possível, especialmente mulheres indígenas. É uma ótima maneira de chamar a atenção para aqueles que podem ser esquecidos.

— Eu não chamaria exatamente a Lotus de negligenciada, — digo secamente — já que ela acabou de ganhar o CFDA de designer de moda feminina do ano, mas ela ainda é muito nova no jogo, então esse tipo de exposição só pode ajudar.

Quando levanto a tampa da caixa branca e retiro o frágil lenço de papel, Lennix e eu ofegamos.

— Caramba, — diz Lennix, passando os dedos levemente sobre a seda dourada. — Isso ficará fantástico em você.

— Foi literalmente feito para mim. — Eu levanto o vestido da caixa, revelando a queda dourada do tecido brilhante. — Lo esboçou enquanto bebia quando eu estava em Los Angeles, há alguns meses.

— Você tem que experimentar. — Lennix pressiona as palmas das mãos em uma pose implorando. — Eu quero ver...

— OK! Você tranca a porta. Vou fechar as janelas.

Enquanto Lennix caminha rapidamente para trancar a porta, eu fecho as cortinas pelas janelas do chão ao teto, com vista para o caos do tráfego e comércio de Washington. Eu corro de volta para a mesa de trabalho, a expectativa zumbindo em todas as minhas moléculas. Meu reflexo feminino está totalmente ativado. Já estou pensando nos Manolos que achei que combinavam com o vestido, mentalizando os acessórios e imaginando se eu deveria usar meu cabelo preso ou penteado e em seus cachos naturais. Sem autoconsciência, tiro a calça e a blusa, ficando apenas de calcinha e sutiã. Lennix e eu estamos naquele estágio de amizade que você alcança através do tempo e do período experimental. Ela, junto com a nossa amiga Vivienne, são

minha família estendida tão longe de casa. Deslizo cuidadosamente a seda até minhas coxas, franzindo a testa quando ela pega lá.

— Que diabos-, — murmuro quando o material apenas se eleva gradualmente, mal chegando aos meus quadris. Puxa tão forte que, se eu forçar, o vestido provavelmente rasgará.

— Oh. — Lennix morde o lábio inferior e inclina a cabeça para o lado. — Bem, isso... ela enviou o tamanho errado?

— Eu te disse. Ela fez isso para mim. Apenas esse existe no mundo todo, e Lo confirmou minhas medições há mais de dez dias. Eu não entendo.

— Sinto muito, querida. Bem, se nós... — O telefone dela vibra na mesa de trabalho. Ela agarra, ainda me olhando com consternação. Ela olha para baixo e faz uma careta. — Ugh. Droga. Esqueci que adicionamos uma reunião à minha agenda esta manhã. É sobre a possibilidade de uma legislação para melhorar a licença maternidade. É algum esforço. Minha secretária acabou de me lembrar.

— Vá. — Eu ando até ela, tomando cuidado para não fazer movimentos repentinos de rasgar o vestido, e dou-lhe um aperto rápido. — Seja a Primeira-Dama vadia e malvada que eu sei que você pode ser.

— E aqui eu estava procurando por um lema quando você tinha isso na manga o tempo todo, — ela diz, o sarcasmo grosso, mas ainda não ofuscando a preocupação quando ela se afasta do nosso abraço. — Kimba, o vestido...

— Está bem. — Eu forço um sorriso. — Eu tenho uma dúzia de vestidos que devem funcionar.

Se eu puder encaixar qualquer um deles.

— Você, saia daqui. Não quero que você se atrase.

— OK. — Ela corre para a porta do escritório e abre. Hal fica lá, bloqueando nossa visão do saguão e Karla, que provavelmente está em seu sofá desmaiada com toda aquela testosterona em proximidade forçada.

— Te amo, — oferece Lennix como uma despedida final e fecha a porta atrás dela.

— Também te amo, — murmuro distraidamente, olhando para o comprimento do meu corpo com consternação. Eu notei alguns pedaços que resistiram teimosamente quatro dias por semana à Orange Theory[8], mas não percebi que isso tinha sido deixado fora de controle. Tenho estado ocupada planejando estratégias para transformar um estado de oscilação nas próximas eleições para governador. Protuberâncias e elevações ao redor do meu corpo ficaram em segundo plano.

---

8 Famosa rede se academias

Meu celular toca e eu faço uma careta quando Lotus aparece no FaceTime. Quero ignorá-lo e ligar de volta apenas para que ela não me veja.

Eu atendo, tomando cuidado para manter o telefone apontado acima dos meus ombros.

— Ei, Lo. — Injeto minha voz com o entusiasmo que a mulher que se tornou uma amiga íntima geralmente merece.

— Heyyyyyy. — Seu rosto bonito, cercado por um enorme afro encaracolado, ilumina-se. — Minha assistente acabou de me dizer que recebemos uma notificação de entrega do vestido. Como está?

— É — Olho para o material reunido abaixo da minha cintura. — Um pouco apertado.

— Justo? — As sobrancelhas pretas e elegantes de Lotus se agitam. — Não deveria ser. Nós finalizamos as medições há pouco tempo.

— Não é você, — corro para tranquilizá-la. — Ultimamente, tenho ganhado peso mais rápido do que nunca na minha vida.

— Está tudo bem?

— Sim, mas hum-— Eu garanto que a porta ainda está fechada. — Eu também perdi quatro períodos. — A reação é instantânea e vem com um boom.

— Que diabos, Kimba? — A voz rouca de Lotus me aparece na cabeça pela tela. — Você fez um teste de gravidez?

— Vários. — Eu gemo e inclino minha cabeça para trás para contemplar o teto. — Tudo negativo.

— Mas você *poderia* estar?

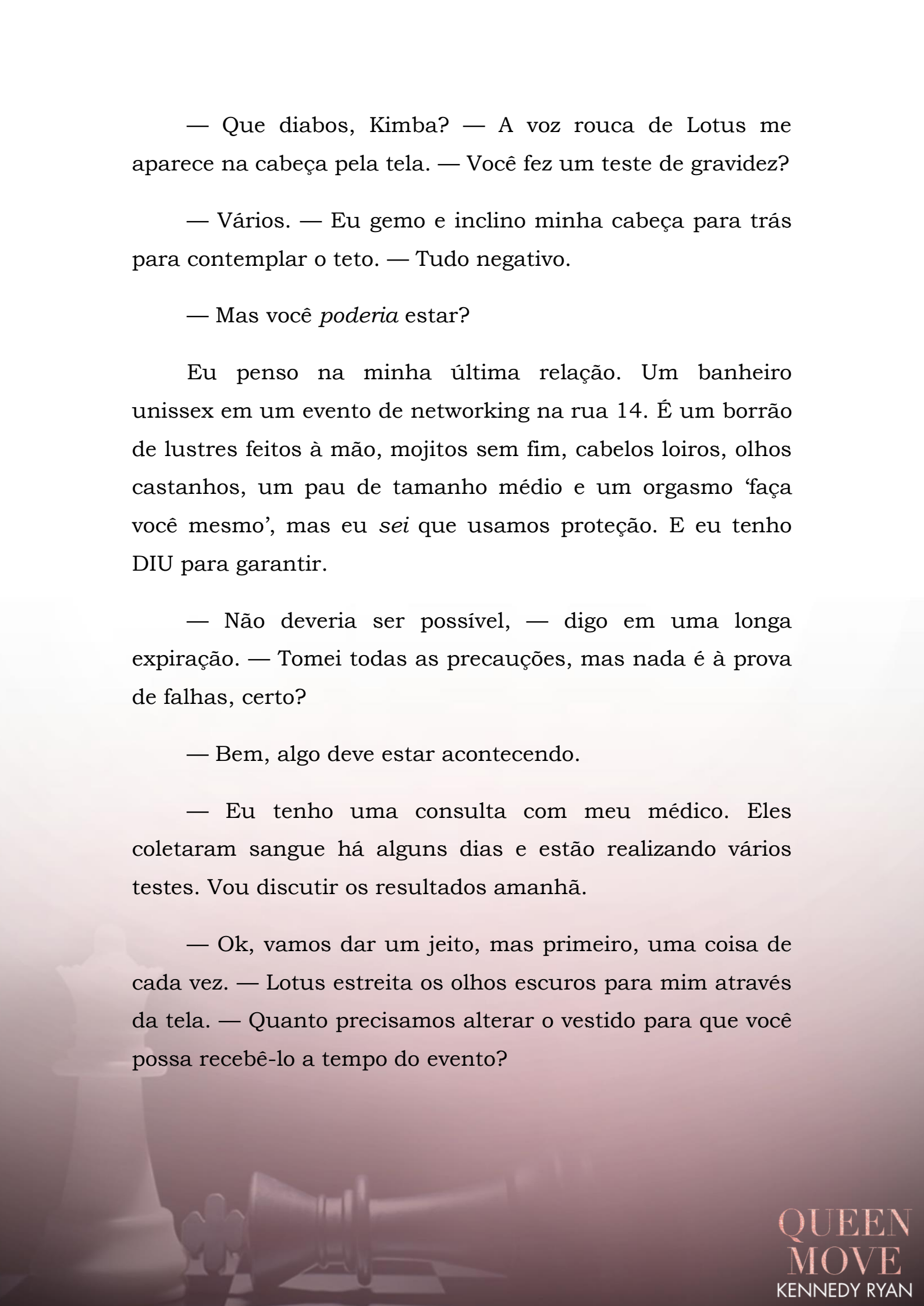
Eu penso na minha última relação. Um banheiro unissex em um evento de networking na rua 14. É um borrão de lustres feitos à mão, mojitos sem fim, cabelos loiros, olhos castanhos, um pau de tamanho médio e um orgasmo 'faça você mesmo', mas eu *sei* que usamos proteção. E eu tenho DIU para garantir.

— Não deveria ser possível, — digo em uma longa expiração. — Tomei todas as precauções, mas nada é à prova de falhas, certo?

— Bem, algo deve estar acontecendo.

— Eu tenho uma consulta com meu médico. Eles coletaram sangue há alguns dias e estão realizando vários testes. Vou discutir os resultados amanhã.

— Ok, vamos dar um jeito, mas primeiro, uma coisa de cada vez. — Lotus estreita os olhos escuros para mim através da tela. — Quanto precisamos alterar o vestido para que você possa recebê-lo a tempo do evento?



Eu relutantemente rolo o telefone para baixo, para a minha figura semivestida, mostrando-lhe a roupa mau-ajustada.

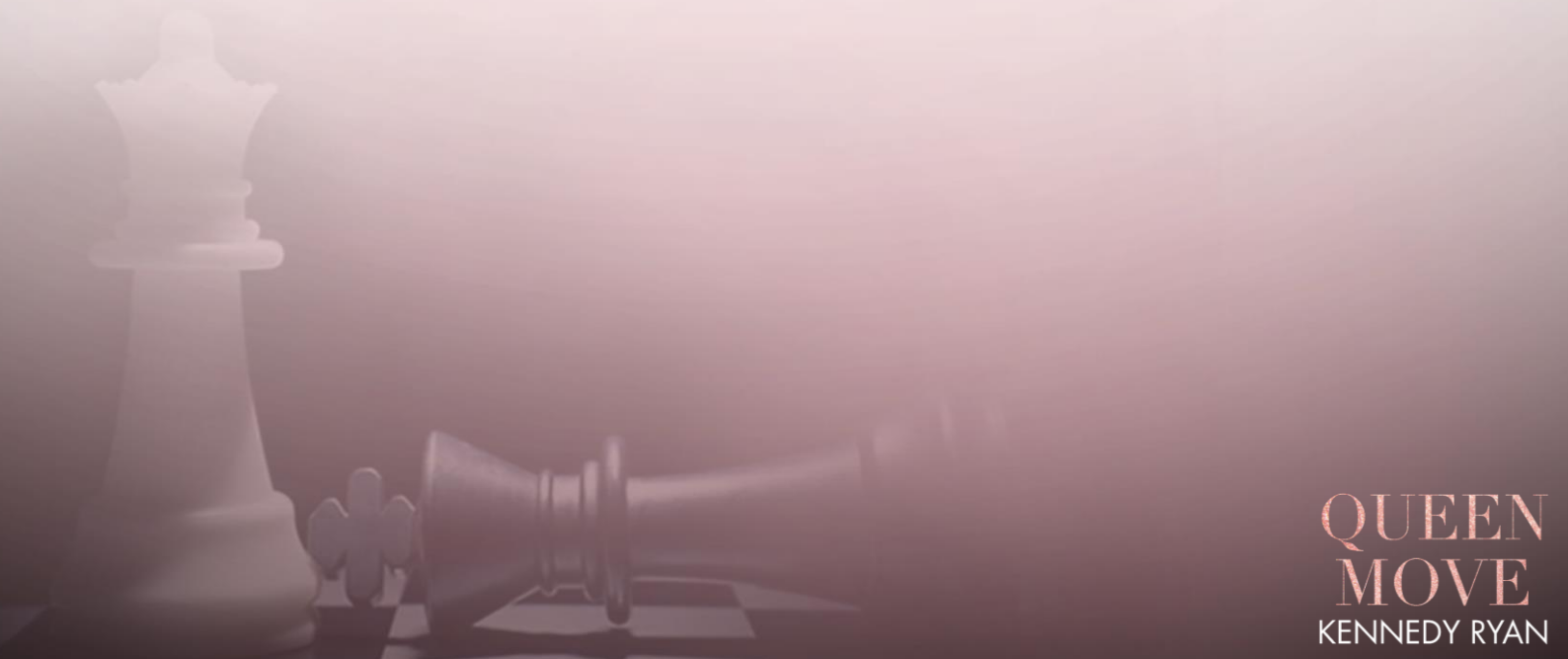
— Oh. — Lotus mostra um sorriso. — Posso trabalhar com isso.

— Lo, não minta pra mim.

— Não, é sério. Faça com que Karla faça novas medições. Envie para mim no dia seguinte. Eu mesma faço as alterações com um pouco de espaço de manobra e enviarei de volta imediatamente. Parece bom?

Engulo um nó na garganta, colocado ali parcialmente pela gentileza dela e parcialmente pelo problema que tentei empurrar para o fundo da minha mente por semanas. Isso abriu caminho para o centro hoje.

Eu colo um sorriso no meu rosto. — Obrigada Lo. Parece bom.



NOVE

Ezra

— Devemos tentar fazer amor?

Aiko pressiona seu corpo nu nas minhas costas. Ela não estava nua quando foi dormir ontem à noite, então acho que ela se despiu para fazer essa pequena cena. Sua pergunta parece clínica, premeditada em comparação com a forma como nos reunimos há quase uma década.

Eu estava recebendo meu Ed.D. na UCLA, e um colega de classe me arrastou para uma festa em Sawtell, onde eu morava fora do campus. Do lado de fora, Aiko estava trabalhando em algum tipo stand de fotos improvisadas em um mirante. Ficamos instantaneamente atraídos e fiz uma rara partida do meu protocolo de acoplamento geralmente cauteloso. Em poucas horas, estávamos em seu minúsculo quarto transando alto e estridente, tentando o nosso melhor entre risos e orgasmos para não acordar sua colega de quarto mal-humorada.

Devemos tentar fazer amor?

Aquela noite urgente e apaixonada parece um milênio atrás, ao lado de sua pergunta hesitante nesta manhã. Por

um momento, considero fingir um ronco, mas é esse tipo de comportamento que evita isso há meses.

Anos?

Embora Aiko e eu nunca tenhamos nos casado, estamos juntos há dez anos, toda a vida de Noah e quase um quarto da minha.

— Ezra? — Aiko cutuca seus seios nas minhas costas nuas. — Você me ouviu? Você está acordado?

— Estou acordado, — eu digo, minha voz sonolenta e relutante.

— E? — Ela desliza a mão para o meu pau. — Você quer? Deveríamos tentar?

Tentar?

Ela se ouve?

— Não deveria ser assim tão duro, Ko. — Eu mudo para que a mão dela deslize para o meu quadril.

Ela deliberadamente move a mão de volta para o meu pau e aperta. — Parece *duro* o suficiente para mim.

Ela aperta meu pau, eu fico duro. Isso é biologia, mas não substitui o relacionamento saudável que ambos merecemos. Estamos na casa dos trinta, e não somos estudantes universitários que procuram uma conexão rápida.

Eu cedi a impulsos físicos por anos, esperando que isso restaurasse o que já tivemos.

Intimidade. Paixão.

Mas não tem e não tenho mais certeza de como consertar o que está quebrado. Não entre nossos corpos, mas entre nossos corações.

Ela rola para longe, o lençol estalando quando o puxa de volta com um floreio furioso. Os pés dela batem no chão.

— Sinto muito, — diz ela, respirando fundo. — É tão frustrante. Não sei por que isso está acontecendo conosco.

Eu rolo para sentar no meu lado da cama e passo as mãos cansadas pelos cabelos. — Nós precisamos conversar, Ko. Talvez seja hora de...

Olho por cima do ombro e a vejo sentada na beira da cama, de costas para mim, as costas nuas curvadas, a cabeça escura inclinada.

— Deus, Ezra. Nós temos um filho. Estamos juntos há tanto tempo. Você é tão rápido em desistir de nós?

— Rápido? — Minha risada surge com desdém apesar das minhas melhores intenções. — Fomos ao aconselhamento de casais. Já fizemos encontros noturnos. Tentei sexo em público para consertar isso. Todas as malditas coisas que o Dr. Cairns recomendou, tentamos, e as coisas não estão melhorando. — Minhas palavras caem sobre nós, uma chuva

de pedras que doem quando caem sobre nós dois. — As coisas pioraram, Ko.

— Nós não tentamos de tudo, — diz Aiko, sua voz hesitante, silenciosa.

Levanto-me, estico e ando até a janela, puxando as cortinas para estudar o jardim de Noah nos fundos. O sistema de irrigação não está ligado. Eu poderia jurar que acertei o cronômetro na noite passada.

Aiko vem para a minha frente, colocando seu pequeno corpo entre o meu torso nu e a janela. Ela vestiu um de seus quimonos coloridos. Com seus longos cabelos lisos, olhos escuros e pele dourada, ela é linda. Ela também é uma fotógrafa brilhante e uma mãe notável para o meu filho. É fácil ver por que começamos, mas com nossa química murcha e seca e as discussões sobre nada aumentando é difícil nos ver avançando muito mais.

— Ezra, não tentamos tudo o que o Dr. Cairns sugeriu, — diz ela novamente.

— O que não tentamos? — Eu pergunto, olhando por cima se sua cabeça para inspecionar os tomates abaixo, fácil o suficiente, já que com os pés descalços ela só chega ao meio do meu peito.

— Um relacionamento aberto.

Meus olhos saltam de uma fileira de ervilhas para sua expressão determinada com sua boca larga e apertada,

mandíbula firme e olhos suplicantes. — Nós não experimentamos porque é uma má ideia. Você realmente acha que eu foder alguém é a resposta?

— Talvez *eu* fodendo alguém seja.

Ela provavelmente diz isso para me irritar, mas já superamos isso. Pelo menos eu fiz. — O fato de você querer dormir com outro cara não lhe diz algo?

— Talvez precisemos apenas de uma sacudida, e experimentar um pouco pode fazer isso. A sugestão do Dr. Cairns sobre um relacionamento aberto foi *salvar* o que temos, não acabar com ele. Você uma vez me pediu em casamento, Ezra.

— E você recusou. Você fez um favor para nós dois.

— Você só perguntou por que eu estava grávida.

Só namoramos cinco meses quando ela percebeu que estava grávida. Minha mãe perguntou horrorizada se Aiko estava planejando criar seu neto como *hindu?* Ouvir que a maioria dos vietnamitas é budista, não hindu, não fez mamãe se sentir melhor. Eu garanti a ela que minha namorada não praticava nada além de fotografia. A profissão de Aiko é sua religião, e ela é praticamente evangélica em seu zelo por isso. Ela é tão budista praticante quanto judia, apesar dos esforços de minha mãe.

— Você sabe que eu não acredito em casamento, — diz Aiko — mas estamos o mais perto que chegarei. Você não descarta isso depois de tantos anos.

Existem várias maneiras de acabar com essa discussão. Uma das principais razões pelas quais não tenho ainda, está dormindo no corredor.

Noah.

É tão simples com nós três vivendo sob o mesmo teto. Não *consigo* ver meu filho menos. Eu quero ler com ele *todas* as noites antes que ele vá para a cama. Romper com Aiko significa romper esse acordo, e as coisas podem ter esfriado entre nós sexualmente e emocionalmente, mas ainda somos uma família. Criamos um humano extraordinário até agora, bata na madeira, e formamos uma boa equipe. Eu não tinha motivos para atrapalhar isso, mas temo que o romance em desintegração esteja corroendo todo o resto.

Ela passa os braços em volta do meu pescoço e levanta para sussurrar no meu ouvido. — Mesmo se eu foder alguém, sempre vou querer foder você. Eu ainda quero você, Ezra, e você ainda me quer. Lembra-se do Taco terça-feira?

Todo o nosso bairro se reúne para tacos toda terça-feira, e uma noite, há algumas semanas, o barman do pátio tinha uma mão pesada. Na quarta-feira de manhã, tive uma ressaca, lembranças nebulosas e arrependimento de mostrar isso. Eu não sou um monge. Todas as manhãs no chuveiro, minha frustração sexual desce pelo ralo. Eu não posso

explicar isso, a não ser que vivemos como colegas de quarto há tanto tempo, praticamente platonicamente, que sexo com Aiko simplesmente não parece mais certo. Algo pode parecer bom, mas não parece *certo.* Naquela noite, podemos ter conseguido nos sentir bem por alguns momentos, mas não me lembro da última vez que nos sentimos bem juntos.

— Foram as margaritas. — Estendo a mão para gentilmente separar a mão dela do meu pescoço. Seus braços caem para seus lados e ela olha para mim, sua expressão sincera.

— Foi bonito. Dormimos juntos e ficou lindo de novo, — diz Aiko, embora eu não saiba se ela acredita nisso. Eu estava muito bêbado para lembrar se foi bonito ou não. — Eu só quero voltar para nós.

— E esta é a sua solução? — Balanço a cabeça. — Não estou interessado. Eu não quero um relacionamento aberto. Ou um que parece...

Uma prisão.

Não digo isso porque não quero machucá-la, mas nossa vida juntos, aquela cama quando estamos um ao lado do outro, parece uma cela. Eu ainda me importo com ela profundamente, admiro-a. Mas eu quero ser seu amigo novamente, não sua reclusão...

— Lembra-se do aconselhamento quando conversamos sobre o que vimos enquanto crescíamos? — Eu pergunto,

tomando uma atitude diferente. — O que vimos em nossos pais e como isso nos afeta?

— Sim, — diz ela, com os olhos resignados porque conhece minha história e provavelmente sabe o que vou dizer.

— Estamos lutando há um tempo, mas eu queria fazer isso funcionar por muitas razões. Queria que fôssemos uma família para Noah. Queria que funcionasse porque você é fantástica e quem não gostaria de passar a vida com você? — Sento-me na beira do peitoril da janela, olhando para o quintal, o jardim que Noah e eu plantamos, as memórias que fizemos aqui em família.

— Mas você sabe o que eu percebi? — eu pergunto, voltando meu olhar para Aiko. — Também tentei fazer o trabalho porque cresci vendo *meus* pais tentando fazê-lo funcionar. Vi esse enorme abismo entre eles crescer cada vez mais, e o amor que os uniu em primeiro lugar não foi suficiente para preenchê-lo. Eles nunca desistiram do casamento, mas em algum lugar ao longo do caminho, desistiram um do outro.

Pego a mão dela e olho nos familiares olhos escuros nadando com lágrimas brilhantes. — Prefiro desistir desse relacionamento do que desistir de você, Ko, e se continuarmos por esse caminho, receio que continuaremos passando por esses sentimentos, mas acabaremos ressentindo-nos um ao outro.

— Você se ressente de mim?

— Não, mas acho que há algo que você precisa que eu não estou dando a você e algo que eu preciso que não estou recebendo.

— É aquele pedaço de papel? — Sua voz é desdenhosa, seu tom é quase irrisório. — Você é tão tradicionalista. Se tivéssemos casado, você estaria 'conseguindo o que precisava'?

Ela está certa. De muitas maneiras, sou tradicional. Sempre achei que me casaria, mesmo quando jovem. No meio dessa conversa espinhosa, brota uma memória, um botão frágil que se abre, lembrando-me das minhas primeiras ideias de casamento e família e o que significava escolher uma pessoa pelo resto da vida.

Quando eu tinha seis anos, casei-me em um dia de primavera no meu quintal. A noiva usava uma camiseta de Paula Abdul que dizia *Straight Up* na frente. Havia um pequeno buraco no dedo do pé de seu Keds, e sua meia rosa aparecia nele. Seu cabelo estava artisticamente arrumado em duas baforadas afro. O noivo usava uma capa do Super-Homem e calção de banho. Quem sabe por que Ezra, de seis anos, era obcecado por calção de banho, mas aí está. Mamãe me levou para o casamento de tia Rose em Nova York, e eu sabia que, assim que voltei para Atlanta, minha melhor amiga e eu deveríamos nos casar.

Pela primeira vez, Kimba me deixou fazer do meu jeito.



Os galhos baixos da árvore de carvalho nos fundos formavam nossa chuppah. Não conseguia me lembrar de nenhum dos Sheva Brachot[9], então inventei minhas próprias sete bênçãos. Eu tenho certeza que eles eram coisas como tudo-o-que-você-pode-comer-é pizza e ter altas pontuações no Super Mario Brothers. Peguei duas abas de latas de Coca-Cola na geladeira para nossos anéis. Ainda sinto o metal frio envolvendo meu dedo. Eu não conseguia me lembrar por que eles quebraram o copo no casamento de tia Rose, mas jogamos um dos frascos de conserva de mamãe em uma pedra, pulando para trás e rindo quando ele quebrou por toda parte.

E foi isso. Nós estávamos casados. Kimba disse que não devíamos contar aos adultos porque eles não entenderiam, e devíamos esperar até ficarmos mais velhos. Ela sempre parecia saber melhor, então eu concordei.

— Ezra, — Aiko cutuca. — O casamento faria diferença?

Eu limpo minha garganta, redirecionando minha atenção para olhá-la diretamente nos olhos. — Não, acho que não devemos nos casar, mas você continua trazendo esse relacionamento aberto. Diga-me a verdade. Existe alguém com quem você quer dormir?

Para seu crédito, ela não vacila, mas eu a conheço. Esse olho esquerdo se contrai, o que a denuncia quando ela tenta

9 As "bençãos do casamento" na lei judaica são bênçãos recitadas para uma noiva e seu noivo como parte da celebração.

mentir ou esconder algo de mim. É como sempre a venci no pôquer.

— Há um cara que eu poderia, — ela aperta o cinto do quimono em sua cintura pequena. — Poderia estar interessada. Você sabe aquele safári fotográfico em que eu vou semana que vem?

— Sim.

— Ele também vai, — diz ela rapidamente, lambendo os lábios.

Agora faz sentido. Ela quer que eu concorde com esse ridículo relacionamento aberto, para que ela e seu companheiro de foda possam ter isso por um mês no Serengeti.

— Não sou só eu, — diz ela apressadamente. — Um relacionamento aberto significaria expandir os parâmetros de fidelidade para nós dois. Eu sei que você foi fiel. Então eu sempre fui, mas não há alguém que você... você sabe, tenha se sentido atraído?

Engulo em seco, sem captar a memória que suprimo regularmente antes que ela se levante para me torturar. Kimba Allen, toda crescida e de luto no funeral de seu pai, há dois anos. Tão exuberante se inclinando para mim. Eu não estava preparado para o abraço, não esperava *senti*-la. O elegante vestido preto acariciava suas curvas firmes e completas, e eu enrolei minha mão reflexivamente em sua

cintura. Eu não queria deixar ir. Quando crianças, éramos íntimos, mas o que senti quando vi Kimba pela primeira vez desde o verão da nona série? Foi mais. Instantaneamente mais, e o tipo de atração que um homem sente por uma mulher. Nesses poucos momentos, parecia real e profundo de uma maneira que eu não conseguia lembrar da última vez que tive. Até então, Aiko e eu já estávamos em aconselhamento e as coisas não estavam ótimas. Minha forte resposta à Kimba alertou que não seria prudente manter contato, mas eu ainda tinha começado a pergunta.

— Nós deveríamos...

Trocar números? Manter contato? Segurar firme?

Eu não perguntei, mas ela olhou para mim, *leu-me*, eu acho. E respondeu à pergunta com adeus.

Ela viu meu filho. Ela viu Aiko. Ela pode até ter sentido a conexão instantânea que nasceu completamente dentro de mim assim que eu a vi depois de vinte anos, e ela sabia que era perigoso. Eu também, mas uma parte imprudente de mim queria dizer *foda-se. Mande-me uma mensagem. Fale comigo. Fique no telefone comigo por horas e eu ouvirei você respirar.*

Apenas volte para a minha vida, Tru. Eu quero continuar sentindo isso.

Mas eu não disse nada disso, e ela se despediu e eu fui para casa com minha família. E isso era certo.

Mas o traje que vesti naquele funeral carregou seu perfume por semanas. Farejei furtivamente as lapelas, com fome de inalar o que restava dela nas fibras.

— Não há ninguém em particular, — eu minto. — Mas, novamente, eu não estou no seu caminho.

— Então você está bem comigo e com Chaz. — Ela olha para o cinto de seda que esfrega entre os dedos. — Esse é o nome dele, Chaz. Você está bem se nós...

— Um relacionamento aberto não é a resposta. — Eu levanto seu queixo, persuadindo-a a encontrar meus olhos. — Eu quero estar com alguém que só quer estar comigo, e me mataria se ela estivesse com outra pessoa. Você e eu queremos coisas diferentes.

— Não há uma parte de você que ainda me quer? — Ela pergunta, sua voz rouca, desesperada.

Olho para sua esbelta beleza. Ela é linda e alguns homens matariam pelo que tenho, mas não sinto mais isso por Aiko. Não sei quando parou exatamente, mas sei que, durante semanas, quando abriria o armário e pegaria o menor traço persistente do perfume de Kimba, ficaria totalmente ereto. Agora tenho uma semiereção só de pensar nela. A culpa rói meu interior, e eu dou um passo para trás de Aiko. Eu gostaria que tantas coisas fossem diferentes, mas se alguma coisa tivesse mudado, eu poderia não ter Noah, e ele é a melhor coisa que já aconteceu comigo.

— Eu quero que você seja feliz, Ko. — Eu me inclino para beijar sua testa e aperto seu ombro. — Eu não sou feito para um relacionamento aberto, mas estou liberando você deste.

— Ezra. — Ela fecha os olhos e uma lágrima escorre por sua bochecha. — Oh Deus. Isso realmente está acontecendo?

Então é assim que o fim é. Como descer uma colina por anos, imaginando se algum dia você chegará a um barranco e depois parará subitamente. Falhando. Abrupto. Doloroso.

Eu manuseio a umidade do rosto dela. — Há muito o que resolver. Noah é minha primeira preocupação. Nunca nos casamos, mas com ele isso vai parecer um divórcio.

— O aniversário dele está chegando. — Ela morde o lábio, piscando os cílios úmidos. — Eu já me sinto péssima por estar ausente nesta viagem por isso. Poderíamos deixá-lo aproveitar sua festa? Não quero essa nuvem pairando sobre ela. Ele está tão animado com a chegada de seus amigos e...

— Concordo. Vamos deixar que ele faça sua festa. — Eu beijo sua testa, a puxo para um abraço, engolindo contra a dolorosa queimação da minha garganta. — Vamos contar a ele quando você voltar.

DEZ

Kimba

— Mamãe, eu estarei lá.

Eu ajusto meu fone de ouvido e dou uma corridinha com meus saltos nos últimos passos para o prédio da minha médica, já que um cara está segurando a porta aberta para mim.

— Obrigada, — eu digo, dando-lhe um sorriso rápido. Ele está olhando para minha bunda. — Olhos aqui em cima, amigo.

Suas bochechas ficam vermelhas.

Awww. Um devasso corado. Que fofo.

Ele puxa o colarinho como se estivesse apertado. — Desculpe. Eu...

— Cara, só estou brincando com você. Está tudo bem.

Ele ri, um alívio evidente em seu rosto antes de entrar em uma das portas abertas do escritório.

— Brincando comigo sobre o quê? — Minha mãe pergunta. — Você chegará em casa a tempo para a cerimônia ou não, Kimba?

— Eu disse sim. — Meu treinamento em casa me cutuca. — Sim, senhora.

— Bom. Haverá muitos líderes comunitários lá, e você sabe que nomeamos esse novo prêmio para...

— Para o papai, sim, mamãe. Você me disse. É incrível.

O legado da minha família, especialmente em Atlanta, é longo e impressionante. Tenho orgulho do meu avô e do meu pai, de todas as suas realizações e de todo o bem que fizeram. Ver como eles viveram suas vidas me inspirou a fazer o que faço, a viver minha vida do jeito que faço.

A jovem Kimba nem sempre teve essa perspectiva. Passar por ruas com o nome de seu pai é ótimo. Frequentar uma escola primária com o nome de seu avô é ótimo... até que todo mundo comece a esperar coisas de você. *Todas as coisas.* E o escrutínio pode se tornar muito intenso.

Meu avô era um homem da Morehouse[10]. Meu pai era um homem da Morehouse. Minha avó, mãe, tias, irmã – todas Spelmanities[11]. Quando chegou a hora de escolher uma faculdade, nunca ocorreu a ninguém que eu iria me desviar

---

10 Morehouse College é uma faculdade particular masculina historicamente negra em Atlanta, Geórgia.
11 Spelman College é uma faculdade particular de artes liberais para mulheres em Atlanta, Geórgia, Estados Unidos

do caminho prescrito. Meu anúncio de que eu havia ganho uma bolsa integral para o estado do Arizona foi recebido com choque e desaprovação. Eu me ressentia das expectativas sufocantes de todos que conheciam minha família. Atlanta parecia uma armadilha em toda a cidade. Essa bolsa me libertou.

— E Kayla precisa que você lide com algumas coisas para a cerimônia, — diz mamãe.

— Que coisas? — Estou do lado de fora do consultório médico, mas permaneço no corredor para terminar minha ligação. — O que ela precisa que eu faça?

— Ela... oh, Senhor do céu... você diz a ela, Zee, — mamãe diz, impaciente.

— Tru? — A voz profunda de Kayla assume o controle. Mesmo depois de todos esses anos, minhas costas se endireitam um pouco quando minha irmã mais velha entra na sala. Ela administra tudo, desde os filhos até a fundação de nossa família, como um general de cinco estrelas.

— O que você precisa que eu faça na recepção, Kayla?

— Bem, olá para você também, irmã, — ela responde friamente.

Bato o pé e cerro os dentes. Eu não tenho tempo para isso. Vou me encontrar com o senador Billingsley, de Michigan, após esta nomeação. Minha programação é basicamente uma torre Jenga que Karla constrói

cuidadosamente. Eu fico para trás em qualquer parte e o dia inteiro entra em colapso.

— Desculpe, — eu digo, esfregando vigorosamente minha voz de irritação. — Olá, Kayla. Como você está?

— Hmmmm. Não faça essa merda educada comigo.

— Zee, vamos lá. Eu vou direto ao ponto, e você fala que sou rude. Eu pergunto como você está e você me acusa de ser *educada?*

— Eu não disse que você era rude. Você é impessoal. Há uma diferença.

— Você pode, por favor, explicar a diferença mais tarde e chegar ao ponto maldito agora, para que eu possa continuar com o meu dia? Eu tenho uma consulta médica *agora.*

— Médico? — A preocupação obscurece sua voz. — Você está bem?

— Médico? — Minha mãe ecoa de algum lugar da sala. — Ela está grávida? Por favor, Jesus, não deixe essa criança engravidar.

— Mãe, ela não está grávida. — Kayla abaixa a voz. — Você está?

— Não faça um aborto! — Mamãe grita muito mais perto. — Nós poderíamos dar a esse bebê um bom lar uma vez que superarmos a vergonha de você tê-lo fora do casamento.

Eu engulo um grito feroz. Preciso de algo para estrangular, se é esperado que eu aguente isso.

— Eu não estou grávida. — *Pelo que sei.* — Apenas algumas coisas de rotina. Agora, o que você precisa que eu faça?

— Tem certeza? — Kayla pergunta.

Não respondo, deixando meu silêncio falar, porque posso rosnar se usar palavras.

— Ok, ok, — diz Kayla. — Então, haverá cerca de vinte líderes comunitários reconhecidos na cerimônia.

— Quem são eles?

— Líderes comunitários. Eu apenas disse...

— Não, quero dizer, sabemos quem são essas pessoas que estão sendo homenageadas em nome do papai?

— Eu tenho estado muito ocupada. Você sabe. Protegendo o legado de nossa família e tudo mais.

— A culpa que eu poderia viver sem, Zee. Todos sabemos que você é a guardiã da chama de toda a nossa linhagem. Apenas diga que não sabemos. Está bem. Eu só estava pensando.

— Somente recentemente os notificamos que foram selecionados. Nossa diretora associada está em contato com

eles para garantir que todos possam comparecer. Ela viu a lista e examinou-as, se é com isso que você está preocupada.

— Não estou preocupada, apenas me perguntei... não importa. O que você precisa que eu faça?

— Apresente os prêmios. Esse foi um dos projetos finais em que o papai estava trabalhando antes dele falecer. Ele escolheu alguns desses líderes. Quando ele morreu, isso caiu no esquecimento por um tempo, mas temos um comitê que escolheu os líderes que papai não conseguiu.

Ela faz uma pausa e limpa a garganta. — Ele, na verdade, deixou instruções especiais pedindo para você apresentar o grupo inaugural.

— O quê? — Eu me inclino contra a parede, fraca e gasta com a falta do meu pai por um momento. — Ele... ele disse isso? Ele queria isso?

— Sim, — Kayla diz suavemente. — Foi o que ele disse ao comitê.

Passo um polegar sob meus olhos para pegar uma lágrima surpresa. O sofrimento não dá aviso às vezes. — Obrigada por me dizer, Zee. Eu farei isso, é claro.

— Bom. Agora você tem certeza que está bem? Você parece... desligada.

Kayla é uma mãe. Quer dizer, a mulher *fez* cinco filhos, o último ainda em fraldas. Sua fertilidade é realmente

bastante desconcertante. Ninguém tem tantos filhos em nossa família desde a Reconstrução[12]. Mas veio Kayla, trazendo *frutos e multiplicando* de volta.

— Eu estou bem, Zee. — A lâmina corta o meu tom. Eu acho que realmente gostamos de brigar porque é difícil encontrar alguém que possa se defender conosco, mas no final das contas, nós nos amamos.

— Você está no período entre as campanhas, certo? — Ela pergunta. — Por que você não pensa em ficar em Atlanta por algumas semanas? Nós sentimos falta de você. Mamãe sente sua falta.

— Eu sinto! — Mamãe grita. — Precisa trazer essa bunda para casa por um tempo.

Eu ouço o carinho por trás da repreensão. E que ela sente minha falta. Escondido sob todo o caos da minha vida e horários exigentes, também sinto falta deles.

— Bem, sempre há algo surgindo, — eu digo. — Estamos nos preparando para algumas campanhas, mas vou ver se posso ficar um pouco. Contratei uma equipe nova para ajudar agora que Lennix se foi.

— Vai Lennix, — diz Kayla, e eu quase posso vê-la radiante. — Essa é minha garota. Você sabe que estamos orgulhosos de você fazer grandes coisas em Washington e tal.

---

12 A reconstrução dos Estados Unidos foi um período da história dos Estados Unidos que se iniciou pós o término da Guerra de Secessão, em 1865, e se estendeu até o ano de 1877.

Tem certeza de recusar a posição no gabinete do presidente Cade?

— Lennix me perguntou isso hoje de manhã. Tenho certeza.

— Vi que ela estava grávida. Um bebê na Casa Branca. Não é isso?

— É, — eu concordo com um sorriso. — OK. Vou me atrasar para a minha consulta se não desligar.

— Vejo você na próxima semana.

— Ok. Tchau. — Desconecto e corro pela porta do escritório e entro. Folheio uma revista até que eles chamem meu nome e me levem ao consultório da minha médica.

— Eu preciso me despir ou algo assim? — Eu pergunto à enfermeira.

— Não. Desculpe se a mensagem não estava clara. Ela só quer discutir resultados.

— Eu não estou morrendo, certo? — Eu brinco.

— Eu não sei, — a enfermeira responde com uma cara séria e sai.

— OK. Ela poderia fazer algum treinamento interpessoal, — murmuro, sentando-me no assento em frente à mesa da médica.

Dra. Granden aparece alguns momentos depois, com os cabelos grisalhos presos em um coque perfurado com um lápis. Ela sempre dá uma impressão muito perturbada, quase distraída, até que é hora de ela realmente falar com você sobre sua saúde. Então você sente que ela está no controle absoluto e você tem toda a sua atenção especializada.

— Kimba, oi. — Ela se senta e abre um arquivo em sua mesa, um pequeno cenho franzindo as sobrancelhas quando olha para mim. Ela fecha o arquivo. — Temos seu exame de sangue de volta.

Por favor, não me deixe estar grávida.

Por favor, não me deixe estar grávida.

Por favor, não me deixe estar grávida.

— Eu não estou grávida, estou? — Eu pergunto, meio séria, meio nervosa. — Porque eu não posso permitir isso agora.

Um olhar estranho cruza o rosto da Dra. Granden, quase como uma surpresa. Ela ajusta os óculos e se inclina para frente, cotovelos na mesa e dedos cruzados nos lábios.

— Não, você não está grávida, Kimba. Acredito que você esteja na pré-menopausa.

Leva um momento para que as palavras dela afundem nas camadas das minhas expectativas. Nunca em um milhão de anos eu acho que ela diria isso. Uma risada assustada sai.

— Não. O quê? — Inclino minha cabeça, um sorriso confuso curvando meus lábios. — Eu pensei que você tinha dito menopausa, mas você não poderia ter...

— Pré-menopausa.

— Eu tenho apenas trinta e sete anos.

— Entrar cedo não é tão raro quanto você imagina. — Seus ombros revestidos de branco levantam e caem.

— Algumas mulheres começam na sua idade e permanecem nesse estado de pré-menopausa por anos. Para algumas, é muito mais rápido. Tenho pacientes que começaram no final dos vinte anos.

— O que isto significa? O que você está me dizendo?

— Quantos períodos você perdeu?

— Um... quatro. Eu... minha menstruação fez isso em tempos de estresse antes. Elas pulam. Acabei de terminar uma eleição. Eu atribuí isso a isso.

— Quaisquer ondas de calor?

— N-não que eu notei, não.

Mas eu *não* percebi? Senti 'calor' várias vezes, mas às vezes você sente calor. Eu nunca teria assumido que me sentia mais quente do que todo mundo na sala ou me abanava em um dia que não era especialmente quente significava *ondas de calor.*

— Ganho de peso? — Granden investiga.

Eu solto uma respiração instável. — Sim. Eu pareço estar ganhando alguns quilos. Mais uma vez, assumi que foi o estresse.

— E insônia? Mudanças de humor? Secura vaginal? Diminuição do apetite sexual?

— Bem, eu sou um vampiro, então nunca durmo, mas eu acho? Talvez? Quanto a mudanças de humor, como eu disse, estou saindo de uma campanha e, por um ano e meio, basicamente flutuo entre Linda Blair e ser uma menina de doze anos de idade no canto.

Eu dou de ombros. — Nós teríamos que perguntar à minha assistente se eu fui mais uma cadela do que o habitual.

Os lábios da Dra. Granden se curvam um pouco, mas seus olhos continuam sérios. — E o apetite sexual?

— Eu acho que meu apetite tem sido consistente. Posso dormir com meu vibrador debaixo do travesseiro, — eu bufo.

— Satisfação é outra questão. Entre você e eu, doutora, esses caras aqui fora, não estão fazendo certo.

Nós rimos, e eu percebo que precisava disso. Apenas algo para levantar esse peso pesando no meu peito. Durante toda a minha vida adulta, orgulhei-me do foco, da motivação e da disciplina necessárias para alcançar meus objetivos. O

futuro foi um plano que eu executei. Agora, o futuro, *meu futuro*, pelo menos em um aspecto, ficou fora de foco.

Fora do meu controle.

— Espere, — eu digo, reunindo as implicações do que ela está dizendo quando o choque começa a desaparecer. — Se eu não menstruar, isso significa que não posso ter filhos? É isso que você está dizendo?

— Não necessariamente, mas o nível de FSH é significativamente mais alto no sangue do que o normal.

— FSH?

— Hormônio folículo-estimulante. Seu cérebro produz mais, pois seus ovários produzem menos óvulos.

— Folículo, hein? — Eu rio sem humor. — Meus ovários têm cabelo?

Ela sorri, a linha tensa da boca aliviando um pouco. — Não exatamente. Um aumento no FSH por si só não seria suficiente, mas, junto com os períodos perdidos e outros sintomas relatados, e com os testes que fizemos para eliminar o que *não é,* a imagem começa a ficar mais clara.

Ovários. Óvulos. Hormônios. Bebês.

Essas não são as coisas que dominaram meu ciclo interno de notícias quando acordei esta manhã. Além de ver Lennix e discutir a posição pró-vida de um candidato em uma ligação antes desta reunião, não pensei muito nas crianças

hoje. A vida, porém, em sua infinita sabedoria, empurrou tudo isso para frente e para o centro.

— Veja bem, — diz Granden, — sou clínica geral. Só estou lhe dizendo o que todos os sinais indicam. Seus resultados dos testes são consistentes com uma mulher na menopausa precoce, mas eu gostaria que você também consultasse um especialista.

— Um es-es-especialista? — Eu pergunto, suprimindo um gemido de frustração que minha maldita gagueira me atinge tão inesperadamente quanto minha tristeza às vezes. — Isso está indo rápido. O que tudo isso significa?

— Se uma mulher está na menopausa precoce, e quer ter filhos naturalmente, — diz Granden, com a voz suavizada em compaixão, — é melhor ela se mover rapidamente. Você pode ter um ano, talvez um pouco mais, se formos agressivos ao reiniciar seu período. É difícil dizer. Há coisas que você pode fazer. Terapia de reposição hormonal, que apresenta alguns riscos, mas você pode conversar com o especialista. Vários de meus pacientes também tiveram sucesso com remédios homeopáticos. Depois que o seu período voltar a funcionar, podemos determinar quando você é mais fértil e pode...

— Mas eu não quero um bebê, — eu deixo escapar. — Quero dizer, um dia, mas não *agora.* Eu não estou namorando ninguém. Não estou envolvida ou interessada. Eu tenho uma campanha governamental para gerenciar. — *Se o*

candidato me escolher. — Eu... você está dizendo que tenho que ter um bebê *agora?*

— Estou dizendo que se você não engravidar relativamente logo, é provável que nunca o faça. — Sou um tapete que a doutora Granden está pisando, cada palavra saindo de sua boca um *golpe,* enviando ar e poeira voando de mim.

— Eu não sei o que dizer, — eu consigo falar, embora minha língua esteja inchada na minha boca. — Eu não tenho certeza do que fazer. Eu...

— Se você deseja manter até mesmo a possibilidade de filhos, de *um* filho, devemos pelo menos conversar sobre como tentar colocar seu ciclo novamente na linha. Esse é o primeiro passo.

— Uh, sim. Meu ciclo. É claro, — digo automaticamente, confiando que as palavras que saem da minha boca são as certas. — Você tem água? Eu preciso de um pouco de água. — Dra. Granden assente atrás de mim.

— Há um bebedouro lá. Eu posso pegar se...

— Não. — Eu levanto e viro em direção ao bebedouro. — Eu vou.

Ando com as pernas trêmulas até a pequena mesa nos fundos do escritório dela. O padrão colorido do tapete nada através de um esmalte de lágrimas repentinas, e o chão se inclina embaixo de mim. O mundo inteiro deslizou para um

lado, e eu estou segurando um raio invisível, tentando não cair. Minhas mãos tremem ao redor do pequeno copo de plástico enquanto o encho com água fria. Poucos minutos atrás, eu estava implorando para não estar grávida, e agora talvez nunca esteja? Minha mãe estava apenas me assegurando que ainda amaria seu neto fora do casamento, e agora talvez eu nunca tenha um para lhe dar... afinal?

Engulo a água junto com essas verdades duras, enchendo imediatamente o copo novamente e drenando-o antes de voltar para o meu lugar.

— Então você disse que reiniciar meu período é a primeira coisa. Podemos fazer isso com certeza?

A resposta está escrita em seu rosto como uma de suas prescrições, impossível de ler. Ela confirma o que eu temo, no entanto, balançando a cabeça. — Não há garantias. Vou deixar que o especialista discuta os resultados prováveis, mas acho que suas chances são boas. Eu preferiria não especular, no entanto.

Meu telefone toca na minha bolsa. Fico tentada a ignorá-lo, mas não tenho esse tipo de vida. Um ding pode ser um pequeno incêndio, e se eu demorar para responder, em pouco tempo poderá ser uma conflagração, um *trending* no Twitter e um vídeo em todos os principais meios de comunicação.

— Com licença um segundo, Dra. Granden. — Pego o telefone da minha bolsa para ler a mensagem de texto.

Karla: *Ei. Só para lembrá-la de sair do consultório médico em breve ou você perderá suas duas horas com o senador Billingsley.*

Eu: *Cancele Billingsley.*

Dra. Granden coloca um modelo de plástico sobre a mesa entre nós. Observo vagamente a vagina, útero e trompas de Falópio.

Eu: *Cancele tudo.*



ONZE

Ezra

— Filho, devagar. Sua comida não está fugindo de você. Pare de persegui-la.

Noah ergue os olhos, a expressão em seu pequeno rosto envergonhada, mas ainda ansioso, como se eu tivesse cravado sua aveia com feijão mexicano. Deliberadamente, demora a levantar a colher da tigela, abre a boca exageradamente e estica os olhos muito arregalados, deslizando a colher entre os dentes em câmera lenta.

Espertinho.

— E não raspe a colher sobre os dentes, — acrescento, sorrindo e despenteando o cabelo escuro e ondulado que derrama em seus olhos. Ele nos pediu para deixá-lo crescer depois de visitar seu primo Tao em Los Angeles, cujos cabelos pendiam dos ombros em uma cortina reta. O cabelo de Noah não será tão liso ou macio, graças aos meus genes. Ele crescerá como eu, com o cabelo mais fino que o do meu pai e não tão liso quanto o da minha mãe.

— É o primeiro dia de férias de verão, — ele me lembra desnecessariamente e talvez pela décima vez desde que acordou.

— Eu sei. — Tomo alguns goles do smoothie de morango que preparei para o café da manhã, deslizando um copo pequeno para ele. — Beba para que possamos levar sua mãe ao aeroporto.

— Que nojo. — Ele torce o rosto e enruga o nariz.

— Não tem um gosto ruim e é bom para você. — Olho para o meu relógio Apple para ver se estamos dentro do cronograma. O nome *Joseph S. Allen* na linha de assunto de um e-mail captura minha atenção.

Clico na mensagem aberta e me inclino contra o balcão para ler do meu pulso. *Lembrete! O Prêmio de Serviço Comunitário Joseph S. Allen por sua excelente liderança na educação está chegando em breve. Detalhes abaixo.*

Fiquei surpreso quando recebi o e-mail. A senhora Allen sabe? Nossos pais foram inflexíveis quanto a distanciar as duas famílias. Ver o Sr. Allen alguns anos atrás, quando me mudei de volta para Atlanta, foi por acaso, e eu não tinha certeza se ele me reconheceria, muito menos atravessar a rua para apertar minha mão. Ele me convidou para um café e passou uma hora ouvindo meus planos de começar uma escola particular, a Young Leaders Academy de Atlanta, atendendo estudantes de baixa renda e em risco no ensino médio. Ele era um homem importante. Tenho certeza que ele

tinha coisas melhores para fazer do que passar um tempo comigo, o filho de uma família com quem ele se desentendera.

Ele perguntou sobre minha família, e eu encontrei maneiras criativas de perguntar sobre Kimba sem ser muito óbvio ou patético. Quando ele morreu, arrisquei a censura da Sra. Allen indo ao funeral, mas tive que prestar meus respeitos.

E eu esperava ver Kimba.

— Estou pronta, — diz Aiko, correndo para a cozinha e pegando uma banana da tigela no balcão.

As coisas estão estranhas entre nós. Não hostis, apenas incertas neste limbo, onde sabemos que nosso relacionamento acabou, mas Noah ainda não. Eu tenho dormido no quarto de hóspedes. Depois que decidimos terminar, parecia errado dormir na mesma cama. Na verdade, parecia certo *não dormir,* confirmando mais uma vez que estamos fazendo a coisa certa. Noah vai dormir antes de nós e eu levanto antes dele, então ele não percebeu a mudança.

— Mona prometeu garantir que vocês, rapazes, não comessem lixo o tempo todo que eu estiver fora, — diz Aiko, beijando a testa de Noah.

Mona e eu nos reconectamos por acaso na feira de emprego de um professor. Eu estava recrutando para o primeiro ano da YLA. Depois que passamos pelo choque de

nos ver novamente, percebi que ela era exatamente o tipo de educadora que eu queria contratar.

Avanço rápido de três anos, e seu quintal fica ao lado do nosso, separado apenas por uma cerca. Ela não é apenas a diretora da escola, mas tornou-se parte da nossa família.

— Tia Mona pode cozinhar legumes da nossa horta, — diz Noah, aveia passando por seus lábios.

— Filho, — eu repreendo. — Isso é nojento. Não fale com comida na boca.

Ele revira os olhos. Eu levanto uma sobrancelha. Envergonhado, ele murmura um pedido de desculpas. Temos um sistema nesta casa, Noah e eu, e nunca há dúvida de quem é o chefe.

— Vitaminas. — Aponto para o pequeno prato de gel e goma que coloquei. Ele olha a pilha de comprimidos, a boca torcida.

— Lembra do Pop? — Aiko pergunta. — Quão grande ele era? E vê o tamanho do papai? Tome suas vitaminas e você será grande como eles. Seu pai também era pequeno.

— Você era? — Ele pergunta.

— Eu era uma das menores crianças da minha classe. — Eu levanto minha mão direita. — Juro. Então, por volta da décima série, tudo mudou.

— E você cresceu como Pop?

— Não exatamente, — eu digo secamente. — Pop tinha 1,98 m. Dois centímetros mais alto que eu, mas eu ganhei muito em alguns anos.

— E isso foi por tomar vitaminas? — Ele pergunta esperançosamente.

Honestamente, não. Isso foi apenas genética. — Absolutamente foram as vitaminas.

Em dez minutos, estamos fora da porta e seguimos para o aeroporto. Quando chegamos, descarrego o pequeno batalhão de bagagem coordenada por cores de Aiko.

— Eu sentirei tanto a sua falta, — diz Aiko, segurando o rosto de Noah entre as mãos. — Você vai ser bom para o papai, certo?

— Sim. — Ele morde o lábio, e eu reconheço seu rosto de 'Eu deveria ser um garoto grande e os meninos grandes não choram'. — Um mês é muito tempo, no entanto.

— Vai passar voando, — diz ela, sua voz falsamente brilhante. Eles nunca se separaram tanto tempo antes. Nenhum de nós. — E nós vamos fazer Face Time, ok?

— Aiko! — Um homem alto e de cabelos castanhos chama do meio-fio. — Bem na hora.

Cercado por sua própria coleção de malas, ele olha para minha ex-namorada como se ela fosse sua sobremesa favorita.

— Hum, sim. — Ela olha para mim, piscando rápido e lambendo os lábios. — Chaz, este é, hum... ele é...

— Ezra, — eu digo, avançando com a mão estendida. — Prazer em conhecê-lo, Chaz.

— Uh, oi. — Ele aperta minha mão e seus olhos castanhos passam entre Aiko, Noah e eu.

Noah está absorvendo tudo com seus olhos afiados e mente rápida. Eu não dou a mínima se Aiko transar com Chaz. Nós terminamos, mas Noah ainda não entende isso. Na sua mente, somos seus pais. Nós vivemos juntos. Ele não nos vê de maneira diferente das mamães e papais de seus colegas de classe que são casados, e como lidarmos com essa transição para a próxima fase da vida pode afetá-lo nos próximos anos. Devemos ser cuidadosos, comedidos e colocar suas necessidades no centro, não as nossas.

Olho para Chaz e Aiko, com uma expressão dura na boca, um aviso nos olhos.

— Noah, Chaz trabalha com a mamãe, — digo intencionalmente. — Ele também está fazendo o safári. Isso não é legal?

— Uau, — diz Noah. — Você vai tirar muitas fotos, certo?

— Claro, — diz Chaz, seu sorriso incerto. — Tantas fotos que precisamos começar imediatamente, amigo.

Noah odeia ser chamado de — amigo. — Ele acha que é infantil. Palavras dele, não minhas. Ele olha para mim e faz uma careta, e eu balanço levemente minha cabeça, silenciosamente lembrando-o de ser respeitoso. Pego um carrinho para todas as malas de Aiko, carregando-as. Feito isso, é hora de Noah e eu partirmos. Há uma mistura de coisas na expressão dela.

Excitação. Esperança. Antecipação.

Tristeza. Culpa. Incerteza.

— Eu não vou, — ela diz suavemente. — Quero dizer... eu não preciso se você não me quiser nesta viagem. Se você quiser pensar sobre isso, eu posso...

— Ko. — Aperto a mão dela e a olho diretamente para enfatizar minha sinceridade. — Aproveite sua viagem.

Ela vasculha meu rosto, como se tivesse que garantir que não danificaria algo irreparavelmente se der esse passo com Chaz, mas estamos quebrados há muito tempo. Mantivemos esse relacionamento com cola Tenaz, fita adesiva e pura força de vontade. Mas existem muitas lacunas, buracos e lágrimas. O que tínhamos nunca será inteiro novamente, mas podemos ser algo novo.

Noah e eu observamos a mãe dele entrar no aeroporto com outro homem, e não sinto nada além de esperança de que isso possa ser um começo.

Olho para o relógio no meu pulso, para o e-mail que pode significar ver Kimba novamente. Há um movimento no meu peito com o pensamento, como uma esperança sacudindo partes acordadas de mim que dormem há anos. Não tenho tempo para pensar nisso agora, mas tomo um segundo para responder que estou honrado em ser reconhecido e ansioso pelo banquete.

— Pai, — diz Noah, não pacientemente. — Podemos, por favor, ir agora? É o primeiro dia das férias de verão.

— Eu *ouvi isso* em algum lugar. — Eu rio e bagunço seu cabelo. — Vamos... *amigo.*



DOZE

Kimba

— Então, eu vou ficar em Atlanta por algumas semanas, — digo, olhando para a minha equipe na mesa da sala de conferências. — Estou passando algum tempo com minha família no período entre as campanhas.

— Oh, estou tão feliz, chefe, — diz Karla. — Todos nós estamos preocupados com você.

— Vocês todos estão preocupados? — Eu estreito meus olhos e os encaro um por um. — Estão falando de mim pelas minhas costas?

Eles trocam olhares furtivos e começam a gaguejar e recuar.

— Estou brincando! — Eu rio, recostando-me na cadeira na cabeceira da longa mesa de mogno e girando para frente e para trás. — Deus, eu sou tão ruim assim?

A mais nova integrante da equipe, Felita, levanta as sobrancelhas e lança um olhar para o lado que diz *beeeeeemm*.

— Eu vejo você, Felita, — eu digo, apontando para ela com um sorriso.

Ela ri. — Você parecia cansada e um pouco... — Ela balança a cabeça para frente e para trás como se não tivesse certeza da palavra certa, ou melhor, não tivesse certeza de que deveria *dizer.*

— Um pouco cadela? — Eu ofereço, rindo deles e de mim mesma. — Sim. Eu sei.

Se não estivéssemos em companhia mista, dois dos membros da minha equipe são homens, eu poderia ter dito a eles que meus ovários se rebelaram e usaram armas de hormônios em massa. Uma viagem ao especialista confirmou que eu realmente estou na pré-menopausa, mas guardarei isso para uma conversa de meninas. Os homens praticamente se dissolvem em poças com a simples menção de um tampão, imagina menopausa. Hoje não tenho a largura de banda emocional ou os nervos sobressalentes.

— Este seria um bom momento para todos vocês considerarem um pouco de folga também, antes de entrarmos em alta velocidade para a próxima rodada de campanhas. — Eu aceno para Piers, que está na empresa há anos, um dos nossos primeiros contratados. — Você está fazendo um reconhecimento em Mateo Ruiz, certo?

— Sim, mas ele já nos contratou? — Piers pergunta, seus olhos cinzentos afiados.

— Ele vai. — Eu mantenho minha expressão implacável. — Tivemos uma ótima conversa. Apenas uma questão de tempo. Agora, o que você achou?

Ele passa a mão pelo cabelo castanho ralo. — Até agora ele está limpo como um apito.

— Não acredite nisso, — eu digo. — Eu quero cheirar sua roupa suja antes de sairmos para a campanha ou para frente de uma câmera. Todo mundo tem segredos, mas quero dizer, estamos falando de merda séria?

A equipe ri, e eu também. Preciso disso. Preciso de um trabalho que goste e que seja significativo. Essa missão de colocar pessoas no poder que defendem os marginalizados tem sido o epicentro da minha vida desde que me formei na faculdade, negligenciando todo o resto. Com a possibilidade muito real de nunca ter meus próprios filhos agora, sinto o desequilíbrio mais do que nunca, mas não posso dizer que teria mudado alguma coisa. Kayla cuida do legado do papai, supervisionando a fundação de nossa família. É assim que perpetuo os princípios pelos quais ele viveu. Quanto à como o nosso irmão faz... quem diabos sabe?

Meu telefone vibra na mesa da sala de conferências. *Keith.*

Bem, fale do jogador e ele aparecerá.

— Eu preciso atender esta ligação. — Olho para o almoço que pedimos, espalhado sobre a mesa da sala de

conferências. — Vão em frente e comam. Karla, você poderia atualizar todos em nossa programação para os próximos dias? Eu volto já.

Entro no corredor e passo em direção ao meu escritório, o telefone pressionado no meu ouvido.

— Keith, — eu digo, fechando a porta atrás de mim. — A que devo esse raro prazer?

— Um homem não pode simplesmente ligar para verificar sua irmãzinha às vezes? — Ele pergunta com aquela voz líquida que todos os homens de nossa família herdam derramando sobre a linha. Meu avô e meu pai usaram essa voz convincente para defender as necessidades dos outros. Keith desperdiça usando somente para seu charme simples.

— Sim, *um* homem pode, mas você geralmente não. — Eu rio para deixá-lo se safar, porque ele é aquele cara que faz todo mundo querer deixá-lo se safar. — Eu sei que você precisa de algo, mas é bom ouvir de você. E aí?

— Ouvi dizer que você está voltando para casa e vai ficar por um tempo.

— Talvez algumas semanas. — Eu me sento na beira da minha mesa. — Veremos.

— Eu adoraria conversar com você sobre algo enquanto você estiver em casa.

Aqui vamos nós.

— Oh? — Eu pergunto, mantendo minha voz apenas agradavelmente curiosa, em vez de *eu sabia.* — A respeito?

— Estou pensando em concorrer.

— Contra quem? — Eu pergunto, rindo.

— Ha ha. Muito engraçado. Candidatar a um cargo político. — Meu sorriso se desintegra.

— Qual cargo?

— Congressista. Eu tenho especulado por aí, e há um interesse real em eu entrar na política.

— Claro que há interesse. Seu sobrenome está em uma dúzia de ruas, escolas e parques naquela cidade. Somente o reconhecimento do nome significa que alguém quer colocar você em uma cédula. Não significa que deveria.

— Uau. Diga-me como você realmente se sente mana.

— Oh, eu sempre direi. Você sabe disso. Por que você quer concorrer a um cargo? Você está ganhando muito dinheiro praticando direito.

— Não se trata do dinheiro, — diz ele, seu tom endurecendo como um de seus colarinhos de camisa fortemente engomados.

— O que é então? Conte-me.

— É sobre... as pessoas.

— O que sobre elas?

— Eu... bem, quero ajudá-las, é claro.

— Ajudá-las *como*? Diga-me os problemas delas. Diga-me suas dificuldades. Qual é a renda média para as pessoas naquele distrito? Como estão indo os trabalhadores pobres? Taxa de graduação? A dissuasão do eleitor é feroz. O que você planeja fazer sobre isso?

— Whoa, whoa, whoa. Por que você está me atacando?

— Atacando você? — Faço uma careta. — Garoto, por favor, você não está pronto. Se você acha que isso é um ataque, tente participar de um debate, uma entrevista hostil. Estou lhe dando a chance de me mostrar que se importa com as pessoas que você representaria. Que você se preocupa o suficiente para saber como pode ajudá-*los*, não como esta oportunidade pode ajudá-*lo*.

— Você coloca todos os clientes nesse espremedor antes de aceitá-los?

Oh, ele não tem ideia.

— Você ainda está saindo com Delaney? — Eu pergunto, indo para o ponto fraco que ele pensa que eu não conheço.

O silêncio entre nós é pegajoso e puxa como xarope.

— O quê? — Ele finalmente pergunta. — Eu não sei...

— Eu *perguntei* se você ainda está traindo sua esposa. — Eu o ouço engolir, mas nenhuma resposta.

— Coloque *sua* casa em ordem, — digo a ele, — antes de pensar em concorrer pela minha.

— Sua casa?

— Oh, sim senhor. Eu cresci naquele distrito, espertalhão, e posso não morar lá agora, mas serei condenada se enviar um narcisista mal preparado e incompetente que não consegue manter o pau na calça para a Câmara dos Deputados em nome deles. Já temos o suficiente deles. E eu não me importo se você é meu irmão. Se você não gosta disso, pode ser meu *irmão gêmeo* siamês e eu não ficaria com você.

— Droga, mana. É *assim?*

— É *assim*. O que você acha que eu faço? Você acha que eu elegi um *presidente* aceitando respostas idiotas para perguntas difíceis? *Se* eu trabalhar com você, e isso é um grande 'se', porque vou te contar, não estou impressionada, não vou ser manipulada... *mano*.

— Você está me dizendo que os caras que vocês ajudaram a vencer as eleições não traem as esposas?

— Claro, metade deles sim. Provavelmente mais, mas eles não estão carregando meu sobrenome no cargo. — Faço uma pausa por um segundo antes de continuar. — Além disso, é insignificante e seu pai o criou melhor do que isso.

Ele não responde, mas espero que esteja pensando sobre isso.

— Esteja melhor preparado quando voltar para casa na próxima semana, — digo finalmente baixinho, — e vamos ver.

— Obrigado, Kimba.

— Eu disse que vamos ver. — Estico minhas costas para relaxar.

— Eu te amo.

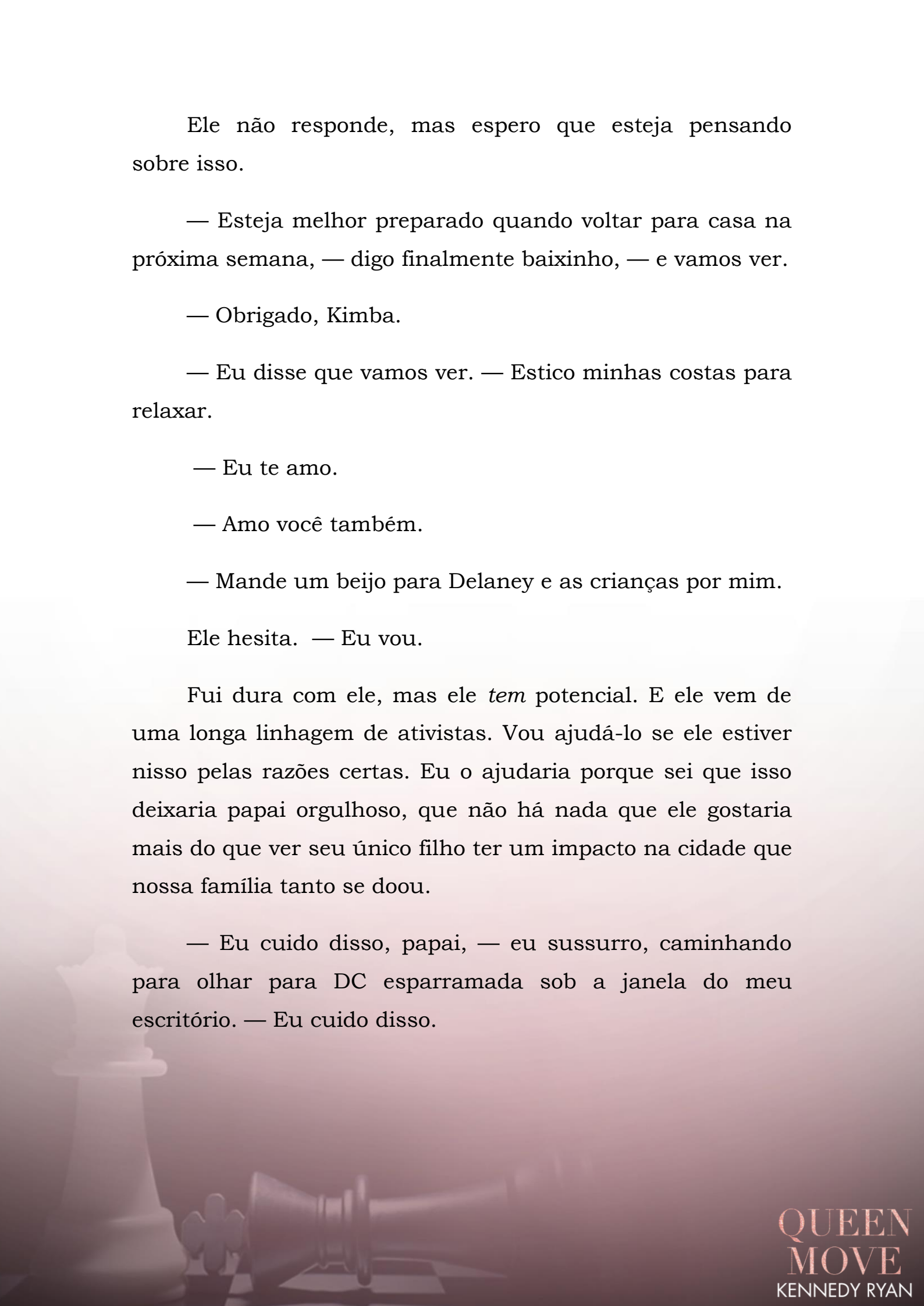
— Amo você também.

— Mande um beijo para Delaney e as crianças por mim.

Ele hesita. — Eu vou.

Fui dura com ele, mas ele *tem* potencial. E ele vem de uma longa linhagem de ativistas. Vou ajudá-lo se ele estiver nisso pelas razões certas. Eu o ajudaria porque sei que isso deixaria papai orgulhoso, que não há nada que ele gostaria mais do que ver seu único filho ter um impacto na cidade que nossa família tanto se doou.

— Eu cuido disso, papai, — eu sussurro, caminhando para olhar para DC esparramada sob a janela do meu escritório. — Eu cuido disso.



TREZE

Ezra

— Nossos feijões são melhores, — Noah sussurra para mim por trás de sua mão pequena.

Espeto um feijão verde enfiado embaixo do peito de frango recheado e o coloco na boca. — Você está certo. Nosso jardim é um sucesso. Nós cultivamos ótimos vegetais.

Batemos o punho e depois fazemos uma explosão com as mãos.

— Você sabe qual é meu tipo favorito de vegetais? — Mona pergunta ao meu lado, colocando uma porção de purê de batatas. — Livres.

Nós três rimos, como sempre com Mona. O comitê de premiação forneceu ingressos para dois convidados. Noah foi a escolha óbvia, e Mona, já que Aiko está fora da cidade.

— Obrigada por me convidar, — diz Mona.

— Obrigado por vir.

— Isso é realmente uma honra, Ezra. Toda a equipe está orgulhosa de você. Espere até o seu livro sair. Você não será capaz de nos calar.

Não posso deixar de sentir orgulho também. Estou escrevendo um livro sobre a jornada do YLA e alguém realmente quer publicá-lo.

— Ouvi dizer que Kimba está chegando, — diz Mona.

Minha cabeça se vira. — O quê?

— Sim, eu encontrei Kayla no banheiro e ela mencionou. Eu não a vejo há anos. Todos nós meio que seguimos caminhos separados, hein?

Depois que mamãe e eu fomos embora, passamos o verão em Nova York com a família. Fui para o acampamento e presumi que voltaríamos para Atlanta. Mamãe não ficou em Nova York por muito tempo. Antes do início das aulas, meu pai aceitou uma oferta de emprego na Itália. Mudar para lá foi a melhor e a pior coisa para mim. A melhor porque, embora eu não falasse o idioma e fosse um país estrangeiro, eu *parecia muito* com as pessoas. Eu me misturei. Ninguém perguntou à minha mãe se eu fui adotado ou nos encarava quando eu estava com meus pais. Eu podia respirar na Itália de uma maneira como nunca me senti livre o suficiente para fazer antes, e aconteceu exatamente quando eu estava me tornando jovem, exatamente quando eu precisava.

A pior foi perder o contato com Kimba. A família dela se mudou, mudou o número de telefone. Isso foi antes do Facebook ou Instagram. Eu não tinha ideia de como entrar em contato com ela, e conosco na Europa, ela não tinha como entrar em contato comigo. Mona me disse mais tarde que não

pegava mais o ônibus para o ensino médio, porque estudou em seu distrito, então não viu mais Kimba também.

— Eu me pergunto se ela realmente aparecerá. — Tomo um gole de água e vasculho a sala lentamente, procurando cada mesa e corredor por ela. Eu a vi na televisão algumas vezes, mas sua parceira, Lennix Hunter, agora a primeira-dama, geralmente falava em nome de seus clientes. — Está quase na hora de distribuir os prêmios.

— Kayla disse algo sobre o atraso de seu voo para fora de Washington. — Mona encolhe os ombros. — Acho que ela está tirando um tempinho e ficará aqui em Atlanta por algumas semanas. Espero que possamos ficar juntas enquanto ela estiver na cidade.

Tomo outro gole de água, disciplinando minha expressão em impassibilidade. Por dentro, porém, a antecipação agita meu corpo. Kimba e eu estaremos no mesmo estado, talvez um *ao* lado do outro, pela primeira vez desde que tínhamos treze anos de idade.

— De quem é o voo atrasado? — Noah pergunta, tomando um gole do chá doce.

— Não mais. — Aponto para o copo dele. — Água para o resto da noite.

Ele cruza os olhos, que é sua nova coisa que aprendeu a fazer na semana passada. — Ok, mas de quem é o voo?

— Nossa amiga Kimba, — diz Mona. — Não a vemos há muito tempo.

— A que conhecemos no funeral do pai dela? — Noah me pergunta.

— Sim, é essa, — eu respondo surpreso que ele se lembre. Embora Noah tenha a memória de um elefante, eu não deveria ficar surpreso.

— Eu odeio ter estado fora da cidade para o funeral, — diz Mona. — Eu adoraria prestar meus respeitos e ver Kimba novamente. Engraçado como as pessoas de quem você é tão próximo quando criança, nem vê há anos e anos. Décadas até.

Não me parece engraçado. Parece trágico que a pessoa que eu pensava conhecer toda a minha vida agora seja uma verdadeira estranha. Alguém cujas frases eu costumava terminar. Os poucos segredos que eu tinha naquela idade, Kimba mantinha. Agora eu não a conheço.

— Está na hora. — Mona acena com a cabeça em direção ao palco onde Kayla está atrás do pódio.

É difícil conciliar essa mulher madura, quase séria, e seu cabelo cortado com a Kayla, que costumava exibir seu pacote de ouro Nissan Máxima em todo o bairro.

— Boa noite a todos, — diz Kayla, espalhando um sorriso caloroso pela multidão. — Sou Kayla Allen-Greggs,

diretora executiva da Fundação Allen. Espero que vocês tenham gostado da noite até agora.

— Não do feijão, — Noah murmura, empurrando o que resta de sua comida ao redor do prato. — Quanto tempo mais?

— Não muito mais. Você se saiu muito bem. — Eu empurro seu cabelo desarrumado da testa e rio. — Podemos pegar um sorvete na The Ice Box quando sairmos.

Ele bate seu punho no meu e eu volto minha atenção para Kayla, enchendo-me com decepção, pois parece que Kimba não chegará a tempo.

— Este projeto de reconhecimento da excelência do serviço em nossa comunidade, foi uma das últimas coisas em que meu pai trabalhou, — diz Kayla. — Ele queria que minha irmã Kimba fizesse essas apresentações. Venha mana.

Kimba caminha rapidamente dos bastidores para o pódio, parecendo levemente atormentada. *E deslumbrante.*

Assim como eu me lembro do funeral, mas melhor, o que eu não achei que fosse possível. Raramente me senti tão completamente focado nos mínimos detalhes de outra pessoa. O vestido dourado acaricia seu corpo, agarrando-se às suas curvas, provocando-me com vislumbres tentadores de pele marrom brilhante. Seus cachos definidos estão presos no alto, deixando as linhas graciosas de seu pescoço e ombros nus.

— Boa noite a todos, — diz Kimba, sua voz rouca moldando as palavras para rolar sobre minhas terminações nervosas. — Meu voo estava atrasado e eu não tinha certeza se chegaria a tempo. Estou tão feliz que consegui.

Ela respira fundo e agarra a borda do pódio antes de continuar.

— Meu pai sempre dizia que o que quer que você faça, seja excelente, — diz Kimba. — Faça o que fizer, considere os outros. Grandes movimentos fazem grandes ondas. Faça grandes coisas. Faça grandes ondas. Os líderes surpreendentes de hoje à noite foram selecionados por causa das ondas que estão causando em nossa comunidade. Às vezes, não percebemos que o movimento que estamos fazendo será aquele que mudará tudo, não apenas para nós, mas para outras pessoas. Obrigada por impactar sua comunidade ao seguir seus sonhos.

— Ela está linda, — diz Mona ao meu lado. — Você pode acreditar que essa é a nossa garota do ensino fundamental?

— Difícil de acreditar, — eu concordo de forma neutra.

— Para o nosso primeiro prêmio, — diz Kimba, lendo as páginas que Kayla deslizou na frente dela. — Este médico abriu uma clínica oferecendo mamografias gratuitas para mulheres em risco com cobertura de seguro inadequada. Dr. Richard Clemmons.

Dr. Clemmons sobe ao palco com Kimba, ela entrega seu prêmio e eles posam para uma foto antes de passar para o próximo premiado da lista. Não faço ideia de onde caio na ordem. Ela sabe que eu estou aqui? Sua mãe ou Kayla sabiam? Conectaram os pontos entre o Dr. Ezra Stern, que abriu a escola, e o garoto que aparecia na porta deles basicamente todos os dias, desde o momento em que ele pôde andar até que seus pais o arrastaram para longe?

— Em seguida, — Kimba diz quando está na metade dos premiados. — Ele fundou e administra uma escola particular de ensino médio que atende a áreas de baixa renda e estudantes em risco, dos quais noventa por cento são bolsistas. Os estudantes da Academia de Jovens Líderes de Atlanta experimentaram, em média, uma melhoria de oitenta por cento nas notas dos testes. Este prêmio na área de excelência educacional vai para...

Ela vacila. Um cenho franzido entre as sobrancelhas escuras. Ela levanta a cabeça abruptamente, examinando a sala e depois dando um olhar mais lento até me encontrar no canto.

— Ezra.

A sala fica em silêncio por um segundo, a plateia esperando que ela continue. Ela balança a cabeça. — Hum, desculpe. Dr. Ezra Stern.

Noah levanta de sua cadeira, bate palmas e assobia. Mona me abraça, apertando meu ombro. Assim que ela solta, ela puxa o telefone do bolso e aponta para mim.

— Vídeo para todos na escola! — Mona diz, rindo do que tenho certeza de que é minha expressão exasperada quando ela empurra a câmera na minha cara.

Eu vou em direção ao palco, sorrindo para as pessoas de pé e batendo palmas enquanto passo. Tenho uma vaga impressão de seus rostos, mas não ouço seus aplausos pelo barulho estridente no meu peito. No palco, o sorriso de Kimba pisca como luz de vela. Há algo incerto em seu rosto, em seus olhos. Eu reconheço isso. Eu também sinto isso. Desde que li o e-mail sobre essa noite, esse momento apareceu como uma promessa ou uma ameaça. O momento em que eu veria Kimba novamente.

Quando chego ao palco, ela me entrega o prêmio, e nós dois nos viramos para uma foto. — Temos que parar de nos encontrar assim, — ela brinca, inclinando um sorriso para mim.

— Como você gostaria que nos encontrássemos? — Eu pergunto, tentando forçar um sorriso, mas não posso. Quero dizer. Não é uma pergunta ociosa, e não posso tornar o momento tão leve quanto deveria ser. Vendo-a apenas duas vezes em mais de vinte anos parece errado. Nunca pareceu certo estar separado da pessoa que uma vez me conheceu melhor do que qualquer outra pessoa, que me conhecia

enquanto eu estava aprendendo sobre *mim mesmo*. Quando a vi antes, no funeral de seu pai, o que estalou entre nós parecia um perigo, a possibilidade de tudo o que poderia dar errado. Mas agora estou livre. Desta vez, quando nossos olhos se encontram, não posso deixar de me perguntar, se fosse dada a chance, o que há entre nós poderia dar *certo?*



QUATORZE

Kimba

— Você é Doutor?

Uma dúzia de pensamentos colidem em minha mente quando saímos do palco e ficamos de pé com todos os premiados, aguardando uma foto de grupo, mas é o que eu deixo escapar. Apresentei vários outros prêmios depois dos de Ezra, mas não conseguiria dizer o nome de nenhum dos premiados. Não me lembro dos rostos deles. No piloto automático, entreguei os prêmios, sorri e posei, mas o tempo todo eu sabia exatamente onde Ezra estava com os outros atrás de mim no palco. Eu podia sentir seu olhar, o calor e a intensidade formigando na pele nua do meu pescoço. Assim que todos os prêmios foram anunciados, não fiquei surpresa quando Ezra apareceu imediatamente ao meu lado.

— Mais ou menos, — ele responde à minha pergunta, dando de ombros. — Ed.D[13].

— Papai! — O grito vem do garoto que é maior e mais parecido com Ezra do que a primeira vez que o vi no funeral.

---

13 Doutor em Educação.

Noah passa os braços em volta do pai, enterrando o rosto ao lado. — Você ganhou.

— Não foi uma competição, filho, — diz Ezra secamente, passando a mão pelos cabelos.

— Eu tentei explicar, — diz uma mulher atraente da nossa idade com dreadlocks puxados para um arranjo suntuoso logo atrás de Noah. — Mas ele não estava entendendo. Você é um vencedor aos olhos dele.

Lembro-me vividamente da esposa de Ezra, uma pequena mulher de ascendência asiática. Essa mulher não se parece nada com isso, mas ela parece vagamente familiar.

— Todo esse estrabismo, — diz ela, virando os olhos escuros rindo para mim. — E você ainda não descobriu quem eu sou?

— Nós *nos* conhecemos, certo? — Eu pergunto, odiando admitir que não a reconheço, mas curiosa demais para fingir.

— Ele era Jack, — diz ela, acenando para Ezra. — Você era Chrissy, e eu era

— Janet! — Eu grito, puxando-a para um abraço feroz. — Oh meu Deus, Mona.

Lágrimas picam meus olhos, e provavelmente estou segurando-a com muita força, mas estou emocionada com o quão bom é vê-la novamente. Quando seus pais decidiram que ela não iria de ônibus para o nosso distrito para o ensino

médio, mantivemos contato no início, mas não mantivemos a amizade, apanhadas em novas escolas, novos amigos e todas as mudanças que surgiram com o crescimento e inevitavelmente nos afastando. Eventualmente, quando Ezra e Mona se foram, eu encontrei um novo círculo de amigos, e ela também. Ouvi trechos de notícias sobre ela até sair para a faculdade e depois nada, até agora.

— Vou deixar você se safar dessa, porque faz tanto tempo desde que nos vimos, — diz Mona, afastando-se para me olhar de cima a baixo. — Bem, isso e você nos deu um dos melhores presidentes que este país viu na memória recente. Parabéns Kimba. Quando te vi na CNN, não conseguia acreditar que você era a mesma garota que odiava ler em voz alta na aula.

Minhas bochechas ficam quentes, o que não acontece comigo há anos. Às vezes fico chocada ao ouvir minha própria voz, minhas palavras fortes, claras e fluidas. Quem acreditaria que a garota relatando estatísticas e detalhes na frente de uma câmera, para *milhões* de espectadores, costumava odiar ler na frente de seus colegas de classe?

Levanto os olhos para encontrar o olhar de Ezra e sei que ele se lembra daquele dia na aula da Sra. Clay. Eu tinha esquecido esse tipo de telepatia que compartilhamos, aparentemente conduzindo pensamentos entre nossas mentes com nada mais que um olhar. Existe uma intimidade desconcertante que parece errada quando a mente dele não é minha. Nem o rosto dele, que se transformou em uma beleza

rudemente cortada da qual mal consigo tirar os olhos, ou o corpo grande parado como uma árvore oferecendo abrigo. Eu não sou dele para proteger. Ele não é meu para me abrigar. Não somos mais um do outro.

Acho que nunca fomos.

— Espere, — eu digo, olhando entre meus velhos amigos. — Então vocês ficaram em contato?

— Não até nos encontrarmos há alguns anos na feira de emprego de um professor, — diz Mona.

— Eu estava trabalhando na escola, — diz Ezra. — E havia Mona. Ela praticamente administra o lugar agora.

— Agora, sabemos que isso é mentira, — Mona solta. — Este aqui é um maníaco por controle. Já é ruim o suficiente ter que aturá-lo na escola. Então compramos casas próximas uma da outra. Aiko é uma boa vizinha, mesmo que ele não seja.

— Aiko é sua esposa? — Eu pergunto, olhando dele para Mona. — Onde ela está hoje à noite?

Sua expressão congela e seus olhos se arregalam. — Oh. Aiko está na Tanzânia em um safári, — diz ele. — Ela é uma fotógrafa, mas...

— Eles não são casados, — Noah interrompe. — Mamãe diz que o casamento é uma construção social como gênero e raça.

Um pequeno silêncio assustado é quebrado por nós três adultos rindo. Noah divide um olhar confuso entre nós.

— Não é engraçado, — diz ele, com o rosto sério. — É fato.

— Noah está certo, — diz Ezra, virando-se para mim. — Aiko e eu não somos casados.

Maldito seja o ar que escapa dos meus pulmões. Presumi que eles estavam casados quando vi os três no funeral e ouvi Noah chamá-la de mamãe. Mas não importa se ele é casado ou não. Ele foi *pego.*

— Só porque eles não são casados, — Mona diz com um sorriso, — não significa que vocês não são uma família, certo? Seus pais estão juntos há mais tempo do que muitos casais.

— Eu sei. — Noah sorri, mostrando um dente perdido. — Mamãe não quer que papai coloque um anel nela.

— E Beyoncé deve ensiná-los da maneira que devem seguir. — Mona ri.

— Eu não sabia que você tinha começado uma escola, — eu digo. — Isso é incrível, Ezra.

— Obrigado. — Ele encolhe os ombros, um gesto que me lembro de quando éramos crianças para subestimar elogios e atenção. — Como eu disse no funeral, seu pai me convenceu que deveria quando o encontrei.

— Então é justo que você receba um prêmio em nome dele. — Giro o anel de ouro no polegar que papai me deu anos atrás. — Parece incrível, o que você está fazendo na escola.

— Estamos de férias de verão. — Ezra hesita, seu olhar fixo em algum ponto no chão, e então se levanta para me olhar diretamente nos olhos. — Mas você deveria aparecer em algum momento já que está na cidade. Por quanto tempo você estará aqui?

A pergunta provavelmente só parece carregada para mim. Talvez a intensidade de seu olhar, o calor gerado por sua proximidade, seja minha imaginação, mas não consigo olhar quando respondo, encarando minha nova manicure.

— Hum, algumas semanas, — eu digo. — Estou dando um tempo entre as campanhas.

— Temos que sair, — diz Mona. — A tripulação *Three's Company's*. Não podemos nos encontrar para almoçar ou algo assim?

— Oh. — Olho para cima e vejo Ezra me observando atentamente, esperando. — Claro. Isso seria bom.

— Você adorava churrasco, — diz ela. — Você ficou toda certinha, ou você ainda está bem com um pouco de bagunça com a comida?

— Faz muito tempo, — eu admito. — Eu adoraria um bom churrasco.

— Você está pensando no Tips? — Ezra pergunta a Mona.

— Sim. É este novo lugar perto do mercado da cidade de Ponce, — diz ela. — O que você vai fazer amanhã?

— Esse cara tem um dia de brincadeiras. — Ezra acena para Noah. — Ele está me deixando o dia todo para ir a Stone Mountain.

— Sim, — diz Noah, seu sorriso largo. — Vocês podem fazer companhia ao meu pai.

— O que as senhoras dizem? — Ezra pergunta para nós duas, mas olha para mim. — Vocês querem me fazer companhia?

É como aquele momento no funeral em que poderíamos ter trocado números. Parecia um risco então. Com esse fio invisível que parece me conectar a ele, ainda é. Antes que eu possa responder, minha mãe se aproxima de nós.

— Ezra Stern, — diz ela, um leve sorriso puxando seus lábios. — Senhor do céu, é você. Eu não tinha olhado a lista final para que você pudesse me derrubar como uma pena quando te vi e ouvi seu nome.

— Sou eu, — diz Ezra, seu sorriso hesitante. — Como vai, senhora Allen?

— Não me diga que você se foi e se tornou avarento com seus abraços, — diz mamãe, descansando as mãos nos quadris.

— Não senhora. — Ezra se abaixa para abraçar minha mãe muito mais baixa.

— Quem teria pensado? — Mamãe dá um tapinha em suas costas e depois se afasta para olhar para ele. — Alto como seu pai. É bom te ver.

É bom? A última vez que vi Ezra foi a noite da discussão. Ela fez tudo ao seu alcance para me convencer de que não deveria procurá-lo e pareceu satisfeita quando meus esforços desafiadores para encontrá-lo se mostraram infrutíferos.

— É bom ver você também, — diz Ezra.

— Como estão seus pais? — Mamãe pergunta, seu tom educado e apenas levemente interessado no casal que costumava ser como uma família para nós.

— Meu pai faleceu há alguns anos. — A tristeza passa pelos olhos azuis escuros de Ezra, tornando-os da cor quase roxa que eles se tornaram quando ele sentia algo profundamente. Tudo o mais sobre ele pode ter mudado, mas pelo menos isso é o mesmo. — Mamãe está indo bem. Ela se casou no ano passado.

— Sinto muito pelo seu pai. — Mamãe aperta a mão de Ezra. — Por favor, dê à Ruth os meus pêsames.

— Com certeza vou. — Ele se vira para o filho. — Este é Noah, Sra. Allen, o único neto e, consequentemente, mimado. Noah, esta é a Sra. Allen, mãe de Kimba.

— Oi. — Ele olha através de longos cílios para minha mãe. — Minha bubbe mora em Nova York.

— Ezra, você também chamava sua avó de Bubbe. Ruth ficou tão arrasada quando ela se foi. — A compaixão se reúne nos olhos de mamãe. — Pobre Ruth, perdendo tanto.

— Sra. Allen. — Uma mulher esbelta de óculos e uma expressão ansiosa entra em nosso círculo. — O conselho quer algumas fotos com você. Você também, Kimba.

— Obrigada, Brenda, — diz ela. — Melhor irmos. Foi muito bom vê-lo novamente, Ezra e Mona. Prazer em conhecê-lo, Noah.

— E o almoço amanhã? — Mona diz rapidamente, pegando meu braço. — Precisamos sair, garota. Nos atualizarmos. Vai ser divertido.

Ezra não fala, mas o músculo de sua mandíbula se contrai sob a pele. Ele está olhando para o chão com a maneira deliberada que costumava ter. Uma postura casual que pouco fez para esconder seu estado de alerta. Pelo menos, não de mim. Eu ainda o conheço?

— Kimba! — Mamãe diz a alguns metros de distância, já fazendo fila para fotos. Algo semelhante à ansiedade marca

sua expressão quando seu olhar passa entre Ezra e eu. — Vamos.

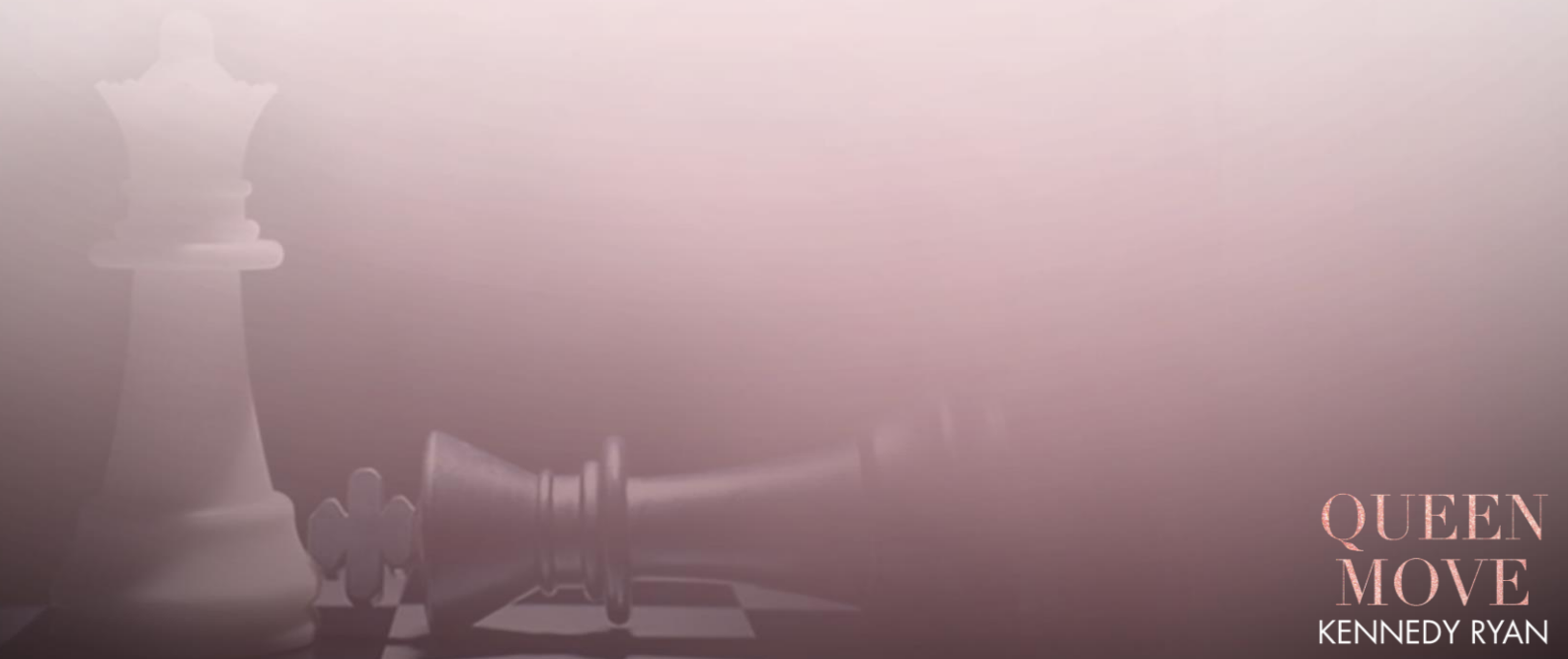
Eu ouço de novo. As vozes levantadas de nossos pais. As demandas raivosas que me separaram do meu melhor amigo. A desolação de assistir da minha varanda enquanto ele saía, sabendo de alguma forma, apesar do que ele disse, que era para sempre.

— Meio-dia? — Mona pergunta. — Dê-me o seu número e enviarei o endereço para você.

Ezra olha para mim então, e o olhar em seus olhos me levarão a dizer que sim, mesmo quando a expressão de mamãe pede que eu me afaste.

De novo não.

— Meio-dia? — Pego o telefone de Mona, digitando meu número. — Mal posso esperar.



QUINZE

Ezra

— Mais água, senhor?

A garçonete não parece muito mais velha que as garotas do YLA, mas se não me engano, ela está me examinando. Mona e Aiko sempre dizem que sou ruim em entender essas coisas, mas ela veio à minha mesa quatro vezes em cinco minutos oferecendo água e, toda vez, seu olhar é ousado o suficiente para que até eu saiba o que está acontecendo.

— Oh, não. — Dou-lhe um sorriso educado. — Vou pedir algo quando minhas amigas chegarem aqui.

— OK. — Ela aponta para o seu peito...o crachá. — Cherise. Apenas avise se você precisar de mim.

Dou-lhe outro sorriso educado, este um despedimento.

Meu telefone toca e eu sei que é Mona antes mesmo de olhar para a tela. — Deixe-me adivinhar, — eu digo, já sorrindo. — Você está atrasada.

— Você não conhece minha vida.

Nós dois rimos porque eu conheço muito a vida dela, e ela conhece a minha. Exceto que eu não contei a ela sobre a separação. Ainda.

— Onde você está? — eu pergunto.

— Bem, minha prima Alicia e eu precisamos passar em uma loja.

Mercado de pulgas.

— E deveríamos começar cedo, mas nos atrasamos, — diz ela. — Eu estarei aí em quinze minutos, no máximo. Kimba já chegou?

— Ainda não. — *Mas se ela vier logo, terei quinze minutos a sós com ela.*

— Algumas coisas nunca mudam, — diz Mona. — Você sempre foi adiantado, eu sempre me atrasei e Kimba sempre...

— Pontual, — digo enquanto Kimba entra no Tips e examina a multidão do almoço de sábado. — Vejo você quando chegar aqui.

— Ok, tchau.

Aceno para chamar a atenção de Kimba, sorrindo de uma maneira que espero que seja normal. Eu não me sinto normal. Eu me sinto... nervoso, como se meu corpo voltasse ao estado adolescente de quando éramos amigos antes. Minhas mãos estão suando. Meu coração está batendo forte.

Estou tão perto de enfiar as mãos nos bolsos, mesmo estando sentado.

Mas ela é tão linda.

Eu não sou o único que percebe. Alguns homens aqui, que estão com suas garotas, olham discretamente pelo caminho de Kimba enquanto ela passa, com passos confiantes, suas curvas generosas mostradas com perfeição no vestido laranja que para um pouco acima dos joelhos. Cachos se agitam em volta do rosto e roçam os ombros. Sua maquiagem é leve, mas perfeita. Ela parece... cara. Mesmo que esteja vestida de maneira simples, a sofisticação se apega a ela tão fielmente quanto o vestido se apega ao corpo. E quando ela chega perto o suficiente, seu perfume flutua ao meu redor e me faz querer respirar tão fundo que ela é a única coisa que eu posso sentir o cheiro. É limão com algo mais terreno embaixo.

Manteiga de cacau.

Ela sempre usava quando éramos crianças. Sua mãe praticamente os banhavam com isso. Inferno, mais de uma vez a Sra. Allen disse que *eu* estava com a pele seca e o passava aleatoriamente em mim. Detectar o cheiro familiar sob o cítrico suave me faz sentir em algum lugar sob toda essa sofisticação, ela ainda é a garota que eu conhecia.

Fico de pé quando ela chega à mesa, abrindo meus braços como se fosse natural, como se eu pudesse segurá-la todos os dias, quando na verdade faz tanto tempo. Sua

hesitação é de um milésimo de segundo antes que ela sorria e entre no abraço.

Sinto-a... feminina. Seus seios, macios e cheios, dão de encontro com o meu peito, uma pressão sedutora. Ela está usando sapatilhas e não alcança meu queixo, e seus cachos macios roçam minha mandíbula. Por vontade própria, minhas mãos deslizam por suas costas, traçam a curva profunda de sua cintura e se acomodam na curva arredondada de seus quadris. Nós dois enrijecemos e nossos olhos se prendem, nossa respiração aparentemente suspensa entre nós no contato.

Que diabos minhas mãos estão pensando?

Eu dou um passo para trás imediatamente, com as mãos no ar. Eu nunca toco Mona ou as outras professoras da YLA dessa maneira. Eu nunca presumiria, mas talvez seja a nossa história, quão perto Kimba e eu já estivemos, o quanto eu quero conhecê-la novamente, que me levou a uma familiaridade que não ganhei.

— Eu sinto muito. Eu...

— Está tudo bem, — ela interrompe com um sorriso rápido. — É bom ver você também.

Eu rio de uma maneira que apenas zomba de mim mesmo e gesticulo para ela se sentar.

— Deixe-me adivinhar, — diz ela, seu sorriso largo e branco contra a pele brilhante de cobre. — Mona está atrasada.

— Acertou em cheio. Ela está a caminho. Ela e Alicia vão em todos os mercados de pulga em um raio de 16 quilômetros aos sábados em busca de seu próximo grande tesouro.

— Você pode encontrar coisas incríveis nos mercados de pulga.

— De alguma forma, estou tendo problemas para imaginar você lá, — digo secamente.

— Não se deixe enganar. Você pode tirar a garota de A[14], mas não pode tirar A da garota. Eu poderia descer para o College Park agora e arrasar em um mercado de pulgas.

— Eu gostaria de ver isso.

— Eu disse que *podia.* — Ela pisca e toma um gole delicado da água que Cherise deixou na mesa. — Vou deixar os mercados de pulgas para Mona.

Rimos e volto minha atenção para Cherise, dirigindo-se a nós com seu bloco de notas.

— Vocês estão prontos para pedir? — Ela fala, muito mais profissional, mas ainda amigável, agora que Kimba se juntou a mim.

---

14 Abreviação de Atlanta

— Estamos esperando mais uma, — digo a ela. — Mas você ainda tem aqueles picles fritos? Eu não os vi no menu.

— Sim. — Ela me dá um sorriso provocador. — Você deve ser um regular.

— Regular o suficiente. Às vezes, trazemos nossos alunos para cá. A escola não está longe.

— Qual escola? — Ela inclina a cabeça e faz uma careta.

— Academia de Jovens Líderes de Atlanta.

— Oh meu Deus! — O rosto dela se ilumina. — Minha prima Tribbie vai para lá.

— Eu conheço Tribbie. Sétima série. Ela está no coro. Alta. Linda voz.

— E mal posso *esperar* para ela cantar na igreja aos domingos. — Cherise ri. — Minha tia diz que tem sido tão bom para ela. Ela também disse que você não cobra e é uma escola particular. Como vocês conseguem isso?

— Arrecadação. — Eu dou de ombros. — Doadores generosos da comunidade. Subsídios.

— Bem, ela adora. Suas notas são melhores e ela... — Cherise lança um olhar constrangido para Kimba. — Oh. Eu sinto muito. — Ela limpa a garganta e diz: — Vou pegar os picles agora mesmo. Você queria algo além de água, senhora?

— A água está bem por enquanto, — Kimba responde com um sorriso, observando-me especulativamente quando Cherise sai. — Parece que você está fazendo um bom trabalho. Não que eu duvidasse. Papai não teria escolhido você se não estivesse.

— O encontro com ele foi um acaso, mas às vezes o que chamamos de acaso é o destino, pelo menos eu gosto de pensar que sim.

— Sobre o que vocês conversaram? O que ele disse?

A adoração de herói por seu pai que a caracterizou como uma criança ainda está em seus olhos. Vejo essa fome por todos os detalhes de um ente querido com quem você não teve tempo suficiente no final. Foi assim que me senti quando minha avó morreu, fazendo à minha mãe dezenas de perguntas que ela não queria responder, derramando sobre álbuns de fotos para que eu pudesse ver minha bubbe em cada estágio de sua vida. Cada detalhe foi precioso e me fez sentir mais perto dela.

— Ele disse exatamente o que eu precisava ouvir, — digo a ela porque é verdade. — Eu não tinha certeza de que deveria começar a escola, não sabia por *onde* começar, mas ele tentou descobrir as coisas pelas quais eu era mais apaixonado. — Eu ri, os detalhes daquela fatídica reunião voltando para mim com uma onda de carinho e respeito pelo homem que era uma parte tão grande da minha vida quando

eu era criança, e que estava tão notavelmente ausente após a noite do baile.

— Ele costumava dizer que sua missão começava com as pessoas. — Kimba escova o anel de ouro no polegar. — E suas paixões deveriam caber em um guardanapo.

— Sim. Ele me perguntou sobre os tipos de alunos que eu queria ajudar e anotou em um guardanapo enquanto eu falava.

— O que você disse? — Ela pergunta. Seu olhar um peso bem-vindo no meu rosto. — O que ele escreveu?

Não respondo, mas enfio a mão no bolso de trás, puxo minha carteira e retiro o quadrado dobrado que raramente tiro, manuseando-o como se fosse antigo e frágil e que valha a pena preservar. Quando eu o abro sobre a mesa, ela suspira, um sorriso brotando em sua boca e seus olhos brilham com súbitas lágrimas não derramadas.

— Faz tanto tempo desde que eu vi a letra dele. — Ela traça os círculos e curvas das palavras bruscamente escritas com um dedo. A tinta está desbotada, mas as palavras ainda são legíveis.

Pobre. Menos favorecidos. Em risco. Brilhantes. Ambiciosos. Capazes. Esforçados.

E essas são minhas crianças. Essas são as pessoas, as famílias que o YLA está alcançando, está ajudando. Embora

eu raramente tire esse pequeno pedaço de visão, ele me guiou nos últimos anos.

— O que estava no seu guardanapo? — eu pergunto, incapaz de olhar para qualquer lugar, menos para a mulher sentada na minha frente. Fui surpreendido por sua beleza quando a vi na televisão, mesmo no funeral e no evento na outra noite, mas ela era um símbolo, quase intocável. Essa mulher, agora, na minha mesa, sentada tão perto que não consigo escapar do cheiro dela, impressiona-me com o coração. Ela é forte e inteligente e não se importa. Você só precisa passar alguns minutos com ela para saber disso. Mas ela também é real, suave e quente. Toquei-a com as mãos e, quando ela discretamente passa uma lágrima pelo canto do olho, vejo que toquei seu coração.

— Hum, vamos ver. — Ela limpa a garganta, lança um olhar sorridente para mim por baixo dos cílios longos. — O que eu escrevi no meu guardanapo? Desprivilegiado. Marginalizado. Esquecido. Deixado para trás.

— E sua missão?

— Colocar líderes no poder que se importam com as pessoas que me importam; que trabalharão duro para melhorar a vida deles. Eu poderia ter feito isso de centenas de outras maneiras, mas quando trabalhei na minha primeira campanha, a política me escolheu.

— É um jogo difícil.

— Eu sou uma garota durona. — Ela bebe seu copo de água. — Pergunte a todas as pessoas que me chamam de cadela. Eles vão te contar.

— Eu vejo mais do que isso.

— Talvez você veja o que deseja ver.

— Eu quero te ver.

O fio da consciência que lentamente me puxa para mais perto dela se estica. Ela olha para cima, arregalando os olhos e depois os estreitando por causa das minhas palavras. Eu quero responder as perguntas nos olhos dela. Ela sabe quando alguém é atraído por ela. Ela sabe sobre Aiko, sobre minha família. Sua pergunta não feita paira no ar entre nós. Quero tranquilizá-la de que não sou traidor e explicar uma coisa que nem sequer contei a Noah ou Mona.

— Então seu guardanapo me diz o que você está fazendo agora, — diz ela. — O que você tem feito nos últimos vinte anos? — Seus olhos escuros amolecem. — Depois daquela noite, para onde você foi Ezra Stern?

— Acampamento judeu.

— Eu sei *disso*, — ela ri. — E depois? Tipo... tudo meio que se desintegrou. Algumas semanas depois que você e sua mãe foram para Nova York, seu pai também foi embora. A próxima coisa que sei é que havia uma placa à venda no seu quintal. Vocês desapareceram.

— Fui para o acampamento como planejado por algumas semanas e depois nos mudamos para a Itália.

— Itália? Não esperava que você dissesse isso.

— Eu também não esperava. Papai conseguiu o emprego que ele estava querendo, mas isso nos levou para o exterior.

— Como foi isso?

— Foi difícil no começo. Eu senti falta de...

Você.

Essa palavra não dita cai sobre a mesa entre nós, invisível, mas completamente presente. Kimba morde o lábio e olha para o cardápio.

— Senti falta de todos, — continuo. — Senti falta de casa, mas então percebi que era a melhor coisa que poderia ter acontecido.

— Como assim?

— Nós nos mudamos para este bairro onde moravam vários jogadores de basquete.

— Tipo, jogadores de basquete americano?

— Sim. Caras que nunca chegaram à NBA, costumavam estar no campeonato, não conseguiam contrato. Tanto faz. Eles acabaram jogando para um time italiano. E adivinha?

— O quê?

— Metade dos filhos deles eram mestiços como eu. Mães literalmente brancas e pais negros em todos os lugares.

— Jogadores profissionais de basquete se casam com mulheres brancas? Chocante, — ela diz com um sorriso. — Então você se encaixou, não é?

— Bem, eu ainda era *eu*, então não tenho certeza se alguma vez 'me encaixaria' em qualquer lugar. — Nós rimos. Basicamente porque *isso é engraçado porque é verdade.* — Mas havia pessoas que entendiam meu meio termo, que enfrentavam alguns dos mesmos desafios que eu vivia na América. Era a situação perfeita para eu estar naquele momento.

— Quanto tempo você esteve lá?

— Quatro anos. Todo o ensino médio. Meus pais realmente ficaram alguns anos depois que eu voltei para os Estados Unidos para a faculdade.

— Qual faculdade?

— Howard para a graduação. UCLA para meu mestrado e doutorado.

As sobrancelhas dela se erguem. — Um HBCU[15]. Outra coisa que eu não esperava.

15 Uma faculdade ou universidade que foi originalmente fundada para educação de alunos Afro Americanos.

— Minha mãe fez questão de entender minha herança judaica, mas quando olho para a minha infância, além de sua família, não tive muitas influências dessa outra parte de mim. Eu também precisava disso, e Howard provou ser a incubadora perfeita para aumentar minha confiança, meu entendimento de mim mesmo. Eu como um todo.

— E depois a faculdade na Califórnia?

— Exato.

— Foi lá que... — Ela olha para baixo, passa o dedo pela borda do copo. — Você conheceu Aiko na Califórnia?

— Sim. Acabara de iniciar meu doutorado na UCLA. Ela estava tirando fotos em uma festa não muito longe do campus.

— Ela é linda. Quero dizer, eu só a vi brevemente no funeral, mas ela era linda. Também há muito dela em Noah.

— Ela é uma mãe incrível.

Kimba passa o dedo pela condensação do copo. — Então ela não acredita em casamento?

— Não. Eu a pedi em casamento quando descobrimos que ela estava grávida, mas ela recusou.

— Eu sinto muito.

— Eu não sinto.

Ela me olha de novo, cheia de especulações e um pouquinho de censura. — Olha, Kimba, há uma coisa que quero lhe contar.

— Opa! Opa! — Mona diz, colocando sua bolsa enorme na mesa. — Ei, gente boa. Desculpe estou atrasada. Eu tive um impulso, e Alicia o estimulou. Ela sempre atrasa. Eu a amo, mas ela não pode chegar a tempo nem se fosse para salvar sua *vida.*

— Deve ser da família, — digo secamente, forçando a decepção por meus quinze minutos a sós com Kimba terem terminado.

— Cuidado. — Mona aponta um dedo para mim. — Desculpe o atraso, Kimba. Prometi-lhe um bom tempo e depois prendi você com esse cara.

Kimba solta uma risada, dando de ombros. — Não foi tão ruim.

Nós olhamos um para o outro, e me parece que a largura da mesa entre nós pulsa. Isso puxa meus sentidos com tanta força. Kimba abaixa os cílios, toma um gole de água e pega seu cardápio.

— Bem, eu preciso de uma bebida, — diz Mona. — Onde está a nossa garçonete?

Eu aceno para Cherise, que agora está se aproximando, com o bloco na mão e um sorriso. — Aí vem ela, mas você sabe que ainda é só meio-dia.

— Eu disse que Alicia me drenou, — ela suspira pesadamente e dá um sorriso beatífico para Cherise. — Como está sua margarita?

Cherise bufa. — Forte.

Mona abre um sorriso uniforme entre Kimba e eu. — Eu vou querer duas.



DEZESSEIS

Kimba

Estou na posição de ioga da cabeça aos joelhos quando meu telefone começa a tocar.

Agora não. Eu estava começando a ficar todo centrada, caramba.

A maioria das pessoas leva tempo para desconectar. Eu? Você basicamente tem que puxar o plugue da parede e jogá-lo em um forno antes que eu possa relaxar. É a natureza do que faço. É assim que eu sou feita, mas o homeopata que Dra. Granden recomendou sugeriu que eu tentasse ioga para aliviar qualquer afrontamento, mudança de humor e insônia como resultado da pré-menopausa. Então, todas as manhãs, estou no tatame.

Meu telefone vibra novamente.

Eu pensei que estava sendo inteligente, colocando-o fora de alcance. A esperança era que, se eu não conseguisse alcançá-lo, não responderia.

Todos os cenários possíveis excluem a pouca paz que eu estava tomando para mim. Poderia ser o congressista Ruiz?

Talvez Piers com novas informações? Lennix e o bebê estão bem? Mona?

Ezra?

Não Ezra.

Pare com o Ezra.

O homem está bem *pra* caralho, sim, mas ele está *preso.* Não estou tentando andar na grama de Aiko, embora fique claro, é um gramado *bem* cuidado. Sim, há uma atração entre nós. Eu teria que ser um tronco de árvore para não sentir, mas isso é perfeitamente natural. Além do vínculo de sermos melhores amigos anos atrás, nós dois somos adultos saudáveis e com necessidades típicas.

Não pense nas necessidades de Ezra Stern.

Ele *precisa* olhar para sua esposa do jeito que ele estava olhando para mim sobre carne de porco desfiada ontem. Esposa... namorada... seja o que for que alguém tenha quando tem seu bebê e vive com você por dez anos.

Dela.

Resistir é inútil. Eu pulo e corro pelo pequeno quarto de hóspedes que mamãe transformou em um estúdio de ginástica. A tiazinha tem um Peloton[16] aqui. Pego o telefone no balcão de granito onde o deixei e digitalizo a mensagem.

16 Fabricante de equipamentos de ginástica.

Kayla: *O que você está fazendo? É dia de lavar o cabelo. Você não quer vir ajudar sua irmã mais velha?*

Bendita confiança, oh meu Jesus.

Eu estremeço. Kayla tem quatro meninas e um menino. São QUATRO cabeças para lavar com cabelos grossos e rebeldes como os de Kayla quando estávamos crescendo.

Eu: *Eu não poderia te dar um rim? Isso soa menos doloroso e com uma recuperação mais rápida.*

Kayla: *Venha aqui e me ajude. Além disso, eles querem ver sua tia. Eles não sabem que você é má como uma cobra. Eu os protejo dessa verdade. De nada.*

Eu: *Então também não direi a eles como a mãe deles me torturou quando criança.*

Kayla: *Você acha que eu não os torturo? Eu não seria filha de Janetta Allen se não estivesse torturando meus filhos. Eu aprendi com os melhores.*

Mamãe está discursando em um dos almoços de caridade dela, então *estou* aqui em casa sozinha.

Eu: *Tudo bem. Me dê uma hora.*

Kayla: *Você tem trinta minutos.*

Ugh. Sargento.

Meu Uber me deixa na casa de Kayla em Brookhaven aproximadamente trinta minutos depois. Quando toco a

campainha, ela atende com uma criança em um quadril e outra segurando a mão dela.

— Você está atrasada, — diz ela, virando-se e caminhando de volta pela entrada de mármore com seu teto alto e escadaria dramática. Eu sigo sua figura esbelta de volta para a sala de estar. É um zoológico, brinquedos em todos os lugares, crianças em vários estágios de nudez, cabelos desarrumados e uma coleção de xícaras de canudinho reunidas na mesa de café de vidro. Em contrapartida, Kayla, com seus trajes luxuosos e seu turbante de seda de cores vivas, parece completamente serena e despreocupada.

— Não estou atrasada, — digo a ela, inclinando-me para abraçar minha sobrinha Triniti, que está trabalhando em um cubo de Rubix. — Ei, Trin. Eu não sabia que as crianças ainda brincavam com coisas que não exigem Wi-Fi.

Triniti olha para cima, sua expressão se transformando de séria para menos séria quando me vê. Desde que ela era bebê, essa garota faz você trabalhar por seu sorriso. Torna-os ainda mais bonitos e vale a pena. Ela me mostra um pequeno agora, de pé e passando os braços em volta da minha cintura.

— Ei, tia Kimba, — diz ela, sua voz baixa e doce.

Um garoto, a imagem cuspida do marido de Kayla, Lawrence, corre até mim. Ele tem seis agora, se eu estiver mantendo todos eles em ordem. Eu faço um inventário e garanto que cada um deles seja abraçado. Em ordem crescente, há a mais velha, Triniti, os gêmeos Ida e

Gwendolyn, o único garoto Joseph, que leva o nome de meu pai e, finalmente, o mais novo, ainda de fraldas, Zaya.

— Você segura Zaya, — diz Kayla, empurrando o bebê para mim. — Quero finalizar com Ida primeiro. Ela é muito sensível.

— Eu não sou, — diz Ida, sentada no chão entre os joelhos da mãe.

Kayla puxa o pente através de uma faixa do cabelo selvagem de Ida e a pobre criança chia, pegando o pente antes que ele possa ir mais longe.

Kayla me dá o olhar de que *eu te disse* e move a mão de Ida.

— Cabeça sensível, — ela murmura.

Eu balanço Zaya no meu colo. Eu não cresci pensando em quantos filhos eu teria. Também não me lembro de Kayla fazendo isso, mas ela e Lawrence começaram a ter bebês logo depois que se casaram e não pararam desde então.

— Eu tenho duas pias aqui em baixo, — diz Kayla. — Eu posso lavar Ida se você puder pegar Trin.

— Pensamento maluco, — digo, — mas já pensou em levá-los a um salão? Eles são muito populares hoje em dia.

— Eu faço às vezes. — Kayla encolhe os ombros. — Não se trata apenas de arrumar o cabelo. É sobre o *fazer*. Você não se lembra de como nos queixávamos quando mamãe

fazia o cabelo, mas isso foi menos de uma hora em que tive sua atenção total? Ela estava sempre ensinando, fazendo algo com o papai ou na comunidade. Quando ela arrumava meu cabelo, ela era toda minha. — Ela beija a testa de Ida, as linhas severas de seu rosto suavizando. — Eu quero que minhas garotas tenham isso às vezes.

Embora a sala de estar luxuosamente decorada pareça um desastre natural, Kayla tem esse ecossistema, como qualquer outra coisa em sua vida, sob controle. Ela provavelmente nem precisa da minha ajuda.

Ela *não* precisa da minha ajuda, mas me queria *aqui.* Ela não quer apenas que eu me relacione com as crianças. Eu posso estar errada, mas acho que minha irmã também quer se relacionar comigo.

Ela é alérgica ao sentimentalismo, então eu subestimo minha descoberta.

— Legal, legal, legal, — eu digo com um sorriso que ela retorna depois de uma pausa.

— Lawrence sempre diz que não tem ideia de como acabamos tendo *seu* bebê, — diz Kayla ironicamente, sorrindo sobre o vulcão de cabelos de Ida.

— Meu bebê? O que você quer dizer?

— Zaya. Ela se parece com você, Tru. Você tem que ter visto isso, certo?

Olho de volta para Zaya no meu colo. Olhos escuros e curiosos olham de volta para mim. Como eu nunca percebi que Zaya tem meus olhos?

Ela pega um dos cachos apoiados no meu ombro, puxa-o e solta, deixando-o voltar ao lugar com um salto. Ela ri e faz isso de novo e de novo como se isso fosse a coisa mais engraçada. Ela é a garotinha mais bonita, com sua pele marrom acetinada e seu sorriso babado. Como Kayla não dá a ela tudo o que seu coração deseja todos os dias? Eu daria. Eu seria *esse tipo de mãe*.

Eu seria aquela mãe? Desde quando?

Eu nem tenho certeza de que quero filhos, e meu corpo está fazendo o possível para tirar a escolha de mim. Eu tenho seguido as instruções do especialista. O ioga, as pílulas e os chás de ervas, mas eu não tinha uma imagem tangível do que estava lutando.

Até agora.

É por isso que estou fazendo essas coisas. Esse pacote de amor incondicional e exuberante pulando no meu colo é o motivo pelo qual estou abrindo espaço na minha vida já transbordante para as coisas que eles dizem que podem me dar uma chance de ter um bebê. O peso esmagador, a possibilidade de eu estar atrasada demais, que não posso fazê-lo, que meu corpo não me deixa, cai sobre mim.

— P-pegue- a, — eu gaguejo, minha língua e lábios emaranhados, meu estômago revirando como se pudesse estar doente.

Kayla olha para cima de um emaranhado teimoso no cabelo de Ida. — O quê?

— Pegue Zaya. — Estendo o bebê para ela, meus braços tremendo tanto que quase a deixo cair. — E-u eu eu... apenas pegue-a, Zee.

— Coloque-a no chão, — diz Kayla, sua carranca se aprofundando. — Ela pode engatinhar, mas o que há de errado com *você?*

— Nada. — Eu cuidadosamente coloco Zaya no chão por uma pilha de dados empilhados. — Eu só... Deus, está quente aqui. Eu preciso de um pouco de ar.

— Vá para o pátio. — Com o pente, Kayla aponta para uma parede de janelas do chão ao teto que leva a um terraço.

Fujo da casa, o hálito quente de ansiedade ofegando pelo meu pescoço. Passo pela porta deslizante, fecho-a com pressa atrás de mim e caminho até a beira do pátio, parando ao lado do azulejo aquático da piscina. A umidade obstrui a tarde de verão da Geórgia e, mesmo quando eu puxo grandes quantidades de ar, nada me esfria.

Isso é uma maldita onda de calor? Um ataque de pânico?

A guerra que meu corpo está travando, é psicológica, biológica? A guerra hormonal é uma coisa?

Não consigo respirar. O suor brota no meu couro cabeludo e no meu lábio superior. Ventilo o ar quente no meu rosto, pressionando meus lábios com força contra um grito raspando o interior da minha garganta. O sol está brilhante demais e o céu não é amplo o suficiente, as nuvens parecem cair e pairar sobre mim. Eu preciso *correr,* mas não posso escapar do meu próprio corpo. Estou presa a essa carne e osso, e a esses ovários de bomba-relógio.

Um coro de risadas flutua para o pátio com uma canção de alegria infantil, e aperta meu coração até meus pulmões estarem se afogando em meu próprio sangue.

Eu não preciso dessa merda.

A porta se abre atrás de mim. Eu endureço. Kayla é a última pessoa que eu quero que me veja assim. Ela tem uma falta fundamental de tolerância à fraqueza, e eu estou fraca como um cordeiro por dentro agora. Eu odeio isso.

Ela caminha ao meu lado, mas não olha na minha direção, optando por apertar os olhos para o Sol.

— Que raios foi aquilo? — Ela pergunta, sua voz uma pá baixa e insistente pronta para cavar.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Eu perguntei se você quer falar sobre isso? — Kayla é líder da equipe que não deixa de lado.

— Zee, você poderia simplesmente deixar isso em paz?

— Eu acho que não posso.

Ela pega minha mão com força. Eu pulo assustada. Ela está segurando minha mão? Arrisco um olhar para o perfil dela.

— O que exatamente você está fazendo? — Eu pergunto, uma risadinha conseguindo escapar pelos fios apertados na minha garganta.

— Estamos tendo um momento, Tru.

— Você agendou isso? Você sabe que não pode simplesmente fazer momentos acontecerem, certo?

— Bem, eu estou. Está acontecendo. — Ela se vira para mim, sem soltar minha mão, e quando eu olho para ela, a verdadeira preocupação nos olhos de minha irmã dissolve minhas reservas.

— Me desculpe, eu enlouqueci. Eu estava... e depois Zaya... e isso me atingiu. Eu não lidei com isso, eu acho.

— Por favor, pare de falar comigo em pensamentos incompletos. Eu realmente não posso suportar isso.

— Estou na pré-menopausa.

Um silêncio chocado absorve os sons de risadas e gritos da sala de estar. Não sei dizer se há algum choro misturado.

— Eles estão bem sozinhos? — Eu pergunto, olhando de volta para as portas de vidro.

— Sim. Trin, Ida e Gwen podem garantir que Joe e Zaya sobrevivam a mim saindo da sala por cinco minutos.

Cinco minutos? Jesus. Eu tenho que fazer isso por tanto tempo? Poderíamos ter um momento mais curto?

— Pré-menopausa, — ela diz devagar, virando as sílabas como se fossem uma língua estrangeira.

E ela as repete, sem ter ideia do que elas realmente significam. — Você não tem nem quarenta anos. Ainda não é cedo?

— Sim, mas acontece.

— Eu sei que isso acontece, mas por que isso está acontecendo com você? Você tem certeza? Quem te diagnosticou? Você deveria ter uma segunda opinião?

— Minha clínica geral me diagnosticou inicialmente, mas me indicou um especialista que confirmou através de testes adicionais. —

— O que eles recomendaram? Reposição hormonal? Eu tenho amigas passando por isso agora, e existem alguns riscos reais com esses tratamentos. Você está tomando medicação? Eles vão colher seus óvulos?

— Zee. — Aperto a mão dela, rindo e satisfeita ao encontrar minhas respirações vindo menos trabalhosas agora. — Por favor, diminua a velocidade.

— Desacelerar? *Não* temos tempo para abrandar! E as crianças?

As meninas estão cantando um verso de “Halo” de Beyoncé... Muito mal.

— O que posso dizer? — Kayla encolhe os ombros. — Eu tenho um defeito, minha voz horrível, e eles herdaram isto.

Eu bufo e reviro os olhos, mas sorrio. — Não menstruo há quatro meses. Então a primeira coisa é recuperar meu ciclo. O homeopata está enviando um novo tratamento de desintoxicação para ver se isso ajuda. Não estou fazendo reposição hormonal por enquanto. Tentando rotas alternativas para gerenciar os sintomas. Veremos o que acontece.

— Devemos descobrir se há um histórico familiar. — As sobrancelhas de Kayla se reúnem. Eu reconheço essa carranca. É a minha sempre que um candidato coloca seu pau no lugar errado ou diz algo estúpido em um microfone ao vivo. Modo de solução de problemas.

— Olha, você tem cinco filhos, a Fundação e Deus sabe o que com que você tem que cuidar. Eu tenho isso.

— Veja, esse é seu problema, — ela retruca, o fogo acendendo em seus olhos escuros. — Você sempre tem que

resolver algo sozinha. Sou sua irmã Tru, mesmo que você não tenha estado por aqui há anos, e todos nós estamos orgulhosos de você. — Sua garganta suave se move com um gole forte. — Papai ficaria orgulhoso de você.

Nós olhamos para os nossos dedos unidos e parecemos segurar o fardo da dor em nossas duas mãos. E é bom não o carregar sozinha.

— Deixe-me estar lá para você, — diz ela. — Eu sou realmente muito boa nisso.

Concordo com a cabeça, passando o dedo em uma lágrima renegada escorregando dos meus olhos, apesar dos meus melhores esforços para detê-los. — Ok, Zee.

A porta se abre e uma Triniti de olhos arregalados está de pé em sua moldura. — Joseph vomitou.

— Senhor do céu, — murmura Kayla. — Eu não lido com vômito. É melhor que Lawrence fique feliz por sua bunda estar fora da cidade.

— Eu tenho um estômago forte, — asseguro-lhe com uma risada. — Você volta ao cabelo e eu fico com o serviço de limpeza.

— Ok, mas você sabe que ainda está lavando pelo menos uma dessas cabeças, certo?

Detida.

Estamos na porta quando meu telefone vibra no meu bolso.

Mona: *Churrasco na minha casa neste fim de semana. Você vem.*

Eu almocei com Mona e Ezra. Foi como nos velhos tempos, mas com muito mais insinuações e álcool. E a bela bunda de Ezra. É muito irritante o quão atraente ele se tornou, e como meu corpo parece ter essa atração para garotos judeus bons e brilhantes, com olhos violetas africanos.

Mas eu já sabia disso.

É bom ser ativamente atraída por alguém e não ter que me forçar a gostar dele, a foder com ele, ao que quer que seja. Há algo de delicioso na tensão do proibido, como você dança em volta das bordas, como acariciar um fio de voltagem. Eu não deveria, porque é óbvio que a atração é tão malditamente mútua. Eu não acho que ele agiria sobre isso. Ele é um bom homem. Inferno, eu sou uma boa mulher. Nós temos um passado. Compartilhamos nosso primeiro beijo, pelo amor de Deus. Provavelmente são apenas dores fantasmagóricas de esmagamento. Sou forte o suficiente para resistir e Ezra é bom o suficiente para nos manter seguros.

O cheiro do que quer que estivesse no pequeno estômago de Joseph nos atinge assim que entramos na sala, e Kayla acena com a mão na frente do nariz. — Você tem certeza que lida com isso?

Pego o telefone e digito uma resposta rápida.

Eu: *Eu estarei lá!*

— Sim, eu cuido disso.



DEZESSETE

Ezra

— Você encontrou algum maduro, Noah?

Meu filho aparece de trás de uma videira de tomate, arrastando um enorme balde branco cheio de tomates.

— Todos estes! — Noah se esforça para levantar o balde, elevando-o aproximadamente meia polegada. — Vamos levá-los ao churrasco da tia Mona?

— Alguns deles. — Levanto meu balde de pepinos e o alivio de seu fardo também pegando seu balde, depois desço uma fileira do jardim em direção à casa. — Mas estamos imundos. Os homens imundos precisam de banho.

Quando Noah nos implorou para plantar um jardim, era a última coisa que eu tinha tempo, mas ele é facilmente satisfeito e não pede muito. Quando outras crianças queriam tênis caros ou o videogame mais recente, ele pedia um jardim em nosso quintal. Como poderíamos negá-lo? Minha única condição era que ele tivesse que ajudar a cavar, plantar as sementes e mantê-las. Em um dos momentos mais movimentados da minha vida, quando a escola estava

decolando, o jardim se tornou uma maneira de Noah e eu nos conectarmos todos os dias.

Meu celular está tocando no balcão da cozinha quando entramos no banheiro e tiramos nossas botas de trabalho sujas.

— Talvez seja mamãe! — Noah grita, correndo para dentro.

— Não atenda meu telefone até que eu saiba quem é. — Trago os dois baldes de legumes para a cozinha e deixo a porta bater atrás de mim. Se é Aiko ligando, vou deixar Noah falar. Conversamos brevemente alguns dias atrás, quando ela nos informou que havia desembarcado em segurança, e ela disse que ligaria de volta depois que eles resolvessem um pouco do trabalho. Ela e Chaz podem fazer sexo várias vezes ao dia, no que me diz respeito, mas ainda é estranho conversar com ela e me perguntar se isso está acontecendo. Quando ela voltar, teremos uma nova realidade para Noah se acostumar. Não suporto pensar em vê-lo metade da semana enquanto ele fica em outra casa com Aiko o resto do tempo. Mas quando ela chegar em casa, nós descobriremos.

— É Bubbe, — diz Noah, olhando para cima do meu celular no balcão. — Posso atender?

— Claro. — Eu abro a torneira e lavo os tomates e pepinos na pia.

— E papai ganhou o prêmio, — Noah jorra alguns minutos em sua conversa com minha mãe. Ele não parou de falar desde que atendeu o telefone. — E sua amiga deu a ele.

Ele finalmente respira fundo, parando para ouvir minha mãe. — A amiga da TV. Kimba Allen.

Ele segura o telefone para mim. — Bubbe quer falar com você.

Aposto que ela quer...

— Ei mãe. — Prendo o telefone entre a orelha e o ombro enquanto corto um pepino.

— Por que você não me disse que estava recebendo um prêmio da Fundação Allen?

— Mãe, não é grande coisa.

O silêncio se enche com o que ela e eu sabemos – *é.* Eu nunca tive a história completa do que deu tão errado na amizade de meus pais com os Allens, mas nos mudamos e, tanto quanto eu sei, eles nunca mais tiveram contato com eles. Aquela noite volátil dividiu nossa vida em duas partes distintas. Em uma dessas partes, Kimba Allen era minha melhor amiga. Na outra, ela e sua família não existiam.

— Por que eles... — Mamãe faz uma pausa, limpa a garganta. — Diga-me como isso aconteceu.

— Recebi um e-mail dizendo que estava sendo homenageado por excelência em educação. Eu fui à cerimônia.

— E Kimba estava lá?

— Ela estava. Ela apresentou os prêmios. Kayla, Keith, Sra. Allen, todos estavam lá

— Como está Janetta? — O carinho suaviza seu tom, algo que nunca havia acontecido antes nas raras ocasiões em que nos referimos a família de Kimba.

— Ela está bem. Ela perguntou sobre você também. Ela não sabia que papai havia falecido. Ela disse para lhe desejar tudo de bom.

— Ela fez? — Minha mãe ri. — Eu não teria sobrevivido aos primeiros anos na Geórgia sem essa mulher.

— Eu sei, — eu digo, determinado a atravessar a rachadura rara na porta. — Então o que aconteceu naquela época? Vocês estavam todos tão perto, e então...

— Foi há muito tempo, — minha mãe me interrompe. — Kimba fez um grande nome para si mesma. Não é surpreendente. Ela sempre foi a mais parecida com seu pai para mim. Como ela estava?

Eu não sei como responder isso. Ela estava vinte e quatro anos mais velha que a última vez que a beijei. Ela é

alguém que eu conhecia em nível molecular, mas agora eu não podia nem dizer onde ela mora ou sua comida favorita.

— Ela está bem. Mona a convidou para um churrasco hoje à noite.

A linha fica muda por um segundo. — Aiko ainda está na Tanzânia? — mamãe pergunta, seu tom de cuidado é óbvio.

— Você sabe que ela está. Qual seu ponto de perguntar neste exato momento?

— Não estou metendo a cabeça nos seus negócios, filho. Eu só sei o quão intenso você costumava ser sobre Kimba. Ver velhos amigos quando estamos tendo problemas com nossos parceiros pode ser perigoso.

Minha mãe sabe das discussões que Aiko e eu tivemos. Fomos abertos sobre isso. Olho para onde Noah está jogando no iPad a alguns metros de distância. Eu odiaria que ele ouvisse algo prematuramente. Aiko ficaria arrasada por não estar comigo quando descobrir. Vou contar a verdade para minha mãe mais tarde.

— Mãe, não se preocupe tanto. — Eu guardo os legumes cortados na geladeira. — Como está Stanley?

— Ezra, eu conheço você.

— Bom. Então você sabe que eu nunca machucaria Aiko. Como está o Stanley?

A indicação de um pesado suspiro de mãe judia, atado com resignação.

— Ok, apenas lembre-se do que eu disse, — ela responde. — E Stanley está bem. O médico verificou seu estente.

Minha mãe foi de se casar com um advogado ateu afro-americano para o homem mais judeu da cidade de Nova York, Stanley Ebstein. Ele cresceu frequentando a mesma sinagoga que minha mãe e morava a dois quarteirões do negócio de lavagem a seco de sua família, que remonta ao início do século XX. Sua família possui uma cadeia de doces kosher.

— Coloque Noah de volta no telefone, — diz mamãe depois de catalogar todos os medicamentos de Stanley e as consultas futuras. — Eu preciso ter certeza de que ele estará pronto para o acampamento de verão. Você o levará na próxima semana, certo?

— Sim. — Eu vou até Noah. — Depois da festa de aniversário dele.

— Você ainda vai ficar por uma semana? Faz um tempo desde que você viu todos na vizinhança.

Minha resposta reflexa é confirmar que ficarei para uma visita, mas algum duende traiçoeiro me lembra que Kimba pode ficar em Atlanta por algumas semanas.

— Veremos. Aqui está seu neto, — respondo, entregando o telefone a Noah antes que minha mãe possa me repreender.

Estou limpando a pequena bagunça que fiz preparando legumes quando Mona entra pela porta que leva ao quintal.

— Sou apenas eu, — diz ela, nossa saudação padrão quando entramos e saímos das casas um do outro.

— E aí? — Dou um sorriso para ela enquanto limpo o balcão.

— Atenda o seu maldito telefone. Eu estava assistindo *The Swamp People* e tive que arrastar minha bunda do conforto da minha casa para vir aqui. Você está feliz agora?

— Sinto muito por ter incomodado você. Como posso ajudar?

— Você tem algum molho de pimenta? Estou sem.

Eu aceno em direção ao armário sobre o fogão. — Lá em cima, e Noah provavelmente não atendeu se você tentou ligar. Quando ele e minha mãe falam, é como uma reprise de *The Golden Girls*.

— E eu não sei disso? — Mona ri e fica na ponta dos pés para alcançar o molho apimentado. — O pessoal começará a chegar por volta das sete.

— Precisa de ajuda para arrumar as coisas?

— Não. Eu estou mantendo isso simples. Apenas alguns amigos, algumas costelas, cachorros-quentes, bifes, frango frito, salada de batata, melancia, peixe-gato...

— Mona, — eu rio, interrompendo sua longa lista de itens de menu. — Isso não parece exatamente simples. Vou trazer vinho e alguns legumes frescos.

— Obrigada, e Kimba confirmou que vem. — A pele macia de Mona enruga nos cantos dos olhos com um sorriso animado. — A tripulação da *Three Company* juntos novamente.

Minhas orelhas ficam em alerta e meus músculos se contraem com a notícia. Eu me inclino contra o balcão e cruzo os braços, procurando ser casual e vagamente interessado. — Oh, sim? Legal.

— Não é? — Mona pula na bancada e se recosta na palma da mão. — O que você acha sobre Barry?

— Barry? Barry como Barry Burrows, o professor de matemática da escola?

— Sim. Eu estava pensando em apresentá-lo à Kimba.

— O quê? — Eu engasgo e tusso. — Por quê?

— Kimba é jovem, bonita e bem-sucedida. Ela pode estar muito ocupada para parar e sentir o cheiro da testosterona. Como amiga dela...

— Que literalmente não a vê há vinte e quatro anos e não tem ideia do que ela quer em um cara... mas continue.

— As pessoas não mudam muito.

— Sim, elas realmente mudam de treze à trinta e sete anos.

— Eu acho que ela e Barry podem ser fofos juntos.

— Fofos? — Eu faço uma careta e balanço minha cabeça. — Kimba não é fofa, e qualquer cara com quem ela seria *fofa* está errado.

— Você não está dizendo isso porque ele é branco, não é? Barry está literal e figurativamente convidado para o churrasco.

— Tenho certeza de que eu seria o último a desqualificar alguém com base em uma raça diferente.

— Oh sim. — Mona sorri e faz uma careta. — Verdade.

— E estou ciente do nível de consciência de Barry. Eu *a fiz* contratar o homem.

— Aposto que Kimba gosta de pau branco consciente.

— Você *não pode* fazer aquela coisa em que esquece que sou um homem crescido e diz coisas inapropriadas para mim?

Também evite coisas que me fazem sentir como o Hulk por dentro, como mencionar Kimba e o pau de outra pessoa na mesma frase.

A possessividade é irracional. Kimba e eu não estamos na vida um do outro desde o *ensino médio.* Não tenho direito

a ela, mas os sentimentos que nunca tiveram a chance de se desenvolver completamente ainda estão lá. Eu senti no sábado.

Kimba também sentiu?

— Desculpa. — Mona ri, obviamente sem remorso. — Deixe-me reformular suas sensibilidades de marmanjo. O que eu quis dizer é que Kimba teve muitas, hum... experiências, e não seria avessa a um garoto branco.

E os meninos judeus bi raciais? Acha que ela gosta disso?

— Ele não parece o tipo dela. — Eu limpo minha garganta. — Além disso, ela já pode estar em um relacionamento.

Ok, então eu estou jogando verde.

— Ela não está.

— Como você sabe?

Agora estou investigando.

— Eu perguntei a ela no telefone.

— Ela telefonou? Você não disse que ela ligou.

— Desculpa, curioso. Ela me mandou uma mensagem para dizer que ela virá e eu liguei para ela para falar sobre isso. Nós começamos a conversar. Acontece que nós duas estamos em uma seca.

— Seca?

— Seca de pau. Ela está usando as baterias mais rápido que eu.

— Droga, Mona. Eu não preciso saber com que frequência você... — Olho para Noah, que literalmente acabou de dizer 'oi vei' para minha mãe. — ...faz isso.

E a imagem mental de Kimba se masturbando não será fácil de esquecer. Bem, *porra.*

Faça um banho *frio* para, pelo menos, um dos homens Stern.

— Bem, ela está fazendo muito isso também. — Mona ri. — E mesmo que ela e Barry simplesmente fiquem juntos enquanto ela está aqui, poderia...

— Não. — A palavra sai da minha boca antes que eu tenha tempo de pensar nisso.

Mona inclina a cabeça, uma carranca franzindo acima dos olhos intrigados. — Você não está tipo fazendo uma coisa esquisita, meio paterna e meio fraterna de vergonha, não é? Porque Kimba não vai gostar disso.

— Fraterno? — *Dificilmente.* — Não, eu só acho... — Eu acho o quê? Que se Kimba vai transar com alguém em suas férias, deveria ser eu?

— Eu odeio que perdemos nossos anos sexuais formativos juntos, — diz Mona, batendo o calcanhar de seu

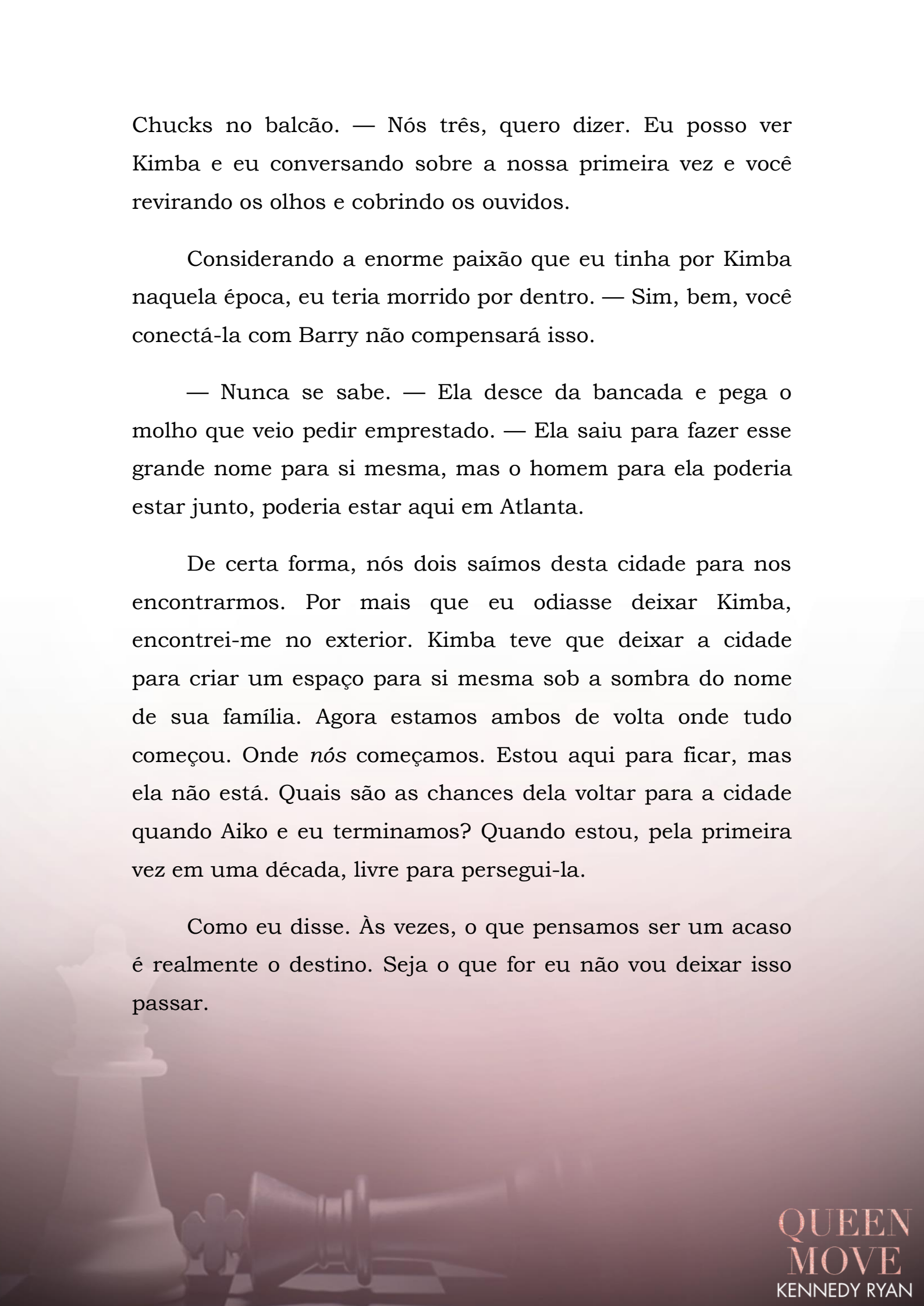
Chucks no balcão. — Nós três, quero dizer. Eu posso ver Kimba e eu conversando sobre a nossa primeira vez e você revirando os olhos e cobrindo os ouvidos.

Considerando a enorme paixão que eu tinha por Kimba naquela época, eu teria morrido por dentro. — Sim, bem, você conectá-la com Barry não compensará isso.

— Nunca se sabe. — Ela desce da bancada e pega o molho que veio pedir emprestado. — Ela saiu para fazer esse grande nome para si mesma, mas o homem para ela poderia estar junto, poderia estar aqui em Atlanta.

De certa forma, nós dois saímos desta cidade para nos encontrarmos. Por mais que eu odiasse deixar Kimba, encontrei-me no exterior. Kimba teve que deixar a cidade para criar um espaço para si mesma sob a sombra do nome de sua família. Agora estamos ambos de volta onde tudo começou. Onde *nós* começamos. Estou aqui para ficar, mas ela não está. Quais são as chances dela voltar para a cidade quando Aiko e eu terminamos? Quando estou, pela primeira vez em uma década, livre para persegui-la.

Como eu disse. Às vezes, o que pensamos ser um acaso é realmente o destino. Seja o que for eu não vou deixar isso passar.



DEZOITO

Kimba

Vir ao churrasco de Mona foi uma má ideia.

Em tantos níveis.

Nível um.

Eu poderia possivelmente eviscerar o banheiro de hóspedes dela. Eu estive sentada ou ajoelhada diante do vaso sanitário nos últimos dois dias, sistema digestório é abundante em ambas as extremidades, e estou quase cansada disso. Entre diarreia e vômito, fui acorrentada à casa da minha mãe. Há uma razão para eu colocar vários estados entre nós. Nós nos amamos, Deus sabe que fazemos, mas depois de um ou dois dias, duas fêmeas alfas sob um telhado há um caralho humor.

Não é um bom.

Além das palestras, conselhos e "orientações" de mamãe, ela também se preocupa comigo, assumindo que estou doente, uma conclusão muito mais lógica do que a verdade. As pílulas de desintoxicação que podem reiniciar meu período chegaram. A pegadinha? Eles correram pelo meu corpo como um tufão.

Nunca pensei que diria isso, mas é *melhor* eu sangrar.

Vários pacientes do meu homeopata não apenas restauraram seus ciclos com esse remédio, mas também tiveram filhos.

Eu quero mesmo ter um bebê? Eu esperava que não fosse uma pergunta que eu ainda tivesse que responder, mas, aparentemente, se eu quiser dar à luz naturalmente, a hora é agora... ou, pelo menos, no próximo ano... ou nunca mais.

Mas primeiro, minha menstruação precisa voltar. É praticamente o ponto de partida para reprodução.

Nível dois por que vir a este churrasco é uma má ideia?

Ezra Stern.

Ele é um velho amigo. Uma explosão do passado. Uma explosão crescida, meditativa, brilhante, intensa, alta e bonita do passado.

E ele foi pego.

Deixe isso afundar, Tru.

Eu não consigo parar de pensar nele, no entanto. Continuo a vê-lo, não apenas como ele está agora, bonito e imponente e fazendo sexo com um pau mágico, mas como ele era *naquela época,* gentil, espirituoso, compassivo e protetor. Ele era meu consolo e meu segredo. Ninguém mais sabia o quão incrível Ezra era naquela época, e eu gostava de tê-lo só

para mim. Agora ele pertence a outra pessoa, e eu tenho que respeitar isso.

Nossa amizade sempre foi mais profunda do que as conexões que tive com outras pessoas. Além de como me senti com Lennix e Vivienne, ninguém mais chegou perto. Toda a minha vida fiquei esperando para sentir esse tipo de conhecimento com outra pessoa. Quero dizer, tínhamos *treze anos.* Mas eu nunca tive. Eu penso, talvez esperava, que superássemos esse vínculo visceral, mas ainda está lá. Pelo menos, senti imediatamente. É a fibra da nossa amizade. Você não culpa os ímãs por serem atraídos um pelo outro. Mas se estiverem suficientemente afastados, não podem ficar. Nas últimas duas décadas, Ezra e eu estávamos longe o suficiente para não ficar, mas agora...

Esta é uma má ideia.

Eu chego ao endereço que Mona me mandou por mensagem, surpresa com a longa fila de carros lotando a rua e contornando o quarteirão. Se todas essas pessoas estão aqui para o churrasco de Mona, ela também chamaria o Coachella de "uma pequena reunião de amigos". Estaciono o mais perto que posso e vou para a casa dela. A Antiga Quarta Ala mudou muito em vinte anos. Agora, existem cafeterias, um estúdio de ioga ao virar da esquina e todas as outras casas estão próximas a prédios três andares recém-construídos, com uma van ou um SUV na garagem.

Ah, o aburguesamento. Atlanta não é imune.

Eu atravessei nosso antigo bairro para chegar aqui. Dirigindo pelas ruas onde Ezra e eu costumávamos andar de bicicleta, vendo o antigo parque, agora atualizado, os velhos balanços frágeis substituídos por novos, voltei àqueles dias. A casa da Sra. Washington, onde ela fingia regar as plantas para poder ouvir os negócios de todos, ainda está lá, mas há uma placa VENDIDA na frente. Deve ter sido recente. Nossas casas, a minha e a de Ezra, ainda estão de frente uma para a outra e parecem quase do jeito que eram antes, apenas com novas camadas de tinta.

Afasto velhas memórias. Considerando a consciência entre Ezra e eu, revisitar o passado não me servirá bem.

Subo os degraus da varanda envolvente, apertando a campainha e tocando o balanço, pendurado com plantas e piscas enquanto espero. Quando a porta se abre, Mona me cumprimenta com entusiasmo, gritos e abraços.

— Garota, entre aqui. — Ela me arrasta para dentro da casa, que está de canto a canto com pessoas comendo, bebendo e conversando.

— Você encontrou aqui fácil? — Ela pergunta, fazendo seu caminho pela multidão.

— Sim. Obrigada por me convidar.

O último ano foi dedicado à eleição do presidente Maxim Cade. Não havia muito tempo para churrascos ou para *passar* o tempo fora. Eu estava na estrada e na televisão

muito mais do que queria, mas ei. Esse é o trabalho, e se Deus e Mateo Ruiz quiserem, começarei o próximo ciclo em algumas semanas. Isso é um alívio e uma chance para eu me reconectar com minha família e esta cidade que costumava ser minha casa.

E com velhos amigos.

Noah corre até mim imediatamente, seus olhos azuis escuros iluminados e animados. — Kimba! — Ele diz. — Você está aqui.

— Estou. — Eu nunca fui uma pessoa de crianças, mas algo sobre isso me atinge. — Venha brincar comigo.

Brincar? Definitivamente, não sou uma daquelas "tias" que se deitam no chão e se arrastam com pequenos humanos nas minhas costas. Nem mesmo com minhas próprias sobrinhas e sobrinhos, apesar de limpar o vômito de Joseph ter sido o batismo.

— Hum... brincar? — Espero não ter que esmagar sua opinião sobre mim como um "adulto divertido" tão cedo.

— Xadrez.

Xadrez? Eu deveria saber. Este é o filho de Ezra, afinal.

Ele me leva a um tabuleiro de xadrez montado na varanda de Mona. Eu sou incrivelmente competitiva, então eu tenho que me lembrar de pegar leve com ele. Ele é apenas uma criança.

— Xeque-mate, — diz Noah vinte minutos depois, com um sorriso triunfante tão largo que praticamente sai do seu rosto.

— Mas, espere. — Reviso nossas últimas peças. — Como você fez isso?

— Estratégia. — Ele bate na têmpora e *pisca* para mim. — Está tudo aqui em cima.

— Bem, é melhor trazê-lo aqui para uma revanche, — eu digo, estendendo a mão para pegar seu rei.

— Não é justo! — Ele grita, correndo para o meu lado e pegando a peça de xadrez.

— Ela trapaceia, Noah, — diz Ezra da porta da varanda, braços musculosos expostos por uma camiseta de manga curta e cruzados sobre o peito largo. Em seu cabelo está um boné de zibelina, cortando as ondas impiedosamente contidas. Seus olhos, da cor azul-marinho que me lembro quando ele está mais relaxado, descansam em seu filho com afeto óbvio e depois se voltam para mim, enviando um choque no meu centro.

— Eu não! — Não consigo encontrar o olhar atento de Ezra, então me concentro em Noah. — Isso foi sorte de iniciante.

— Quem é iniciante? — Noah arqueia uma sobrancelha. — Eu jogo desde os cinco anos.

— Ele é muito parecido com você quando você tinha essa idade, — digo a Ezra. — E isso pode *não* ser um elogio.

Pai e filho riem, e eu me pego rindo também, sentindo-me mais leve do que em meses.

— Filho, vá lavar as mãos, — diz Ezra, inclinando-se para beijar a cabeça de Noah. — A comida está pronta.

Noah corre para dentro. Há outras pessoas na varanda, algumas brincando de dominós ou cartas ou apenas bebendo, mas o espaço parece de repente desabar sobre nós, dificultando a respiração. É a primeira onda de um verão na Geórgia, então já está quente, mas isso não explica como minhas respirações estão truncadas, e de repente estou coberta por uma fina camada de tensão fervente. Parece que essa varanda acabou de se tornar um pequeno tabuleiro de xadrez, e estou aguardando o movimento de abertura de Ezra.

— Não se sinta muito mal. — Ezra arranca o rei dos meus dedos e coloca-o de lado. — Ele quase me venceu. Uma vez.

— Você criou um monstro à sua imagem, — digo e a risada que forço saindo mais ofegante do que deveria.

— Eu gosto de pensar que sim. Ensinei a ele a coisa mais importante a lembrar no xadrez.

— E o que seria?

Ele olha de relance, seus olhos traçando meu rosto daquele jeito deliberado dele. — A rainha é a peça mais poderosa.

A ponte foi derrubada e nos olhamos de lados opostos, cada um desafiando o outro a pular. Eu quebro o contato visual e limpo a garganta. — Acho que você escondeu algumas coisas quando me ensinou a jogar.

Ele balança a cabeça, uma triste inclinação no canto da boca. — Eu nunca escondi nada de você, Tru.

Não há nenhuma insinuação em seu comentário. Ele não está flertando comigo, mesmo que você não saiba disso pelas asas esvoaçantes sob minha caixa torácica. É apenas a verdade. Tínhamos aquela rara amizade sem limites além daqueles que o mundo e nossos pais impuseram.

— Lembra quando expliquei que uma rainha negra iniciando em um quadrado preto é chamada de rainha recebendo sua cor? — Ele pergunta, sorrindo.

— Andei por dias dizendo a todos que estava pegando minha cor. — Eu rio e recosto no meu assento, cruzando as pernas. Sinto seus olhos em mim, seguindo o comprimento do meu corpo. Ele se deixa olhar por um momento e depois vira a cabeça para olhar através da tela para o quintal de Mona. Não posso deixar de pensar no homem tão descaradamente olhando para minha bunda há algumas semanas no consultório do meu médico. Isso não fez nada para mim, mas um homem que se *conteve*, Ezra tentando ao

máximo *não* olhar para mim, agita o calor líquido na minha barriga. Até o olhar que ele evita queima.

Mona caminha até nós do quintal.

— Vocês estão prontos para comer? — Ela pergunta. — Ezra, você é o único chef que conheço que abandona sua obra-prima.

— Você quer dizer os cachorros-quentes na grelha? — Ezra pergunta. — Meu trabalho foi feito.

— E bife e frango, — diz Mona, passando o braço pelo dele. — Noah vai comer tanto que você precisará levá-lo para casa.

— Eu não tenho ideia de onde ele coloca tudo isso.

— Você costumava ser da mesma maneira. — Eu ando com eles no quintal de Mona.

— Toda a comida de Ezra foi para o futuro. — Mona ri, apertando um de seus braços bem definidos. — E estava esperando que ele o alcançasse quando chegasse ao ensino médio.

— Muito engraçado, — diz Ezra. — E me faz um favor? Diga a Noah que foram as vitaminas que me fizeram crescer muito mais. É a única maneira de fazê-lo comê-las.

— Ele é hilário. — A afeição é evidente no tom de Mona quando nos aproximamos de uma mesa cheia de pratos demais para eu processar.

Noah sobe e toma seu lugar na frente do pai na fila. Enquanto esperamos a nossa vez, há tanta facilidade entre os dois. É evidente que Noah respeita a autoridade de seu pai, mas eles também parecem ser amigos. Muitas crianças de oito anos estariam contorcendo com carinho de seus pais a essa altura, mas Noah se inclina para Ezra frequentemente, até mesmo agarrando sua mão às vezes fazendo questão disso.

— Vou para o acampamento judeu neste verão, — diz Noah, sua voz e rosto vibrantes de emoção.

— Seu pai costumava ir acampar em Nova York às vezes quando estávamos crescendo, — digo a ele, pegando um cachorro-quente, mas pulando o pão. Espero que a dieta homeopática me faça voltar ao meu peso normal, mas não há necessidade de tentar a deusa da celulite com muitos carboidratos. Meu estômago está surpreendentemente calmo hoje. Espero que o pior já tenha passado e não precise arruinar o banheiro de Mona. Eu continuo imaginando essa cena quando Ben Stiller transborda no banheiro de *Quero Ficar com Polly*. Pode ser tão ruim quanto. Ou pior.

— Eu sei. — Noah faz uma careta para a fruta que Ezra coloca no prato, mas não expressa a objeção em seu rosto. — Eu estou indo para o mesmo acampamento. Bubbe diz que é uma tradição familiar.

Ezra disse algo parecido quando ele passava algumas semanas todo verão em Nova York, no acampamento que sua

Bubbe preferia. Ele amava muito aquela mulher. Quando olho para ele, seus olhos estão sombreados e sua boca cheia se estabelece em uma linha sóbria. Algumas coisas que você nunca supera, e de alguma forma, suspeito que a passagem de Bubbe seja uma dessas coisas para Ezra. Aperto a mão dele com compaixão.

— Ela era extraordinária, — eu sussurro para ele enquanto esperamos o bife.

— O quê? — Ele olha para as nossas mãos e volta para o meu rosto. — Quem?

— Oh. — Eu me afasto apressadamente. — Desculpa. Pensei que você estivesse pensando na sua avó.

Ele olha para mim por alguns segundos, e então sua boca se inclina para um canto. — Sim, eu estava, na verdade. Como você soube disso?

É estranho conhecer o caminho de seus pensamentos quando faz tanto tempo desde que nos vimos, ainda sentir que uma parte de mim está ligada às emoções dele. Sentir que posso conhecer sua mente, assim como conheço a minha.

— Apenas adivinhando. — Dou de ombros, despreparada para ir lá com ele, não da maneira que meu corpo se ilumina toda vez que o pego olhando.

Viro a cabeça e ele está olhando para mim. Eu me perco nos olhos dele, não daquela maneira sonhadora e romântica,

mas no mistério deles, do que está por trás da sombra azul da meia-noite que eles ficam quando está imerso em seus pensamentos.

— Ei! — Mona estala os dedos no espaço que separa nossos rostos. — Vocês dois não estão fazendo o que costumavam fazer. Eu proíbo.

Pisco várias vezes, quebrando o feitiço de memórias antigas e novos mistérios. — Do que você está falando?

— Vocês costumavam bloquear todo mundo, se perder em algum canto e só conversar um com o outro, — diz Mona. — Este é um evento social.

— Minha coisa favorita para fugir, — diz Ezra.

— Papai é um introvertido. — Noah morde um cachorro-quente nacional hebraico.

— Obrigado, filho, — diz Ezra, sua boca uma curva irônica. — Eu acho que elas sabem disso sobre mim.

— Ele costumava ser um Kimba-tável, — diz Mona. — Ele era apenas social com ela. Então eu cheguei e ele estava, pelo menos, em algum momento comigo.

— Por quê? — Noah pergunta em torno de um bocado de cachorro-quente.

— O que eu te disse sobre conversar com comida na boca? — Ezra pergunta suavemente. — E por que o quê?

— Por que você era um Kimba-tável?

Nossos olhares colidem, e eu desvio o olhar primeiro. Eu não quero ouvir como ele responderia a essa pergunta, então eu respondo por ele. — Seu pai e eu nos conhecíamos literalmente desde que éramos bebês, — digo a ele e tomo um gole da limonada recém-espremida que Mona serviu. — Mais tempo juntos do que qualquer outra pessoa, por isso estávamos sempre muito confortáveis juntos.

— Isso é legal, — diz Noah. — Eu quero um amigo assim.

— Você tem Peter, — diz Ezra, tomando um gole de sua cerveja.

— Mas eu não sou um Peter-tável, — diz ele.

Todos rimos, mas uma vez que o humor diminui, sinto-me atraída para olhar para Ezra novamente. E caramba, ele está olhando de volta.

Mais pessoas se juntam a nós na mesa e logo todos estão rindo e contando histórias. A maioria deles trabalha com Mona e Ezra na YLA. É óbvio que eles respeitam muito Ezra. E é óbvio para mim que mais de um deles, garotos e garotas, estão se apaixonando por ele. Se ele não estivesse com Aiko, ele poderia escolher em um romance de trabalho.

Quando a refeição está terminando, as cores brilhantes do pôr do sol desaparecem à noite, pegando a sugestão de Mona começo a levar pratos vazios de volta para casa.

— Então, o que você achou de Barry? — Mona pergunta, abrindo a máquina de lavar louça e colocando alguns pratos.

— Quem?

— Você sabe. Barry. — Mona se endireita, coloca as mãos nos quadris e oferece um sorriso sugestivo. — Cabelo escuro, lindos olhos castanhos, vestindo a camiseta da Georgia Tech.

— Ah, ele. Devo pensar em algo sobre ele em particular?

— Ele perguntou se você estava vendo alguém, — ela diz.

— Ele perguntou? Hmm. Não tenho certeza se ele é meu tipo.

— Porque ele não é rico? — Mona pergunta, revirando os olhos.

— Não, claro que não. Ele tem um corpo de ciclista.

— Corpo de ciclista?

— Você sabe, aquele que parece realmente magro. Como se ele não tivesse uma refeição que não fosse uma barra de energia há algum tempo e como se ele metabolizasse todas as calorias antes mesmo de comer. Eu não sou uma garotinha. Gosto de um homem não pequeno, ou que sinta que posso esmagá-lo.

— Você não é uma garota grande.

— Maior que ele, — eu rio. — Ele anda de bicicleta ou não?

Mona solta um suspiro curto. — Te odeio.

— Eu sabia. — Aponto uma colher de servir para ela.

— Ele tem aquele visual de Lance Armstrong.

— Eu posso confirmar que ele tem as duas bolas.

Inclino um olhar de *'mas que porra?'* para ela.

— Quero dizer, eu não *sei*, como em primeira mão, — diz Mona, rindo. — Mas pode-se assumir.

— Bem, pode *se supor* que sim.

— Você não está no mercado para um relacionamento? Ou mesmo uma aventura?

— Não sei para o que estou no mercado.

— Garota, o mesmo. E minha mãe está me enchendo sobre netos. Eu tentei o casamento e não era para mim. Durou cerca de dois anos e terminou mal. — Uma sombra cruza seu rosto e, embora eu possa vê-la tentar sacudi-la, ela não consegue.

— Você acha que vai tentar de novo? — Eu pergunto.

— Provavelmente. Com a pessoa certa, sim, claro. Eu amo crianças e posso ter apenas um bebê e um parceiro que

eu respeito o suficiente para criá-lo. E quanto a você? Você quer filhos?

A pergunta bate em mim inesperadamente, como uma bola de demolição direto no peito. Quando as pessoas me perguntavam isso antes, eu dispensava, ou dava de ombros e dizia um *dia.* Agora meu *um dia* tem uma data de validade. Não me permiti processá-lo, mas de pé sozinha na cozinha de Mona com uma velha amiga, a primeira pessoa em quem confiei minhas coisas de "garota", tudo vem à tona.

— Estou na pré-menopausa.

Mona franze a testa, então seus olhos se arregalam em realização. — Você está em quê? Menopausa?

— Pré-menopausa, mas sim. — Aponto para minha região central e pélvis. — Tudo isso é tipo desocupar as instalações mais cedo do que o esperado.

— Mas estamos na casa dos trinta.

— Exatamente.

Mona para de carregar os pratos e me dá toda a atenção. — Como você está se sentindo? O que isso significa para tipo, crianças? Você os quer?

— Acho que sim, mas não agora. Eu não os queria *agora,* e minha médica faz parecer agora ou nunca. Ela acha que eu posso ter um ano e meio a dois anos, em algum lugar por aí, se eu quiser um naturalmente.

— Merda. — Mona enfia as mãos nos bolsos da frente de seus jeans. — Você já começou os tratamentos? Minha mãe fez reposição hormonal. — Ela estremece. — Não que você tenha a idade da minha mãe ou algo assim. Eu não queria que soasse como...

— Não se preocupe. Eu sei o que você quer dizer. Minha mãe mal está na menopausa, muito menos eu. E meu médico queria que eu tentasse um homeopata primeiro.

— Como está indo?

— Oh, está indo tudo bem. — Eu faço uma careta. — Estou indo no banheiro 'há dois dias seguidos'. Ela me deu algumas pílulas de desintoxicação e outras coisas para tentar reiniciar meu ciclo e resolver alguns dos outros sintomas que tenho apenas um pouco.

— Espere. — Os olhos de Mona se arregalam. — Você não tem mais um período?

— Não em quatro meses.

— E quando o seu período voltar? Você vai começar a tentar ter um bebê?

— Bem, eu não tenho ninguém com quem *fazer isso.* Mesmo que eu possa engravidar, é a pior hora para isso. Estou prestes a voltar à estrada para uma campanha.

— Quem? — Mona se inclina para frente, sua voz baixa.

— Espero que Mateo Ruiz, — eu digo, uma curva amarga nos meus lábios. — Mas ele não tem certeza de que me quer ainda.

— Você acabou de eleger o presidente, — diz Mona, indignada. — Você não tem nada a provar.

— Sim, foi assim que pensei sobre isso também, mas cada candidato precisa se sentir à vontade com a pessoa que lidera sua campanha. Ele está certo em não assumir que, só porque eu era a pessoa certa para Maxim, eu sou certa para ele. — Eu dou um sorriso autodepreciativo. — Além disso, papai sempre dizia que era melhor ser acusado de modéstia do que de ser grande demais para suas calças.

— Ele era um homem tão bom. Sei que não nos vemos há muito tempo, mas eu teria ido ao funeral se estivesse na cidade. Que bom que Ezra conseguiu. Fiquei surpresa que vocês dois não mantiveram contato depois de se verem novamente.

— Nós dois estávamos muito ocupados, eu acho, — digo a Mona, virando-me para colocar a louça na pia porque não sei o que meu rosto diria. — Lennix e eu acabamos de lançar nosso livro. Chegou ao *New York Times,* o que nenhuma de nós esperava. Entre a turnê do livro e a execução de algumas campanhas, não tive muito tempo para percorrer a Avenida das Memórias.

— Que vida fabulosa você está levando, — diz Mona, seu sorriso satisfeito, orgulhoso. — E agora, se o congressista

Ruiz for esperto, você poderá ajudar a Geórgia a eleger seu primeiro governador latino. —

— Vai ser uma luta e tanto. Se eu conseguir o emprego, não será a melhor hora para engravidar.

— Oh, sim. — A expressão de Mona cai. — Você tem muito em que pensar.

— Espero que este tempo aqui em casa me ajude a descobrir o que quero e o que é certo para mim.

— Bem, enquanto você descobre, — diz Mona, inclinando a cabeça em direção à janela com vista para o quintal, — há um cara legal estilo ciclista que pode levá-la.

— Eu não estou certa sobre uma aventura de verão. Minha vida está muito complicada agora para alguém ter uma ideia errada do que estou esperando.

— Talvez apenas alguns encontros.

— Não. Eu realmente não gosto de namorar. Eu só gosto de foder.

Os olhos de Mona se arregalam, olhando por cima do meu ombro e depois apertam os olhos enquanto ela ri. — Oh meu Deus! Se você pudesse ver seu rosto, Ezra.

Eu giro e Ezra está de pé na porta segurando uma bandeja vazia. Ele não olha para mim, mas passa por nós para colocar a bandeja na pia.

— Como nos velhos tempos, — diz ele. — Eu entrando em uma conversa que eu gostaria de não ouvir.

Eu gostaria de poder *cancelar* o último comentário.

— Onde está Noah? — Eu pergunto, mudando de assunto rapidamente.

— Vencendo outra vítima no xadrez. — Ele não olha para mim enquanto continua carregando a máquina de lavar louça.

Ele está me julgando? Eu não deveria me sentir constrangida com o que disse. É a verdade. Eu *prefiro* apenas foder. Não gosto de amarras, estar ligada a alguém emocional ou socialmente simplesmente porque fizemos sexo. Em geral, o sexo tem sido físico, com muitos poucos efeitos colaterais no meu coração. Eu estou bem com isso, e Ezra não pode me julgar por isso.

O silêncio que se instala entre nós não tem a chance de ficar estranho, porque risos e gritos nos chegam pela janela. Olho para o quintal. As luzes do teto penduradas nas árvores dão um brilho quente à cena. Duas linhas se formam, pessoas encarando uma à outra, e “Got to Give Up” de Marvin Gaye entra na cozinha, o padrão de música sem o qual nenhum churrasco seria completo.

— Oh, é pra valer! — Mona diz, quadris já balançando, dedos já estalando, braços já no ar. — Estilo *Soul Train*[17]! Vamos.

— Vocês vão em frente, — diz Ezra, dando a Mona um sorriso indulgente. — Eu vou terminar aqui.

— Tem certeza? — Eu pergunto, encontrando seus olhos pela primeira vez desde o meu comentário embaraçoso. — Eu posso ajudar.

— Não. — Ele estende seu sorriso para mim, embora seja menos natural. — Você sabe que nunca gostei de uma pista de dança, mesmo que seja grama.

Uma memória toma forma. Eu dançando com Jeremy e Ezra balançando desajeitadamente com Hannah, nossos olhos se encontrando sobre seus ombros. *Boyz II Me* cantando *"I'll Make Love To You"* antes mesmo de sabermos o que significava fazer amor. Não tínhamos ideia de que nosso primeiro beijo foi logo virando o final do corredor. Não fazíamos ideia que seria um com o outro. Inocência sem fôlego. O primeiro gosto da paixão. Meu coração batia forte no meu sutiã de treinamento, e as mãos de Ezra estavam estranhamente certas, mesmo naquela idade sabia como me tocar. Não em bases, primeira ou segunda ou terceira, mas em etapas. Explorando, facilitando, cuidando.

17 Soul Train foi um programa de televisão musical apresentado nos Estados Unidos na década de 70.

— Garota, ele odeia dançar, — diz Mona, agarrando minha mão e me puxando em direção à porta. — Você sabe disso.

Dou uma última olhada por cima do ombro enquanto estamos voltando, e ele está me olhando de novo. Não preciso me perguntar se ele está se lembrando daquela noite, daquela dança, daquele beijo.

Aquele final.

Eu sei que ele está.



DEZENOVE

Ezra

Eu sempre tive dois pés esquerdos.

Meu pai tentou me ensinar a dançar. Ele costumava dizer que os genes da minha mãe pegaram todo o meu ritmo no útero. Eu costumava pensar que os negros sabiam dançar. Era algo que eu perdi. Uma peça perdida do meu quebra-cabeça que nunca encontrei.

Meus pais ficaram chocados quando decidi, depois do ensino médio na Itália, que queria cursar a Universidade Howard. Minha mãe não sabia como perguntar, mas não precisava. O *mas por que* estava por todo o seu rosto. Recebi cartas de aceitação de Cornell, UCLA e Columbia, onde meu pai se graduou. Eu nem tinha uma bolsa de estudos para Howard, mas escolhi; eu queria mergulhar na experiência única que só poderia ter em uma HBCU. Eu precisava explorar esse aspecto de mim mesmo, aquela parte *negra* de mim mesmo, em um lugar onde isso foi declarado.

Eu nunca me arrependi. Solidificou tantas coisas sobre quem eu sou. *Todas* as partes de quem eu sou. No último ano, ensinei meus alunos em algumas das escolas mais difíceis da capital e vi como o sistema havia falhado em

muitas dessas crianças. Vi como muitos educadores eram prejudicados pelo próprio sistema que os encarregava de ensinar. Foi quando a visão do YLA se enraizou pela primeira vez.

As crianças do YLA adoram dançar, a maioria fazendo os movimentos mais atuais com uma facilidade que meu corpo nunca conseguiu. Noah ainda é jovem demais para o YLA, mas ele está sempre por perto, e assim que ligam a música e começam a dançar espontaneamente na academia, na lanchonete, no pátio, ele está em movimento.

Como agora. Estou sentado nesta parede de pedra que circunda o quintal de Mona, ainda a samambaia "planta em vaso", enquanto meu filho está brincando, deslizando e dançando passinhos da moda, com o rosto iluminado enquanto ele fica em uma das filas aguardando sua vez no centro das atenções. Mona vai para o meio da pista aberta entre as duas linhas, fazendo Moonwalk, com um estilo pop e fazendo freestyle com Marvin Gaye cantando encorajadoramente.

E então é a vez de Kimba.

Aquele maldito vestido que ela está usando me tortura desde que entrou pela porta, balançando em torno de suas pernas tonificadas, sugerindo uma bunda que, lembro-me das vezes em que a vi com roupas adequadas, é espetacular. As tiras do vestido escorregam dos ombros castanhos e lisos enquanto ela se arrasta pela pista aberta. Ela levanta as

mãos no ar, os braços estendidos, adorando a batida, girando descuidadamente enquanto a barra do vestido voa para cima, piscando a parte superior das coxas.

Não tenho estado tão duro há semanas. Meses. Anos. *Sempre?*

Não me lembro de ter uma ereção em torno de Kimba quando estávamos crescendo. Nós éramos crianças. Nós éramos jovens. Mesmo quando compartilhamos nosso primeiro beijo, eu não tinha medo que meu corpo pudesse me trair e confessar a ela os impulsos em que não estávamos prontos para agir. Mas agora, observando-a, querendo-a como homem, não como uma criança inexperiente, não há como ocultar o efeito que ela tem em mim. Estou sentado à margem, não apenas porque sou aparentemente o único cara no churrasco que não sabe dançar, mas porque se eu ficar de pé, todos saberão da minha situação. Imediatamente.

Não há como esconder esse pau totalmente ereto nas minhas calças.

Tentei não observá-la, mas estou obcecado com a curva da cintura, a sombra que mergulha entre os seios, a linha elegante do pescoço, a maneira como as mãos dançam no ar quando ela está animada. O intricado espiral de sua orelha quando ela afasta os cachos do rosto. O perfil majestoso e o beicinho eternamente beijável de seus lábios. O pequeno vislumbre da sua lingerie boudoir, um esboço ousado de alongamento e curvas exageradas.

Eu tenho que parar.

Mas eu não posso.

É uma compulsão. É um vício. Depois de todos esses anos, ela está *aqui.* E eu não consigo me satisfazer. Todas essas pessoas, eu gostaria que elas desaparecessem e eu pudesse tê-la sozinha. Eu poderia escavar sua mente e cavar em sua alma e me aproximar o suficiente para ouvir seu coração bater. Além do desejo de deitá-la na grama e mergulhar entre aquelas pernas longas, há algo que eu quero ainda mais. Conhecê-la como eu conhecia antes. Não, *mais profundo* do que antes, porque agora somos adultos, reformados pelo tempo e pelas experiências.

Eu quero aprender a nova forma dela.

Ao contrário de mim, Noah não é um introvertido. Ele herdou sua extroversão, seu "nunca aja tímido com desconhecidos" de Aiko. Ele conhece Kimba há pouco tempo, mas não tem problema em agarrar a mão dela e rir, dançando com ela. Eles parecem livres e sem restrições. Kimba tira os sapatos e seus pés descalços e bonitos arrastam-se pela grama tão facilmente quanto a vi andar em tapetes vermelhos na televisão. Não sabia como chamar o que costumava sentir por Kimba – o desejo de tê-la comigo o tempo todo; conhecê-la melhor do que todos os outros. Era uma possessividade inocente que ela refletia de volta para mim até então. Ela queria isso de mim. Foi sincero e puro. Mas a primeira vez que a vi na CNN, conversando com facilidade, rebatendo

alguém do outro lado da bancada, separando sistematicamente seu argumento com precisão cirúrgica e inteligente, nenhum sinal da gagueira que a atormentava antes, eu me senti imensamente orgulhoso.

Mas também com ciúmes. Possessivo. Eu descobri essa linda borboleta quando ela era uma lagarta e ela era completamente minha. Agora o mundo inteiro se maravilhava com a abertura de suas asas, deliciando-se com sua cor vibrante. Agora todo mundo sabia quão fantástica ela era e nunca mais seria apenas minha.

— Papai! — Noah grita sobre a música. — Levante-se!

Ainda no ritmo, ele dança, arrastando Kimba pela mão.

— Você sabe melhor do que isso, — digo a ele com uma risada, lançando um olhar para Kimba. Ela está brilhando. Não são apenas as luzes que Mona atravessou nas árvores, ou mesmo o brilho fino da transpiração que nubla sua pele macia. É de dentro.

Ela está em casa.

De alguma forma, eu sabia que ela precisava voltar. Ela percebe o quão livre ela parece? Eu me preocupei secretamente com ela de longe, vendo-a gerenciar uma das campanhas políticas mais bem-sucedidas da história de nossa nação. Observando sua orientação e a corrida de Maxim Cade da candidatura presidencial à fama política.

Tinha que ser cansativo. Eu queria que ela descansasse, e ela parece estar conseguindo.

— Baaak baaak bak bak, — Noah canta, fazendo sua dança da galinha. — Papai está com medo de dançar.

— Pressão social, — eu brinco. — Muito original, filho. E altamente ineficaz em alguém como eu. Conheça o seu oponente.

— Vamos. — Kimba se junta aos insultos de Noah, os dois dançando na minha frente enquanto eu me sento teimosamente no lugar na parede.

A música clássica de Gaye finalmente termina e surge algo mais novo. Algo que eu ouço as crianças ouvirem na escola. *Cardi B.? Megan Thee Stallion*? Alguma mulher empoderada e armada mostrando aos garotos como é feito. Meus alunos mal conhecem o grande hip-hop que me ensinou a entender tanto uma cultura que eu não tinha exposição suficiente quando era jovem. *Nas. Biggie. Pac.* Esses artistas são *ideias* para eles, ícones cuja música representa uma grandeza distante que não os molda. Não da maneira que eles ajudaram a me formar, mesmo quando eu morava na Itália.

— A música mudou, — digo a eles com um encolher de ombros. — Ah, bem. Talvez na próxima vez.

— Se você não vai dançar, — diz Noah, — vou buscar a sobremesa.

— Uma, — eu o lembro. — Uma sobremesa. Escolha sabiamente.

— Pudim de banana, — ele me diz. — Quer vir, Kimba?

Estendo a mão e pego seu pulso, puxando-a para mais perto da parede. Todo mundo já a teve. Vou pegar meu tempo.

— Por que você não nos traz algo de volta, — eu digo, puxando-a para sentar na parede ao meu lado. — Algum bolo red velvet? Esse ainda é o seu favorito, Tru?

Ela olha para mim, morde o lábio e assente. — Sim. Se eles tiverem algum. Obrigada, Noah.

— Por que você a chama de Tru? — Noah pergunta.

Kimba e eu olhamos um para o outro, um sorriso crescendo entre nós. Nós erguemos as sobrancelhas ao mesmo tempo, um gesto de 'Você quer dizer a ele ou devo eu'.

— Meu nome do meio é Truth, — diz ela. — Então, Tru, para abreviar, mas apenas minha família me chama assim.

— Mas você não é a família dela, é, pai? — Noah pergunta.

— Não, mas costumávamos viver do outro lado da rua, e nos conhecemos a vida inteira. — Eu sorrio para ele. — Algumas pessoas se sentem mais próximas do que a família às vezes.

— Como tia Mona? — Seu rosto se ilumina, seu sorriso faltando um dente reaparece.

— Exatamente, — eu digo. — Acho que vi bolo de chocolate alemão. Traga isso para o seu velho, ok?

— OK! — Ele sai correndo e é engolido pela multidão que ainda não está diminuindo, espremida no aconchegante quintal de Mona.

— Ele estará de volta em cerca de... oh, trinta minutos, — eu digo. — Ele será parado e puxado para um jogo de cartas, uma conversa, alguma coisa e esquecerá tudo sobre nós. Aquele garoto é como o prefeito. Eu nem sei como ele é meu.

Kimba se move na parede, cruzando uma perna longa sobre a outra. — Eu vejo muito de você nele.

No luar, sua pele brilha como cobre cunhado.

— Você acha? — eu pergunto, inalando discretamente aquele aroma cítrico dela e curvando-me para descansar os cotovelos nos joelhos quando meu pau endurece ainda mais. Isso não é bom.

— Com certeza. Ele é curioso, do jeito que você era nessa idade. Sensível, mas ainda forte. Você tinha uma ousadia tranquila até então. Tipo uma autocontenção. Ele tem isso também. — Ela abaixa seus cílios longos, protegendo seus olhos escuros de mim. — E os olhos dele. Eles são exatamente como os seus.

Não consigo resistir a tocá-la da maneira mais próxima nem um segundo a mais. Eu levanto seu queixo, seu rosto em forma de coração, até nossos olhos se encontrarem.

— Fomos interrompidos no outro dia. — A suavidade da minha voz mal esconde minha fome voraz por todo detalhe do que ela fez enquanto estávamos separados. — Diga-me o que houve com você.

— Muito. — Ela ri, recostando-se nas palmas das mãos. — Se eu começar ficaremos aqui por muito tempo.

— Eu gostaria de ficar aqui muito tempo. Quanto mais, melhor.

Eu falo isso como uma 'Fala de Mona', e percebo que ela faria parecer sujo. — Eu quero dizer...

— Eu sei o que você quer dizer. Temos muito o que recuperar.

Também me inclino para as palmas das mãos, alinhando nossos rostos, nossos corpos encostados na parede. — Eu contei tudo sobre Aiko, Noah, minha família, a escola. Sua vez.

— Bem, eu não tenho essas coisas, — diz ela com tristeza. — Na maioria das vezes, me acabo de trabalhar. De certa forma, sou casada com qualquer candidato que estou gerenciando no momento. Eles tendem a dominar toda a minha vida.

— Você quer filhos?

— Honestamente, eu não tinha pensado muito nisso até recentemente. Aparentemente, meu relógio biológico está correndo. Bem, de acordo com minha ginecologista e minha mãe, pelo menos.

— Eu odeio quando pressionamos as mulheres a atingir certos padrões em determinados momentos em que não temos essas expectativas de um homem. Clooney era o homem, um solteirão convicto que podia jogar em campo, e nós o amamos por isso. O mesmo para Leo DiCaprio. Só demorando um pouco, curtindo a vida.

— Enquanto uma mulher que quer se concentrar em sua carreira, — ela diz, — mas tem um ótimo sexo sem compromissos, é uma puta envergonhada e de dar pena até ter um homem.

— Ninguém poderia ter pena de você.

— Oh, você ficaria surpreso. — Sua risada tem um código amargo que eu adoraria decifrar. — As coisas parecem diferentes por dentro.

Eu costumava estar lá dentro, costumava conhecê-la de todos os ângulos. Mas aquela era a garota. Essa é uma mulher sentada ao meu lado, uma mulher fascinante que me tenta.

— Você obviamente ama muito o seu trabalho, — eu digo.

— Estou fazendo exatamente o que eu deveria fazer. Não consigo imaginar nada mais gratificante.

— Entendo. Quando eu comecei o YLA, pareceu que eu fiquei cara a cara comigo mesmo. Encontrei o meu caminho.

— A escola, o que você está fazendo, é realmente notável. *Talvez* eu tenha assistido a alguns vídeos virais de seus alunos no TikTok. Eles são incríveis.

— Eles são minha alegria. Eles e Noah, é claro.

— Você é um pai fantástico. — Ela joga a cabeça para trás, enviando os cabelos dançando ao redor do rosto. — Quero dizer, parece. Você poderia estar batendo-o em casa pelo que sei.

— Apenas no xadrez, — eu digo, rindo. — OK. Você tem que me dizer. Como você rompeu com três gerações de Spelmanitas[18]?

— Com muito cuidado. — Ela encolhe os ombros, segurando o pescoço e inclinando a cabeça para trás para olhar as estrelas. — Eu não disse a meus pais que estava me candidatando ao Arizona, mas precisava de opções. Quanto maior o perfil de meu pai se elevava aqui na cidade, juntamente com o legado de meu avô, mais eu sentia o peso dele. Eu só queria ser eu mesma. Para ser vista por mim mesma, e não através do filtro do meu sobrenome. Não consegui encontrar um lugar nesta cidade, muito menos no

18 Mulheres que estudaram no Spellman College.

campus da Spelman, onde isso poderia acontecer. Eu estava sufocando.

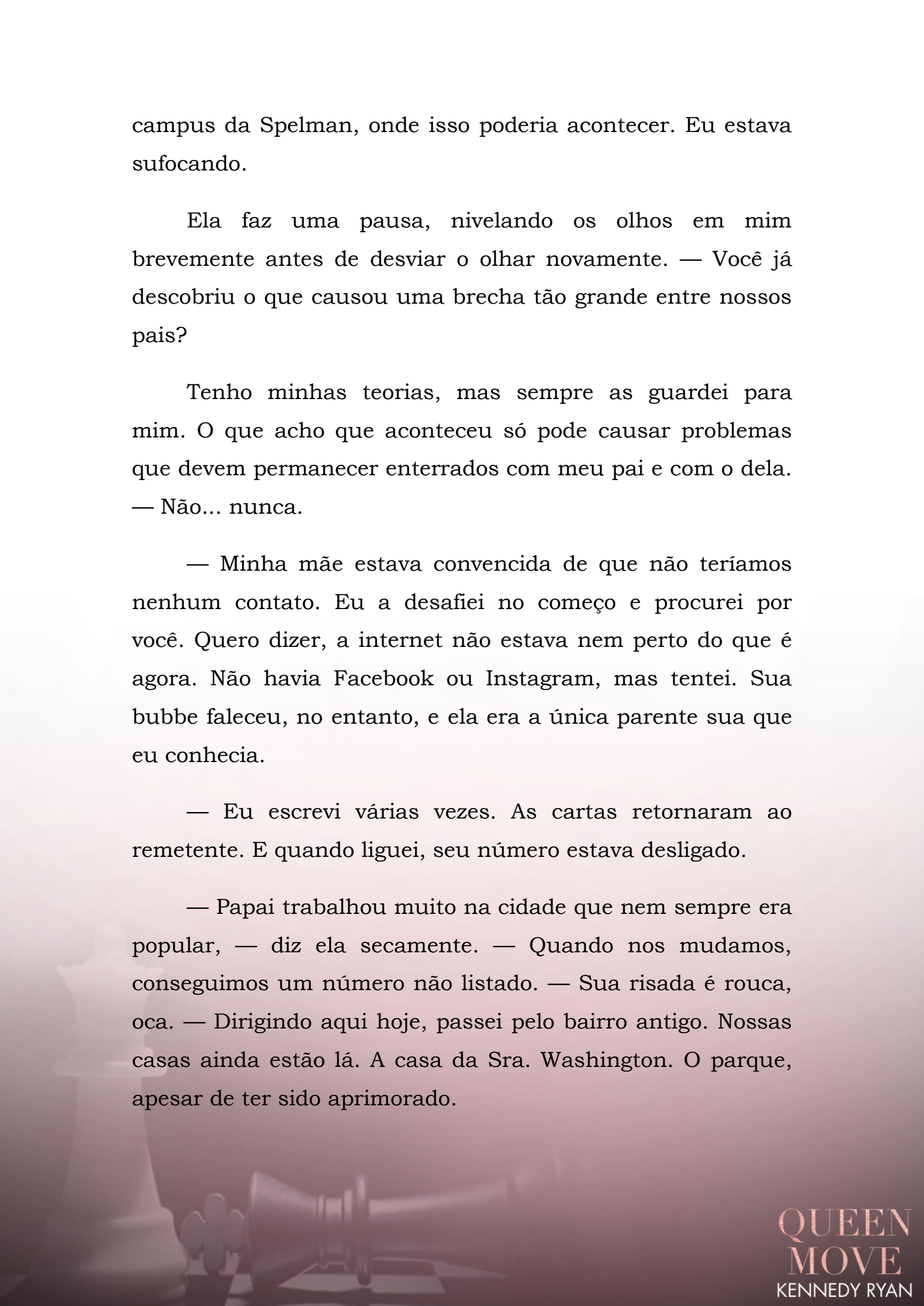
Ela faz uma pausa, nivelando os olhos em mim brevemente antes de desviar o olhar novamente. — Você já descobriu o que causou uma brecha tão grande entre nossos pais?

Tenho minhas teorias, mas sempre as guardei para mim. O que acho que aconteceu só pode causar problemas que devem permanecer enterrados com meu pai e com o dela. — Não... nunca.

— Minha mãe estava convencida de que não teríamos nenhum contato. Eu a desafiei no começo e procurei por você. Quero dizer, a internet não estava nem perto do que é agora. Não havia Facebook ou Instagram, mas tentei. Sua bubbe faleceu, no entanto, e ela era a única parente sua que eu conhecia.

— Eu escrevi várias vezes. As cartas retornaram ao remetente. E quando liguei, seu número estava desligado.

— Papai trabalhou muito na cidade que nem sempre era popular, — diz ela secamente. — Quando nos mudamos, conseguimos um número não listado. — Sua risada é rouca, oca. — Dirigindo aqui hoje, passei pelo bairro antigo. Nossas casas ainda estão lá. A casa da Sra. Washington. O parque, apesar de ter sido aprimorado.



— Você ia lá às vezes sozinha quando precisava limpar a cabeça.

— Como se naquela idade eu tivesse *muito* que precisava limpar a cabeça. — Ela ri. — Eu nunca estive lá sozinha por muito tempo. Você sempre veio me encontrar. Sentava-se comigo. Não falava, mas apenas balançava para frente e para trás. Você era uma criança tão quieta.

— Não com você.

— Não. — Nossos olhares se prendem. — Não comigo.

O silêncio se aprofunda, mas nenhum de nós parece ter pressa de preenchê-lo. Mergulho neste momento, mergulho na companhia dela, saboreando e provando como era um luxo o tempo que tínhamos.

— Você se lembra daquele caminhão velho de sorvete? — ela pergunta depois de mais alguns segundos, um sorriso ganhando vida em seus lábios, em seus olhos. Quando ela sorri, é como um nascer do sol, espalhando calor à medida que sobe.

— A música era tão assustadora agora que penso nisso. — Eu rio.

— Oh meu Deus, e o *motorista* era assustador. Temos sorte que ele nunca nos sequestrou.

— Ele sempre teve aqueles picolés laranja de que você tanto gostava. Aqueles eram seus favoritos. — Ela inclina a cabeça, sorrindo enquanto me considera.

— Como você se lembra disso?

— Eu me lembro de tudo, Tru.

A diversão em seus olhos e o sorriso em seus lábios piscam e ela fica em silêncio. Eu não deveria ter dito isso, não como *disse* de uma forma que revela o quanto aqueles tempos significavam para mim. Ainda significam para mim.

— Qual era o meu? — Eu pergunto. — Meu sorvete favorito?

Apenas não sei quando parar. O que isso provaria se ela se lembrasse? Seu silêncio prolongado me diz que não.

— Deixa *pra* lá. Eu não esperaria que você...

— Amigo Maluquinho.

Meus olhos encontram os dela na luz fraca, e eu sou transportado para a noite do nosso primeiro beijo, quando prometemos sempre ser amigos, não importa o quê.

— Eu deveria ter me esforçado mais para encontrar você. — Balanço a cabeça. — Eu estava tão envolvido em...

— Mudando para um país totalmente novo? — ela interrompe, tocando minha mão. — Eu estava parada aqui neste, e o ensino médio foi difícil. Apenas sobreviver tomou

todo o meu foco. É natural que as pessoas percam o contato com amigos que conheciam tão jovens quando iniciam novas fases com novas pessoas.

Viro minha mão para ligar nossos dedos. — Não para nós, não era. Deveríamos sempre estar na vida um do outro.

Ela prende nossos dedos mínimos. — Pacto, — ela sussurra.

— Pacto. — Concordo, segurando seu olhar e sua mão. O ar entre nós vibra como um batimento cardíaco. Seus lábios se abrem, e é preciso todo o meu controle para não me inclinar para frente, enxugar o brilho labial e beijá-la novamente como antes.

— Aqui estão vocês dois. — As palavras de Mona afetam a tensão crescente entre nós, mas nada pode quebrá-la. — Eu disse para vocês não monopolizarem um ao outro, e o que vocês fazem assim que minhas costas estão viradas?

Seu sorriso gentil desliza quando ela nos vê de mãos dadas. Seu olhar salta entre nossos dedos e nossos rostos. Ela e Aiko são amigos, mas eu sei que Ko não falou com ela sobre o rompimento antes de ela sair. Mona acha que é errado eu segurar a mão de Kimba. A propósito, Kimba se afasta e pela expressão de culpa em seu rosto, ela também.

Antes que Mona possa expressar a pergunta e a desaprovação que sua expressão transmite claramente, Noah se aproxima, equilibrando três pequenos pratos.

— Eu os peguei!, — ele diz triunfante. — Red Velvet para você, Kimba. — Ele passa um prato para ela e depois outro para mim. — Chocolate alemão para você, pai.

— Obrigado filho.

— Sim, obrigada, Noah, — diz Kimba, cortando sua enorme fatia de bolo.

— Papai está sendo um Kimba-tável? — Noah pergunta, seu sorriso se alargando enquanto o cenho de Mona se aprofunda.

— Ele estava, — diz Mona, seu tom firme, um aviso. — Mas eu estou aqui para acabar com isso. Vamos Kimba. Há algumas *outras* pessoas que eu quero que você conheça.

Kimba fica de pé na parede, a saia flutuando ao redor das pernas. — Claro. Por que não?

Quando a vi no funeral, sabia que seria assim para mim, que eu a desejaria. Que eu gostaria de conhecê-la dessa maneira novamente. Ela também sabia, e parou. Eu não estava livre para fazer nada sobre isso, para cultivá-lo quando a vi dois anos atrás. Agora eu posso.

Não há alguém que você tenha sido atraído?

Quando Aiko me fez essa pergunta há algumas semanas, não vi um caminho para fazer nada sobre minha resposta a Kimba, mas agora ela está *aqui.* Eu deveria ter

tentado mais mantê-la na minha vida antes. Eu era garoto na época, mas agora sou homem.

E há um guardanapo na minha cabeça com o nome de Kimba rabiscado por todo o lado.



VINTE

Kimba

— Então isso pode ser ousado, — diz Barry, — mas eu poderia ter seu número? Talvez possamos nos encontrar enquanto você estiver na cidade?

Eu deveria.

Por um lado, não faço sexo há muito tempo, e estou cansada de fazer todo o trabalho pesado para me manter satisfeita. Além disso, se eu decidir ter um bebê no próximo ano e meio, eu não estive exatamente por aí promovendo relacionamentos. Eu sou famosa com relacionamentos sem compromissos, com o pacote do sexo quente e sujo. Por último, mas não menos importante, por que não? Estou aqui há algumas semanas e alguma companhia não seria horrível. Ele tem aquele corpo de ciclista, realmente magro, que eu temo que se eu montar, eu posso quebrar, mas ele é atraente de uma maneira bem *verde.* Ele é esperto e engraçado. Parece gentil. Concentrar-se em um encontro com um homem disponível faz mais sentido do que se fixar em alguém que está *laçado* e tem uma família. Não importa que eu me sentisse mais viva, mais *vista* conversando com Ezra do que em anos. Não posso deixar que isso importe. Eu preciso fazer

a coisa certa, e evitar o tempo sozinha com Ezra é a coisa certa.

— Kimba? — Barry franze a testa, sua voz incerta. Eu o deixei pendurado.

— Ah, com certeza. Desculpa. — Pego meu telefone do bolso da minha saia e trocamos números.

— Eu tenho que ir. — Ele sorri. — Mas eu ligo para você esta semana.

— Ótimo, — eu me forço a responder com um sorriso.

Ele não se foi por dois segundos antes de Mona tomar o seu lugar ao meu lado, sorrindo duro. — Eu vi você e Barry trocando telefones?

— Você é pior que o Facebook. Eu *apenas* clico sobre ele, e você já está inundando a minha timeline com anúncios de vestidos de casamento.

— Eu sei. Eu sei. — Ela ri e puxa os cabelos para trás do rosto, amarrando-os no topo da cabeça. — Estou muito animada para ver você se conectar com alguém. — Seu sorriso vacila e ela lambe os lábios. — Alguém disponível, quero dizer.

— Tudo certo. Agora você está me reservando vagas. — Eu dou a ela um olhar irônico. — Você não era tão passiva-agressiva na oitava série. Diga o que tem a dizer, Janet.

Ela olha ao redor da sala onde algumas pessoas ainda estão conversando, mas a maioria está pegando suas coisas e caminhando para a porta. Ela inclina a cabeça para a cozinha. — Venha me ajudar por um segundo.

Entramos na cozinha, que está milagrosamente vazia. Ela começa a guardar alguns pratos cobertos.

— Eu sei que você e Ezra costumavam ter uma amizade muito especial, — diz ela depois de alguns momentos. Ela se encosta no balcão e me dá uma olhada nivelada. — Mas você tem que ter cuidado.

— Cuidado? — eu pergunto, apoiando meu quadril na ilha dela. — Como assim?

— Você sabe como é, Kimba. Ezra cresceu e se tornou bastante impressionante.

Ele sempre me impressionou.

— Quero dizer, — ela continua, — está muito bem agora, obviamente. Alto, bonito. A coisa toda e inteligente como tudo. E ele tem um coração enorme. Muitas pessoas na escola se envolvem em como ele é gentil com elas, e eu digo a elas o que vou lhe contar.

— Que é?

— Ele não está disponível, — diz ela sem rodeios, com firmeza. — Aiko é minha amiga, e eu sei que eles se amam

muito. Eles têm um filho juntos. Por favor, seja cuidadosa. Você não quer destruir isso.

— Faz muito tempo que você e eu nos conhecemos, Mona, mas garanto que não cresci para ser uma destruidora de lares.

— Eu sei, — diz ela, os olhos arregalados. — Mas ele tem uma esposa.

— Eles não são casados. — Não tenho ideia do que me levou a dizer isso, mas instantaneamente sei que não deveria.

A expressão de Mona endurece, seu brilho se acentua. — Eles podem muito bem ser. Eles estão juntos há quase uma década. Noah é o centro do mundo de Ezra. Você não deve comprometer isso e, com certeza, não deve estar segurando a mão dele.

Ela está certa. Você raramente vê um acidente de carro chegando. Isso acontece de repente, inesperadamente, antes que você possa evitá-lo.

Ela está me dizendo que se eu continuar por esse caminho, eu vou cair. Ela está me dizendo para diminuir a velocidade. Entrar no acostamento e deixar passar a tempestade.

Eu poderia mentir para mim mesma e fingir que sou apenas eu, que sou a única lutando com essa tentação, mas isso é mentira. Ezra ficou me observando a noite toda. Sinto seus olhos em mim toda vez que ele está por perto, e só quero

olhar para trás. Se não tomar cuidado, nos colocarei em rota de colisão que pode arruinar tudo.

Estou aqui por algumas semanas e depois para o próximo prefeito, governador, congressista. Eu poderia destruir seu relacionamento, prejudicar sua família e voltar à estrada da campanha, deixando-o para lidar com as consequências.

— Kimba! — Noah entra na cozinha. Há uma pequena mancha em sua camiseta que parece suspeita com pudim de banana. — Você ainda está aqui. Pensei que você já tivesse saído.

Ezra entra atrás dele. Ele se inclina contra o balcão e pega o telefone, fixando sua atenção lá em vez de no que está acontecendo aqui. Em vez de em mim.

— Eu ainda estou aqui, — eu digo incapaz de parar o sorriso que brilha nos meus lábios quando esse garoto está por perto.

— Bom, — diz Noah. — Eu queria convidá-la para a minha festa de aniversário no domingo.

A cabeça de Ezra gira e eu sinto seus olhos no meu perfil. Também sinto Mona prendendo a respiração, desejando que eu *não* aceite.

— Oh, Noah. Feliz aniversário, — eu digo. — Obrigada por me convidar. Isso é tão doce.

— Você virá? — Noah aperta as palmas das mãos, implorando dramaticamente. — Eu farei nove anos. Você só tem nove anos uma vez.

Mona e eu rimos. A linha inflexível dos lábios carnudos de Ezra se abre em um sorriso. Seus olhos amolecem em seu filho.

— Eu não sei, Noah. — Eu lambo meus lábios e empurro meu cabelo para trás. — Eu...

— Minha mãe não está aqui, — diz ele, abaixando a cabeça, seu sorriso desaparecendo. — Ela está no safári, mas pelo menos eu poderia ter todos os meus amigos por perto. Isso pode compensar isso.

Esse garoto é bom.

Olho para a expressão neutra de Mona, que de alguma forma ainda parece desaprovadora. Olho para Ezra, e seus olhos são da cor quase violeta que se aprofunda com suas emoções mais intensas. Eu o sinto *disposto* para que eu aceite.

— Por favor. — Noah olha para mim, seus olhos idênticos aos do pai.

— OK. Eu virei.

Noah começa uma dança que o faz balançar as pernas e apontar os dedos no ar. Tenho certeza de que vi quando

jogadores de futebol fazem touchdowns. Não posso deixar de rir, assim como Mona e Ezra.

— Você sabe que acabou de ser manipulada, certo? — Ezra pergunta, mas seu sorriso está satisfeito.

— Estou ciente, sim.

Nossos olhos se mantêm apesar do olhar atento de Mona. Fui manipulada ou consegui exatamente o que queria?



VINTE E UM

Kimba

Na casa dos Allen, as manhãs de sábado são para a limpeza.

Pelo menos elas costumavam ser. Mamãe estaria acordada às sete horas preparando o café da manhã. Panquecas e salsichas. Assim que a refeição terminava, ela atribuía tarefas a Kayla, Keith e eu, e não podíamos sair para brincar ou fazer qualquer coisa até a casa brilhar. Nós reclamávamos, mas uma vez que a música estava tocando e estávamos cantando e dançando, a casa ficava limpa em pouco tempo. Minha versão de *"Dance With Somebody"*, de Whitney Houston, em um microfone de esfregão? Clássico.

Sábado de manhã na casa da minha mãe é muito diferente agora. Não é o lar inicial que meus pais compraram para ficar perto de Emory enquanto papai estava na faculdade de direito. Os Stern não vivem do outro lado da rua, subjugados até o pôr do sol nos fins de semana, observando o Shabat.

Papai se foi, Deus descanse sua alma.

Kayla está casada com seu marido e cinco filhos, Deus *abençoe* sua alma. Keith também é pai e marido. *Hmm-hmm.*

Quando chego em casa, somos apenas mamãe e eu. Uma doce mulher chamada Esmerelda cantarola enquanto limpa a casa, de cima para baixo. A casa de nossa família está agora em um endereço de elite em Buckhead, entre algumas das propriedades mais caras de Atlanta. São onze horas e mamãe ainda não se mexeu.

No canto do café da manhã, tomo um gole do chá de ervas recomendado pelo homeopata para ajudar no equilíbrio hormonal e possivelmente para aliviar parte do ganho de peso. Aperto os olhos contra a luz do sol, inclinando meu telefone para eliminar o brilho. Uma mensagem de texto de Piers.

Piers: *Tem um segundo?*

Não me preocupo em responder, mas ligo para ele imediatamente.

— Fale comigo, — eu digo, dando uma mordida no melão que eu cortei no café da manhã.

— Bom dia, — diz Piers. — Espero não estar atrapalhando o tempo com sua família.

Olho ao redor da sala vazia e ouço o aspirador de pó de Esmerelda passando na sala de estar. — Tudo bem. Diga-me o que você conseguiu.

— É interessante fazer pesquisas de oposição para um candidato que ainda não nos contratou com um homem que nem mesmo declarou que está concorrendo com nosso não cliente.

— Ah. Mas não leio apenas as previsões políticas, — digo, rindo e recostando-me na cadeira. — Eu as *cultivo.* Alguns de nós esperam o futuro se desenrolar, e outros o inclinam à nossa vontade. Conhecer a sujeira da nossa provável oposição nesse estágio pode ser útil para garantir a posição em si. Então Burton Colson. Sujeira nas ruas? Sujeira nos lençóis? O que você tem?

— Definitivamente nos lençóis.

— Balanços[19] ou lençóis?

— Ambos.

— Envie-me um relatório completo, incluindo fotos, se você as tiver. E sujeira nas ruas? O que você achou?

— Algumas práticas comerciais que, embora não sejam ilegais, não o deixariam com boa aparência para certos importantes demográficos de votação.

Esfrego minhas mãos, melão abandonado em favor da sujeira. — Ooooh, minha favorita. O que seria?

---

19 Balanço patrimonial é um relatório contábil que tem por objetivo avaliar a situação patrimonial e financeira de um negócio.

— Deixe-me cavar um pouco mais para ver o que posso encontrar e depois vou compartilhar.

— OK. Eu vou confiar em você, mas na próxima semana, revele tudo.

— Prometo.

— Ah, e Piers?

— Sim, chefe?

— Tire uma folga. Eu recomendo.

Desligamos no momento em que Madame Mãe entra no quarto, vestida com um simples roupão de seda, com os cabelos presos em cachos. Mamãe ainda relaxa os cabelos e provavelmente se ajoelhará no altar químico até o dia em que morrer. Ela nunca fez plástica em seu rosto. Por que ela iria? Sua pele é quase tão lisa e firme como era quando eu era criança.

— Bom dia, mamãe. — Eu tomo meu chá. — Você está adorável.

— Obrigada. — Ela coloca o café na mesa junto com um prato de ovos e torradas. — O que as crianças dizem? Negros não envelhecem? Aquela magia das garotas negras?

Ouvir seu papagaiar de coisas que as crianças dizem faz meus lábios tremerem.

— Quem era no telefone? — ela pergunta.

— Piers, um dos meus funcionários. Estamos nos preparando para a campanha governamental.

— Qual? — Ela faz uma pausa para passar manteiga em uma fatia de torrada.

— Geórgia. — Eu pisco e lanço um sorriso para ela. — Espero que o congressista Ruiz nos contrate.

— Keith falou com você sobre *a* campanha *dele?*

Meu sorriso desliza. — Brevemente.

— E? — Mamãe arqueia uma sobrancelha imperiosa.

— Veremos.

— *Veremos?* — Mamãe deixa cair sua torrada e qualquer pretensão de interesse casual. — Kimba Truth Allen, você está me dizendo que conseguirá esse garoto branco eleito presidente, fará deste Mateo um governador, mas não pode se incomodar em ajudar seu próprio irmão?

Meu queixo se levanta, desafiador antes que eu tenha tempo de não fazê-lo. — Estou lhe *dizendo* que não tenho certeza se Keith deveria estar correndo.

— E quem fez de você a especialista?

— Eu fiz mamãe. Eu literalmente me tornei especialista ao fazer isso e fazê-lo bem nos últimos quinze anos da minha vida.

— Não esqueça o que seu pai costumava dizer. — Mamãe recomeça a passar a manteiga em sua torrada. — A família é mais importante. Não fique grande demais para suas calças.

— Minhas calças estão do tamanho certo, muito obrigada, — eu digo, acariciando o anel de ouro no meu polegar. — Papai também disse que nunca assuma um problema que não tem solução. Se Keith não estiver preparado para isso, ele passará toda a sua carreira política passando do caldeirão para a próxima frigideira. Eu, por exemplo, não vou tomar conta dele, e não vou enganar as pessoas deste distrito para essa decepção.

— Se você não o ajudar, encontraremos alguém que o ajude.

— Você está completamente perdendo o ponto da coisa, — eu digo, baixando meu volume para murmurar. — Como sempre.

— O que você disse? Não fale baixinho comigo, jovem. Diga o que tem a dizer se quiser.

— Eu *disse,* você está perdendo o objetivo. Isso não é sobre eu não querer ajudar Keith. É uma questão de ele estar apto para o cargo e pronto para servir. Eu o pressionei com algumas questões muito básicas, e ele não estava preparado para discuti-las. Ele ainda tem um longo caminho a percorrer antes de estar pronto para concorrer. — Ponho o chá e olho nos olhos dela. — E você sabe que ele trai Delaney?

Ela não responde, mas morde sua torrada e sorri por cima do meu ombro. — Esmerelda, tudo pronto?

— Sim, — a resposta suave vem de trás de mim.

— Obrigada. Então me deixe pegar meu talão de cheques. — Mamãe se levanta e me lança um olhar carregado de reprovação e aviso. — Eu voltarei.

Quando eu era criança, aquele olhar combinado com esse tom me deixava arrasada de pavor e ansiedade. Em vez disso, mal posso esperar até que ela volte. Estou *certa* e quero essa luta.

— Como eu estava dizendo, — mamãe começa quando se senta novamente.

— Na verdade, *eu* estava perguntando se você sabe que seu filho trai a esposa dele, e eu estava esperando sua resposta.

— Estou ciente de que eles tiveram alguns desafios, sim, como todos os casais jovens. Isso não o torna impróprio para o cargo. Certamente muitos de seus candidatos tiveram esses tipos de... desafios.

— Claro, mas eles não arrastariam o nome Allen pela lama com seu caráter fraco e incompetência. O legado do papai está ligado a Keith e...

— Ha! — Sua risada zombeteira corta o meu argumento.

— Com licença? Mas *você* tem algo a dizer? Se sim, diga, mamãe.

— O legado do seu pai, — diz ela, revirando os olhos. — Garota, isso é chá ou Tang que você está bebendo? Seu pai não era perfeito.

— Ele era um grande homem, — eu atiro de volta, o gelo endurecendo minha espinha.

— Não estou dizendo que ele não era. Claro que sim, mas as mulheres casadas com grandes homens sabem que peidam enquanto dormem e deixam o assento do vaso sanitário em pé. Eles são *humanos.* Seu irmão é humano, imperfeito, da mesma forma que seu pai era imperfeito.

— Meu pai não era infiel.

— Como você sabe o que se passa entre um homem e uma mulher a portas fechadas?

— Você está dizendo...

— Estou dizendo que os problemas de Keith e Delaney não devem impedi-lo de servir nesse estado. Você o mantém num padrão impossível, que é seu pai. Ele sempre mimou você.

— Mimou? Eu? Keith é o que você *tanto* mimou, permitindo-lhe privilégios que nem Kayla ou eu já tivemos, simplesmente porque ele era um menino. Deixando-o correr solto, agora ele é um pirralho mimado, um fedelho fraco e de

baixo desempenho, que assume que pode montar o nome e o legado de meu pai no cargo. Bem, não no meu turno e até que eu esteja satisfeita, de que ele servirá bem às pessoas deste distrito.

Mamãe suspira com um movimento desesperado de cabeça. — Você é como seu pai.

— Obrigada.

Mamãe lança um olhar para mim, revira os olhos e abre um pequeno sorriso. Contra a minha vontade e melhor julgamento, meus lábios também se abrem. Nossos confrontos geralmente terminam em respeito mútuo.

— Olha, — mamãe diz, — eu sei que Keith tem algo a fazer, mas ninguém é perfeito. Seu pai certamente não era quando nos casamos.

— Eu repito. Você está dizendo que papai te traiu?

A expressão da mamãe se fecha. Ela puxa os cílios para baixo e aperta os lábios nos cantos. — Seu pai foi fiel em todo o nosso casamento, tanto quanto eu sei, e ele era o tipo de homem que não poderia ter vivido com essa mentira. Então... não, ele não traiu.

O alívio libera a respiração que eu estava segurando. — Não espero que Keith seja perfeito mas espero que ele faça melhor e esteja preparado.

— Seu coração está no lugar certo. Ele não é corrupto como algumas dessas pessoas concorrendo ao cargo. Se você estiver na Geórgia de qualquer maneira, ajudando o congressista Ruiz a se candidatar a governador, será mais fácil aconselhar Keith também.

Meus ombros, tensos em batalha, relaxam um pouco. — Veremos. Ruiz tem que me escolher primeiro. Existem algumas empresas que ele está considerando.

— Considerando? — As sobrancelhas de Mama se unem. — Ele não viu o que você fez por Maxim Cade?

— Bem, Maxim é um candidato único na vida. Charlie Brown provavelmente poderia ter gerenciado a campanha e vencido.

— Não faça isso, Tru, — diz mamãe, estreitando os olhos, a voz baixa. — Eles nos diminuem o suficiente sem que você fique pequena. Você descende de rainhas. E não estou falando de voltar para a África. Estou falando da sua avó, que colocou sua vida em risco como piloto da liberdade. Sua tia que era pastora quando disse que as mulheres não podiam ser e liderou uma das maiores congregações do sul. Sua tataravó, que, com uma educação de sexta série abriu seu próprio restaurante e se tornou uma das mulheres mais ricas da cidade.

— Eu sei mamãe. — Eu rio com ela balançando os galhos da árvore genealógica para provar o seu ponto. — Você nos contou um milhão de vezes.

— Bem, não esqueça. O congressista Ruiz teria sorte em você gerenciar sua campanha e, melhor, espero que você ainda esteja disponível e interessada quando ele perceber.

— Essa parte, — eu concordo, sentindo um pouco da minha confiança habitual surgindo. Estendo a mão e toco sua mão. — Obrigada mãe.

Ela aperta minha mão brevemente antes de se afastar para tomar seu café da manhã.

— E eu vou ver o que posso fazer por Keith, — eu digo de má vontade. — Pelo menos sentar com ele e ouvir onde está sua cabeça.

Mamãe assente. — Obrigada. Eu sou a primeira a admitir que ele nem sempre é... responsável, mas ele tem potencial. Se seu pai ainda estivesse por aqui...

Ela está certa. Papai já teria posto Keith em forma de campanha e o teria colocado na votação de outra pessoa anos atrás, com sua própria campanha como o jogo final. Eu deveria ter visto isso. Deveria ter feito isso. Kayla administra a Fundação de nossa família, mas eu herdei a mente estratégica de papai. Para quem terei que passar?

— Hum, mamãe, — arrisco, cutucando os restos do meu melão com um garfo. — Posso te perguntar uma coisa?

Mamãe assente, sem levantar os olhos do jornal que ainda é entregue à nossa porta da frente todas as manhãs.

Faz tanto tempo desde que eu vi as notícias em tinta no papel, parece que ela está segurando um artefato.

— Você sabe se temos um histórico, de ambos os lados, de menopausa precoce?

As sobrancelhas da mamãe se dobram e mergulham. Ela balança a cabeça. — Não que eu saiba. Por que você... — Ela deixa cair o papel na mesa e seus olhos arregalam-se para os meus. — O médico. Foi por isso que você foi ao médico naquele dia?

É uma maneira de conectar os pontos.

— Estou na pré-menopausa sim.

— Mas você... você não tem nem quarenta anos. — Mamãe bate a mão na mesa. — Pesticidas.

— Hum... hein?

— São esses pesticidas, GMAs e...

— Acho que você quer dizer OGM[20].

— Sim. — Mamãe aponta o garfo para mim. — Eles. E esteroides. Tudo na nossa comida, na nossa água.

— Você não está errada, mas tem certeza de que não há histórico familiar?

---

20 OGM é a sigla de Organismos Geneticamente Modificados

— Ninguém que eu lembro. Menina, minha mãe ainda tinha tampões embaixo da pia aos sessenta anos.

Entre uma avó que ainda estava menstruada nos anos do crepúsculo e uma irmã que deu à luz cinco filhos com seu próprio corpo, estou me sentindo reprodutivamente inadequada para dizer o mínimo.

— Então, o que isso significa sobre filhos? — mamãe pergunta, franzindo a testa. — Você ainda pode tê-los, certo? Você é tão jovem.

— Não menstruo há quatro meses. Sem um desses ciclos, sem filhos. Então, eu estou trabalhando com um homeopata para, pelo menos, recuperar isso, e então eu posso decidir.

— Decidir? Bem, quanto tempo você tem para decidir?

— Um ano e meio. Talvez dois. — Meu encolher de ombros é mais descuidado do que eu. — Não posso apenas reproduzir sob demanda. Se e quando eu começar a regular meu período, eu preciso de alguém para reproduzir *com,* e não tenho perspectivas. E não tenho certeza se quero largar tudo para ter filhos agora. Se essa janela se fechar e eu quiser filhos mais tarde, muitos bebês estão prontos para adoção e precisam de casa. Não preciso de um doador de esperma para isso.

— Eu sei que você nunca sentiu pressão para ter filhos, — diz mamãe. — Ou se casar, a propósito, mas acho que você

seria uma mãe maravilhosa, se isso significa alguma coisa para você.

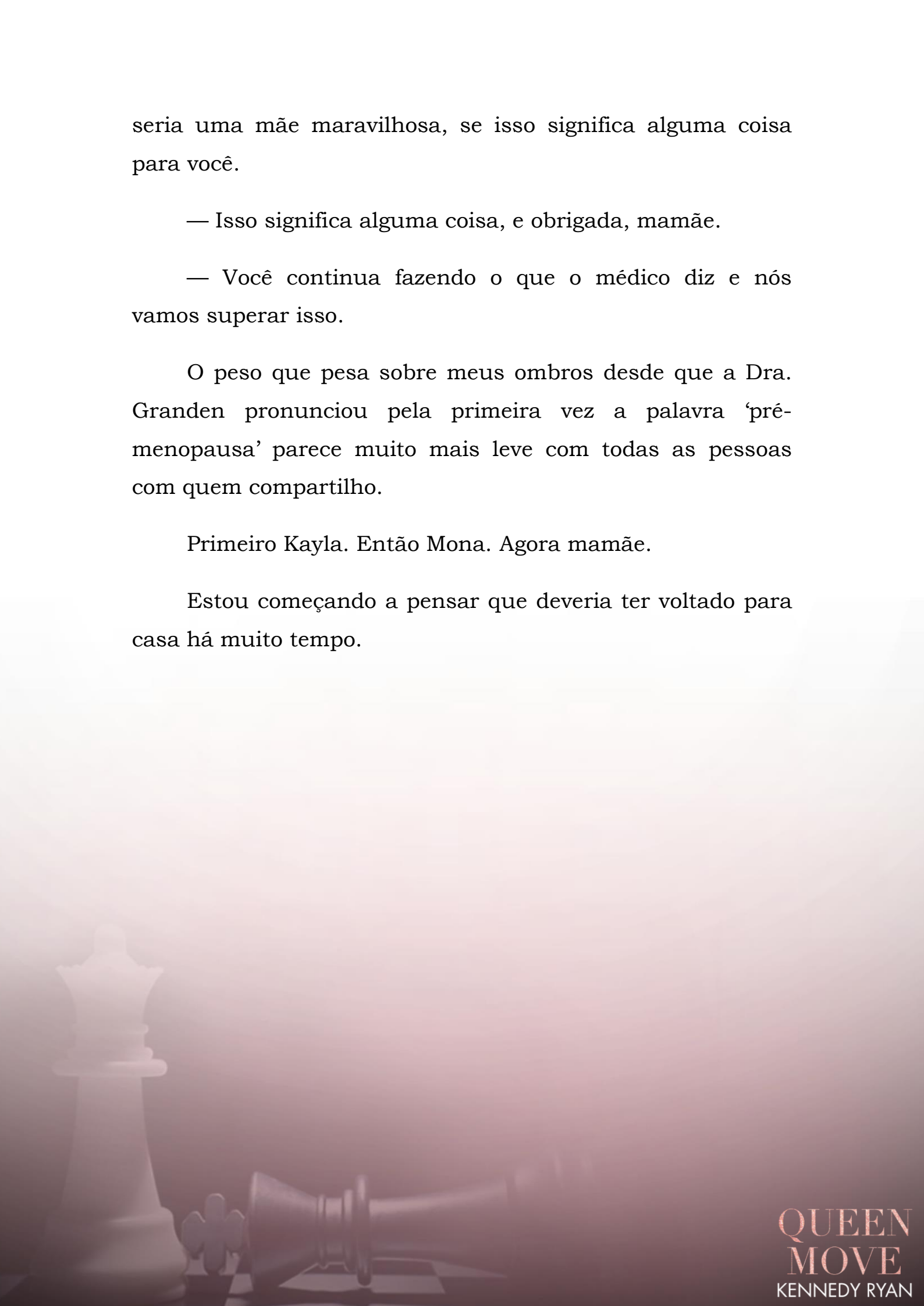
— Isso significa alguma coisa, e obrigada, mamãe.

— Você continua fazendo o que o médico diz e nós vamos superar isso.

O peso que pesa sobre meus ombros desde que a Dra. Granden pronunciou pela primeira vez a palavra 'pré-menopausa' parece muito mais leve com todas as pessoas com quem compartilho.

Primeiro Kayla. Então Mona. Agora mamãe.

Estou começando a pensar que deveria ter voltado para casa há muito tempo.



VINTE E DOIS

Ezra

— Adorei eles! — Noah diz, sorrindo para os bilhetes que Aiko deixou para ele.

— Gostou querido? — Ela pergunta, sua expressão preocupada na tela do Skype. — São passes que podemos usar sempre. Estivemos no aquário com tanta frequência que pensei que uma viagem a Nashville para o planetário pudesse ser divertida. E eu sei que você realmente gosta das estrelas agora.

— É ótimo, — ele assegura. — E as outras coisas também foram incríveis.

Aiko me pediu para levar uma sacola cheia de presentes de aniversário que ela havia deixado no quarto dela logo pela manhã.

— Eu queria estar aí. — Ela pisca com força, e posso dizer que ela está tentando não chorar. Ela não quer que Noah saiba. — Mas tantas pessoas estão vindo para a sua festa hoje.

— Sim, e nós vamos pular no pula-pula, — diz Noah. — Você deveria ver, mãe. É do tipo que tem uma rede.

— Na verdade, sua mãe ajudou a escolher, — eu interrompo. — Ela queria ter certeza de ver ele antes de sair.

— Você fez? — Noah pergunta.

— Sim. — Aiko me lança um olhar agradecido. — Claro que sim. Eu queria que este fosse o melhor aniversário de todos os tempos, mesmo que eu não esteja aí.

— E quatro dos caras da escola estão dormindo aqui hoje, — Noah continua. — Papai diz que vai fazer rabanada recheada no café da manhã. — Ele olha para mim como se eu tivesse esquecido.

— Certo. — Eu concordo. — O café da manhã de amanhã será iluminado.

— Pai, — Noah geme, obviamente envergonhado pelo meu antiquado vocabulário. — Não diga iluminado, ok?

— Pode deixar.

Meu telefone vibra no balcão da cozinha pelo laptop. É minha mãe ligando através do FaceTime.

— Bubbe! — Noah chia. Ele olha para Aiko, incerto.

— Oh, baby, atenda, — Aiko diz a ele. — Eu mantive você por tempo suficiente. Vá conversar com sua avó. Eu te amo.

— Te amo mãe. Vejo você quando você voltar. — Ele pega meu telefone. — Pai, posso levá-lo para fora para mostrar a ela meu pula-pula?

— Claro, mas traga de volta para mim antes de desligar, — digo a ele. — Eu preciso falar com ela sobre você voar lá para o acampamento.

Ele sai correndo e sai pela porta do quintal.

— Eu deveria estar aí, — Aiko diz desesperadamente. — Estou com saudades do aniversário dele, e ele vai para o acampamento por semanas. E se ele...

— Você está exatamente onde deveria estar, — interrompo antes que ela possa espiralar. — E você é uma mãe incrível. Você sacrificou muito por ele, por mim, por esta família. Atraso na sua carreira, adiou alguns dos seus sonhos. Esta viagem é apenas para você e você merece. Ele vai ter um ótimo aniversário hoje e você verá quando voltar.

— Tem certeza?

— Tenho certeza de que ele não ficará emocionalmente marcado porque você perdeu essa festa de aniversário? Sim. Além disso, o pula-pula e a festa do pijama cobrem muitas transgressões.

— Você sempre sabe o que eu preciso ouvir.

— Você não tem nada para se sentir culpada.

— Oh, Deus, mas eu faço. — Afeição, tormento e lágrimas inundam seus olhos. — Eu dormi com Chaz. — Eu permito que as palavras dela afundem, esperando para ver se estou com raiva, magoado ou ciumento, mas não estou.

— Você não fez nada de errado, — digo a ela, olhando para o quintal para ter certeza de que Noah ainda está lá. — Não estamos mais juntos.

— Eu sei. — Novas lágrimas caem sobre suas bochechas. — Ele não era você, Ezra, e eu não fiquei com mais ninguém há dez anos. Eu senti como se estivesse traindo você.

— Você não está, e se você está preocupada com os meus sentimentos, eu estou bem.

Ela hesita e depois libera suas próximas palavras rapidamente. — Eu sei que você disse antes que não havia ninguém em particular pelo qual você se sentia atraído, — diz ela, avançando antes que eu possa alterar essa declaração. — Mas eu quero que você me prometa algo.

— O quê? — Eu pergunto cautelosamente.

— Quando você... — Ela engole e fecha os olhos. — Se você dormir com outra pessoa, eu quero que você me diga.

Eu já estou balançando a cabeça. — Ko, você sabe como você é. Você tem ciúmes de um quilômetro de diâmetro. Como isso seria útil *ou* saudável?

— Eu não sou tão ruim.

— Jill Schaffer.

— Aquela cadela, — Aiko cospe. — Ela estava atrás de você desde o momento em que a conhecemos na conferência de pais e professores.

— Não, ela estava apenas sendo amigável. Você *pensou* que ela estava atrás de mim e fez do ano escolar da pobre mulher um pesadelo.

— Ela não deveria estar ensinando filhos, se começa a desejar seus pais.

— O que quero dizer, — digo, pausando para que ela absorva, — é que eu lhe dizendo que eu vou dormir com outra pessoa não irá ser tão bom quanto a nossa conversa sobre Chaz, e você sabe disso.

Com um timing perfeito, ou um timing ruim, dependendo de como você olha, Chaz entra no quarto de hotel usando um par de shorts de neon.

— Baby, você está pronta para esse mergulho, — ele pergunta.

Quando ele está totalmente no quarto e percebe que ela está no Skype, o vermelho rasteja sob sua pele. — Cara, me desculpe. Não sabia que você estava...

— Está bem. — Eu dou um sorriso muito civilizado. — Eu tenho que ir me preparar para esta festa de qualquer maneira.

— Tire muitas fotos, — diz Aiko, piscando as lágrimas novamente. — E vídeo, Ezra. Você sempre esquece o vídeo. Vou mandar uma mensagem para Mona.

— Boa ideia. Dê um ótimo mergulho. — Dou uma olhada entre ela e seu novo amante. — Adeus, Ko.

Quando desligo o Skype com ela e, depois de ter conversado com minha mãe sobre a próxima viagem de Noah a Nova York, está quase na hora de todos começarem a chegar. Eu mal tenho tempo para tomar banho e me trocar.

— Este não é o baile da oitava série. — Digo a mim mesmo enquanto contemplo o que devo vestir. — Apenas coloque algo, cara.

Minhas opções são basicamente shorts cargo... ou outros shorts cargo. Eu sempre pareço elegante na escola, geralmente vestindo um terno, já que as crianças são obrigadas a usar uniformes, mas fora da escola? Não estou exatamente preocupado com o que estou vestindo.

— Sou só eu! — Mona grita do andar de baixo. — Você está aí?

— Uh, sim! — Ponho uma camiseta da YLA sobre minha cabeça e pego a opção número um de shorts. — Estou indo.

A partir daí, é um borrão de balões, bolo, sorvete, uma piñata aleatória que Noah insistiu em ter e muitas pessoas. Tantas pessoas. Toda a turma, mas também todos na nossa rua e vários alunos da YLA. Barry está aqui. Mona fez questão de anunciá-lo quando ele chegou, para não esquecer seu plano genial de juntar Kimba com o professor de matemática.

— Você acha que Kimba ainda virá? — Noah pergunta.

— Eu não sei filho. Ela é uma mulher muito ocupada. Algo pode ter surgido do qual ela teve que cuidar.

O rosto dele cai um pouco. — Eu realmente gosto dela.

— Sim, eu também.

Estou na cozinha acendendo velas quando ela chega. Do outro cômodo, o ruído baixo e sedutor de sua voz se mistura com o de Mona. Eu congelo, o isqueiro suspenso sobre o bolo por um segundo. Minhas malditas palmas começam a suar.

— Não é a oitava série, — eu me lembro sombriamente.

Ando com o bolo aceso até o quintal e Mona começa a música de aniversário. Cortamos o bolo e eu ainda não vi Kimba, mas sei que ela está aqui em algum lugar.

— Dr. Stern.

Eu me viro para encontrar uma das garotas da sétima série do YLA parada lá. — Ei, Karinne. Obrigado por ter vindo.

— É uma ótima festa. A equipe de dança preparou algo para o aniversário de Noah. Está tudo bem fazer isso?

— Você está de brincadeira? — Noah vai surtar com isso. Ele ama seus shows improvisados. Eles estão prestes a começar a competir nacionalmente. — Obrigado. Ele vai adorar.

— OK. — O rosto de Karinne se ilumina. — Vou reunir o time então.

Ela é uma criança tão brilhante. Sua mãe conseguiu seu mestrado e abriu seu próprio negócio no centro de Decatur, uma das partes mais legais do cenário em mudança de Atlanta. O pai de Karinne não está na vida dela, então eu, e muitos outros homens da equipe garantimos que estamos fornecendo bons exemplos masculinos para ela, sempre que possível.

Como eu sabia que ele faria, Noah quase sai de sua pele quando a equipe de dança faz os movimentos de aniversário para ele. Mona está gravando e provavelmente publicará no Instagram e no TikTok, ou como quiserem, mais tarde. Tivemos vários vídeos virais, graças em grande parte a ela. Ela está no topo de nossas redes sociais.

— Uau. Eles são fantásticos.

Eu me viro e Kimba está de pé ao meu lado, os olhos fixos no time de dança pulando, batendo palmas e gritando no ritmo como eu nunca poderia fazer com meu corpo.

— Sim, eles são. — Eu limpo minha garganta. — Eu não tinha certeza de que você conseguiria vir.

— Eu quase não vim. — Sua risada é relutante, reservada. — Eu provavelmente não deveria ter.

— Estou feliz que você fez. — Eu escovo seus dedos com os meus e viro minha cabeça para olhar diretamente para os olhos dela. — Realmente feliz.

— Ez. — Ela afasta os dedos, abaixando a cabeça para que o cabelo caia para frente para obscurecer parcialmente seu perfil. — Não.

— Nós precisamos conversar. — Volto minha atenção para a equipe de dança, no Noah sentado na beira de seu novo pula-pula, com admiração em todo o rosto. — Não vá, ok?

Seu peito se agita com o peso do suspiro. Ela está vestindo jeans skinny e uma daquelas camisas sem alças do tipo top sem mangas. Ele descreve a plenitude de seus seios e o mergulho dramático de sua cintura e bunda.

— Eu não sei. — Ela balança a cabeça. — Mona estava certa. Ela...

— Mona não sabe o que preciso lhe dizer. Ainda não. Fique. Quero falar com você depois que todos saírem.

Ela hesita, mas finalmente concorda. — Obrigado, — eu digo.

— Kimba! — Noah grita. — Você veio!

— Eu te disse que sim. — Ela sorri para ele. — Cara, sua festa é incrível.

— Obrigado. — Ele salta na ponta dos dedos dos pés. — Estamos prestes a abrir presentes.

— Minha parte favorita! — Kimba diz. — Espero que você goste do meu.

— Você me deu um presente? — Os olhos de Noah se esticam e sua boca se abre.

— Claro que sim.

— Vamos para a mesa de presentes checá-los, — digo a ele.

É bastante. Nem me lembro de ter recebido tantos presentes no meu Bar Mitzvah. Penso nos dezoito Pixie Stix que Kimba me deu e não posso deixar de olhar para ela e sorrir. Ela está a alguns metros de distância com Mona e levanta uma sobrancelha.

— *O quê?* — Ela gesticula com os lábios.

Eu balanço minha cabeça e gesticulo de volta. — *Mais tarde.*

O presente dela é um dos favoritos de Noah, e um dos meus também.

— *Ezra's Big Shabat Question.* — Noah lê o título do livro assim que arranca o papel de embrulho. O livro não é tão grande, mas meu nome aparece imediatamente, é claro. Há um garoto marrom na capa vestindo um yarmulke. Fico completamente imóvel e acho que nem estou respirando. O que um livro como esse teria significado para mim trinta anos atrás, quando ninguém na minha sinagoga se parecia comigo. Um livro como esse teria me refletido quando o único lugar que eu me vi estava no espelho. Que ela encontrou este livro e o compartilhou com meu filho? Isso significa tudo.

— Uau. — O rosto pequeno de Noah fica sério. — Isso é... é ótimo, Kimba. Muito obrigado.

Eu acho que ele sabe que este livro realmente significa alguma coisa. Para ele, talvez para mim. Sua negritude se esconde mais profundamente em seus poros que a minha, diluída ainda mais pela herança vietnamita de Aiko, mas garanto que ele conheça minha história, a história de meu pai e seu pai antes dele. Garanto que ele saiba de *todas* as influências, culturas e etnias que se uniram para torná-lo quem ele é. É uma herança rica e variada, e eu não trocaria nenhuma parte dela.

— Estou feliz que você gostou. — Kimba dá de ombros, sorri. — Vi na livraria e pensei...

— É perfeito, — eu digo.

Ela arrasta os olhos do rosto de Noah para o meu, e se eu pudesse beijá-la agora, eu o faria. Ela desvia o olhar e mastiga o canto da boca.

— Noah! — Um de seus colegas chama. — Pula-pula.

— Vá em frente, — digo a ele, pegando o livro dele. — Eu vou guardar isso. — Ele foge, deixando Kimba e eu em uma tempestade elétrica de silêncio.

— Kimba, — Mona chama do outro lado do quintal, olhando entre nós. — Você pode vir me ajudar com essa coisa na cozinha?

— Que coisa? — Eu murmuro apenas para os ouvidos de Kimba.

— Aquilo que me colocará em algum lugar além de ficar ao seu lado.

— Ei. — Eu agarro seu cotovelo e inclino minha cabeça para sussurrar em seu ouvido. — Não se esqueça de ficar por aqui.

— Ezra.

— Apenas me dê uma chance, Tru.

— Uma chance para o quê? — Ela olha para mim, seu rosto suave enrugado em uma carranca. — Eu não acho...

— Me ouça pelo bem dos velhos tempos? Se nosso pacto já significou alguma coisa para você, me dê uma chance de explicar.

— Isso não é justo.

— Eu sei, mas isso é como xadrez. Você é a peça mais poderosa deste tabuleiro. Todo o poder está em suas mãos.

— Não sinto que tenho todo o poder.

— Como você está se sentindo?

— Honestamente, — ela solta uma risada curta. — Um pouco desamparada.

Eu sei o que ela quer dizer. A atração entre nós está viva, está queimando sob as pontas dos meus dedos em sua pele. Mesmo cercado por amigos e colegas que sabem que eu estou com Aiko há uma década, que sabem que eu nunca a trairia que *não* sabem que não estamos mais juntos e que me julgariam... mesmo sabendo da necessidade de discrição, mal consigo tirar minhas mãos de Kimba.

— Posso lhe dizer uma coisa e você vai acreditar em mim? — Eu pergunto.

— Sim.

— Eu nunca traí Aiko e nunca trairia. — Eu mergulho minha cabeça para pegar seus olhos com os meus. — Por favor, confie em mim.

Ela procura no meu rosto por vários batimentos cardíacos e depois dá um aceno lento. — OK. Eu confio em você.

— Kimba! — O tom de Mona é apenas tímido. — Por favor.

— É melhor eu ir, — diz Kimba se afastando. Ela faz uma pausa e me olha por cima do ombro. — Vou esperar, mas apenas por alguns minutos, Ezra. Eu não... eu não posso...

Ela balança a cabeça e se afasta.



VINTE E TRÊS

Kimba

— Se essa foi a festa de nove anos do Noah, — diz Mona, — você pode imaginar os dezesseis anos desse garoto?

Eu rio e pego os restos de doces da piñata de Noah da grama. — Nós seremos a comitiva desse garoto quando ele tiver dezesseis anos.

Mona olha ao redor do quintal de Ezra e dá um longo suspiro. — Tudo feito. A comida está guardada. O lugar está limpo. Todo mundo foi para casa. Ezra está garantindo que quatro alunos da terceira série não se matem e que durmam.

— Ezra tem sorte de ter você. — Sento-me na beira do pula-pula. — Você é parte da família.

Mona me dá um olhar medido antes de se sentar ao meu lado, a cobertura de rede nas nossas costas. — Aiko também. Eles são todos como uma família para mim.

— Bem, então, *todos* eles têm sorte de ter você.

Mona inclina a cabeça em direção à cerca que separa seu quintal deste. — Por que você não vem tomar uma taça... ou uma garrafa... de vinho?

— Outra hora?

— Você está prestes a sair? — Sonda Mona.

— Daqui a pouco, sim.

Seu olhar volta para a casa. — Isso não vai acabar bem, Kimba. Não pode acabar bem.

Por mais que ela esteja certa, eu mantenho a franqueza de Ezra mais cedo hoje à noite. — Você o conhece, Mona. Você já suspeitou que ele fosse infiel?

— Não, mas você nunca esteve por perto.

— Isso não faria diferença.

— Eu também teria dito isso antes de vê-lo com você. Kimba, eu sei como um homem olha para alguém que é apenas um amigo, e não é assim que Ezra olha para você. Eu só espero que ninguém mais tenha notado. Ele é um pilar desta comunidade. Um herói para essas crianças. Não quero que ele jogue isso fora, porque está curioso sobre o que poderia ter sido.

— Eu também não quero isso, e isso não vai acontecer. Estamos apenas conversando, Mo. Não nos vemos há muito tempo. Éramos melhores amigos desde o berço. Apenas confie em nós, ok?

— OK. — Sua única palavra brilha com notas de dúvida e aviso, mas ela se vira para a cerca, destranca a porta e caminha para o lado dela.

Depois que ela volta para sua casa, tudo fica quieto. Há menos de uma hora, esse quintal estava repleto de atividades, música, comida e convidados. Depois que Mona sai, eu apenas ouço o chiar solitário de grilos.

— O que você está fazendo aqui, Tru? — Eu pergunto em voz alta.

As garantias de Ezra, as advertências de Mona, nenhuma delas pesa mais do que o conhecimento que reveste as fendas secretas do meu próprio coração.

Eu o quero.

Mas eu odiaria machucar Noah, ou tentar Ezra a trair Aiko. Não quero comprometer minhas próprias convicções. Então, por que diabos eu ainda estou aqui? Ele disse que eu podia confiar nele, mas não é com isso que estou preocupada.

Eu não posso confiar em mim.

Caio de volta através da fenda no compartimento da rede, caindo no pula-pula. A superfície responde com um pequeno salto. Aquele pequeno soluço de flutuação levanta o peso, a dúvida dentro de *mim*. Sem audiência, a não ser um quintal vazio, eu chuto minhas sapatilhas, fico no pula-pula e tento dar um pulo. E depois outro. Um maior que me impulsiona cada vez mais alto. Tão alto que meus braços voam sobre minha cabeça. Meus pés e pernas absorvem o choque, a energia de cada salto, e estou subindo, aterrissando, pulando e rindo. Por apenas alguns momentos,

não quero pensar em meus ovários me traindo, ou que nunca terminei de me provar, por mais que eu tenha sucesso. Alguém ainda precisa ver mais de mim antes de me dar uma chance. Quero esquecer que o garoto que eu costumava sentir ser meu agora é um homem que não posso ter. Deixo todos os meus problemas no chão e apenas pulo.

Vejo Ezra me observando, um ombro apoiado no batente da porta dos fundos, uma antiga afeição em seu novo rosto. De certa forma, ainda estou reconciliando esse Ezra "adulto" com o garoto que ocupava muito menos espaço no mundo, mas que ainda era meu mundo *inteiro.* Perco o foco no meio do salto e caio de bunda. O pula-pula, generosamente perdoador, joga-me de volta e fico de pé. Minhas respirações forçadas ficam altas na noite tranquila, enquanto nossos olhares se emaranham. Encaramos um ao outro com um olhar e não consigo me soltar. O sorriso de Ezra diminui e ele dá alguns passos à frente até chegar ao redor do pula-pula.

— Você pode imaginar se tivéssemos um desses enquanto crescíamos? — Ele pergunta.

— Nós nunca teríamos ido à escola.

Ele acena para a superfície onde meus pés ainda levantam alguns centímetros reflexivamente. — Posso?

— É o seu pula-pula, — eu digo, tão sem fôlego por sua proximidade quanto por esforço.

Ele passa pela rede e para a superfície esticada, pegando minha mão. Um caleidoscópio de borboletas migra instantaneamente da minha barriga para a garganta. Eu deveria me opor a esse contato, mas não o faço. Eu simplesmente olho de nossas mãos unidas para o sorriso em seu rosto.

— Vamos pular, — diz ele.

E então estamos pulando, encarando um ao outro, olhando nos olhos um do outro enquanto o pula-pula nos joga no ar. Isso o atinge primeiro, o riso. Uma risada abafada quando ele solta minha mão para saltar em sua bunda, depois em seus pés e depois saltando mais alto no ar. E então eu estou em suas mãos, a alegria, a risada derramando de mim como uma lata de pó de fada virada. Isso enche o ar ao nosso redor, a alegria. Somos crianças de novo, sem cuidados ou responsabilidades. Não há limites para nossos sonhos ou paredes sobre o que poderia ser. Poderíamos pular a noite toda e rir até o amanhecer. Exceto depois de alguns minutos, paramos de pular para cair de bunda, deitar de costas e olhar para cima. Há uma foice de prata cortando o céu de veludo preto.

— As estrelas são uma bênção hoje à noite, — diz Ezra, sua voz baixa como se falasse alto demais, ele as assustaria. — Morando na cidade, você nem sempre as vê assim. São estrelas de ocasiões especiais.

Sorrio para o capricho do garoto que sobreviveu no homem. — E qual é a ocasião? — Viro minha cabeça para estudar a beleza áspera de seu perfil.

Ele vira a cabeça também, e seu sorriso evapora como algodão-doce em sua língua, um doce derretendo. — Nós, — diz ele. — Somos a ocasião especial.

Quem se move primeiro, não tenho certeza. Mais tarde, meu orgulho dirá que foi ele, mas isso poderia ser uma mentira para me exonerar. Independentemente disso, sua mão está segurando meu rosto e meus dedos se enterram nos cachos curtos em seu pescoço. Seu polegar roça minha boca, um eco do nosso primeiro beijo inocente, mas esse beijo não é hesitante ou tímido. Ele puxa meu queixo até que minha boca se abre e ele lambe dentro de mim, com fome e imprudência. Eu lambo de volta, eu chupo de volta, eu *gemo* de volta. Este beijo voa ao sol, derretendo minha vontade de ferro e queimando minhas reservas em cinzas. Luto no meio do nevoeiro luxurioso e procuro a razão, uma miragem à distância, algo piscando dentro e fora da vista entre fantasia quente e realidade fria e dura.

— Você disse que eu podia confiar em você, — ofego entre beijos. — Eu não traio, Ezra.

Ele para, abre os olhos, descansa a testa contra a minha, suas respirações duramente desenhadas se espalhando pelos meus lábios, molhados e ardendo. — Nem eu.

Ele rola de costas e passa a mão pelos cabelos. O movimento flexiona seu bíceps, e eu permito que meus olhos passem por ele, tão grandes, em forma e finamente feitos. O peito largo sob sua camiseta se agita como se ele estivesse correndo. Eu também. Fugindo disso, dele, dos desejos traidores que ameaçam achatar minhas convicções a nada. Logo abaixo da linha esticada do estômago, suas calças estão estendidas com uma ereção.

Merda.

— Eu preciso ir. — Sento-me, mas ele pega meu pulso gentilmente e me puxa para baixo. Seu cheiro, o calor que emana de seu corpo me intoxica, e eu respiro profundamente. Enche meus pulmões com possibilidades atrofiadas e desejos proibidos.

— Não vá ainda, — diz ele. — Deixe-me explicar.

Sinto seus olhos no meu rosto, mas me recuso a virar a cabeça, para ser pega na armadilha de violeta de seus olhos. — Você vai explicar por que disse que não trai, mas depois me beijou?

Nós dois sabemos que eu o beijei de volta.

Ele é o único a se sentar dessa vez, puxando os joelhos contra o peito e enrolando os braços envolta das pernas longas. A camiseta estica por toda a largura de suas costas.

— Aiko e eu estamos tendo problemas há muito tempo.

— Oh, Ezra, não seja esse clichê. O que mais? Ela simplesmente não te entende? Você também tem algumas questões internas que gostaria de me mostrar?

— Ela realmente me entende muito bem, — ele responde, sua desgostosa, mas não irritada. — Foi uma das coisas que primeiro me atraiu para ela, como nos conhecemos. Eu realmente não tive isso com outra garota desde você. — Sua risada é curta e autodepreciativa. — Quero dizer, isso e o fato de ela ser linda. Isso também não doeu.

Ciúme. Não tem o direito de fazer um buraco na minha barriga.

— Não sei se... — Ele agarra a parte de trás do pescoço. — Eu nunca disse isso em voz alta, mas não sei se teríamos durado muito tempo se ela não tivesse engravidado. Se não fosse por Noah.

Ele olha por cima do ombro e seus olhos estão tristes. — Tentamos Kimba. *Eu* tentei. Estivemos em aconselhamento nos últimos dois anos. Não ficou muito melhor. Ela até queria tentar um relacionamento aberto, que eu recusei.

— Oh, uau. — Eu nunca fui uma garota possessiva, mas sei que não poderia compartilhar Ezra. — Você ainda está com ela, certo? Ainda será traição se nós... ainda não estará certo.

— Ela está na Tanzânia dormindo com outra pessoa enquanto conversamos, com minhas bênçãos.

— Eu não... — Franzo a testa e pressiono a palma da mão na minha testa. — Eu não entendo.

— Nós terminamos antes que ela partisse, mas não queria estragar o aniversário de Noah, especialmente com ela saindo tão cedo. Nós dois precisamos estar aqui para ajudá-lo a processar assim que contarmos a ele.

Quero desviar o olhar, quebrar o contato entre os olhos, mas esse momento é de areia movediça, me segurando imóvel e me puxando para baixo. — O que você quer?

— Você sabe o que eu quero.

Meu corpo ganha vida com suas palavras, sob a intensidade de seu olhar e a promessa de satisfação para nós dois. Ele não diz mais nada por um momento e depois limpa a garganta, continua. — Mona está tentando juntar você com Barry.

— E? — Eu pergunto, observando para ver se sua expressão impassível me diz mais do que ele mostra.

— Não.

Só uma palavra. Absolutamente educado, mas quando ele levanta os cílios, seus olhos estão azuis-escuros, meia-noite nadando no oceano mais profundo.

— Eu ouvi você dizer a Mona que você gosta de foder, — diz ele, prendendo a plenitude de seu lábio inferior entre os dentes. — Eu também. Se você está no mercado para alguém, eu gostaria que fosse eu.

A oferta sedutora, o tom sombrio de sua voz acariciando a palavra "foder" arrebata minha respiração. Não tenho certeza do que é mais perigoso. Ezra *comprometido* ou Ezra *disponível.* Raramente algum dos meus relacionamentos sexuais foi complicado. Era uma liberação, uma transação de prazer entre dois adultos consentidos, livres para negociar com quem quisessem.

Eu já sei que Ezra seria uma história diferente. — Ez...

— Eu não quero ver você com ele.

— Eu sei que você esteve fora do mercado, — digo secamente. — Mas não é exatamente assim que um homem fala quando tudo que ele quer fazer é foder.

— O que você quer que eu diga? Que eu não sinto nada por você? Você sabe que é mentira. O que quer que existisse entre nós quando éramos jovens, nunca teve a chance de se tornar... mais. Mas ainda está lá, e nunca poderia ser nada.

As palavras ressoam com a verdade, e tudo o que posso fazer é concordar. Eu senti isso no funeral. Eu senti isso assim que o vi novamente. Deus sabe que eu senti quando ele me beijou.

— Você não precisa se preocupar. Eu ia dispensar Barry quando ele ligasse.

— Bom, — diz ele, satisfação em seus olhos estreitados. — Faça isso.

Olho para minhas mãos. — Eu não quero Barry.

— Você me quer?

É uma pergunta ousada. Tudo nessa conversa é ousado, descarado, vazio.

— Sim. — Balanço a cabeça antes que ele possa atacar minha admissão. — Mas não tenho certeza se isso é a melhor coisa agora para qualquer um de nós.

— Deixe-me decidir o que é melhor para mim.

— Você está saindo de um relacionamento de longo prazo. Estou começando uma nova campanha.

Dedos cruzados.

Sem mencionar tudo o que estou passando com minha saúde. Não *vou* mencionar, mas é mais uma razão pela qual não quero apegos emocionais no momento. E ele está certo. Entre Ezra e eu, nunca poderia *não* ser emocional.

Eu vou até a beira do pula-pula, ainda dentro da rede, mas com as pernas penduradas ao lado. Estou pronta para sair, mas não consigo me forçar a ir. Ele fica tenso e não fala.

— A atração entre nós... — Esfrego as mãos no rosto. — Bem, eu estaria mentindo se dissesse que não é forte.

Ele olha para mim que é ao mesmo tempo quente e astuto. — Você deve admitir que nós dois nos beijamos muito melhor do que aos treze anos.

Eu me inclino para ele e deixo minha cabeça cair no ombro dele, como fazia tantas vezes quando estávamos crescendo. — Ah, eu não sei. Para um primeiro beijo, pensei que era bem perfeito.

Ele une nossos dedos na perna. — E foi. Eu tinha grandes esperanças para nós depois daquele beijo.

— O que você esperava? — Eu pergunto, minha voz suave, hesitante, um passo cuidadoso.

— Eu esperava que fosse apenas o começo. Eu esperava que eu voltasse do acampamento para o ensino médio e nós estaríamos... — Ele vira a cabeça para olhar para mim, e a intensidade, a ternura é familiar porque sempre esteve lá. Eu já vi isso um milhão de vezes e nunca soube o que era. Como eu poderia ter então? — Eu esperava que estivéssemos juntos.

Eu não sei o que dizer. Foi há muito tempo e éramos muito jovens, mas eu o queria tanto quanto meu jovem coração sabia como querer alguém.

— Olha, eu não quero te perder de novo. — Seus dedos apertando os meus enfatizam suas palavras. — Se você

decidir que não pode... não quer... quero você na minha vida, Tru, mesmo que seja apenas como amiga. Só não me deixe de novo.

Não tenho certeza do que dizer sobre isso, então olho para nossas mãos unidas e encontro uma distração esboçada em sua pele. — Você tem uma tatuagem.

Ele vira o pulso para que eu possa ver melhor os caracteres hebraicos. תלוע ווקית

— O que é isso?

— Tikkum Olam. Basicamente, 'conserte o mundo'. Comecei a pensar nesse conceito quando tive que fazer meu projeto do Bar Mitzvah. Eu passei por isso sem Bubbe, mas na verdade isso me moldou muito como homem. Comecei o YLA porque eu via isso como minha contribuição para tornar o mundo, pelo menos uma parte dele, melhor.

— Estou muito orgulhosa de você, Ez. Eu sabia que você seria incrível, mas o que você fez por essas crianças, por essas famílias? É uma mudança de vida.

— Você está orgulhosa de *mim?* Eu estava no aeroporto esperando um voo e você apareceu em uma daquelas televisões na área de espera do portão, comentando pelo MSNBC ou algo assim. Algum candidato. Eu quase perdi meu voo. Eles estavam fechando as portas, mas eu não conseguia me mexer. Foi a primeira vez que vi você crescida. Eu fiquei paralisado. Eu sabia que você seria linda, mas... — Ele

balança a cabeça, pensativo. — E você estava tão fluente. Tão confiante. Nem uma gagueira à vista.

— Isso levou anos para me livrar. E volta se eu ficar realmente nervosa. Eu ainda odeio falar em público. Eu sempre fiz Lennix fazer essas coisas o máximo possível.

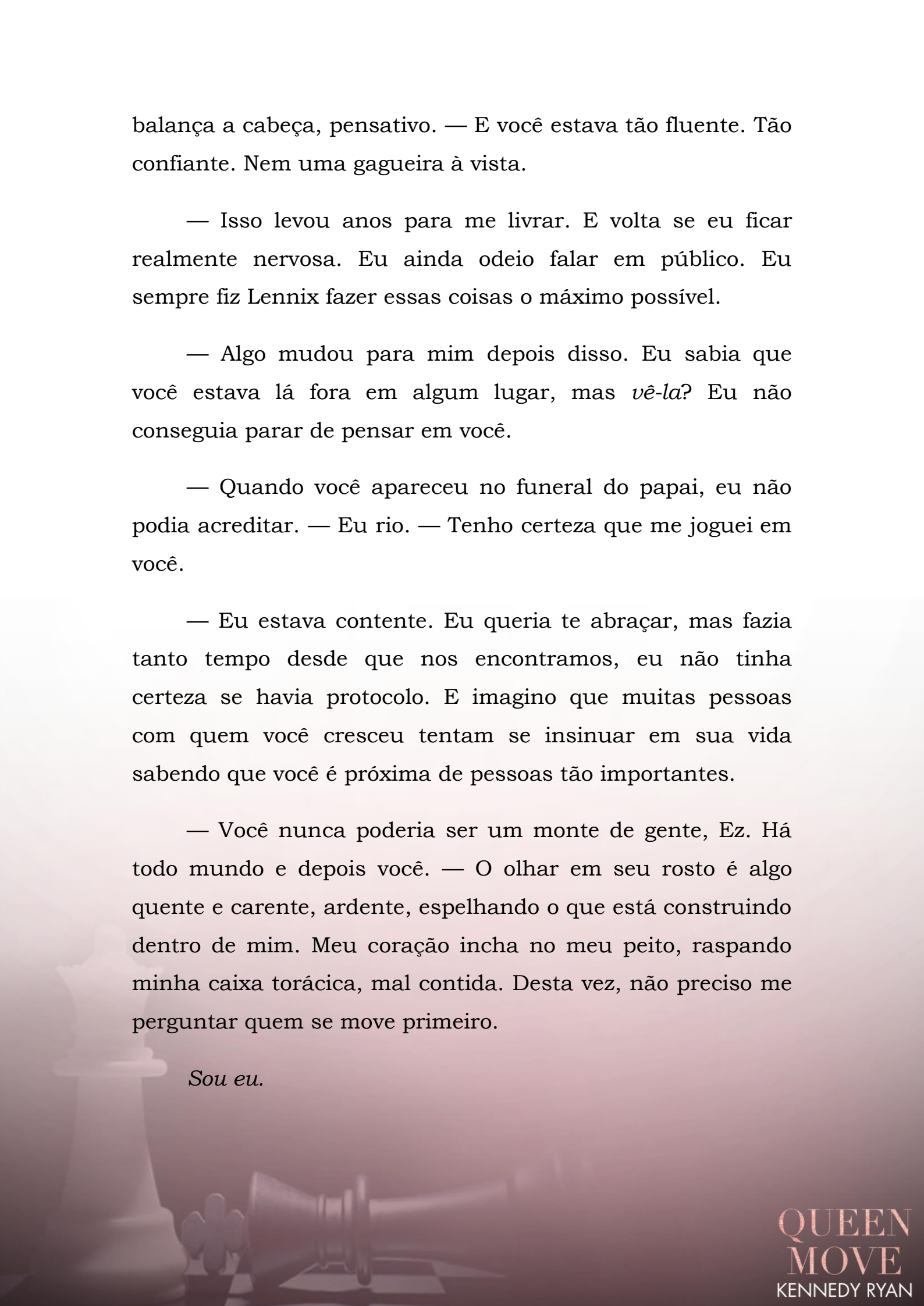
— Algo mudou para mim depois disso. Eu sabia que você estava lá fora em algum lugar, mas *vê-la*? Eu não conseguia parar de pensar em você.

— Quando você apareceu no funeral do papai, eu não podia acreditar. — Eu rio. — Tenho certeza que me joguei em você.

— Eu estava contente. Eu queria te abraçar, mas fazia tanto tempo desde que nos encontramos, eu não tinha certeza se havia protocolo. E imagino que muitas pessoas com quem você cresceu tentam se insinuar em sua vida sabendo que você é próxima de pessoas tão importantes.

— Você nunca poderia ser um monte de gente, Ez. Há todo mundo e depois você. — O olhar em seu rosto é algo quente e carente, ardente, espelhando o que está construindo dentro de mim. Meu coração incha no meu peito, raspando minha caixa torácica, mal contida. Desta vez, não preciso me perguntar quem se move primeiro.

Sou eu.



Eu me inclino para mais perto e pressiono nossos lábios, olhos abertos e olhando diretamente nos dele. Seu olhar, sua carranca, pergunta se tenho certeza.

Eu não tenho. Como eu poderia ter?

Mas fecho os olhos e aprofundo o beijo, uma queda imprudente pela qual poderei pagar mais tarde. Nem todas as racionalizações me motivaram a beijá-lo novamente. Eu poderia dizer a mim mesma que eles terminaram e que Aiko seguiu em frente primeiro, mas nada disso me passa pela cabeça quando nossas línguas se enrolam e nossos suspiros se entrelaçam. Minha mente, consumida pelo gosto e pela sensação dele, grita uma palavra repetidas vezes, um refrão insistente.

Finalmente. Finalmente. Finalmente.

Ele me coloca de volta no pula-pula e, no escuro, a rede forma um mundo de malha e magia, população: nós. Nossos beijos ficam desesperados. O que foi gentil se torna urgente, e ele está me segurando, apertando minha perna, meus braços, minha bunda. Explorando meu corpo como um cego vendo com as mãos. A pressão é certa e excessiva, e não o suficiente. Eu arranco minha boca, beijo seu queixo, arrasto meus lábios por seu pescoço. Ele chupa meu lóbulo da orelha, encontrando uma linha direta de luxúria na minha boceta. Eu me contorço e choramingo.

— Você gosta disso? — Ele respira na pequena enseada entre meu pescoço e orelha.

Concordo com a cabeça, apertando minhas mãos em sua cintura magra quando ele faz isso de novo, levando tempo em meus ouvidos e beijos fantasmagóricos no meu pescoço e sobre meus ombros. Quando seus lábios encontram a barreira do meu top sem alças, ele faz uma pausa, pairando sobre o meu peito.

— Eu quero tanto te tocar aqui que minhas mãos estão tremendo, — diz ele, sua voz um tom rouco. — Eu posso?

Eu nem consigo respirar para tirar o "sim". A antecipação rouba minha respiração e enrosca meus mamilos. Eu mal consigo acenar com a cabeça antes que ele segure meu peito através da camisa, espanando beijos ao longo da minha clavícula. O tempo todo, ele aperta meus mamilos, aperta meu peito.

Oh meu Deus. Por favor, chupe.

Eu pressiono mais fundo em sua palma, desejando que ele puxe a parte de baixo para que ele possa ver o quão duro meus mamilos estão. Quanto eu quero a boca dele em mim. Ele apenas continua chovendo beijos enervantes e inebriados em todos os lugares, exceto *ali,* produzindo um frenesi dentro de mim. Fecho os olhos, desejando não implorar, e então sinto o calor úmido de sua boca através do tecido fino.

— Ez, — eu gemo. — Sim, por favor.

Aleluia, ele puxa a camisa para baixo, deslizando-a lentamente até que o ar da noite brilha nos meus mamilos em

picos orgulhosos. Abro os olhos e ele está olhando para o meu peito como se fosse manhã de Natal. Sua respiração está quente na parte de baixo do meu peito, soprando vapor pelo meu corpo. Ele leva meu mamilo à boca com uma sucção insistente e faminta de seus lábios e língua. Não é gentil, mas é uma atração longa e forte, transportando-me através de um minúsculo túnel de dor ao prazer que explode entre as minhas pernas. Cem palavras, mil maneiras de dizer a ele que é *tãããão* bom inundam minha mente, e minha boca se abre, mas nenhum som escapa. Ezra alterna, lavando, chupando e mordendo um seio, beliscando, apalpando e apertando o outro. Eu acho que poderia gozar apenas nisso, mas ele recruta outras partes do meu corpo nesse ataque sensual. Ele pressiona levemente a junção das minhas coxas, perguntando não com palavras, mas com seu toque.

Eu já sei que minha voz vai me falhar, então eu simplesmente aceno. Ele abre o meu jeans, desliza o zíper para baixo, os dedos hábeis, ansiosos. Não há empecilhos ou procuras. Ele patina sob a borda rendada da minha calcinha, encontrando meu clitóris infalivelmente rápido e passando a ponta de um dedo sobre o aglomerado de calor e nervos.

— Jesus, — eu suspiro. — Senhor.

— Abra suas pernas.

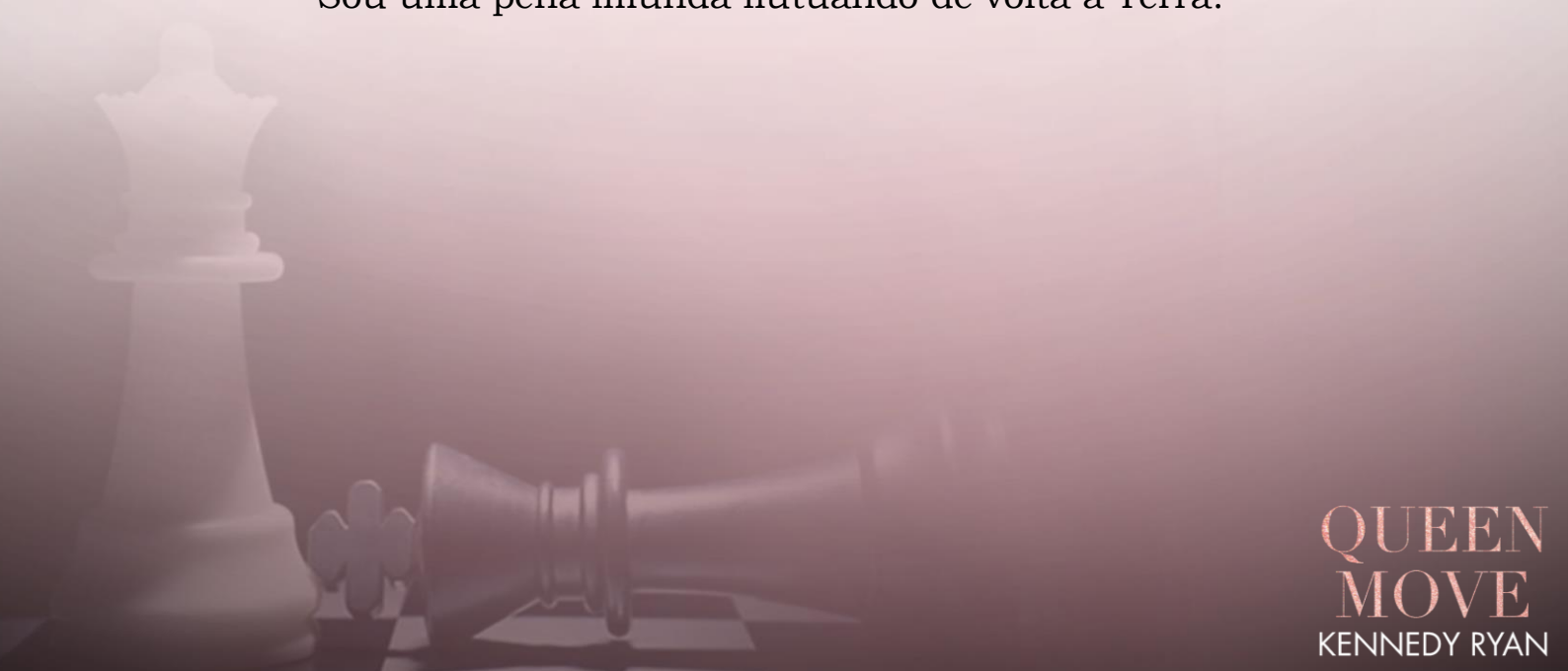
Eu as amplio, e ele recompensa minha obediência com a mais deliciosa intrusão de um dedo enorme mergulhando dentro. Ele acrescenta outro, esticando-me, pilhando-me.

Suas mãos, lábios, língua conspiram para me levar até o limite. Ele chupa meu peito, esfrega meu clitóris e me toca com ternura implacável e urgência.

— Merda, merda, merda. — Minhas costas arqueiam e minha cabeça se inclina para trás e meu corpo entrega todas as moléculas, lascando-se em um milhão de partículas se contorcendo. Eu afundo meus calcanhares no pula-pula quando o orgasmo me domina, lágrimas através de mim. Um grito estridente sobe pela minha garganta, mas eu mordo meu lábio inferior, prendendo o interior de som. Moo em sua mão, sem vergonha, descuidada da minha óbvia necessidade gananciosa. Estou perseguindo isso até o fim. Permito-me alguns gemidos minúsculos enquanto o último cobre todo o meu corpo, torcendo pelos meus membros e formigando meus dedos dos pés.

As mãos de Ezra lentas. Seus beijos são gentis, mas ele não para até que eu esteja completamente imóvel, respirações irregulares, meu único movimento externo. Estou me movendo por dentro, no entanto.

Sou uma pena imunda flutuando de volta à Terra.



VINTE E QUATRO

Ezra

Olho para o rosto de Kimba, mal iluminado pela lua e sombreado pela rede do pula-pula. Estamos deitados, de frente um para o outro, nossos corpos como confidentes, amontoados perto. Minha mão repousa bem dentro de sua calcinha, a cintura descompactada de seu jeans escancarado. A blusa está abaixada, o tecido amassado na cintura. Seus seios estão nus, a pele acobreada brilhando, seus mamilos úmidos e inchados dos meus beijos.

Eu não achei que chegaríamos tão longe hoje à noite, mas estou muito feliz com isso.

— Oh, meu Deus, — diz ela, sua voz rouca. — Você está brincando comigo? — Sua risada gutural é um carrilhão enchendo meu quintal como música.

— O quê? — Eu pergunto cautelosamente. Isso pode significar várias coisas. Literalmente.

— Isso foi incrível. — Estendida ao meu lado no pula-pula, ela parece exausta. Seus músculos faciais relaxam, exceto pela menor curva satisfeita nos lábios. — Você é realmente bom nisso, Dr. Stern.

Eu rio e inclino minha cabeça para o lado até que ela toque a dela. — Se eu não tivesse me mudado para a Itália, provavelmente teria acontecido no banco de trás de um carro ou debaixo de arquibancadas quando estávamos no ensino médio.

— Duvido muito seriamente que você fosse capaz de fazer *isso* no ensino médio. — Ela suspira, parecendo contente e impressionada. — Pela minha experiência, os adolescentes não são tão atenciosos.

Ela olha para o comprimento de nossos corpos para a ereção cutucando meus shorts. — Por falar em atenção, — diz ela, sua mão deslizando para o meu cinto. Ela me dá um olhar interrogativo, como se ela tivesse que pedir permissão.

— Espero que você não pense que vou recusar o que você está pensando. — Meus ombros tremem com a risada retumbante no meu peito. — Porque eu não vou. Estou a fim de qualquer coisa.

— Bom, — ela ronrona, sentando-se, erguendo-se sobre mim com os seios de fora maliciosos e seus belos lábios inchados do beijo. — Porque eu...

— Papai!

Nós dois congelamos. Kimba tira as mãos do meu cinto e a metade inferior do meu corpo se opõe violentamente.

— Não. — Balanço a cabeça, negação preservando minha ereção. — Ele está bem. Ele...

— Papai! — Noah grita de novo, sua voz saindo do quarto pela janela do andar de cima.

— Merda. — Deslizo as duas mãos pelo rosto e me levanto para uma posição sentada no pula-pula ao lado de Kimba. — É melhor eu...

— Sim. — Eu poderia chorar quando ela puxa a blusa de volta no lugar. — Parece que você é necessário.

— Se eu não quero que ele mutile seus colegas de classe, — digo, puxando a rede para trás e ficando de pé, — é melhor não ignorar isso.

Ela corre para a beira e começa a sair. Pego a mão dela para ajudá-la a descer, mais por desejo de tocá-la novamente do que por necessidade. Quando ela está de pé, eu a puxo para perto de mim. Com os pés descalços, ela é muito mais baixa do que eu. Não consigo deixar de lembrar do nosso primeiro beijo quando nossos rostos se alinharam quase perfeitamente porque tínhamos a mesma altura.

— Foi realmente um primeiro beijo perfeito, — murmuro, sorrindo.

— Foi. — Ela olha para as nossas mãos unidas. — Ezra, não pretendo enviar sinais mistos, mas apenas porque nós...

Seu olhar volta para o pula-pula, um lembrete fumegante do que aconteceu.

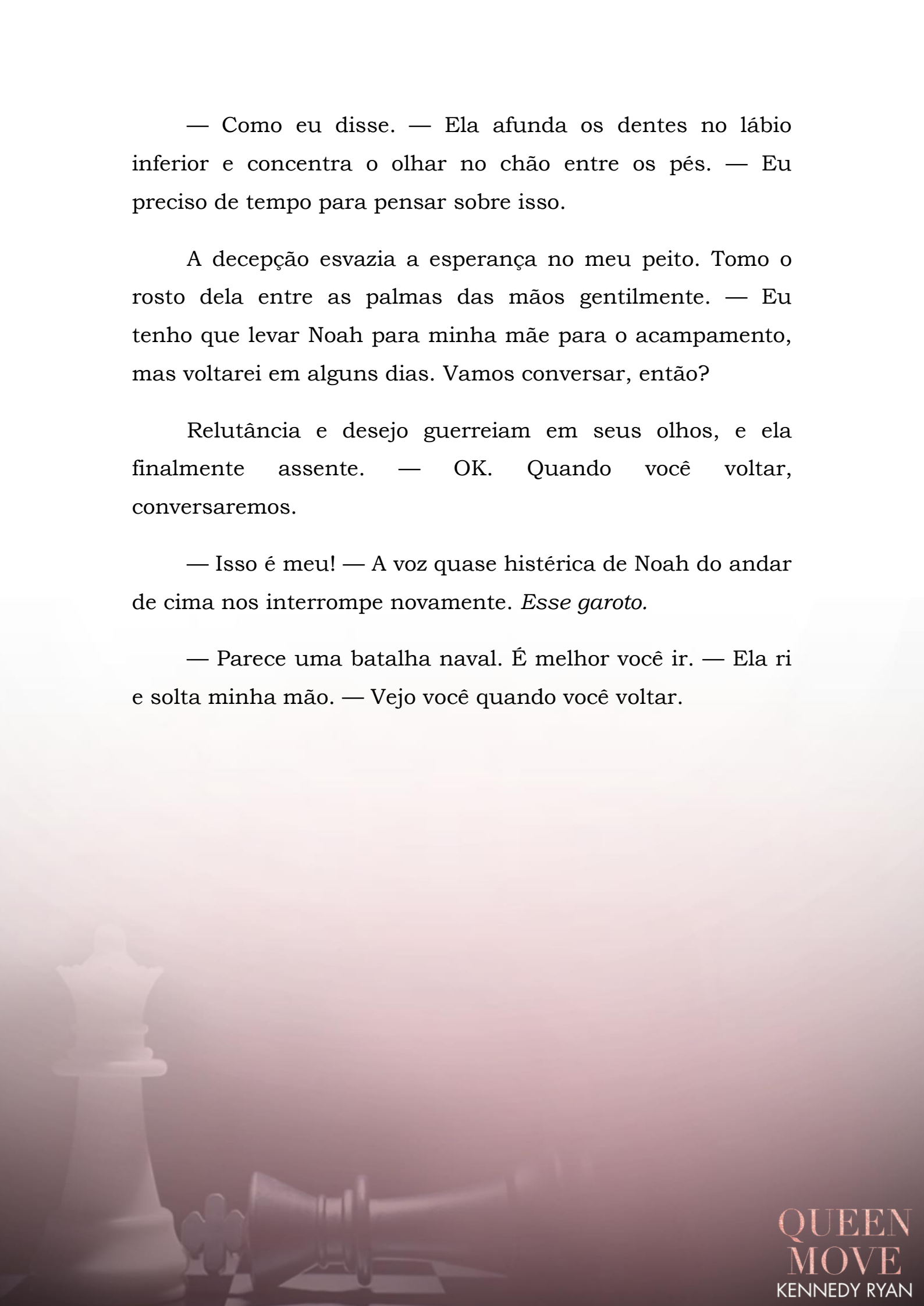
— Como eu disse. — Ela afunda os dentes no lábio inferior e concentra o olhar no chão entre os pés. — Eu preciso de tempo para pensar sobre isso.

A decepção esvazia a esperança no meu peito. Tomo o rosto dela entre as palmas das mãos gentilmente. — Eu tenho que levar Noah para minha mãe para o acampamento, mas voltarei em alguns dias. Vamos conversar, então?

Relutância e desejo guerreiam em seus olhos, e ela finalmente assente. — OK. Quando você voltar, conversaremos.

— Isso é meu! — A voz quase histérica de Noah do andar de cima nos interrompe novamente. *Esse garoto.*

— Parece uma batalha naval. É melhor você ir. — Ela ri e solta minha mão. — Vejo você quando você voltar.



VINTE E CINCO

Ezra

— Ele se parece com você na primeira vez que você foi para o acampamento de verão, — minha mãe diz chorosa, vendo Noah entrar na fila para o check-in. — Espero que ele fique bem.

Eu estudo meu filho de forma objetiva. Existem algumas semelhanças físicas, mas Noah é muito mais seguro do que eu nessa idade.

— Eu aposto que ele vai ficar bem, — eu digo ironicamente. — Ele geralmente fica.

— Assim como você, também, — diz ela, lançando um último olhar para Noah antes de vir comigo de volta para o carro. — Você estava tão confiante.

Isso me faz bufar. — Eu estava confiante? Qual garoto você estava criando, mãe?

— Você era pequeno para a sua idade e não tinha certeza de onde se encaixava, — diz ela, uma nota defensiva em meu nome na voz dela. — Mas você tinha um forte senso de si mesmo, apesar de não ter percebido isso na época.

— Kimba chamava isso de autossuficiente, — digo a ela, deslizando no banco do motorista.

Minha mãe me lança um olhar penetrante que eu ignoro enquanto ajusto os espelhos. Dirigimos o Cadillac de Stanley, um carro que parece um barco enorme. Não consigo imaginar por que ele mantém isso, vivendo no coração da cidade de Nova York.

— Eu sei que você disse que Kimba esteve na TV algumas vezes, — mamãe diz cuidadosamente, — mas eu não a vi. Você sabe que evito a política sempre que possível. Como ela está?

Como ela está?

Tão bonita que meu coração dói ao pensar em tudo que eu perdi. Todas as opções de moda questionáveis, cortes de cabelo ruins e acne durante o ensino médio. Todo o contorno, modelagem e disciplina necessários para transformá-la em quem ela se tornou.

Como ela está?

Poderosa. Vulnerável. Brilhante. Calorosa. Brutal.

— Ela está ótima.

— Bem, isso é legal, — mamãe diz, implicitamente 'não estrague sua vida' trançado em sua declaração.

A lembrança de Kimba ofegando e se contorcendo sob minhas mãos no pula-pula volta em uma onda. Os sons que

ela fez, o cheiro e a umidade dela nos meus dedos, a textura de sua pele, aveludada e doce como açúcar. A lembrança sensorial pousa no meu peito e segue imediatamente para o sul. Eu fico mudo porque estou no carro com minha *mãe.* Isso só seria mais estranho se ela pudesse ler minha mente.

— Sobre o que você está pensando? — Ela pergunta.

Viro a cabeça e encontro seu olhar estreito. Estou convencido de que as mulheres possuem sentidos extras ao dar à luz.

— Nada, — murmuro, voltando minha atenção para a estrada à frente. — Por quê?

— Você tinha um olhar pensativo.

— Acabei de deixar meu filho no acampamento de verão pela primeira vez, — digo, tentando parecer preocupado, embora saiba que Noah acabará segurando a concha[21] se as coisas acontecerem no estilo do *Senhor das Moscas* no acampamento judaico. — Qualquer pai teria reservas.

— Você acabou de se dizer que ele vai ficar bem, — mamãe diz, me lançando um olhar arqueado. — Talvez você devesse gastar menos tempo se preocupando com Kimba e mais tempo corrigindo as coisas com sua namorada. Lembra dela? A mãe de Noah?

---

21 Referência do Livro: Em Lord of the Flies, (O Senhor das Moscas) William Golding usa uma concha, ou uma grande concha branca leitosa, para simbolizar uma sociedade civilizada que se regula através do engajamento democrático. Uma vez segurando a concha, cada garoto poderá expressar seus pensamentos sem interrupção.

— Mãe, há algo que preciso lhe contar.

— O que seria? — Ela pergunta, a ansiedade já tecendo através de suas palavras. — Você está...

— Nada ruim... é só que Aiko e eu terminamos.

— E isso não é ruim? Eu esperava que vocês se casassem um dia.

— Faz dez anos, mãe. Aiko não acreditava em casamento quando engravidou de Noah, e ela ainda não acredita.

— É por isso que você está terminando?

— Não. Estamos terminando porque não devemos ficar juntos, e ficar juntos por Noah é realmente um desserviço para todos nós.

Está quieto no carro, e não posso deixar de me perguntar se ela está pensando em seu próprio casamento. Ao longo dos anos, meus pais se afastaram tanto que, quando papai morreu, eles estavam praticamente vivendo vidas separadas. Minha mãe se imergiu completamente em sua comunidade, sua família, sua sinagoga quando se mudaram para Nova York. Meu pai enfiou os calcanhares mais fundo na noção de que era tudo bobagem. Ele trabalhou mais, ficou mais longe de casa. Eu não ficaria surpreso se ele finalmente tivesse encontrado alguém que ele mantivesse fora do casamento. Eu suspeitava, mas estou feliz por nunca ter tido certeza.

Depois de alguns momentos de silêncio, mamãe olha pela janela e aperta a bolsa no colo. — Bem, parece que você sabe o que é melhor.

Considerando que Aiko já está dormindo com Chaz e potencialmente estou tendo uma chance com Kimba, acho que sim.



VINTE E SEIS

Kimba

— Parece que sua dica estava certa, — digo a Felita ao telefone. — O futuro governador da Geórgia está aqui hoje à noite.

Encontro Burton Colson, a provável oposição de Mateo Ruiz, de um lado do salão na festa de caridade, e o congressista Ruiz, do outro.

— Quem quer que seja, — eu digo. — Ambos estão aqui.

— Bom, — diz Felita. Há uma conversa abafada no fundo.

— Você está fora? — Eu pergunto a ela.

— Não, assistindo *West Wing*, terceira temporada.

— Essa é a melhor temporada.

— Errado. A segunda temporada é a melhor, mas a terceira *é ótima*. Então, qual é o seu plano de jogo?

— Socializar neste salão, — digo, examinando o luxuoso salão de baile. — Ver o que posso encontrar e sair daqui. Eu deveria estar de férias, você sabe.

— Eu sei disso. — Ela ri. — Eu apenas pensei que você tinha esquecido. Certifique-se de fazer algo de bom pra você mesma enquanto estiver em Atlanta.

Eu fiz *algo de bom o suficiente para mim* nos últimos anos. Depois do que Ezra fez por mim naquele pula-pula, peguei-me desejando que ele fosse capaz de lidar com todo o *algo bom* no futuro próximo. Ele ainda está em Nova York, o que é uma coisa boa, porque quando acordei com tesão ontem à noite *na casa da minha mãe,* eu poderia estar batendo na porta de Ezra se ele estivesse na cidade.

— Se eu quiser sair daqui o mais rápido possível, — digo a Felita, — é melhor eu ir. Aproveite a terceira temporada.

— Ok. Tchau.

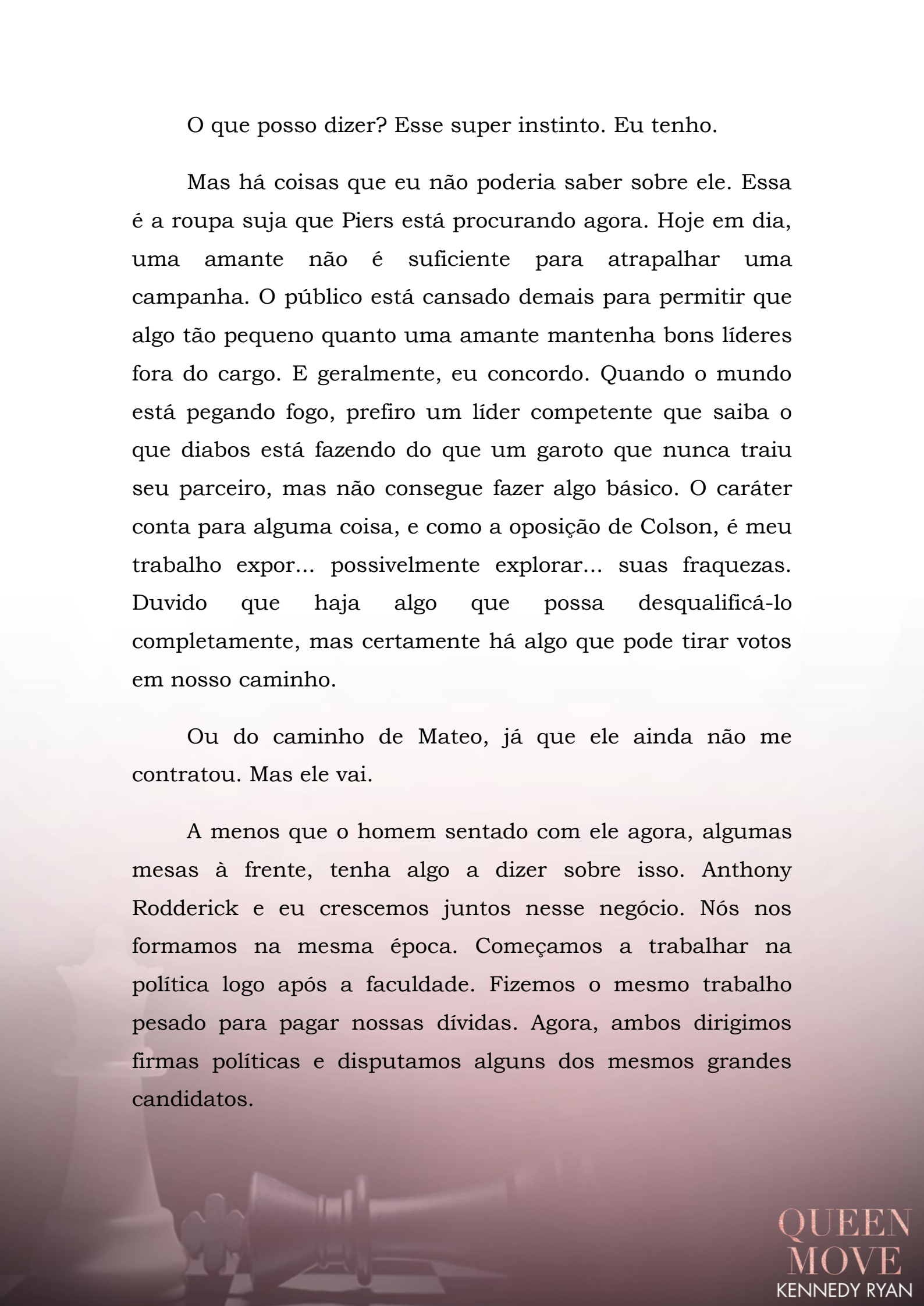
Procuro na sala até encontrar Burton Colson novamente. O CEO bilionário concorreu a prefeito da cidade onde cresceu, ganhando com facilidade. Rumores de sua provável candidatura governamental têm circulado nos últimos dois anos. Ele pôs fim à especulação na semana passada, quando anunciou oficialmente sua candidatura. Eu pude adivinhar tudo sobre esse homem, onde ele estudou, a mulher com quem se casou, as causas que escolheu para seu interesse político. Eu até acertei sua amante. A esposa dele é morena. Apostei que ele tem uma amante ruiva. As fotos do início de sua vida mostram um tímido castanho escuro, mas uma tintura a deixou ruiva, então eu ganho por um detalhe técnico.

O que posso dizer? Esse super instinto. Eu tenho.

Mas há coisas que eu não poderia saber sobre ele. Essa é a roupa suja que Piers está procurando agora. Hoje em dia, uma amante não é suficiente para atrapalhar uma campanha. O público está cansado demais para permitir que algo tão pequeno quanto uma amante mantenha bons líderes fora do cargo. E geralmente, eu concordo. Quando o mundo está pegando fogo, prefiro um líder competente que saiba o que diabos está fazendo do que um garoto que nunca traiu seu parceiro, mas não consegue fazer algo básico. O caráter conta para alguma coisa, e como a oposição de Colson, é meu trabalho expor... possivelmente explorar... suas fraquezas. Duvido que haja algo que possa desqualificá-lo completamente, mas certamente há algo que pode tirar votos em nosso caminho.

Ou do caminho de Mateo, já que ele ainda não me contratou. Mas ele vai.

A menos que o homem sentado com ele agora, algumas mesas à frente, tenha algo a dizer sobre isso. Anthony Rodderick e eu crescemos juntos nesse negócio. Nós nos formamos na mesma época. Começamos a trabalhar na política logo após a faculdade. Fizemos o mesmo trabalho pesado para pagar nossas dívidas. Agora, ambos dirigimos firmas políticas e disputamos alguns dos mesmos grandes candidatos.



Eu passo de conversa em conversa, aproximando-me da mesa do congressista Ruiz. Anthony nunca sai do seu lado. Eu não deveria estar ansiosa para ver Mateo Ruiz. Ele sabe o que eu posso fazer. Meu currículo fala por si, ou, pelo menos, deveria. Ele está preocupado que Lennix se foi e eu não consigo lidar sozinha? Eu tenho dúvidas a todo momento e sempre consigo. Acabei de eleger um presidente. Se ele me der uma chance, entregarei esse estado a ele. Escondo-me nos salões de baile, posicionando-me para sua consideração, esperando que eu possa "acidentalmente" esbarrar nele — isso não é uma boa visão. E se este fosse um jogo de xadrez, essa não seria minha jogada.

Eu termino educadamente a conversa em que estou e vou para o banheiro feminino. O banheiro é decorado em papel de parede de seda ricamente estampado. Bancos com almofadas rechonchudas cobrem as paredes. Toalhas de mão de algodão egípcio, sabonetes caros e loções perfumadas estão empilhadas ordenadamente no balcão da pia de mármore, mas o maior luxo que este cômodo me oferece agora é a solidão.

Ponho minha bolsa clutch no balcão e encaro meu reflexo no grande espelho dourado. A estilista de Kayla fez minha maquiagem para a gala. Ela empregou uma mão mais pesada do que eu normalmente gosto, mas devo admitir que ela fez um ótimo trabalho. Olhos escuros de cílios longos olham de volta para mim, uma paleta de cores de pavão escovado nas minhas pálpebras. Eu nunca uso fúcsia, mas a

cor fosca aparece rosada na minha pele, pintada sobre uma boca que parece ainda mais larga e cheia do que o habitual. Meu cabelo, liso, cai sobre os ombros deixados nus pela criação de Lotus. É uma obra-prima de tons de joias -azuis, verdes e roxos refletindo sutilmente as cores que decoram meu rosto. O vestido é um conto de fadas, um corpete de tule sem alças, cintura cortada e saia larga que se destaca em camadas de asas iridescentes que terminam logo acima dos meus joelhos. Minhas únicas joias são as esmeraldas redondas brilhando nos meus lóbulos das orelhas e o anel de ouro que papai me deu que raramente sai do meu polegar. Tiro e leio a inscrição lá dentro.

Para si mesma seja Tru. Amor, papai.

Ele me deu esse anel quando me estabeleci no estado do Arizona. Toda a família me acusou de acreditar que as faculdades que moldaram nossa família por gerações não eram boas o suficiente para mim. Não era isso. Eu só precisava me afastar de tudo. De todos *eles* e fazer o meu próprio caminho.

Papai entendeu. Ele sempre fez.

Perder papai permanece e pode sempre ser o momento mais devastador da minha vida. Quando ele morreu, esse amor e aceitação incondicionais morreram com ele e deixaram para trás esse vazio. Nos últimos anos, tenho me mantido ocupada o suficiente para preencher esse vazio com trabalho e ambição e, sim, poder. Adquiri poder para mim e

para os outros me mantendo em constante movimento. Mas com os problemas que me cercam, a possibilidade de nunca ter filhos e talvez nunca ter essa chance de fazer história para o estado da Geórgia, porque o congressista vai “me manter em mente”, não consigo ficar parada.

Sem mencionar que ainda não tenho certeza do que devo fazer com Ezra. Ah, eu sei exatamente o que *quero* fazer, mas posso me permitir o apego emocional que poderia facilmente acontecer com ele? Posso permitir isso agora? E devemos nos envolver quando as coisas são tão incertas com Aiko e Noah? As questões da família podem ficar *bagunçadas,* e eu tenho bagunça suficiente.

Eu saio do banheiro e fico cara a cara com Anthony Rodderick, meu inimigo em algum momento. Formado por Yale. Sua família membro do conselho Nacional Augusta[22], que rendem poder em todo o estado. Ele ocupa um lugar garantido no circuito de notícias políticas da manhã de domingo que eu geralmente evito. Ele é um homem típico, mas liberal, de certa forma ele é até mais cego para o próprio privilégio, porque querer salvar o mundo diminui sua culpa por conseguir tudo o que ele quer dele.

— Kimba, — diz ele, sua voz profunda modulada por uma educação cara, anos de criação e a pontada certa de um sotaque sulista para mantê-lo acessível. — É tão bom vê-la novamente.

---

22 O Augusta National Golf Club, às vezes chamado de Augusta ou National, é um dos clubes de golfe mais famosos e exclusivos do mundo, localizado em Augusta, Georgia, Estados Unidos.

— É bom ver você também, Tony, — eu digo, deliberadamente usando o apelido que sei que ele odeia. A expressão dele se contrai quase imperceptivelmente se você não sabe o que está procurando. Mas é claro que eu sei.

— Acho que a última vez que te vi, — diz Anthony, — foi no Baile de Posse.

Ele se encosta na parede e desliza a mão esquerda no bolso da calça, mas não antes que eu note a faixa mais clara de pele onde costumava estar sua aliança. Relacionamentos, casamentos, famílias, amizades, são as maiores desvantagens de qualquer campanha. Eu conheço isso em primeira mão.

— Foi muito gentil o presidente Cade convidar seus rivais para sua grande noite, — continua Anthony, com relutância em admiração e alguma inveja evidente em sua voz.

— O presidente é um homem gracioso, — respondo neutra.

— E a esposa dele também. Você saberia isso melhor do que a maioria, considerando que ela era sua parceira de negócios e melhor amiga. Deve ser legal quando suas conexões lhe dão empregos vantajosos.

— Você provavelmente saberia mais sobre isso do que eu.

Sua risada zombeteira desliza sob a minha pele. — Sério? Minha família pode ser rica, mas não há escolas,

parques, pontes ou ruas com nossos nomes. — Sua expressão fica dura. — E esse tipo de coisa não significa nada para Mateo Ruiz. Ele está mais interessado em conquistar as pessoas neste estado que resistiriam à sua oferta. Pessoas como minha família e os caras com quem cresci. Eu *sei* como alcançá-los.

— Eu sei como alcançá-los também. *Ser* sua inimiga não é uma estratégia de batalha. Pensar como eles é. Eu poderia ser mais esperta que você com uma concussão. — Eu me aproximo o suficiente para sussurrar em seu ouvido. — E você sabe disso.

Ele ri, seus olhos vagando pelo meu rosto e corpo com admiração indisfarçada. Ele me foderia se pudesse, mas isso nunca vai acontecer. Recusei-o quando ele estava bêbado o suficiente para perguntar, o que só o deixa mais determinado a me vencer.

— Talvez, — ele sussurra de volta. — Talvez eu saiba, mas Mateo não, e ele está *tão* perto de me contratar para gerenciar sua campanha. Você sempre pode vir trabalhar para mim, Kimba. Eu cuidaria muito bem de você. — A insinuação azeda sua voz.

— Tony, você não saberia 'cuidar de mim' com instruções passo a passo, mas vou considerar... sem garantias agora... contratar você para trabalhar para *mim* na campanha de Mateo. Tenho certeza de que eu poderia

encontrar algo para você fazer. Se bem me lembro, você faz uma ótima xícara de café.

— Vamos ver sobre isso, — diz ele quando me viro e vou para a saída. Não sei ao certo o que será necessário para convencer o congressista Ruiz, mas não será isso. Eu saberei minha jogada quando chegar a hora de fazê-la, e fará o congressista Ruiz vir até *mim.*

Pego meu telefone para ligar para um Uber e vejo uma mensagem de texto de Mona.

Mona: *Tá a fim de encher a cara? Eu tenho vinho e comestíveis. Gummies*[23]*, para ser exata.*

Esse homem que pensa que eu deveria me curvar e abaixar a cabeça para ele, faz-me sentir presa e próxima dos meus sentimentos. Eu poderia aproveitar um pouco de folga.

Aperto enviar minha mensagem de volta para Mona.

Eu: *Garota, estou a caminho.*

23 São balas de goma embebidas em alguma bebida alcoólica, geralmente vodka.

VINTE E SETE

Kimba

Pelo menos não estou tão bêbada quanto Mona.

Isso me ocorre, porém, enquanto minhas pernas estão retas no ar, a barra do meu vestido está amontoada na minha cintura e minha cabeça está pendurada no braço do sofá. Posso não estar bêbada exatamente, mas talvez um pouco mais solta do que planejei? E eu só tive meio gummy[24].

— Falo sério *pra* porra quando faço essa pergunta, — diz Mona, suas palavras apenas arrastando um pouquinho.

— Qual é a pergunta?

— Você está pronta para a pergunta?

— Eu apenas disse... caramba, eu estou pronta. Qual é a sua pergunta, Mo?

— Onde estão todos os irmãos que caem de boca com vontade na porta dos fundos?

Fica completamente silencioso por alguns segundos e então nós duas começamos a rir incontrolavelmente. Minha

24 Bebida que mistura álcool com doces de goma.

cabeça, pendurada de cabeça para baixo, bate contra a parte de trás do sofá. Mona, esticada no chão, olhando para o ventilador de teto, gargalha e agarra sua barriga.

— Isso está mantendo você acordada à noite? — Eu pergunto. — Não o aumento da temperatura do nosso planeta subindo a uma taxa insustentável? Não como abordaremos o problema do encarceramento em massa? Ou salário igual para as mulheres? Mas sua pergunta existencial gira em torno de homens que comem bunda?

— Eu preciso de um homem que não tenha medo de fazer esse trabalho. Quero dizer, nós meninas podemos gozar por nós mesmas, mas não podemos fazer *isso.* E eu estou cansada de cuidar de mim mesma. Eu quero compartilhar o fardo.

Eu bufo. — Não é que é verdade?

— Meu vibrador faz o trabalho sim, mas não é... íntimo. Você sabe o que eu quero dizer? — A diversão desaparece da expressão de Mona. — Não há nada como ser tocada.

Como o aperto urgente das mãos de Ezra em mim, a carícia de sua respiração. O toque gentil de algo tão simples como ser ajudada a descer ao chão. A necessidade desesperada de quão firmemente ele me agarrou. Isso estava evidente.

Mona está certa. Não há nada como o toque de alguém que quer você tanto quanto você o quer.

— Sinto falta de ser fodida, — diz Mona. Ela se senta e pega o vinho, evitando a taça e levando a garrafa direto para os lábios. — Sentir um homem dentro de mim, atingindo aquele local várias vezes, que me faz perder a cabeça. Arranhando e arranhando porque a merda é tão boa. Sinto falta de ser beijada e abraçada.

Ela deita de volta. — Inferno, sinto falta de acordar com alguém ao meu *lado.* Aquela ereção matinal te cutucando por trás. — Sua risada é doce. — Meu ex gostava de foder logo cedo. Dizia que não havia nada melhor para começar o dia do que... — ela balança a cabeça, deixando o pensamento incompleto.

— Você sente falta dele? — Eu pergunto baixinho.

— Ele me traiu. — Ela morde o lábio inferior e toma outro gole de vinho. — Sim, sinto falta de sua bunda insignificante.

— Sinto muito, Mo. Como você descobriu?

— Oh, ele foi decente o suficiente para me dizer porque queria terminar. Me fez sentar e disse que tinha conhecido alguém no trabalho. Ela era mais jovem, mais magra e mais leve que eu, mas, é *claro,* nada disso importava para *ele.* Suas mentes se encontravam em um plano intelectual.

Ela me lança um olhar friamente irônico. — A cadela *se* formou na Penn. Me deixou doente. A Senhorita, eu tenho tudo e seu homem. É melhor ele *não* estar comendo a bunda

dela. Ele nunca caiu de boca ou comeu qualquer merda louca e aventureira comigo.

Mona é engraçada *pra* caramba, mesmo quando está sofrendo, então um sorriso involuntário torce meus lábios. Um que ela tristemente retorna.

Ela se senta novamente, de pernas cruzadas, e joga seus longos dreadlocks por cima do ombro. — Eu poderia ter traído. Acha que não tive ofertas? Oportunidades? Eu tive, mas nunca faria isso com outra pessoa.

Sento-me, deixando minhas pernas no ar descansando contra as costas do sofá, mas apoiando meus cotovelos na beira. — Eu beijei Ezra.

Assim que a confissão chega ao ar, quero recuperá-la. Maldito vinho, afrouxando meus lábios e abaixando minha guarda.

— Kimba, — Mona geme, deixando cair a cabeça nas mãos. — Você disse que tinha isso sob controle. Que vocês eram apenas amigos. Só iam conversar.

— Sim, mas isso foi antes de ele me dizer...

— Eu não ligo para o que ele te disse. — Mona fica um pouco instável, a névoa se esvai de seus olhos. — Esse é o homem de outra pessoa. Uma boa mulher. Uma *amiga* minha. A mãe do filho dele.

— Mas Mo...

— Não venha com *mas Mo* para mim. Eles estão juntos há quase dez anos. Você não pode simplesmente entrar na vida deles do alto por um mês e separar uma família.

— Eu não estou destruindo nada. Eu...

— Como você pôde, Kimba?

— Ela está transando com outra pessoa, — eu deixo escapar. Se eu estivesse completamente sóbria, duvido que diria isso.

— Ela o *quê?* — Os olhos de Mona se arregalam e sua boca se abre. — Aiko?

— Eu não deveria ter dito nada. — Eu gemo, não bêbada o suficiente para uma ressaca, mas apenas bêbada o suficiente para me fazer de boba e colocar os negócios de todos nas ruas.

— Mas você fez, então continue. Explique.

— Você e Ezra são amigos. Ele lhe dirá quando for a hora certa.

— A hora é *agora,* querida. Você abriu esta lata de vermes. Não tente empurrá-los de volta agora.

Eu suspiro e puxo as camadas amontoadas e superficiais da minha saia. — Ela pediu um relacionamento aberto. Ezra não quis, disse que as coisas não estavam melhorando e decidiram terminar.

— Aiko pediu um relacionamento aberto? — O rosto de Mona é cético. — A garota fica com ciúmes como uma águia sobre Ezra. Não posso imaginar que ela esteja bem com ele... você tem certeza?

— Bem, foi o que ele me disse. Ele diz que queria fazer uma pausa limpa porque eles estão tendo problemas há um tempo.

Sento-me o suficiente para olhar para ela por cima do ombro. — Isso é verdade?

— Quero dizer, eu sei que eles estavam consultando um conselheiro, mas eu assumi que eram apenas eles sendo inteligentes e proativos. Manter as linhas de comunicação abertas.

— Oh, eles estão abertos, — digo secamente. — Segundo ele, eles terminaram.

— Então Ezra te contou isso e vocês dois se beijaram?

Eu limpo minha garganta. — Duas vezes.

— E você fez mais do que beijar?

Eu amo Mona, mas não estou entrando nos detalhes dos dedos de Ezra dentro de mim, sua boca quente e chupando meu peito. Na minha mente, há um tiro aéreo de Ezra e eu naquele pula-pula, respirando com dificuldade, virando um para o outro, incapazes de desviar o olhar ao

luar, a intimidade se enrolando deliciosamente entre nossos corpos.

— Apenas beijei, mas ele quer mais. — Eu encontro os olhos dela do outro lado da sala. — Eu também.

— Olha, eu não sou aquela garota que diz à uma mulher crescida onde conseguir o pau, ou como administrar sua vida, — ela diz, — mas eu não seria sua amiga se não dissesse isso. Eles são uma família. Aiko não é apenas uma garota que ele encontrou no Tinder e depois decidiu terminar. Ele não está com ninguém além dela há dez anos, e eles têm um filho juntos. As coisas aconteceram rápido e as coisas simplesmente aconteceram. Não acaba até acabar, e se alguém se machucar quando as coisas derem errado, será você.

E não posso me machucar, não com tudo que já está no meu prato.

A porta da cozinha se abre e passos pesados se aproximam da sala. Estou em alerta máximo, mas Mona parece bastante calma sobre isso.

— Bem, aqui vamos nós, — ela diz, resignada.

— Sou apenas eu, — grita Ezra da porta.

A visão dele em pé na entrada da sala de estar de Mona me causa um choque. Ele parece *ótimoooo.* Seus ombros largos enchem a porta, e o jeans escuro e a camiseta da YLA mostram os músculos magros de seus braços e pernas. Seu

cabelo cresceu um pouco, tempo suficiente para enrolar um pouco, e meus dedos pulsam com a necessidade de raspar seu couro cabeludo e enterrar-se na pele macia dele. Uma pequena barba sombreia sua linha da mandíbula bruscamente desenhada. Ele está bronzeado, contrastando com o brilho branco do seu sorriso.

Um sorriso que evapora quando ele me vê.

— Tru, eu não sabia que você estava aqui. — Ele limpa a garganta. — Desculpe entrar, Mo.

— Como se você não aparecesse aqui todos os dias sem aviso prévio, — diz ela. — Um dia, você vai ter uma visão completa.

Ela se aproxima e lhe dá um abraço. Ele me observa por cima do ombro dela, seus olhos correndo pelas minhas pernas nuas, ainda arremessadas sobre o sofá. Meu instinto é me sentar, cobrir-me, preservar um pouco de modéstia.

Mas eu não vou.

Meu *outro* instinto é fazê-lo me querer do jeito que eu o quero. O calor do seu olhar é viciante. Seus olhos acariciam meus ombros e pernas nus, e apesar da noite quente de verão, meu corpo está coberto de arrepios.

— Você voltou cedo. — Minha voz sai rouca, sem fôlego.

— Uh, sim. — Ele não faz nenhum movimento para entrar mais na sala. — Eu queria voltar.

Quando ele olha para mim, *senti sua falta* está nos olhos dele.

Vou esperar, está nas mãos que ele enfia nos bolsos.

Sem dizer uma palavra, seu corpo me diz com eloquência como ele se sente, o que ele quer. Eu também quero, mas os avisos de Mona ecoam nos meus ouvidos.

Se alguém se machucar quando as coisas derem errado, será você.

— Eu tenho comida e vinho, — diz Mona, virando para a garrafa no chão. — Junte-se a nós.

— Fala sério! — Diz ele ironicamente. — Não posso perder tantas células cerebrais assim.

Ele se concentra nela enquanto fala, mas seu olhar continua voltando para as minhas pernas. Dobro o joelho e corro os dedos pela coxa.

Só para ver o que acontece.

Ele abaixa a cabeça. O pomo de Adão dele balança com um profundo gole. O músculo em sua mandíbula flexiona.

— Noah chegou ao acampamento, ok? — Mona pergunta, lançando um olhar entre nós dois.

Ezra assente. — Ele entrou como se fosse o dono do lugar, é claro.

— Ele provavelmente será quando acabar. — Mona ri. — Você precisa brincar de monopólio com esse garoto, Kimba. Chefão cruel.

Seu comentário cai no tanque de silêncio que se acumula entre Ezra e eu. Observamo-nos com cautela, furtivamente.

— Então, sem doces, — diz Mona, pegando uma garrafa de vinho fechada da mesa de café. — Vinho? Junte-se à festa.

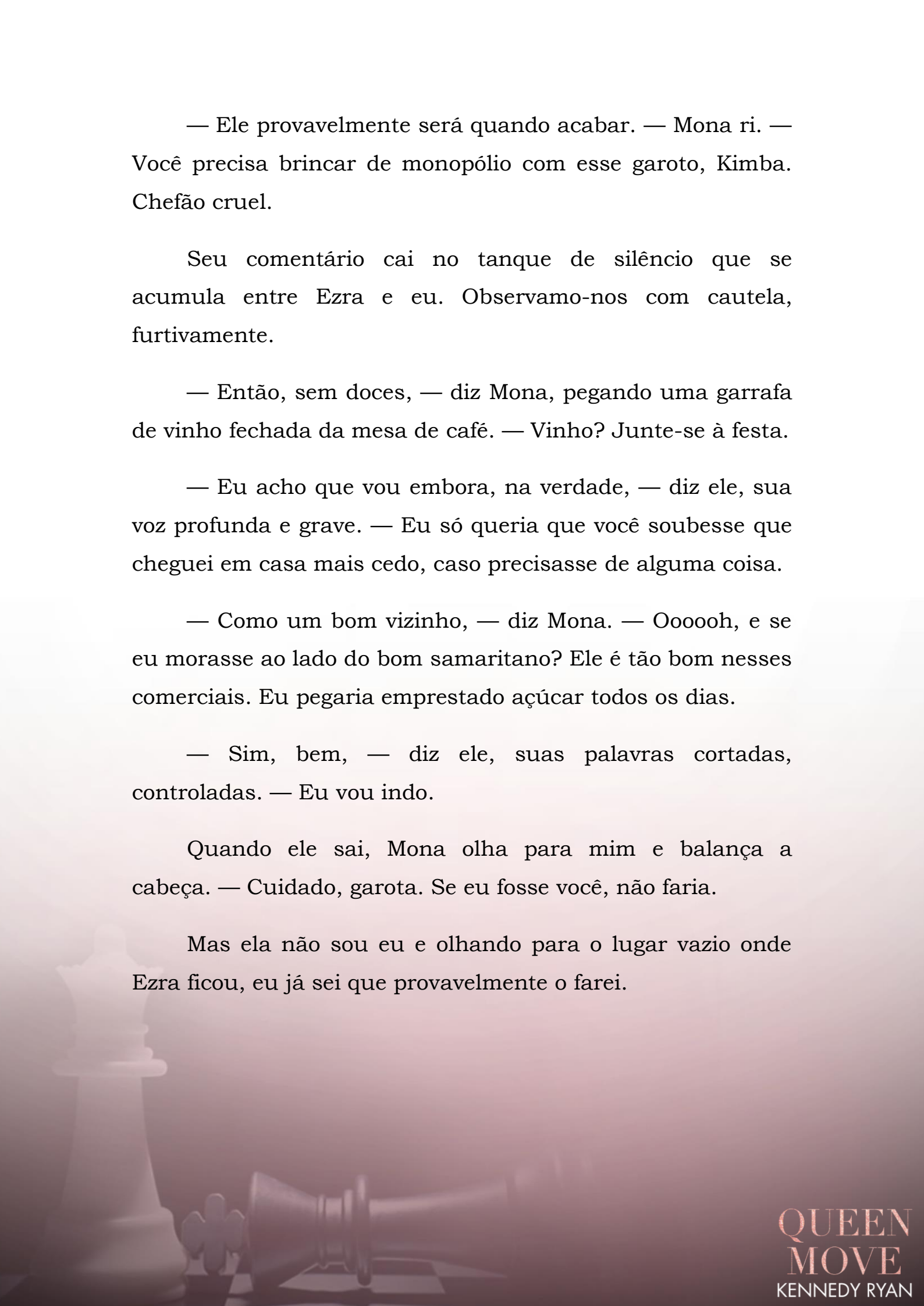
— Eu acho que vou embora, na verdade, — diz ele, sua voz profunda e grave. — Eu só queria que você soubesse que cheguei em casa mais cedo, caso precisasse de alguma coisa.

— Como um bom vizinho, — diz Mona. — Oooooh, e se eu morasse ao lado do bom samaritano? Ele é tão bom nesses comerciais. Eu pegaria emprestado açúcar todos os dias.

— Sim, bem, — diz ele, suas palavras cortadas, controladas. — Eu vou indo.

Quando ele sai, Mona olha para mim e balança a cabeça. — Cuidado, garota. Se eu fosse você, não faria.

Mas ela não sou eu e olhando para o lugar vazio onde Ezra ficou, eu já sei que provavelmente o farei.



VINTE E OITO

Ezra

— Droga de irrigadores.

Esmago as folhas secas dos tomates de Noah no meu punho. O sistema tem estado instável há semanas. O temporizador tem sido temperamental. Parece que o jardim não foi totalmente regado enquanto eu estava em Nova York.

— Eu preciso trazer alguém aqui para verificá-lo, — murmuro, caminhando para as couves na parte de trás do jardim.

Eu *sei* que meia-noite é uma hora estranha para realizar uma inspeção tão minuciosa de nossos vegetais, mas parece uma maneira tão boa quanto qualquer uma para distrair-me do fato de Kimba estar ao lado na sala de estar de Mona.

Suas pernas estavam arremessadas descuidadamente sobre a lateral do sofá. Longas e tonificadas e da cor do mel queimado. O corpete de seu vestido sem alças mal continha seus seios. Ela provavelmente não percebeu que o topo de um mamilo, como uma gota de chocolate, era quase visível do ângulo certo.

Eu fiquei exatamente no ângulo certo. *Inferno.*

Eu me ajoelho e verifico o solo que os irrigadores só alcançariam quando oscilassem. Parece que não viu uma gota de água.

Um barulho me coloca de pé. Kimba está na cerca que divide meu quintal do de Mona. Ela aponta um sorriso hesitante sobre uma fileira de talos de milho. — Posso entrar?

Eu aceno, mas não me movo. Fico parado porque temo que, se eu chegar muito mais perto, eu a agarrarei e não poderei deixá-la ir. Ela obviamente saiu, com base em seu traje. Eu a vi na televisão vestida assim. Shows de premiação. Eventos. Funções políticas. Polida e arrumada de uma maneira que provavelmente requer terceiros. Um *estilista.* Essa confecção de um vestido forma um sino cintilante da cintura até os joelhos. Os sapatos dela parecem custar tanto quanto as mensalidades da YLA. Seu cabelo, que eu me acostumei a ver em sua textura natural, cai liso e brilhante ao redor de seus ombros nus.

— Você está bonita, — eu digo desnecessariamente. Tenho certeza de que vários homens, muitos deles com olhos na cabeça, disseram isso a ela hoje à noite.

— Obrigada. — Ela cuidadosamente caminha em minha direção através dos feijões.

— Encontro? — Eu mantenho minha voz casual, neutra, exatamente o oposto de como o pensamento dela em um encontro com outra pessoa realmente me faz sentir.

— O quê? — Ela franze a testa e inclina a cabeça.

— Você estava em um encontro? — Eu pergunto com uma pronúncia excruciante.

— Ah, não. — Ela sorri, olha de relance para mim. — Você se importaria se eu fosse a um?

Eu não respondo, mas apenas a encaro, sem piscar, deixando-a *sentir* minha resposta em vez de desperdiçar palavras.

— Eu não estava em um encontro. Foi um evento de caridade. — Ela faz uma careta. — Uma coisa de trabalho. Eu não estava esperando você voltar de Nova York por alguns dias.

Colho à toa uma folha morta em uma videira de tomate.

— Sim. Eu queria voltar.

Para te ver.

Eu queria a resposta dela. Eu sei que tenho muita bagagem. Ter um filho é uma coisa. Estar vivendo com a mãe dele na última década... estar no meio da negociação do que é praticamente um divórcio, é complicado. Eu não sou exatamente uma aposta segura. Entendo, mas não posso *deixar* de pedir à Kimba que corra esse risco comigo. Por mais irracional que possa parecer, já que tínhamos treze anos quando saí, essa parece nossa segunda chance, e farei qualquer coisa para obtê-la. Ela escolhe o caminho da linha

de legumes, os saltos afundando no solo. Seu tornozelo gira, trazendo uma careta para os lábios.

Seus lindos lábios pintados.

Eu gosto dos seus lábios do jeito que sempre são.

Ezra, de treze anos, tinha descoberto algo. Tão bonita quanto Kimba parece com a arte de sua maquiagem, eu ainda prefiro seus lábios nus.

Eu não me mexi, e ela continua andando em minha direção. Minhas mãos tremem com a compulsão de segurá-la, então eu as enfio nos bolsos, eu ainda diria que ela provavelmente ainda pode ler facilmente. Eu faço um acordo comigo mesmo. Até que ela diga *sim,* até que ela diga que está disposta a nos dar uma chance, eu não vou tocá-la.

A química entre nós é a eletricidade sobre uma chama acesa. Isso destrói a razão, e eu quero que ela seja a mais clara e equilibrada possível, se e quando ela concordar em tentar comigo. Tão límpido e equilibrado quanto possível após uma garrafa de vinho da Mona e um número não revelado de doces.

Kimba parece firme e sóbria o suficiente quando para na minha frente na fila de couve.

— Então, Noah foi bem? — Ela pergunta.

— Sim. — Pela primeira vez, não quero falar sobre meu filho.

— E a sua mãe? Ela estava bem?

Eu, com certeza, não quero discutir minha mãe quando estou com uma semiereção na frente da garota literal dos meus sonhos. — Ela está bem, — respondo laconicamente. — Você precisa de algo, Kimba?

Como eu? Você precisa de mim? Porque eu preciso de você, e se você ficar aqui no meu jardim parecendo assim, cheirando a verão e sedução, eu vou levá-la, então continue com isso.

— Oh. — Ela olha para os sapatos caros, cobertos de sujeira. Ela aperta a clutch pressionando a bolsinha na cintura. — Sim, bem... eu estive pensando sobre o que você disse.

— O que eu disse? — Pondo em perigo minhas boas intenções, minhas pernas me levam um passo mais perto dela. — O que eu disse sobre o quê?

Ela respira exasperada e desliza um olhar para o lado, para a abóbora. — Sobre nós... nos dando uma chance. Desde que eu estou aqui na cidade e você está... — Ela olha para mim e depois rapidamente para baixo. As luzinhas que amarramos ao redor do jardim riscam sombras em seus cílios no topo das bochechas. — ...acessível.

— Acessível? — Arrisco um passo mais perto, não querendo esperar, mas gostando de onde isso está indo. — Sim, eu estou disponível.

Faço uma pausa, prendo a respiração e cerro os punhos nos bolsos da calça jeans.

— Bem, desde que você está disponível e eu também... — Ela me dá um olhar nivelado e inspira profundamente — Estou dizendo que sim.

Essa palavra mágica me coloca em movimento imediato. Eu a alcanço, puxando-a para perto e passando os braços em volta de sua cintura. Dobro os joelhos para poder enterrar o nariz na pele sedosa do ombro, no pescoço e atrás da orelha. Seus dedos no meu cabelo são o tipo mais delicioso de tortura.

Afasto-me para passar o polegar sobre a vibrante camada de batom, manchando-o. Seus lábios são macios como pétalas sob o meu dedo. Faço isso de novo e de novo até que nada além do marrom-rosado natural de sua boca permaneça. Suas respirações ficam mais difíceis toda vez que eu toco em seus lábios, e ela está ofegando, seus olhos nunca deixando meu rosto. Eu seguro a parte de trás de sua cabeça e me inclino, dando-lhe um último momento para pensar melhor, para me afastar. Mas, em vez disso, ela se inclina, encontrando-me no meio do caminho, sua boca aberta e sua língua doce procurando a minha. Eu gemo no beijo, procurando o interior sedoso de sua boca, minhas mãos percorrendo suas costas e apertando sua bunda através das camadas cintilantes de tecido.

Apenas quando penso que vou entrar em combustão, água fria espirra meu rosto, costas e braços. — O quê...? — Eu olho para o céu, esperando chuva.

— São seus irrigadores, — diz Kimba, parecendo horrorizada e se contorcendo para sair dos meus braços.

O inferno que eu estou a deixando ir. A água dança sobre nós, um banho chocante me ensopando. Ela se contorce no meu abraço inquebrável.

— Ezra! Meu cabelo!

Os fios retos e sedosos estão molhados e agarrados ao pescoço. As camadas alegres de seu vestido agora caem com o peso da água. Eu rio e a puxo ainda mais perto.

— Ezra Stern, — ela grita. — Se você não...

Isso só me faz rir mais, porque se ela pudesse se ver, ela também riria, mas ela não pode, então eu estou rindo de nós dois. Ela se vira nos meus braços, pronta para correr, mas seu salto alto fica preso e seu pé afunda na lama.

— Droga. — Ela tira o cabelo molhado do rosto e bate no meu braço em volta da cintura. — Me deixe ir.

— De jeito nenhum eu vou deixar você ir, — eu sussurro em seu ouvido através de uma mecha de cabelo úmido que já está começando a enrolar. — Você disse sim.

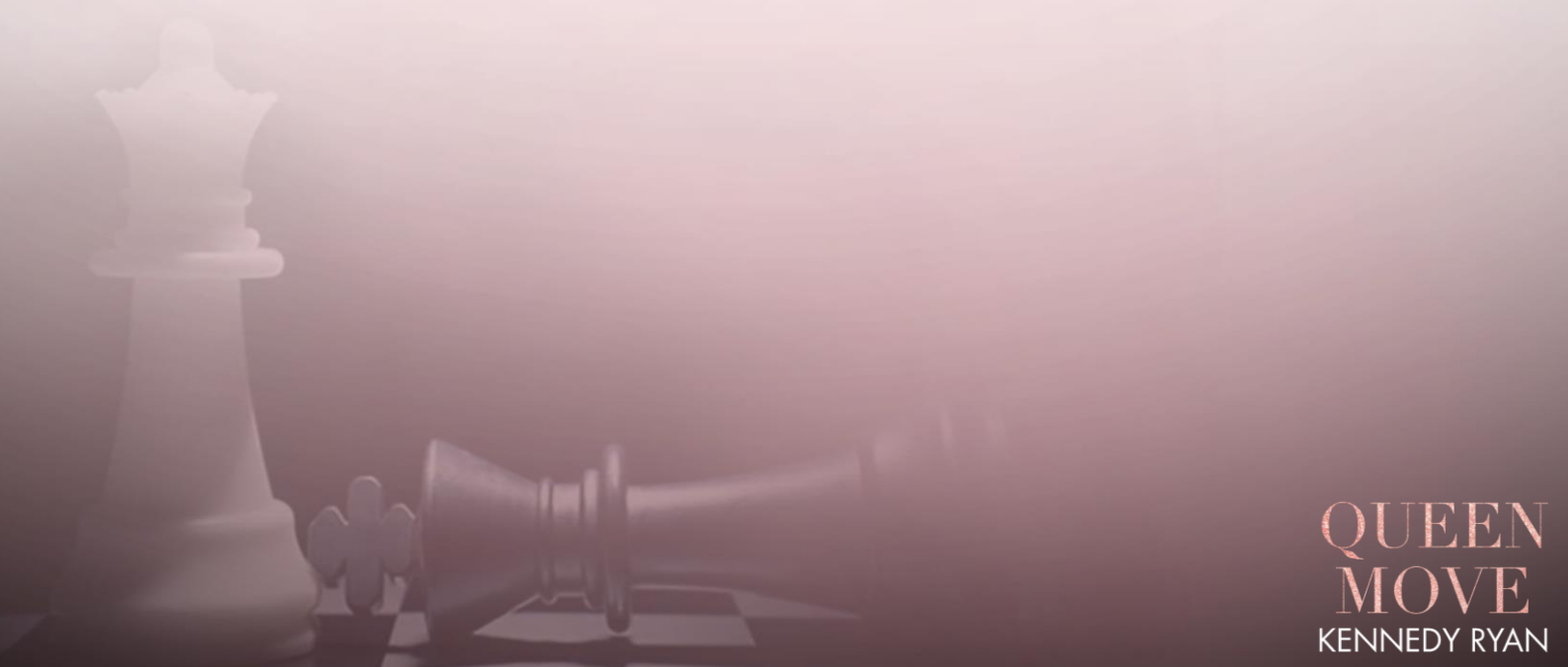
Ela fica quieta. Para de se contorcer e olha para mim por cima do ombro, o batom manchado, o rímel escorrendo. O

aborrecimento se dissolve lentamente de sua expressão, e um sorriso, do tipo que eu não vejo desde que éramos crianças, ansioso e deprimido por qualquer coisa, surge em seu rosto. Eu abro minha mão sobre seu estômago e a puxo de volta para o meu peito, inclinando minha cabeça para que eu possa alcançar sua boca e a beijo.

É o tipo de beijo perfeito que não tem nada a ver com técnica ou experiência. Nada a ver com ardor, embora isso seja evidente na maneira como nos agarramos e nos abraçamos. É perfeito porque é ela e sou eu, já era hora e está atrasado. E nos beijamos como se não houvesse amanhã, porque já houve muitos ontem, muitos anos em que estivemos separados. Séculos nos separaram, mas agora aqui estamos e aqui está a nossa chance. Não é o ideal e tem suas complicações, mas é nosso. E nós estamos aceitando.

Além disso, eu estava errado. Este sistema de irrigação?

Na hora certa.



VINTE E NOVE

Kimba

Estou molhada e pouco me importando com isso.

O irrigador de Ezra continua seu ataque ao meu vestido e aos meus Jimmy Choos, mas não consigo parar esse beijo. Ele me segura por trás, seu braço envolvido possessivamente em volta da minha cintura. Eu me estico, apertando meus dedos em seus cabelos encharcados e pressiono sua boca mais profundamente na minha. Seus lábios são macios e famintos, agitando todos os meus sentidos para a vida. Ele move a mão da minha cintura e aperta meu seio. Eu me viro para ele, pressionando minhas curvas no plano duro de seu peito. Ele puxa o corpete do meu vestido e passa o polegar sobre meu mamilo.

— Para dentro, — ele murmura, chovendo beijos no meu pescoço. Ele pega minha mão e se vira para correr pelo jardim. Meus calcanhares continuam presos na lama e giro o tornozelo a cada dois passos.

— Meus sapatos. — Paro e me inclino para tirá-los, mas ele mergulha na minha barriga e me levanta por cima do ombro.

— Ezra Stern! — Eu grito, saltando contra suas costas, as fileiras de legumes ficam borradas enquanto ele corre pela lama, abóbora e tomate. — Se você me deixar cair...

Quando chegamos à porta dos fundos, ele a abre e entra no banheiro, meu corpo ainda pendurado em seu ombro. Ele me desliza pela frente e cuidadosamente me coloca em pé.

— Estamos uma bagunça. — Eu rio.

A criação deslumbrante de Lotus pode estar sem salvação, as asas vibrantes estão flácidas e flutuando ao redor dos meus quadris e pernas. Meus saltos altos apertam assim que atingem o piso de madeira. Os jeans e os sapatos de Ezra estão cobertos de lama. A água escorre pelo rosto e pelo cabelo, gotas cristalinas suspensas em seus longos cílios. Sua camiseta do YLA está transparente, estampada nos músculos pesados do peito e afunilada nas costelas e na cintura estreita. Ele recua e puxa a camisa encharcada sobre a cabeça.

Minha risada evapora junto com todo o oxigênio no cômodo quando me deparo com o seu peitoral largo, molhado e nu. Seu corpo é algo além do básico da anatomia humana, ultrapassando a engenharia divina. Com os dedos trêmulos, localizo seu abdômen, seu peito e ombros largos, força e tendões envoltos em ossos. Toco sua boca, o arco bem desenhado de seu lábio superior, a plenitude sedutora do lábio inferior. Oceano e céu noturno, desejo e ternura

rodopiam em seus olhos. Um silêncio voluptuoso incha e curva entre nós, engrossando a cada segundo.

— Tru. — Ele passa os dedos pela minha bochecha e afasta o cabelo molhado do meu rosto. — Deixe-me ver você.

Afasto-me dele e encontro o zíper nas minhas costas, puxando até o corpete se abrir, liberando meus seios, orgulhosos e pesados, inclinados nas pontas com grandes mamilos marrons.

— Merda. — Ele passa dedos reverentes sobre eles. Minha respiração engata. — Você...

Ele engole e segura meu pescoço, inclina-se para passar a língua pela minha clavícula, lambendo as gotas de água na minha pele. Ele vaga para um seio, puxando-o com a boca tão suavemente, com tanto cuidado, que meus joelhos literalmente ficam fracos. Ele lambe a auréola em torno do meu mamilo repetidamente. O arrasto de sua língua provoca um arrepio por todo o meu corpo. Ele pega minha mão, ligando nossos dedos, e gentilmente me empurra, pedindo que eu me sente no banco do banheiro. Caindo de joelhos, ele remove meus saltos arruinados e puxa minhas pernas sobre seus ombros. Sua cabeça desaparece sob as camadas iridescentes da minha saia e ele acaricia a pele nua das minhas coxas, levantando meus joelhos mais altos, mais largos. Quando o dedo dele sonda a borda da minha calcinha entre as minhas pernas, eu instintivamente aperto os joelhos.

Sua cabeça balança sob a saia, os lábios puxando meu clitóris através da calcinha de seda.

— Oh. — Pressiono a palma da mão na parede ao meu lado. — Ez.

Ele faz isso de novo, uma mordida e chupada provocadora e tentadora, sua boca quente e molhada através da minha calcinha.

Eu gemo, movendo meus quadris, espalhando-me mais, silenciosamente implorando para que ele não deixe nada entre nós. Seus dedos estão nos meus quadris, deslizando sob os pedaços de seda, puxando até que a calcinha roça minha carne em um passeio lento pelas minhas coxas, sobre meus joelhos, panturrilhas e pés.

Fora.

Ele inverte, beijando minha panturrilha. Ele chupa atrás do meu joelho, desaparecendo novamente sob o vestido, arrastando a língua sobre a pele sensível da minha coxa. As pontas bruscas de seus dedos me separam e me abrem. Sua respiração acaricia meu clitóris e meus calcanhares cavam reflexivamente em suas costas. Pressiono minha mão com mais força contra a parede, tremendo de antecipação.

Antes que eu comece a implorar, ele me lambe, suave como um sussurro e mal encostando lá. Seu gemido vibra contra a minha coxa. Abrindo-me mais, ele abre a boca sobre mim, passando a língua da minha abertura para o

aglomerado de nervos no topo da minha boceta. Seu polegar roça meu clitóris enquanto sua língua mergulha dentro de mim, estabelecendo um ritmo constante e fodido. Com a outra mão, ele segura meu peito, aperta, espreme, torce meu mamilo.

— Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus, — eu canto as palavras derretendo na minha boca, balançando bêbada.

Sem pensar, eu balanço meus quadris no ritmo com sua boca. Não consigo parar meu punho de bater na parede. Não consigo impedir que meus joelhos se apertem ao redor de sua cabeça. Um gemido sobe da minha barriga e sai de mim no apogeu do meu prazer. É tão bom que minha boca se abre em um soluço silencioso. Estou balançando e me contorcendo e sendo *sua.* Eu sou tão completamente dele agora. Ele está me arruinando, mas ele me tem na palma da mão. Ninguém nunca cuidou de mim dessa maneira, de maneira tão completa, com tanta falta de egoísmo e dedicação altruístas ao meu prazer.

Mesmo depois que eu gozo, a felicidade líquida derramando do meu corpo e eu estou encostada na parede, ele não para de mordiscar, provar, apertar minhas pernas, arrastando-me para mais perto como uma tigela que ele tem que lamber.

— Tru. — Paixão e camadas de tecido caro abafam sua voz. Com as mãos formigando, empurro a saia para que eu

possa ver seu rosto. Sua boca e queixo brilham e seus olhos estão vidrados. Esfrego o polegar no lábio inferior.

— Eu quero te foder, — diz ele.

Eu quero isto. Mesmo que eu já tenha gozado *duro* e *longo,* um vazio engole-me de dentro para fora. Necessidade desabrocha desse vazio, a necessidade de senti-lo entrando e saindo, para conhecer a intimidade de nossos corpos deslizando. Eu fico com as pernas bambas, puxo sua mão, empurrando seu ombro até que ele tome meu lugar no banco. Ele passa a articulação entre meus seios e sobre minha barriga até chegar à faixa da minha saia, onde o corpete pende inútil. Estendo a mão para trás e desabotoo o botão na base da minha espinha. O vestido cai no chão em uma cascata vívida, abanando meus tornozelos. Estou nua e descalça no banheiro dele. Não perdi todo o peso extra que veio com essa maldita condição, mas não sou autoconsciente. Não estou envergonhada. Ele está olhando para mim como se eu fosse o nascer do sol e ele agradecendo por um novo dia. Ele passa as mãos pelas minhas coxas e pelos meus quadris. Ele aperta minha bunda, escova meus mamilos. Eu balanço sob uma nova onda de prazer, mas o ajudo a tirar sua cueca e jeans.

— Venha aqui, — ele sussurra, enrolando os dedos em volta da minha perna e me pressionando em sua direção. Eu levanto meus joelhos em ambos os lados de seus quadris, montando nele. Ele agarra minha bunda, alinhando nossos corpos.

— Merda. — Ele pressiona sua testa na minha. — Preservativo.

Estendo a mão para pegar minha bolsa descartada e rapidamente puxo a pequena divisória contendo cartões de crédito, minha licença e, em um compartimento escondido, uma camisinha.

Tomando-o na minha mão, esfrego o polegar sobre a ponta vazando, apertando um pouquinho. Sua cabeça cai para trás, expondo a força da garganta. Eu acaricio para cima e para baixo, gentilmente a princípio, conhecendo a lâmina quente de seda sobre aço. E então mais rápido, mais firme até que seus quadris se sacodem e os músculos de suas coxas se flexionam sob as minhas. Ele murmura algo incoerente. Eu não desisto, bombeando seu pau e curvando-me para chupar seus mamilos.

— Dentro, — sua voz rouca.

— O quê? — Eu murmuro em seu pescoço, afogando-me no cheiro de terra dele, fascinada por todas as suas texturas masculinas, áspera, suave, dura, aveludada, seda, pedra.

— Dentro, — ele diz abruptamente, claramente, segurando meus quadris e me deslizando para frente. — Deixe-me te foder.

Deslizo o preservativo sobre o seu comprimento duro e quente e depois lentamente nos ligo. A primeira vez que Ezra entra no meu corpo, o mundo se abre. Tectônico. Como duas

placas de terra deslocadas, fundidas para formar um plano totalmente novo. Ficamos ainda em uníssono por apenas um segundo, a novidade de uma dimensão completamente única composta por seu corpo e o meu se estabelecendo no lugar. E então nos movemos, um lento e sensual dar e receber de alma e carne que nos faz ofegar, gemer, moer e suspirar. Nossas bocas se abrem, ofegando. Ele me enche completamente. Pressiono minha têmpora na dele e balanço meus quadris sobre ele. Ele mapeia minhas costas, minha bunda, minhas coxas. Sou território que ele reivindica com as mãos, lábios e o calor cobiçoso dos olhos. E eu tomo posse dele. Direitos dos invasores, um campo que Aiko abandonou que, sabendo ou não, agora é *meu.*

Ele chega entre nós, esfregando o polegar sobre o meu clitóris liso. O ritmo acelera; a necessidade é feroz. Meus seios saltam quando eu o monto com força, uma palma batendo na parede por cima do ombro e uma mão apertando meu próprio peito com a pressão certa para me enviar em espiral. Outro clímax empurra meu corpo pra frente até estarmos de coração para coração. Ele bate em mim, apertando, abrindo minha bunda e endurecendo, os músculos duros de seu estômago contraídos. Um gemido escapa dele quando ele se esvazia. Agarro seu queixo, abrindo sua boca e lambo nele com longos e lânguidos beijos que balançam nossas cabeças, torcem nossos corpos e mudam o mundo. Os anos desaparecem como um véu rasgado que o separa de mim e depois de agora. Não faz anos. Houve apenas um longo dia para nós em que o sol nunca se pôs.

Nunca estivemos perdidos, e este lugar sempre esteve esperando nossos corações errantes, nossas almas pródigas finalmente descansam juntos.



TRINTA

Ezra

— Conte-me sobre sua primeira vez.

Kimba faz a pergunta no meio da noite. Depois que arrastamos nossos corpos flácidos do vestíbulo dos fundos e subimos as escadas, tropeçamos no quarto de hóspedes e fizemos amor novamente, desta vez uma união lenta e saborosa, comemorando o que é o melhor sexo da minha vida. Coloco-a debaixo das cobertas, empurrando os cabelos úmidos, meio retos, meio enrolados, para longe de seu pescoço e dou beijos suaves em sua pele macia. Ela pressiona suas costas nuas no meu peito.

— Minha primeira vez? — Eu aperto meus braços em torno de seu meio e estendo minha mão sobre seu estômago. — Deveria ter sido com você.

— Obviamente. — Ela recua, raspando as unhas no meu cabelo. — Mas quem era a pequena garota?

Eu rio e empurro meu joelho no dela por trás. — Francesca Aldi. Eu tinha quinze anos. Ela tinha dezesseis anos. Minha primeira vez. Não dela.

— Onde estava?

— Roma. Na casa dela. Os pais dela estavam fora. Ela não sabia que era a minha primeira vez. Eu estava com vergonha de contar a ela.

— Oh, Ezra. — Kimba se vira para mim e esfrega um polegar na minha sobrancelha e na minha bochecha. — Eu aposto que você foi tão fofo.

— Espero que não. — Eu sufoco uma risada. — 'Fofo' não é o que um cara quer ser na sua primeira vez fazendo sexo.

— Como foi?

— Lembro de me sentir desanimado. Desapontado, como se todo mundo tivesse me enganado, me convencido de que sexo era uma coisa incrível da qual eu não seria capaz de me cansar. Não me interprete mal. Foi ótimo. Melhor que minha mão e um punhado de loção.

Ela ri e puxa o edredom mais alto sobre nossos ombros nus.

— Mas eu sempre pensei que minha primeira vez seria fogos de artifício. — Hesito e depois digo a verdade. — Acho que sempre pensei que minha primeira vez seria com você. Eu não acho que alguém poderia ter feito isso.

Ela assente. — O mesmo.

— E você? Quem foi? Onde? Foi bom?

Quero saber tudo de uma só vez para parar de pensar nela com mais alguém. — Terrell Anderson. — Ela ri. — Foi um clichê total. Noite de formatura no meu terceiro ano. Ele era um sênior e nos conseguiu um quarto. Eu tive que mentir para meus pais para ficar fora. Kayla me cobriu e garantiu que eu tivesse preservativos.

— E foi bom?

Ela ri, mas está cheia de arrependimento. — Eu acho que para ele. Não para mim. Também fiquei decepcionada. Ainda mais por como ele agiu depois que acabou.

— O que ele fez quando acabou?

— Outro clichê. — Ela rola de costas e estuda o teto. — Ele disse a todos os seus amigos que havia fodido a filha de Joseph Allen.

— Bastardo, — eu murmuro, desejando encontrar o pedaço de merda e destruí-lo.

— Muito mesmo. Quando descobri que ele tinha contado às pessoas, eu o confrontei e dei um fora na bunda dele. Ele não gostou disso. Eu era uma júnior que deveria estar feliz por ele ter se dignado a me levar ao baile, muito mais por ele pagar por um quarto de hotel e me livrar da minha virgindade.

— O que ele fez? — Porque eu já posso dizer que ele fez algo que eu vou odiá-lo ainda mais...

— Ele me disse que se eu não o deixasse me foder novamente *e* chupar seu pau dessa vez, ele postaria fotos minhas na cafeteria. Fotos que ele tirou enquanto eu estava dormindo. Ele até ameaçou mandá-las para o meu pai.

— Filho da puta. O que você fez?

— O que eu sempre fiz com meus problemas. — Ela sorri tristemente. — Fui ao meu pai.

— Você disse a ele

— Eu contei tudo a ele. Eu sempre podia. — Seus ombros nus brilham ao luar quando ela encolhe os ombros. — Ele me disse para não me preocupar. Disse que ele cuidaria disso, e ele cuidou. Não sei exatamente como, mas não havia fotos e Terrell nem me olhou nos olhos no dia em que se formou.

— Espero que seu pai tenha feito algo incrivelmente doloroso que arruinou seu futuro.

Kimba lança um olhar divertido para mim. — Ele poderia ter feito. Papai tinha sua veia implacável.

Eu a sacudo de brincadeira debaixo das cobertas. — É daí que você herdou.

— Com certeza. — Ela ri, mas fica sóbria depois de um momento. — Terrell acabou indo para Morehouse. Se eu não sabia antes se queria ir para Spelman ou não, depois disso

eu sabia que com toda certeza não queria. Eu não queria estar tão perto, podendo encontrar com ele.

— Esse idiota afetou sua decisão de não ir a Spelman?

— Não apenas isso, mas meio que me empurrou sobre o penhasco em que eu já estava na beira. Meu nome de família, a reputação aqui nesta cidade, começou a parecer um albatroz. Eu queria deixá-lo de lado por um tempo e ter uma lousa limpa em um novo local. O Arizona me deu isso.

— Foi aí que você conheceu Lennix Hunter?

— Sim. — Um sorriso largo e aberto toca seus lábios. — Nós éramos duas ervilhas em uma vagem desde o primeiro dia e somos melhores amigas desde então.

— É bobagem que eu ainda tenha um pouco de ciúmes ao ouvir você chamar alguém de sua melhor amiga?

— Sim, isso é realmente bobo. — Ela joga a perna sobre a minha e me puxa para perto até que seus seios estejam esmagados entre nossos peitos. — Porque você deveria saber agora que ninguém poderia tomar seu lugar particular.

Eu procuro sob as cobertas a mão dela, uno nossos dedos. — Eu nem sabia o quanto senti sua falta até ter você de volta.

— Eu senti isso no funeral. — Ela solta uma risada trêmula. — Assim que eu te vi novamente, eu sabia que seria assim.

— É por isso que você me afastou?

Ela morde o canto do lábio. — Quando eu vi Noah e Aiko, percebi que você tinha uma família, sabendo a força que eu sentia entre nós imediatamente, eu sabia que seria muito perigoso ficar em contato.

— Estávamos com problemas mesmo antes disso, e tínhamos ido para aconselhamento, mas me pergunto se alguma parte de mim desistiu depois de ver você, esperando que nossas vidas se cruzassem novamente.

Eu odeio dizer isso em voz alta. Eu ouço como isso soa. Era um pensamento subconsciente ao qual eu nunca dera voz.

Ela está quieta, passando os dedos pelos meus cabelos, acalmando o tumulto que essa ideia causa.

— Isso faz você se sentir culpado? — Ela pergunta depois de alguns segundos silenciosos.

Pressiono minha testa na dela.

— Não sei o que sinto, mas não tem nada a ver com arrependimento. Eu *tentei*, segui tentando, mas depois do funeral... eu sabia por que você não me deu o seu número. Eu também senti isso. Eu não posso nem reduzir a apenas atração. Parece que éramos uma coisa que foi cortada ao meio, e nossas partes *queriam* se juntar novamente.

Uau. Isso soou intenso.

— Quero dizer...

— Sim. É assim que me senti, — diz ela.

Nós só voltamos à vida um do outro por duas semanas. Acabamos de fazer amor. É muito cedo para dizer o que eu sei que é verdade. O que sempre foi, em algum nível, pelo menos para mim, verdadeiro.

Eu a amo.

Ela pode não chamar assim ainda, e não vou dizer em voz alta, mas eu sei. Nascemos no mesmo dia. Não sou muito religioso e não tenho certeza do que acredito sobre outras vidas, outros mundos e outras dimensões. Sei que almas gêmeas são reais, Kimba é a minha. Acredito que se as pessoas são "criadas", fomos feitos juntos. Ela estava lá para o meu apoio, lá quando minha carne estava tricotada sobre meus ossos. E se o amor não é apenas uma emoção, mas um tipo de eternidade, uma infinidade que vive em nossos corações, então sempre estivemos apaixonados. É uma coisa sem idade que não se refere à puberdade ou à cronologia, ou mesmo se vivermos nossas vidas juntos.

Mas quando estamos separados, eu sofro.

Posso disfarçar com os amigos, silenciar com outras mulheres, distrair-me com objetivos e sonhos, mas a verdade permanece. Se não tenho Kimba, falta uma parte de mim. E por mais que eu tivesse tentado com Aiko, tanto quanto fizemos juntos, construímos juntos, apesar do belo garoto

que *fizemos* juntos, ela não é minha alma gêmea. Como ela poderia ser quando havia Kimba?

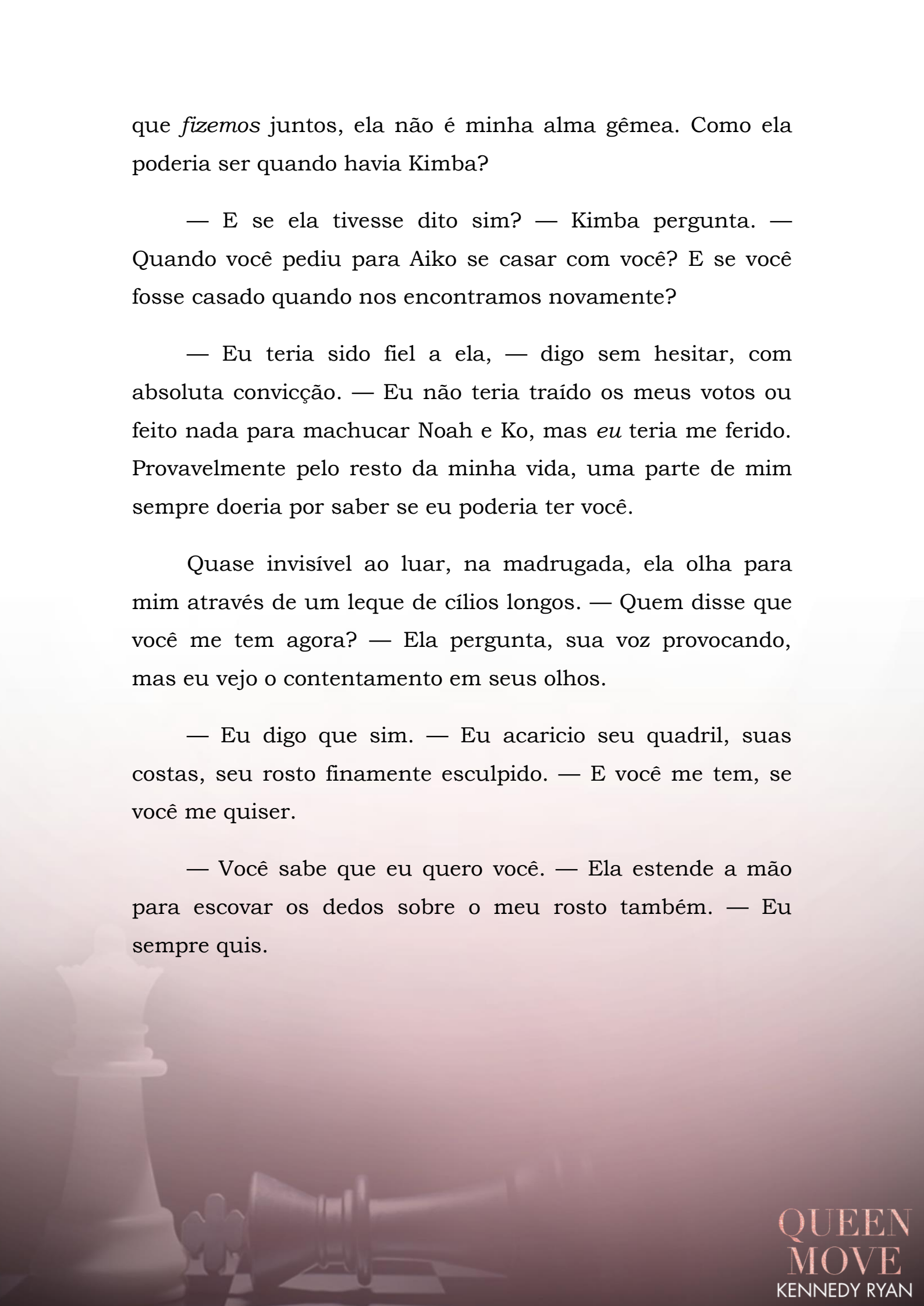
— E se ela tivesse dito sim? — Kimba pergunta. — Quando você pediu para Aiko se casar com você? E se você fosse casado quando nos encontramos novamente?

— Eu teria sido fiel a ela, — digo sem hesitar, com absoluta convicção. — Eu não teria traído os meus votos ou feito nada para machucar Noah e Ko, mas *eu* teria me ferido. Provavelmente pelo resto da minha vida, uma parte de mim sempre doeria por saber se eu poderia ter você.

Quase invisível ao luar, na madrugada, ela olha para mim através de um leque de cílios longos. — Quem disse que você me tem agora? — Ela pergunta, sua voz provocando, mas eu vejo o contentamento em seus olhos.

— Eu digo que sim. — Eu acaricio seu quadril, suas costas, seu rosto finamente esculpido. — E você me tem, se você me quiser.

— Você sabe que eu quero você. — Ela estende a mão para escovar os dedos sobre o meu rosto também. — Eu sempre quis.



TRINTA E UM

Kimba

— Você é brilhante, porra.

— Hã? — Ezra pergunta distraidamente, prestando mais atenção à chama debaixo da panela do que ao meu elogio. — O que você disse?

— Eu disse que você é brilhante. — Eu seguro o iPad que estou usando para ler seu manuscrito. — Seu livro, a história do YLA, é incrível, Ez.

— Oh. Obrigado. — Ele me dá um sorriso e depois volta para sua torrada francesa. — A chave para fazer isso direito é a proporção de leite para pão.

Eu pulo do balcão e ando para ficar ao lado dele no fogão. — Você poderia esquecer sua torrada francesa por um minuto e me ouvir?

— Mas é rabanada *recheada.* — Ele tira a panela do fogão e me puxa para seus braços. — E eu pude ouvi-la o dia todo. O que você estava dizendo? Algo sobre eu ser um gênio bonito e sexy?

— Hum... essas não foram minhas palavras exatas. — Eu rio para ele.

— Eu poderia jurar que foi o que você disse e nunca estou errado. — Ele desliza as mãos sobre minha bunda em um par de cuecas boxer. — Algumas até dizem que eu sou brilhante *pra* caralho.

— Elas provavelmente gostam do seu pau grande, — eu sussurro e pisco para ele o mais inocentemente possível.

— Eu escuto muito isso. — Ele dá um beijo na minha cabeça e volta para sua torrada francesa. Inclino-me para descansar um cotovelo no balcão e o vejo trabalhar.

— Muito? — eu pergunto provocativamente. — Houve *muitas?*

Ele faz uma pausa no meio da torrada e me olha de relance. — Você está perguntando com quantas pessoas eu fiz sexo?

— Quero dizer, não é da minha conta. Se você não quiser...

— Oito.

Oito?

Senhor do céu, apenas oito?!

— Oh. — Eu endireito e descanso meu quadril contra o balcão. — Que, hum, número de um dígito é esse.

— Bem, eu estou com uma pessoa há dez anos, então... e você?

E quanto a mim? Estou tabulando anos de rapidinhas, encontros de uma noite, babacas a procura de uma transa rápida e fodas na procura pelo cara certo.

— Se você não quiser, — ele diz, quebrando um ovo em uma tigela, — tudo bem. Eu não ligo para quantas pessoas...

— Eu não sei.

Ele olha para cima, mexendo os ovos, uma pequena carranca franzindo as sobrancelhas escuras. — Você não sabe o quê?

— Meu número. Não sei com quantas pessoas já estive. — Ele recomeça a mexer, o cenho franzido. — Oh.

Os ovos mexidos e a geladeira zumbindo são os únicos sons na cozinha. Eu nunca fiquei envergonhada por minhas escolhas. Eu gosto de sexo. Eu já tive isso com muitas pessoas. Pessoas que eu realmente gostei... ou tolerei... Mas não queria me comprometer. Eu sempre estive segura e nunca vi mal nisso. Eu fui sincera e, quando alguém queria mais, informei que "mais" não era uma opção.

— Eu simplesmente nunca... — Cruzo os braços sobre o estômago, cruzo um pé descalço sobre o outro. — Não tenho interesse em relacionamentos comprometidos. Não havia ninguém com quem eu quisesse isso.

— Tru. — Ele para de mexer e me dá todo o impacto de sua atenção total. Seus olhos são azuis plácidos. Sem sombras ou correntes. — Eu não ligo. — Ezra empurra a tigela para o lado e me encara. — Mas há algo que eu acho que devemos esclarecer sobre como você lidou com sexo no passado.

Aqui vamos nós.

— Você nunca quis se comprometer antes, — diz ele.

— Certo. Eu nunca quis amarras.

— Eu sei que disse que poderíamos ser apenas sexo, sem apegos emocionais. — Ele enfia as mãos nos bolsos. — Mas sinto que tenho que ser honesto com você. Ter você de volta na minha vida tem sido... tem sido exatamente o que eu preciso e o que senti na noite passada... nunca me senti assim antes.

Eu nem tenho certeza de que meu coração está batendo, mas também parece que há um tumulto no meu peito.

— O que você está dizendo, Ez?

Sua boca se achata em uma linha dura e sua mandíbula endurece. — Eu quero amarras.

— V-você quer?

— Eu quero laços. — Ele liga os dedos, acaricia o polegar na minha palma. — Amarras com cordas, se

necessário. Quero qualquer coisa que mantenha você comigo e eu com você e diga a todos que nem sequer pensem nisso.

Estou atordoada e incrivelmente excitada, mas isso não é muito a dizer sobre Ezra.

— Você... você quer? — Eu pergunto fracamente... De novo.

— Eu não ficaria bem em compartilhar você.

O pensamento de compartilhá-lo derrama ácido em um corte profundo, um sentimento completamente desconhecido, mas não posso negar que está lá. — Eu concordo, — digo a ele.

— Veja. Já estamos redefinindo o relacionamento, — diz ele. — Cordas atadas?

— Não acredito que estou dizendo isso. — Eu me aproximo, pisando na ponta dos pés para beijá-lo. — Mas sim, eu quero todas as amarras.

Se eu realmente não estivesse apaixonada por Ezra antes, depois de comer sua torrada francesa, eu teria ficado.

— Uau. — Eu dou um tapinha na minha barriga cheia. — Agora eu entendi.

— É o favorito de Noah, — diz ele, levando o seu prato vazio e o meu para a pia. — Espere, você verá o que vamos almoçar.

— Primeiro de tudo, eu não consigo nem pensar em mais comida agora. — Eu ando e passo meus braços em volta da cintura dele, pressionando minha frente em suas costas largas. — Segundo, preciso ir para casa.

Ele fica tenso na minha bochecha. — Já?

— Eu poderia deixar você me ver mais tarde hoje, — eu digo, sorrindo e me aconchegando mais profundamente nos músculos tensos de suas costas.

Ele se vira, segura meu rosto com as mãos e pontilha beijos ao longo da minha mandíbula. — Quão gentil da sua parte.

— Eu tenho que ir para casa, no entanto. Minha mãe... digamos que já abusei muito. Meu vestido já deve estar seco. Eu posso pegar um Uber.

— De jeito nenhum. — Uma carranca se instala em seu rosto. — Vou levá-la para casa.

— Ezra

— Eu disse que vou te levar para casa.

Antes que eu possa protestar ainda mais, o celular dele toca. Ele se inclina para inspecionar a tela e suspira. — A

mãe da Aiko. Ela provavelmente quer uma atualização sobre Aiko e Noah. Eu posso ligar de volta.

— Não. Fale com ela. — Eu escorrego de seu abraço. — Eu vou me vestir e estar pronta quando você terminar.

— Tem certeza?

— Absolutamente.

Ele assente e pega o telefone. — Xin chào cô.

Dou uma olhada dupla na base da escada. Ezra fala vietnamita? Ele se encosta no balcão, continuando com palavras que eu não entendo, cruzando um braço sobre o peito enquanto ele está ao telefone. Há familiaridade, carinho na conversa com a mãe de Aiko. Avó de Noah. Eles se conhecem há dez anos, então faz sentido.

Ouvi-lo falar realmente vietnamita com tanta facilidade sublinha como sua vida está confusa com a de Aiko. Mesmo que eles não estejam mais envolvidos romanticamente, eles estão intrincadamente ligados através de Noah e tantas outras coisas que eu nem posso começar a antecipar.

No andar de cima, vou para a lavanderia onde Ezra pendurou meu vestido. Está preso em uma barra de metal entre uma minúscula túnica vermelha com flores brilhantes e uma blusa na qual eu não conseguia encaixar um peito.

— Uau, ela é pequena, — murmuro, jogando a cueca e a camiseta de Ezra na cesta. Deslizo o vestido por cima da

cabeça, deslizo os pés nos meus Jimmy Choos deformados e sujos de lama e volto para o quarto de Ezra. Na verdade, é o quarto de hóspedes onde ele me disse que está dormindo. Aventurei-me pelo corredor até uma porta que se abre para o quarto principal.

O quarto deles.

Estava escuro e estávamos loucos de luxúria ontem à noite quando subimos, mas considero o quarto sob o brilho da luz do dia. Um par de chinelos de quarto de seda rosa espreita por baixo da borda da cama. Fotos de todos os tamanhos se encaixam como um quebra-cabeça em uma parede inteira. Diferentes estações da vida descrevendo a jornada de sua pequena família juntos. Há fotos deles - na Torre Eiffel, na Disney World, no Grand Canyon, vestidos para o Halloween.

No hospital, o dia em que Noah nasceu.

Há tanta alegria em seus rostos. Ezra e Aiko parecem jovens, orgulhosos e emocionados. Ela está segurando Noah e Ezra está com um braço em volta dela. Ele está radiante.

— Você está bem? — Ezra pergunta da porta.

Eu pulo com culpa e me afasto da parede.

— Eu sinto muito. Eu não estava tentando ser curiosa. A porta estava aberta e eu estava...

Ezra levanta as sobrancelhas e sorri um pouco. — Curiosa?

— Sim, eu acho. — Olho de volta para a parede, passando um dedo sobre uma foto dos três no Space Needle, em Seattle. — Noah já esteve em vários lugares, hein?

— Ele adora viajar. — Ezra caminha ao meu lado, estudando as fotos. — No próximo ano, ele quer ir para Israel. Chocante.

— Eu amo o quão interessado ele está em sua herança judaica.

Ezra solta uma risada e balança a cabeça. — Muito mais interessado do que eu. Ele me perguntou se eu vou começar a levá-lo à sinagoga. Eu *não* sou aquele judeu. Eu era muito mais envolvido quando era mais jovem, mas principalmente por causa da minha mãe e Bubbe. À medida que envelhecia, havia algumas coisas que eu queria guardar e outras que não importavam tanto para mim.

— Todos nós temos que descobrir isso por nós mesmos. — Deslizo meu braço pela dobra dele. — Eu ainda estou na metade do tempo.

— Mamãe está determinada a conseguir um bom menino judeu, mesmo que ela precise pular uma geração. Lembra como estávamos infelizes nos finais de semana quando não podíamos brincar por causa do Shabat?

— Nossas mães ficavam cansadas de nós, mas sempre reclamamos quando não podíamos ficar juntos.

— Sempre quisemos ficar juntos quando crianças. — Ele beija minha têmpora, me puxando para mais perto ao seu lado.

— Parece que não mudou muita coisa, hein? Como você acha que elas vão reagir a nós?

— Acho que descobriremos depois que tudo terminar com Aiko de uma vez por todas.

Há um silêncio carregado e rígido. Ele se afasta e olha para mim.

— Já está terminado. É apenas uma questão de contar a Noah, — ele diz. — Você sabe disso, certo? Eu não sou um cara tentando enganar uma garota de fora para ficar comigo. Eu só tenho que fazer o que é melhor para Noah.

— Eu acredito em você. Eu acho que estar aqui em seu quarto, no espaço dela e ver a *vida* dela com você, eu apenas percebo que vocês estão juntos há muito tempo.

— Estivemos e metade desse tempo não estava funcionando. Adiamos isso por muito mais tempo do que deveríamos. Isso ia acontecer independentemente de nós, Tru. Eu juro a você isso.

Eu vejo a verdade nos olhos dele, mas também vejo a verdade nessas paredes. Torce o meu interior por pensar que posso ter alguma parte em desmembrar uma família.

— É melhor eu ir. — Faço meu sorriso ainda mais brilhante, mas ele não o engana.

— Kimba.

— Não, eu só preciso chegar em casa.

Ele assente, obviamente relutante em deixar o assunto ir. Nenhum de nós diz muito enquanto descemos as escadas e seguimos para a garagem. Eu tento afastar a culpa... é culpa que estou sentindo por Aiko? Por que eu deveria me sentir culpada? Ela está transando com um cara na Tanzânia. Ezra disse que esse rompimento iminente teria acontecido com ou sem minha presença em sua vida. Digo a mim mesma todas essas coisas, mas quando Ezra abre a porta para mim e entro no seu Land Rover, eu...

— Espere. Você está dirigindo um Rover? — Eu pergunto. Surpresa e diversão efetivamente esmagando meu monólogo interior em conflito. — Bem, olhe para você.

Ele revira os olhos e sai da garagem, mas uma pequena inclinação no canto da boca é suficiente para me incentivar a continuar.

— Ser um educador brilhante deve pagar bem.

— Não tão bem quanto eleger presidentes, tenho certeza.

— Eu ganho bem, mas o contrato do livro foi bastante lucrativo. Quem é seu agente? Que tipo de acordo eles ofereceram? Estou lhe dizendo, Ezra, seu livro é fantástico e uma vez publicado toda a sua vida mudará.

— Gosto da minha vida como ela é. — Ele desvia a atenção da rua por tempo suficiente para me dar um sorriso rápido. — Quando fui abordado sobre como escrever o livro, alguém tinha visto um dos vídeos em nossa conta do Instagram e achou que tínhamos uma história para contar.

— Eles estavam certos. Lendo sobre seus primeiros dias frustrados como professor, como você construiu algo para famílias que, de outra forma, teriam que se contentar com uma educação inferior, é inspirador.

— Quero que mais pessoas saibam sobre nossos alunos e nossa história, — diz ele. — Mais doadores e investidores, para que possamos continuar ajudando estudantes que não podem pagar escolas particulares e morar em lugares onde, francamente, suas escolas são péssimas. Seu código postal não deve determinar a qualidade de sua educação.

Sua paixão, sua dedicação aos alunos aprofundam minha compreensão do homem que ele é agora. A leitura desse manuscrito preencheu algumas das lacunas que os anos criaram.

— Não me lembro de você querer ser professor quando estávamos crescendo, — digo.

— Eu acho que eu não queria. Eu queria me sair bem na escola, é claro, mas entrei na faculdade sem saber o que fazer da minha vida.

Algo coça minha memória e rompe. — Bubbe era professora!

— Ela era antes de se aposentar; você está certa. — Ele abre um sorriso impressionado para mim. — Ótima memória. Ela foi a razão pela qual decidi, pelo menos, dar uma chance ao ensino, e eu me apaixonei por isso.

— O que você mais gosta sobre isso?

— A parte que eu não faço mais, — diz ele com tristeza. — Realmente ensinar. Ver uma mente se expandindo diante de seus olhos. Ver as coisas que as crianças aprendem literalmente muda a maneira como veem o mundo e a si mesmas, imaginando do que são capazes.

Ele ri e balança a cabeça, uma mão no volante. — Agora são angariações de fundos, administração, conferências e palestras, embora eu faça o menor número possível.

— Bem, planeje falar mais. Eu ganho a vida sabendo as coisas e sei que este livro será um enorme sucesso. Você estará em programas matinais e fará turnês antes que você perceba.

— Você acha? — Uma sobrancelha mergulhada em ceticismo. — Não é nem uma grande editora.

— Não precisa ser. Sua história, o que você construiu e está fazendo, — digo rapidamente. — É imenso. — Gesticulo no ar como uma varinha acenando sobre sua figura imponente ao volante. — E tudo isso não vai machucar.

Seus lábios beliscam nos cantos e ele bufa. — Tudo isso? Senhorita Allen, sobre o que você está se referindo?

— Você sabe como é, Ezra. Não jogue a carta modesta comigo. Eu lidei com essa mão.

— Quando você beijou aquele magricelo de 13 anos no banheiro das meninas, você não tinha ideia de que ele cresceria mais de um metro, hein?

Essa preciosa memória ultrapassa o presente, e não estamos no luxo moderado de seu Rover, a poucos minutos da casa da minha mãe. Estamos de volta naquela cabine, ambos inseguros se estamos fazendo certo, mas com certeza absoluta que queremos fazer errado juntos. Os genes de seu pai podem ter entrado em ação, alongando e ampliando seu corpo, mas lendo esse manuscrito, sei que a forma do coração de Ezra nunca mudou.

Paramos na frente da casa dos meus pais e ele estaciona. Assim que o carro está parado, ele pega minha mão, estudando nossos dedos entrelaçados.

— Eu estava pensando, outro dia, que gostaria de ter visto você crescer. Talvez você possa achar algumas fotos para mim.

— Talvez. Adoraria vê-lo durante todos os anos que perdi.

Anos que ela teve com ele.

— Kimba, eu sei que ver as fotos no quarto a chateou um pouco...

— Não, elas não me chatearam. Elas apenas me lembraram que embora o sexo seja incrível e pareça que estamos juntos desde o início dos tempos, não estivemos. Você tem outras pessoas em sua vida e eu também. Eu sei que você quer que isso seja fácil, mas até que você e Aiko terminem esse relacionamento, tenho um pressentimento de que não será.

Ele se inclina para segurar meu rosto com uma mão grande, a palma da mão áspera, seu toque suave contra a minha pele.

— Eu não acho que vai ser fácil, Tru. Só sei que valerá a pena.

Ele fecha os últimos centímetros entre nossos lábios, esfregando o polegar nos meus e depois me beijando daquela maneira profunda e viciante que faz todos os pensamentos fugirem da minha cabeça. Não há espaço para mais nada além dessa sensação, desse homem.

— Droga, Tru, — ele sussurra no beijo. — Eu quero você de novo agora.

Ele puxa minha mão para seu colo para que eu possa sentir a dura ereção entre suas pernas. Coloco a mão através das calças e aperto, rolo para cima e para baixo devagar, tortuosamente.

— Merda, — ele assobia na minha têmpora. — Ficar duro no meu carro e conseguir uma punheta na frente da casa da sua mãe certamente parece algo que perdemos no ensino médio.

Eu rio e caminho meus lábios até sua orelha.

Toque! Toque! Toque!

A batida alta na janela do lado do passageiro nos assusta. Keith está ao lado do carro com braços cruzados, sorrindo. Ele gesticula para eu abrir a janela. Com um suspiro frustrado, eu faço.

— Ei, Tru, — ele diz. — É meio cafona fazer essa merda em plena luz do dia em frente à casa da mamãe.

— O que você quer? — Eu rosno para ele, meus olhos se estreitaram em fendas.

— Que tipo de irmão eu seria se não intervisse quando vejo minha irmã fazendo algo errado?

— Errado? — Balanço a cabeça. — Você andou bebendo? Não estou fazendo nada de errado.

— Oh, me desculpe. — Ele se inclina para frente apenas o suficiente para capturar os olhos de pedra de Ezra.

— Eu pensei ter visto você no funeral do papai com uma esposa e um filho, Stern. E pelo que estou ouvindo, você é uma estrela em ascensão na comunidade.

— Ezra, adeus, — eu digo, pegando a maçaneta da porta.

— Kimba, — diz Ezra, franzindo a testa. — Eu posso...

— Ele está apenas me enchendo. Eu vou, Ez, — digo suavemente. — Conversamos depois.

Ele olha para Keith pela janela, seus olhos duros e frios como vidro.

— Keith vá, — eu digo, sem me virar para ter certeza de que ele obedeceu, mas passando por Ezra para subir a janela.

— Nós não estávamos fazendo nada de errado, — diz Ezra imediatamente, segurando meu rosto novamente. — Você sabe disso.

— Sim, mas ninguém mais sabe. — Balanço a cabeça e suspiro. — Até que tudo esteja resolvido e aberto, não podemos ser vistos juntos assim. Quem sabe alguém presumirá que você está traindo Aiko. Não quero manchar sua reputação dessa maneira, ou que volte para Noah de alguma forma.

Ele assente, mas uma carranca pesada estraga a linha suave de sua testa.

— Sim, eu sei. Você está certa, mas eu não vou desistir de você pelo pouco tempo que temos antes de você voltar à eleição.

— Se eu estiver indo na eleição. Ruiz pode nem me contratar. Ele está considerando outra pessoa.

— Então ele é um tolo.

— Você pode ser um pouco tendencioso, Dr. Stern.

— Se você quer dizer apaixonado, — diz ele, dando um beijo rápido nos meus lábios, — encantado, cego pela sua beleza, então sim.

— Beleza, hein? — Abro o espelho do visor.

Meu cabelo é um ninho de cachos, grudado em alguns pontos. Lavei meu rosto, mas a cor do batom que Ezra manchou dos meus lábios ainda está ligeiramente visível em volta da minha boca.

— Oh, sim, — eu digo, sarcasmo escorrendo das minhas palavras. — Minha beleza é ofuscante.

Ele pega meu rosto entre as mãos, os olhos sóbrios.

— Eu poderia olhar para esse rosto para sempre.

Para sempre.

Aos seis anos, não havia nada em colocar um anel, ainda frio da geladeira, no meu dedo e dizer as palavras que me ligariam a esse garoto por todos os meus dias. A

simplicidade disso contrasta fortemente com a estrada sinuosa que nos espera quando adultos.

— É melhor eu ir.

Com um dedo, ele vira meu rosto de volta e depois me beija. Ele tem gosto de rabanada e possibilidades, e eu estou faminta. Em segundos, minha mão está de volta em seu pau e seus dedos estão sob minha saia, implorando entrada na borda da minha calcinha. Ele desliza um dedo para dentro.

— Foda-se, — ele respira contra a minha boca. — Como você está molhada já...

Secura vaginal, minha bunda.

Mexo meus quadris apenas o suficiente para criar atrito, aliviar a dor. Ele aperta meu clitóris e minha boca se abre. Minhas coxas se espalham. Meus mamilos endurecem no corpete do meu vestido.

— Senhor do céu, — eu suspiro, puxando seu zíper para baixo e deslizando minha mão dentro de suas calças.

— Merda. — Ele pressiona sua testa na minha.

Um carro passa correndo, quebrando qualquer ilusão de privacidade. Sentamos no banco da frente, ofegando, procurando alguma forma de compostura. Seu dedo ainda está dentro de mim, e ele terá que removê-lo, porque, pela minha vida não posso pedir a ele. Parece bom demais.

— Eu deveria ir, — eu digo pela milionésima vez, mas não faço nenhum movimento para fazer algo que realmente o desalojaria do meu corpo.

— Sim. — Ele assente e bufa uma risada. — Você disse Senhor do céu.

— O quê? Quando?

— Quando eu estava... — Ele empurra o dedo um pouco mais fundo, fazendo-me gemer. Ele se retira lentamente. — Quando eu estava fazendo isso, você disse Senhor do céu, como costumava dizer sua mãe.

— Sim, eu faço isso às vezes.

— Posso ver você hoje à noite? — Ele pressiona. — Você ficará?

— Ez, talvez eu não deva até que nós...

— Seremos discretos. Eu posso ir buscá-la.

— Isso não é discreto. — Faço uma pausa, mordendo meu lábio. — Eu vou pegar um Uber.

— OK. Eu preparo o jantar.

Ele avança para me beijar de novo, mas eu me inclino para trás, olhando ao redor da rua vazia. — Esta noite.

Parece exigir um esforço hercúleo para eu sair do carro dele. A atração, a tentação de ficar lá com ele o maior tempo possível, é forte. Depois de tantos anos separados, quando

estamos juntos, parece que estou exatamente onde deveria estar. Todas as minhas moléculas, todos os átomos, estão em paz, mas ardentemente vivos. É como quando o pé adormece e as agulhas da sensação vêm com movimentos repentinos. Por tanto tempo ele não esteve na minha vida, e de repente ele está. E sob as camadas de prazer e deleite, há uma sensação de que, tão de repente quanto eu o encontrei, eu o perderei novamente.

— Hoje à noite, — eu digo, sorrindo pela janela e me virando para subir a longa entrada da mamãe.

Ele não sai até que eu esteja lá dentro, e eu imediatamente gostaria que ele estivesse aqui. Mamãe e Keith estão na sala esperando por mim.

— Bem, bem, bem, — diz Keith do sofá branco na sala de estar da mamãe. — Olha quem está em casa.

Mamãe sempre teve uma "sala da frente" quando éramos crianças, e usávamos sob ameaça de punição severa. Agora somos adultos o suficiente para sentar nos móveis brancos, mas parece que Keith ainda quer jogar jogos infantis.

— Keith, — diz mamãe, seu tom muito mais suave do que a curiosidade em seus olhos. — Deixe sua irmã em paz. Se ela quer brincar com um homem casado na frente de todo o bairro, o que temos com isso?

— Eu não estava brincando, — eu digo, passando a mão cansada sobre meus cabelos espessos. — E Ezra não é casado.

— Pelo que eu sei, — Keith diz com prazer óbvio, — você não pode me dizer que não está fazendo alguma confusão, e eu vi a mulher com quem ele mora e seu filho. Só espero que você não... como você disse... tenha manchado muito o legado de nosso pai.

— Você não sabe o que você está falando, — eu digo, mas com menos calor do que eu faria se ele não tivesse *algum* terreno para se sustentar. A culpa aperta minha consciência quando me lembro daqueles chinelos cor de rosa embaixo da cama. Olho para meus stilettos arruinados. Se os Choo se encaixam...

— Eu não estou julgando você, Kimba, — diz ele, a diversão maldosa deixando sua expressão. — Só estou pedindo para você não me julgar, especialmente por algo com que lidei. Delaney e eu estamos trabalhando nisso.

Trabalhando nisso.

Foi o que Ezra disse que ele e Aiko fizeram, mas acabou. Ele terminou de trabalhar nisso e admitiu que pode ter começado a desistir depois que nos encontramos novamente.

— Segunda-feira. — Eu puxo um profanado Jimmy Choo e depois o outro, de pé descalço e segurando-os pelos calcanhares. — Encontro você no seu escritório na segunda

de manhã. Nove horas. É melhor você ter um plano. As pessoas deste distrito merecem soluções reais e, se você não pode provar para mim que, tem algumas, prometo a vocês dois... — Faço uma pausa para incluir mamãe no meu olhar de alerta. — Não há boa vontade ou culpa dos irmãos neste mundo para me fazer ajudar sua bunda.

— É justo, mana, — diz Keith, seu sorriso largo e genuíno. — E desculpe por interromper a pegação.

— Não estava interrompendo nenhuma pegação, — digo indignada.

Ele levanta as sobrancelhas, e eu me lembro da ereção proeminente de Ezra. OK. Talvez houvesse alguma pegação.

— Eu vou tomar banho, — eu digo, virando-me para as escadas. Meu telefone toca quando chego ao meu quarto e o puxo da bolsa.

Piers.

— E aí, como vai? — Eu pergunto, entrando no quarto decorado em tons de marfim e ouro.

— Eu tenho algo que pode ser grande, — diz ele. — Sobre Colson.

Ele parece um policial que esteve em risco durante toda a noite e finalmente conseguiu algum movimento. A emoção em sua voz me faz parar, meus dedos do pé cavando no tapete grosso.

— Continue.

— Encontrei várias executivas que haviam sido demitidas ou saíram abruptamente de uma ou outra empresa de Colson por motivos suspeitos.

— OK. E?

— E eu comecei a cavar. Elas citaram uma cultura tóxica no local de trabalho.

— Como assim tóxica? Piers, vá direto ao ponto.

— Todas elas eram mulheres negras que alegaram ter sido demitidas ou deixaram suas empresas porque foram convidadas a mudar o cabelo.

— O *cabelo* delas? Mudar como?

— Elas disseram que o penteado era 'preto demais' e pediram para encontrar um estilo mais apropriado para a cultura corporativa. Algumas delas concordaram e se manifestaram depois que encontraram novas posições. Algumas não tiveram e obtiveram pontuações baixas em sua próxima avaliação de desempenho e acabaram sendo demitidas.

A indignação por essas mulheres borbulha dentro de mim. Indignação e compreensão. Eu sei como é isso. Trabalhando na política em DC, sei como é se sentir como o símbolo e esperar para falar em nome de uma comunidade

inteira. Sei também como é me pressionar e me permitir entrar na forma com maior probabilidade de sucesso.

— Acho que se Ruiz nos contratar, — diz Piers, — podemos usar isso contra Colson em geral.

— Oh, não, meu amigo. É assim que convencemos Ruiz de que ele deveria nos contratar *agora.* Nosso contato na redação da CNN, ainda a temos?

— Temos vários, — diz ele secamente. — Nós *elegemos* o presidente dos Estados Unidos.

Engulo os nervos que sempre ameaçam se manifestar quando tenho que falar em público. Costumava empurrar Lennix na frente e evitar os holofotes, mas agora sou só eu. O congressista Ruiz e o resto do mundo parecem duvidar de que eu possa fazer sozinha. Mas não é hora de duvidar de *mim mesma.*

Como mamãe diz, descendo de rainhas.

— Dê a ela essa história, — digo a ele, caminhando até o meu armário para ver se tenho um macacão específico da coleção de verão da Lotus. — Então diga a ela que eu quero falar.

— Você quer?

O espanto de Piers é claro. Todo mundo sabe o quanto eu odeio a câmera.

— Eu quero. Faça acontecer.

Desligo sem esperar uma resposta e ligo imediatamente para Kayla.

— Já era hora de você ligar, — ela diz como forma de cumprimento. — Isso é o que você sempre faz. Você desaparece.

— Podemos brigar e fazer as pazes mais tarde? Preciso da sua ajuda.

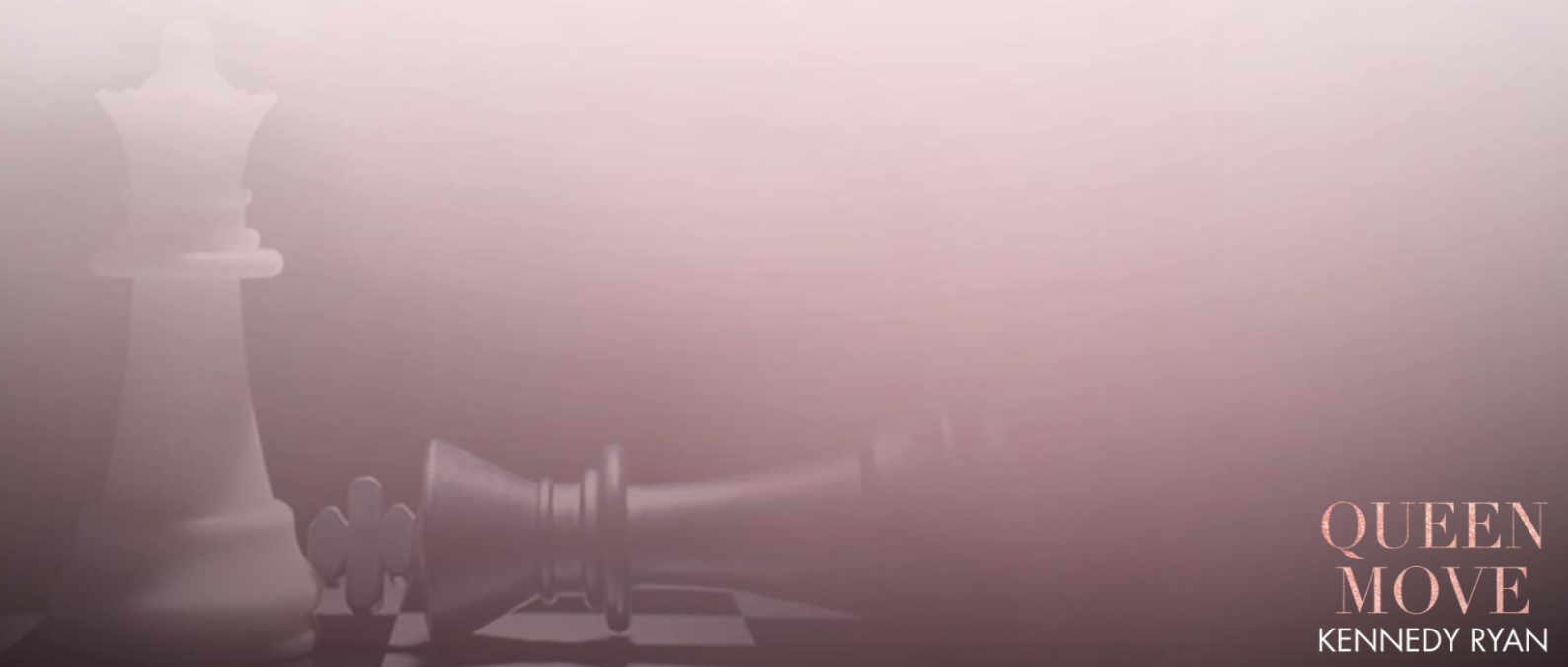
Essas são palavras mágicas. A mãe nela não pode resistir ao desespero.

— O que foi?

— Você ainda tem aquela ótima estilista? A que é especialista em cabelos naturais?

— Lorette, sim. Por quê? Você precisa dela?

Eu toco minha nuvem emaranhada de cabelos. — Sim. Muito.



TRINTA E DOIS

Ezra

— Uh, talvez mais duas semanas. — Passo a mão cansada pelo rosto e ajusto os fones de ouvido sem fio. — Eu posso ter o rascunho final para você então.

— Oh, bom. — Sienna, minha editora, parece aliviada.

— Estamos muito empolgados com este livro, Ezra. Quanto mais cedo conseguirmos cópias antecipadas, melhor.

— Estou animado também.

Eu fecho meu laptop e recosto no meu lugar.

— Não, estamos *muito* empolgados. Estamos empolgados no nível do Clube do Livro de Oprah. Mal podemos esperar para levar isso para a equipe dela. Para Reese. Todas as bibliotecas.

— Uau. OK. Não sabia que haveria um... um empurrão.

— Você está de brincadeira? Crianças desfavorecidas. Filantropia. Educação de qualidade. Isso é coisa do tipo *Meu Mestre, Minha Vida*.

— Não sou Morgan Freeman e não há tacos de beisebol no meu livro, — eu rio. — Mas estou feliz que você se sinta bem com isso.

— Para não mencionar você.

— Eu? O que tem eu?

— Sua própria história é fascinante. Birracial. Judaico. Cresceu aqui em Atlanta e depois foi para a Europa. Howard. UCLA para o seu doutorado. Voltando às suas raízes para fazer o bem. Combinação perfeita.

— Veremos.

— Eu já sei, — diz Sienna. — Vamos verificar na próxima semana. Adorei o que você me mostrou até agora e mal posso esperar para ler o resto.

— Ótimo.

Quando desligamos, olho ao redor do meu escritório em casa e apenas absorvo todo o bem da minha vida. Um livro que escrevi está sendo publicado. Eu não teria imaginado isso. Meu sonho de servir famílias que lutam para ter acesso a uma educação de qualidade mais do que se tornou realidade. Está *prosperando.* Pego uma das fotos na minha mesa de Aiko, Noah e eu. Eu tenho um filho notável pelo qual eu faria qualquer coisa. E Aiko...

Eu estou quase lá. Quase completamente livre e desimpedido para iniciar um novo capítulo com Kimba. Nada vai parar isso. Não dessa vez.

— Sou só eu!

A porta do quintal bate e os passos de Mona atravessam o vestíbulo dos fundos. E param.

Saio do escritório e vou em direção à cozinha. Mona está de pé na entrada de casa, segurando uma das asas cintilantes do vestido que Kimba usou na noite passada.

— Acho que ela não foi direto para casa, — diz Mona. — Quando Janet está fora, Jack e Chrissy vão brincar.

— Não é assim, — eu digo, entrando na cozinha e encostando-me no balcão.

— Oh, então você não transou com ela? — Mona e eu olhamos um para o outro, mergulhando no silêncio deixado para trás por sua pergunta intrusiva.

— Isso não é da sua conta, Mo, — eu digo baixinho, tentando manter a minha voz, mesmo que o comentário dela me irrite.

— Desde quando? — Ela exige, uma resposta irritante em sua voz. — Você e Aiko são meus amigos. Noah é praticamente meu afilhado. Eu amo todos vocês. Eu amo Kimba. Não quero ver nenhum de vocês se machucar.

— Há coisas que você não sabe. — Respiro fundo e depois vou em frente. — Aiko e eu terminamos.

— Eu ouvi.

— Você ouviu? Onde?

— De Kimba depois de uma garrafa de vinho. Tenho certeza que ela não quis me dizer. Culpe o álcool e meio gummy.

— Oh. — Eu odeio coisas estranhas assim. — Bem, então você sabe que o que quer que aconteça entre Kimba e eu, que é da nossa conta e não da sua, não é traição.

— Tanto faz, — diz ela, revirando os olhos e pulando no balcão. — Boa sorte com essa coisa trisal que você está fazendo com Ko e Kimba.

— Trisal?

— Sim, é como vocês três como casal. — Eu solto uma risada.

— Nós não somos um trio.

— Um trio? — Ela balança as sobrancelhas. — O único trio em que eu já estive é eu, Ben e Jerry, mas estou aberta.

— Definitivamente não é um trio. — Meu sorriso se desintegra. — Eu só quero Kimba.

Ela fecha os olhos e puxa os cabelos por cima do ombro, o movimento que percebi significa que ela está prestes a

colocar algo em risco. — Espero que você saiba o que está fazendo, meu irmão. Seu filho nem sabe que você e sua mãe estão terminando, e você já está dormindo com Kimba.

— E Aiko já estava dormindo com Chaz.

— Chaz? — Toda a expressão de Mona se anima. — A gracinha que a acompanhou na viagem? É com quem ela está transando? Agradável.

Dou a ela o olhar mais paciente que posso reunir.

— Quero dizer, desculpe. — Ela cobre a boca, mas ainda vejo o sorriso espreitando.

— Isso não tem graça, Mo.

— Você está certo. Não tem. — A expressão dela fica sóbria. — Isso tudo não está acontecendo muito rápido? Quero dizer, você acabou de ver Kimba novamente duas semanas atrás.

— Eu a vi no funeral de seu pai. — Enfio meus dedos pelos cabelos e os arrasto pelo rosto. — Eu sabia então.

— Sabia o que então? — Os olhos de Mona se estreitam e ela faz uma careta.

— Isso que estava entre nós antes...

— Quando você era *criança,* Ezra. Você não via Kimba desde os treze anos. Vamos lá.

— Não importa. Eu sei que parece loucura para você, mas até eu sair de Atlanta, eu estava mais perto dela do que de qualquer outra pessoa. Quando não conseguimos nos encontrar, sim, seguimos em frente. Que acontece quando as pessoas crescem. Elas se separam, mas essa proximidade não morreu. Ficou só... esperando que nos encontrássemos novamente.

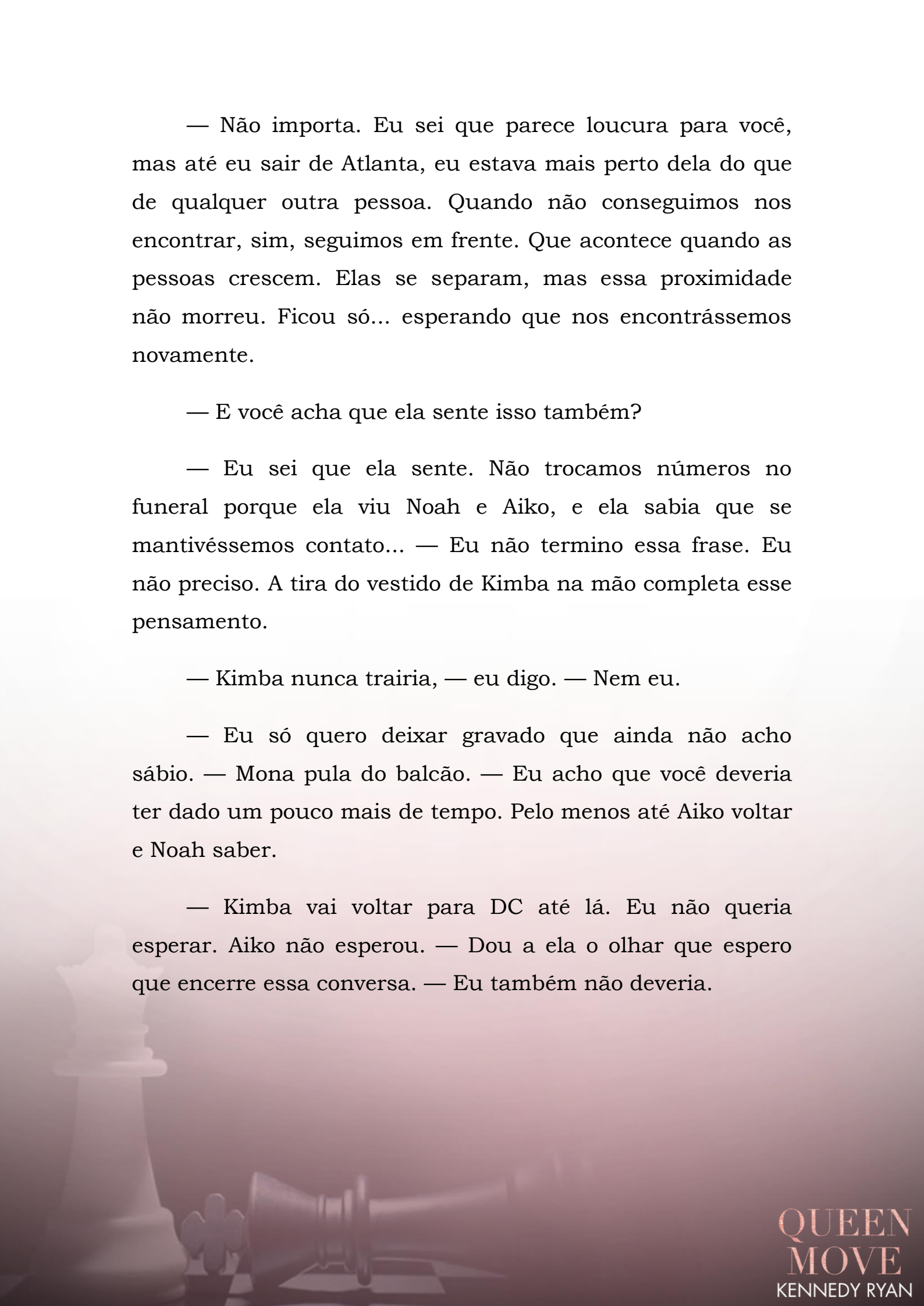
— E você acha que ela sente isso também?

— Eu sei que ela sente. Não trocamos números no funeral porque ela viu Noah e Aiko, e ela sabia que se mantivéssemos contato... — Eu não termino essa frase. Eu não preciso. A tira do vestido de Kimba na mão completa esse pensamento.

— Kimba nunca trairia, — eu digo. — Nem eu.

— Eu só quero deixar gravado que ainda não acho sábio. — Mona pula do balcão. — Eu acho que você deveria ter dado um pouco mais de tempo. Pelo menos até Aiko voltar e Noah saber.

— Kimba vai voltar para DC até lá. Eu não queria esperar. Aiko não esperou. — Dou a ela o olhar que espero que encerre essa conversa. — Eu também não deveria.



TRINTA E TRÊS

Kimba

— Como estou?

Kayla me estuda, passa olhos críticos sobre o meu cabelo e maquiagem, tomando seu tempo inspecionando outra das criações de Lotus, um macacão azul-escuro com pernas largas e embutidas mangas no comprimento três quartos.

— Podemos deixar o cabelo um pouco maior, Lorette? — ela pergunta.

— Maior? — Lorette, a cabeleireira de Kayla, e eu perguntamos em uníssono, chocadas.

— Se esse cabelo ficar maior, — eu digo, acariciando meus cachos naturais, Lorette volumou consideravelmente: — Eu voltarei aos anos oitenta.

Nós três rimos no pequeno camarim enquanto espero o produtor vir me buscar.

— Se você estará na televisão nacional, defendendo nosso direito de usar o cabelo da maneira que quisermos, — diz Kayla, — eu digo que deve ser grande.

— Eu acho que isso é grande o suficiente. — Olho no espelho. É difícil acreditar que meu cabelo está espanando meus ombros. — Lembra quando eu fiz a transição capilar?

— Oh, meu Deus. — Kayla gargalha. — A mamãe ainda não superou você cortando todo o seu cabelo. Ela te chamou de Florida Evans por meses.

— Eu lembro. — Eu reviro meus olhos. — Mas eu estava cansada de colocar produtos químicos no meu cabelo. Levou anos para voltar a crescer, mas nunca me arrependi disso.

— Demorei alguns anos para criar coragem. — Kayla dá um tapinha no seu cabelo curto. — Mas também não consigo me ver voltando.

— E você não deveria, — eu digo. — E se alguém quer deixar os cabelos naturais, também não deve ser condenado por isso. É disso que se trata esta noite. Ser capaz de ser nosso eu autêntico e não ser punido por isso.

— E sobre expor o futuro oponente do congressista Ruiz, certo? — Kayla sorri conscientemente.

— Ah, sim. Isso também. É uma jogada arriscada, mas acho que valerá a pena. Vamos ver se estou certa. — Meu telefone vibra no balcão do camarim. O nome de Ezra pisca.

— Oh. — Kayla contrai os lábios. — Um passarinho me contou algo sobre você e Ezra Stern.

— Deixe-me adivinhar. Aquele passarinho era nosso irmão? Keith não sabe do que está falando. — Pego o telefone e saio para o corredor para ganhar a menor medida de privacidade.

— Ei, Ez.

— Tru, ei.

Por algum acordo mútuo e silencioso, nós dois ficamos quietos. Estou lembrando dos nossos beijos no carro dele hoje de manhã. Urgente e faminto. Lembro-me de ontem à noite como não podíamos nos encontrar com rapidez suficiente. Como meu desejo por ele era compreensivamente profundo. Como eu não consegui chegar ao fundo disso.

— Eu mal posso esperar para vê-lo, — digo a ele, em voz baixa, certificando-me de que ninguém está por perto.

— Você não tem ideia. Já sinto sua falta. Que horas você vem jantar?

— Eu, hum, deixe-me ligar quando estiver a caminho. Estou meio que no meio de alguma coisa e não sei quanto tempo vai demorar. — Aperto meus olhos com força. — Estou na CNN.

— Isso é ótimo. Sobre o que você está falando?

Dou a ele a versão abreviada do que Piers encontrou e como foi relatado. — E comentando isso, — ele diz no final da minha explicação, — você mata dois coelhos com uma

pedrada só? Expondo as práticas discriminatórias de Colson e...

— E derrubando a provável maior ameaça de Ruiz em um ponto ou dois, enquanto nos dá um ponto delicado para voltarmos para as eleitoras negras e pardas quando as eleições acontecerem. Ele acha que precisa dos bons rapazes para vencer este estado. Quero que ele perceba que podemos levar esse estado com uma coalizão mais ampla do que isso. Este é um passo nessa estratégia.

— É uma jogada de rainha.

Eu rio, gostando do som, mas não entendo completamente. — O que você quer dizer?

— No xadrez.

— Por que não estou surpresa?

— Como eu estava *dizendo*, — ele faz uma pausa significativa, um sorriso em sua voz. — No xadrez, quando você ataca seu oponente, precisa da força da rainha. É mais fácil capturar um rei usando a rainha do que qualquer outra peça no tabuleiro. *Você* está ofendendo em nome de Ruiz.

— Ah isso é verdade. Nunca envie um homem para fazer o trabalho de uma mulher. Você está certo. Isso é um movimento de rainha. Obrigada.

— Apenas a verdade, — diz ele. — Agora você vai me mandar uma mensagem quando estiver a caminho?

— Eu vou.

— E você vai passar a noite? — Ele pressiona, o timbre de sua voz ficando um pouco mais profundo e mais escuro.

— Com prazer, Dr. Stern.

— Srta. Allen! — Uma moça com uma prancheta fala do final do corredor. — Cinco minutos.

Eu aceno e sorrio.

— Eu tenho que ir.

— Você está nervosa?

— Você sabe que estou.

Eu toco minha testa. Meus dedos estão tremendo.

— Toda vez que tenho que fazer isso, tenho medo de gaguejar ou de alguma forma...

— Você consegue. Eu já te vi várias vezes para saber como você está preparada. Estou tão orgulhoso de você.

A porta nas minhas costas se abre e Kayla enfia a cabeça para fora. — Eu ouvi alguém dizer cinco minutos?

— Sim, orelhas de morcego, — eu digo com um sorriso. — Você ouviu.

— Bem, desligue com o garoto amante, e vamos fazer isso.

— Ela acabou de me chamar de garoto amante? — Ezra pergunta.

— Você não precisa soar tão *empolgado* com isso. — Eu rio. — Eu te ligo mais tarde.

— Você será fantástica. Você sempre é.

— Obrigada, Ez, — eu sussurro, avistando o produtor. — Eu tenho que ir.

— Você sabe que eu vou precisar dessa história completa mais tarde, certo? — Kayla pergunta.

Reviro os olhos, balanço a cabeça e entrego a ela meu telefone para guardar durante a entrevista. — Eu sei disso, sim.

Kayla caminha comigo o mais longe que pode, mas tem que esperar nos bastidores. Não importa quanto apoio e incentivo você receba do lado de fora, quando a luz vermelha na câmera piscar, é só você. A âncora, Chelle, começa o segmento introduzindo a história, então eu tenho alguns momentos de alívio antes de estar na câmera.

— Algumas notícias perturbadoras hoje sobre o esperado candidato a governador para Geórgia, o empresário bilionário e prefeito de Burton, Colson, — diz Chelle, olhando firmemente para a câmera com uma postura invejável. — Acusações de práticas discriminatórias no local de trabalho baseadas em penteados. Não é um problema novo, mas várias mulheres executivas anteriormente empregadas pela

corporação de Colson esperam que possam ser trazidas à tona.

Um vídeo começa a rodar onde várias mulheres são entrevistadas, todas em tons de preto, marrom e dourado, usando uma variedade de penteados e coberturas de cabeça naturais, de locs a tranças a hijabs a cachos naturais como o meu em texturas variadas. Um padrão emerge de cada uma de suas histórias individuais, uma de um ambiente corporativo tóxico que exigia total conformidade com um padrão anglicano e, se não o fizesse, as punia.

— Nós temos conosco Kimba Allen, — diz Chelle quando o vídeo termina, — conhecida consultora política e gerente de campanha da bem-sucedida corrida do presidente Cade. Kimba, obrigada por se juntar a nós.

— Ob-ob-rigada por me receber.

Droga. Agora não. Não ouse.

Respiro fundo e relaxo os músculos debaixo da língua, desejando me acalmar e não ficar sobrecarregada.

— O que você tem a dizer sobre essas acusações, Kimba? — Chelle pergunta.

— Estou desapontada.

Eu falo minhas palavras deliberadamente mais devagar e me concentro em firmar minha respiração, diminuindo meu ritmo cardíaco.

— Mas não posso dizer que estou surpresa. Esse é o tipo de coisa que eu e mulheres como eu lidamos a vida toda. Fomos apegadas a um padrão de beleza falso, impossível de manter. Eu cresci, como muitas, acreditando que tinha que alisar, fazer permanente, trançar — fazer o que fosse necessário para deixar meu cabelo como aqueles que eles queriam, diziam que eu deveria assimilar.

— Isso é algo que você enfrentou trabalhando na política?

— Oh, certamente. Estou acostumada a ser uma das únicas em muitos círculos em que servi nas últimas duas décadas. E as microagressões são muitas e nunca param. As perguntas embaraçosas sobre o meu cabelo, as pessoas tocando sem minha permissão. Essas coisas são inaceitáveis, mas práticas como essas citadas pelas mulheres que trabalhavam para o Sr. Colson? Isso afeta nossos bolsos e até onde podemos ir, não com base em nosso desempenho, mas com base em algo tão superficial quanto nossos cabelos.

— Várias mulheres indicaram que os gerentes disseram que o penteado era 'muito preto', — diz Chelle. — O que você diz sobre isso?

— Acho que comentários como esses, expectativas como essas, são a razão pela qual precisamos de legislação como a Lei da COROA.

— E para quem não sabe, o que é a Lei da Coroa?

— É uma legislação criada para combater a discriminação contra pessoas de cor por usar penteados naturais ou protetores. Essa é uma forma de injustiça racial com consequências econômicas mensuráveis. COROA[25] significa 'Criar um local de trabalho respeitoso e aberto para cabelos naturais'.

— A Califórnia foi o primeiro estado a aprovar, certo?

— Sim, e outros estados seguiram. Felizmente, em algum momento, teremos legislação federal. Muitas de nós estão trabalhando em ambientes em que apenas ser quem somos é contrário a alguma política da empresa, escrita ou não. Simplesmente ser eu mesma é um ato de resistência. — Balanço a cabeça. — Mas devo dizer que é desencorajador ouvir que alguém concorrendo a *governador* perpetuou essas práticas. Precisamos de líderes que representem *todas* as pessoas e respeitem as tradições e costumes de *todos* os seus eleitores, não apenas aqueles que se parecem com eles.

Olho para a câmera e espero que Colson, Ruiz e esse maldito Anthony estejam todos assistindo. — Para meninas negras e latinas, o mundo está cheio de arestas cortantes e, a cada passo à frente, corremos o risco de sermos cortadas, — digo. — Temos o suficiente para nos preocupar. Nosso *cabelo* não deve ser um perigo. Nosso *cabelo* não deve ser um impedimento para o sucesso. Precisamos de candidatos que entendam isso. Que nos entenda. Espero que o estado da

---

25 Crown (no orginal): No original: Create a Respectful and Open Workplace for Natural Hair.

Geórgia tenha outros candidatos para escolha. Alguém além do Sr. Colson.



TRINTA E QUATRO

Ezra

Estou cobrindo uma panela de vapor quando a campainha toca. Provavelmente Kimba. Ela mandou uma mensagem do Uber quinze minutos atrás. Quando abro a porta, mal consigo me conter de beijá-la na varanda. Ela ainda está usando o macacão azul da CNN. Seu cabelo está enorme, enrolando em todo o seu lindo rosto em um caos cuidadoso. Sua maquiagem está impecável, e essa é a primeira coisa que quero mudar. Tirá-la de suas roupas é o segundo.

Eu a puxo, fecho a porta e a prendo contra ela imediatamente.

— Por que demorou tanto? — eu pergunto, inclinando-me para beijá-la levemente nos lábios. — É difícil ser linda na CNN enquanto fala a verdade ao poder.

Ela ri e estende a mão para mergulhar os dedos nos meus cabelos.

— Você assistiu?

— Você foi fantástica. Eu sabia que você seria.

— Eu gaguejei no começo.

— Eu nem percebi.

Ela procura meu rosto e sorri. — Mentiroso.

— Isso não importou e não diminuiu nem um pouco o quão poderosa você estava. Sabendo como você lutou com isso no passado, vendo-a crescer e depois vendo você agora, estou impressionado. Você alguma vez já percebeu como é incrível lutar contra esses medos para seguir seus sonhos? O fato de você fazer coisas assim, se colocar em situações que você sabe que deixam você desconfortável e brilhar dessa maneira, faz com que você seja mais durona do que se fosse fácil.

Ela pisca para mim, seus olhos sóbrios.

— Eu não tinha pensado dessa maneira.

— É por isso que você deve me manter por perto, — eu sussurro, espanando beijos ao longo dos seios, expostos pelo decote baixo do macacão. — Isso e prometo fazer isso a cada chance que tiver.

Deslizo um dedo dentro do macacão e puxo um mamilo para fora do esconderijo. A visão erótica de seu peito cheio faz minha boca ficar com água instantaneamente. Eu tomo entre meus lábios, gemendo com a textura macia, o botão rígido contra a minha língua. Chupo suavemente no começo, meu pau endurecendo com os gemidos que escapam dela. Então minhas mãos deslizam para a banda de sua bunda cheia, e

eu chupo com tanta força que minhas bochechas ficam vazias.

— Ezra. — Ela bate uma mão contra a porta. — Continue fazendo isso. Adoro quando você chupa meus peitos.

Ela chega entre nós, encontrando meu pau e agarrando-o, acariciando-me através do meu jeans. Eu engasgo, puxando minha boca para longe de seu peito para respirar fundo. Eu corro mãos frenéticas sobre suas costas e lados, com fome de vê-la.

— Droga, — eu rosno, perto de gozar apenas por seu toque. — Como diabos eu tiro essa coisa de você?

Merda. Meu pau é uma laje de concreto e minhas bolas estão pesadas.

— Me ajude a tirar essa *maldita* coisa de você, Tru. — Traço a curva da cintura dela, o plano das costas procurando um zíper, um botão, um olho mágico, de *alguma* forma dentro e fora.

— Como você faz xixi usando essa coisa?

Ofegando e rindo, ela desliza um ombro para fora do macacão, expondo um sutiã de renda que mal contém o peito. Eu tomo o seu seio na minha boca, sugando a taça de seda e renda. Ela mexe até que a outra manga deslize pelo braço, a blusa caída. Mergulho minha mão na cintura e seguro sua boceta através da calcinha. Ela está encharcada e

minha mão está molhada entre suas coxas. Abaixo a cabeça para que nossas têmporas se beijem e encosto o nariz em uma nuvem de cachos perfumados.

— Eu quero provar sua boceta novamente, mas eu também quero te foder imediatamente. É um enigma.

Ela empurra o macacão para baixo, forçando-o sobre a curva exagerada de seus quadris e bunda.

— Escolha número dois, — ela ri com voz rouca. — Eu prometo que você pode me comer mais tarde.

A seda azul escura desliza por suas longas pernas. Ela sai do macacão, de calcinha e sutiã e salto alto. Ela não me espera, tirando sua calcinha.

— Sutiã também, — eu ordeno, minha voz rouca de desejo, minha boca frouxa de reverência.

Seu corpo é feito com um desrespeito imprudente pela resistência. Peitos cheios, firmes e pesados, com beijos de chocolate. Há uma plenitude decadente em seus quadris, coxas e bunda. Aiko é extremamente pequena e eu nunca comparei as mulheres com quem estive. Mas, pela minha resposta ao corpo de Kimba, eu poderia dizer a mim mesmo que nunca percebi que sou um homem de peitos. Eu sou um homem de bunda. Um homem de perna. Todas as coisas que Kimba tem em beleza abundante, mas isso seria uma mentira. Kimba poderia ser menor. Maior. Menos tonificada e

menos suave. Minhas preferências não são definidas pelo que uma mulher tem, mas por quem *esta* mulher *é*.

Eu sou um homem de Kimba e acho que ela me arruinou para qualquer outra pessoa. Eu não *quero* mais ninguém.

Ela tira o sutiã e pega os saltos.

— Mantenha-os. — Eu pego a mão dela, ligando nossos dedos pela cabeça dela contra a porta. — Vamos foder.

— Eu tenho um pedido, — diz ela sem fôlego.

— O quê?

Seus olhos caem entre nós e ela lambe os lábios. — Posso chupar seu pau só um pouquinho primeiro?

Em algum lugar da minha juventude ou infância, devo ter feito algo de bom. Olho os céus e ofereço uma aleluia silenciosa.

— Você pode, — eu consigo rir.

Nossos olhares se emaranham, e ela puxa sua mão da minha, abre meu cinto, desliza para baixo meu zíper e puxa minha calça e cueca até meu pau aparecer.

— Oh. — Ela suspira, segurando-me com uma mão e acariciando minhas bolas com a outra. — Isso é bom. Isso é muito bom.

A ponta já está inchada e vazando. Eu sempre fui um homem de poucas palavras e ela está falando demais. Empurro a elegante curva de seu ombro, pressionando-a no chão, de joelhos. Ela me leva para o mundo quente e úmido de sua boca, chupando-me, lambendo meu corpo como se eu fosse um dos picolés que ela costumava amar.

A visão dessa mulher poderosa de joelhos, nua, exceto por seus sapatos caros, devorando meu pau, quase me desfaz. A saliva derrama dos lados da boca enquanto ela me leva tão fundo que sua garganta se fecha ao meu redor. Sons estrangulados saem da minha garganta. Fecho meus olhos brevemente, bela agonia, mas os abro novamente porque a visão dela fazendo isso é muito fascinante. Seus mamilos roçam nas minhas pernas. Eu imagino minha língua arrastando do topo de sua vagina e entre os firmes e nus globos de sua bunda. Eu quero espalhá-la e comê-la até minha língua doer. Quando vejo a mão dela se movendo entre as pernas, é isso. Não aguento mais um segundo.

— Para cima. Agora, Tru. Merda. — Eu gemo, encaixando minhas mãos sob suas axilas e puxando-a para ficar de pé

Eu empurro seus dedos, molhados com seus sucos, na minha boca. É ambrosia, e lambo todos os traços e trago os dedos para o meu nariz.

— Porra, você cheira bem. — Eu largo a mão dela abruptamente e aperto sob suas coxas, levantando-a, alinhando nossos corpos. — Droga, preservativos.

— Eu estou... — Ela lambe os lábios e abaixa os cílios. — Estou, hum, protegida e limpa.

— Eu também. Nós podemos? — Quando ela olha para cima, uma sombra em seus olhos me dá uma pausa. — O que foi?

— Nada. — Seu sorriso afugenta a sombra e ela liga os tornozelos na base da minha espinha, descansa as costas contra a parede e agarra meu pescoço. — Você não precisa de camisinha. Estamos bem. Vamos fazer agora.

Agora.

Para sempre. Sempre. Nunca acaba.

Eu mergulho dentro e é um ritmo na minha cabeça ecoando o rigor de nossos corpos. Sua vagina se contrai, apertando meu pau, e minha razão, meus pensamentos se dispersam. A casa poderia queimar em torno de nós, contanto que essa porta e nós dois ainda estivéssemos de pé e fodendo contra ela.

Minhas mãos se apertam sob suas coxas, segurando-a no lugar enquanto moemos juntos, esmagando o desejo entre nossos corpos. Eu chego ao fim dela com um impulso áspero. Ela respira fundo e seus cílios se agitam. Eu bato naquele local repetidas vezes até que seus olhos reviram para trás em

sua cabeça e seus braços caiam dos meus ombros e ela fica flácida contra a porta, eu apoiando todo o seu peso enquanto meus impulsos se tornavam mais frenéticos, fora de controle. Ela morde o lábio e lágrimas rolam pelo rosto.

— Jesus, Ez, — ela sussurra, seus cílios umedecendo nas bochechas molhadas.

A pressa do clímax dela toma conta de mim. Eu estou o mais profundo que posso fisicamente e meu corpo continua procurando uma passagem escondida para se aproximar dela, para habitá-la do jeito que, com cada beijo e cada impulso, ela me habita.

— Kimba. — Eu me movo para que um braço a segure sob sua bunda e suas costas estejam apoiadas pela porta. Com a outra mão eu levanto o queixo dela. — Olhe para mim.

Ela abre os olhos vidrados.

— Seu número, — digo com rouquidão. — Eu não ligo para isso. Eu não dou a mínima com quem você esteve. Quantos. Baby, eu não dou a mínima.

Um pouco da névoa limpa, seu olhar afia, se concentra em mim.

— Mas eu quero ser o último, — digo a ela, deixando-a procurar meus olhos, meu rosto para que ela veja a verdade que não posso mais esconder dela. — Eu não pude ser o primeiro, mas quero ser o último. Ninguém mais. Você entende o que estou dizendo?

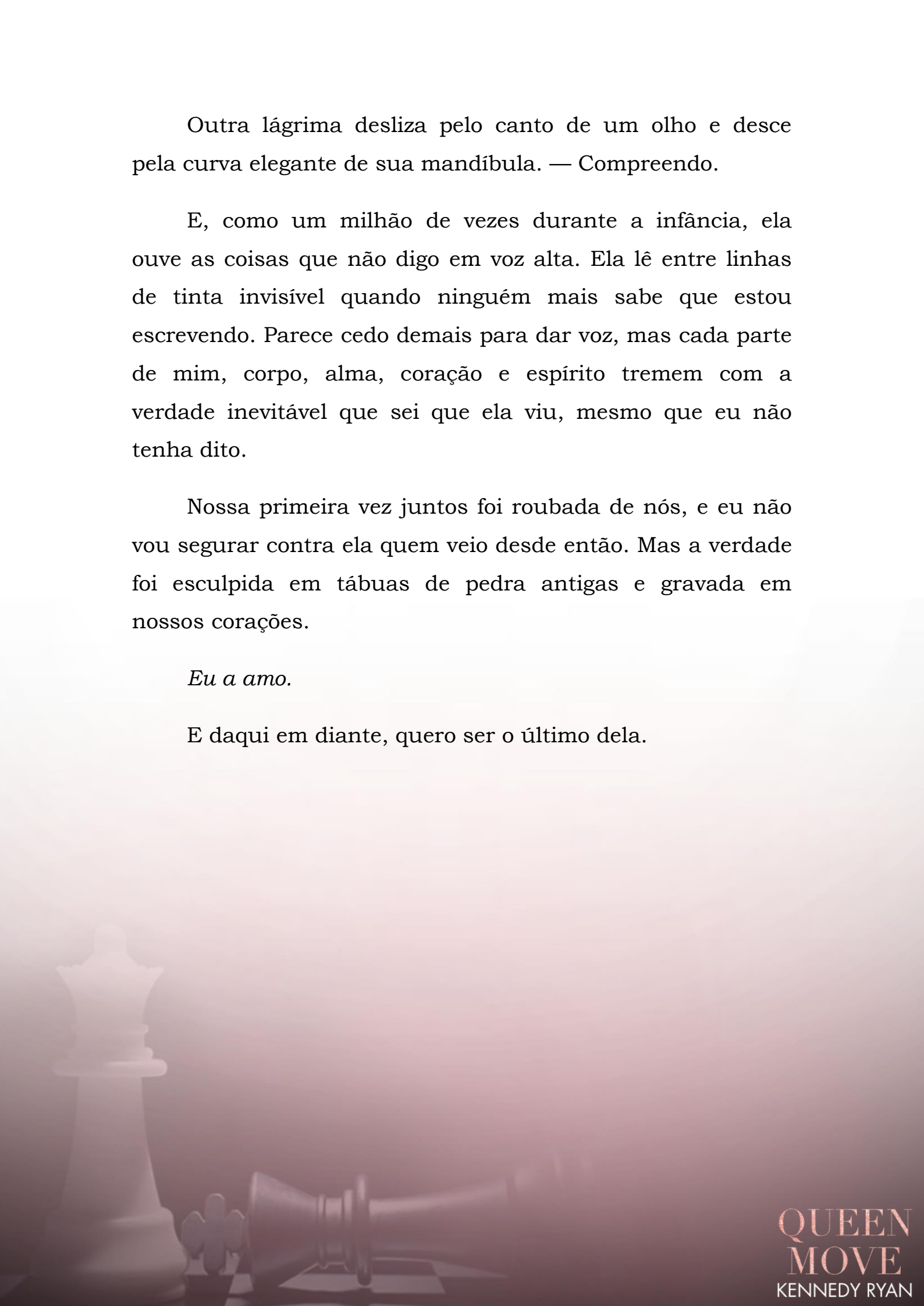
Outra lágrima desliza pelo canto de um olho e desce pela curva elegante de sua mandíbula. — Compreendo.

E, como um milhão de vezes durante a infância, ela ouve as coisas que não digo em voz alta. Ela lê entre linhas de tinta invisível quando ninguém mais sabe que estou escrevendo. Parece cedo demais para dar voz, mas cada parte de mim, corpo, alma, coração e espírito tremem com a verdade inevitável que sei que ela viu, mesmo que eu não tenha dito.

Nossa primeira vez juntos foi roubada de nós, e eu não vou segurar contra ela quem veio desde então. Mas a verdade foi esculpida em tábuas de pedra antigas e gravada em nossos corações.

Eu a amo.

E daqui em diante, quero ser o último dela.



TRINTA E CINCO

Kimba

— Isso é delicioso. — Tento não fazer muito barulho com a colher de pho[26] salgado. — Você *fez* isso?

— Por favor, não fique muito impressionada.

Ezra sorri através do brilho das velas na mesa da sala de jantar.

— Você comeu minha torrada francesa e meu pho. Essa é a extensão dos meus talentos culinários, a menos que esteja a fim de algo dentro de uma caixa e que diga 'adicione água'.

— Bem, você é muito talentoso. — Lanço um olhar lascivo sobre ele sentado à minha frente. — Das maneiras mais deliciosas. Eu amo o jeito que você fode.

O garoto Ezra teria corado e enfiado as mãos nos bolsos, arrastado os pés se eu tivesse dito algo assim para ele. Não que eu estivesse na oitava série, mas mesmo quando nossos colegas de classe faziam piadas sujas naquela época, o

26 Comida vietnamita

vermelho rastejava pelo pescoço de Ezra e por suas bochechas.

O homem Ezra devolve meu olhar com interesse, seus olhos acariciando meus mamilos pontudos sob sua camiseta.

— O que você disse. — Inclino minha cabeça em direção ao vestíbulo. — Lá fora.

— O que tem isso? — Ele não esconde ou finge que não sabe qual parte eu quero dizer.

— Você disse que queria ser o meu último.

— Eu quero.

Nós olhamos um para o outro através do vapor e da luz das velas, vendo claramente.

— Eu não estou pedindo para você colocar um nome ou formalizar ainda, Tru, mas eu já sei que só quero você.

Por um segundo sufocante, não consigo respirar. Essas palavras tomam meu fôlego, roubam minhas razões para nunca querer amarras. E se *ele* é a razão pela qual eu nunca as quis? Pela primeira vez com alguém, quero dar um nome a isso.

Nós.

Meu.

Dele.

Amor.

Eu classifico as novas emoções que ele inspirou. São novas? Ou apenas *renovadas* de nossa infância? *Renascidas* nesta era, nesta nova época de nossas vidas?

A porta dos fundos se abre para a cozinha. — Sou só eu!

Os lábios de Ezra se apertam e a exasperação enruga uma carranca em seu rosto. Eu toco sua mão na mesa.

— Conversaremos mais tarde, — eu digo, mantendo minha voz baixa. — Prometo.

— Pho! — Mona grita da cozinha. — Pensei sentir o cheiro flutuando pelo quintal pela janela.

Ezra revira os olhos e silenciosamente diz *"flutuando"*. Cubro minha boca para suprimir a risadinha que ameaça sair. Ele me dá um sorriso irônico e olha para o teto quando ouvimos Mona no armário pegando uma tigela, vasculhando a gaveta em busca de uma colher.

Ela entra na sala de jantar com um sorriso enorme e uma camiseta estampando EU SOU OS SONHOS MAIS ANTIGOS DOS MEUS ANCESTRAIS.

— Droga. — Ela franze a testa, observando a sala mal iluminada. — Vocês deixaram tudo escuro aqui.

Ela acende a luz do teto, dissipando simultaneamente a escuridão e o romance. Ela se senta ao meu lado com sua tigela e um copo de água.

— Você está sem cerveja, Jack. Você sabe que eu gosto de cerveja com meu pho. — Ela aponta a colher para ele. — Você está escorregando.

— Eu teria estocado, — diz Ezra, suas palavras cortadas e sarcásticas, — se eu soubesse que você viria.

— Eu sempre venho para Pho, bobinho, — diz ela. — Kimba, você estava tão bem na CNN hoje à noite, a propósito. Seu cabelo estava fabuloso.

— Obrigada Mo. — Eu puxo um joelho até o peito, apoiando o calcanhar no assento.

— Aquele macacão que você usava. — Ela executa o beijo de um chef. — Perfeição. Eu preciso dele.

— Um design da Lotus Ross.

— Ooooh, eu gosto dela e daquele marido dela, hum, o ex-cara da NBA .

— Kenan?

— Simmmm. Bunda boa.

Ela lança um olhar sobre o meu traje, várias esferas abaixo do que eu usei no programa mais cedo. Ela olha para Ezra, cuja camisa está do avesso.

— Eu interrompi? — Ela pergunta com uma cara séria, mas seus lábios tremem. — Vocês estiveram fodendo aqui?

Nós três quebramos o silêncio com gargalhadas.

— Você está perdoada, — diz Ezra, de pé com sua tigela vazia. — Quer mais, Tru?

— Não, eu estou bem.

Ele para ao meu lado e dá um beijo no meu cabelo antes de voltar para a cozinha por segundos. O silêncio entre Mona e eu cresce pesado com o peso de sua preocupação.

— Você tem certeza que sabe o que está fazendo? — Ela finalmente pergunta, sua voz moderada.

— Sim, Mo.

Ezra volta e coloca uma cerveja na frente de Mona. — Uma estava escondida atrás. Não diga que nunca te dei nada.

— Obrigada, chefe.

Eu quase tinha esquecido que ela trabalha na escola.

— Você vai passar o verão? — Eu pergunto a ela, tomando outra colherada de pho.

— Sim, — diz ela. — Temos programação de verão limitada.

— Mais uma vez obrigado por gerenciar tanto, deixando-me focar em terminar o livro, — diz Ezra.

— Você sabe que eu tenho você, Jack. — Ela joga um guardanapo que bate em seu rosto. Quando estávamos na escola, eu era o que eles tinham em comum, mas agora eles

obviamente têm seu próprio relacionamento e ela realmente faz parte da família dele.

Ela toma uma grande colherada de pho. — Receita da Mama Tran?

— Mama Tran? — Eu pergunto.

— Mãe de Aiko, — responde Mona. — Ela faz a melhor Pho que eu já provei. A essa altura, o de Ezra está próximo.

Os sabores ricos, de repente, apodrecem na minha boca. A mulher com quem ele falou vietnamita. Ela é praticamente a sogra dele. Quando olho para cima, Ezra está assistindo. Ele me conhece muito bem. Eu tento forçar um sorriso, mas a cada momento me lembro até que ponto os laços dele com Aiko são profundos e o quão desordeiro é a busca de um relacionamento comigo tão cedo.

Levanto-me e pego minha tigela, apenas metade da sopa ingerida, e entro na cozinha. Jogando o resto no depósito de lixo, encosto no balcão e olho em volta. Fotos dos três estão afixadas na geladeira. Os lembretes estão escritos no quadro-negro para Noah, metade em inglês e metade em vietnamita. Uma caneca decorativa em uma prateleira diz “Melhor mãe do mundo”.

Eu olho para cima e Ezra está parado lá.

— Você está bem? — Ele pergunta, sua voz baixa, privada.

Estou cativada pela preocupação, pela emoção em seu rosto bonito. Esquecendo de Mona. Quem se importa com a receita Pho da Mama Tran e foda-se essa caneca. Ezra é meu. Eu sou dele, e ninguém vai me fazer sentir mal por isso. Fico na ponta dos pés, entrelaço meus dedos em seus cabelos e abaixo a cabeça para um beijo.

— Oh, bom Deus, — diz Mona atrás de nós. — Vou ter que lidar com isso toda vez que entrar em uma sala a partir de agora?

— Sim, — diz Ezra contra os meus lábios. — Se eu conseguir do meu jeito.

— É o meu jeito também, — eu sussurro para ele.

— Todo esse beijo, — diz Mona, lavando a tigela e colocando-a na máquina de lavar louça. — Você percorreu um longo caminho desde Jeremy. Não foi o cara que foi seu primeiro beijo no baile da escola?

— Eu fui o primeiro beijo dela, — diz Ezra, orgulhoso do sorriso que ele aponta para a nossa amiga. — O que mostra o quanto você sabe.

A boca de Mona se abre.

— Vocês dois, desprezíveis! — Todos nós rimos e meu telefone toca.

Piers.

— Eu preciso atender isso, — eu digo, saindo do aperto de Ezra.

— Ei, Piers. Obrigada novamente por tudo o que você fez hoje. Não vou esquecer.

— Oh, sim. — Ele limpa a garganta. — Apenas fazendo o meu trabalho. Há algumas, hum, novas descobertas.

Eu franzo a testa.

— Foi uma boa informação, certo? A empresa de Colson...

— Oh, sim. A informação era precisa. Na verdade, eu tenho mais sobre ele de onde isso veio, podemos usar quando for a hora certa. Não, há outra coisa que preciso discutir com você.

Olho para Ezra, que posso dizer que mal ouve Mona. Ele fica olhando para mim, cada olhar é uma chama ardente que mal posso esperar para aparecer quando Mona sair.

— Talvez possamos conversar sobre isso na segunda-feira, — eu digo, meus olhos se fixando nos de Ezra em uma mensagem não dita, mas absolutamente clara. — Eu acho que estou ocupada hoje à noite.

Ezra assente em concordância decisiva.

— Tudo bem, — diz Piers. — Mas acho que você vai querer ouvir o que mais descobri.

Eu me forço a me concentrar, arrastando meu olhar da estrutura alta de Ezra.

— Mais sujeira?

— Uh, sim. Você poderia dizer isso. É... bem, é sujeira, sim.

— Você pode me dar tudo o que conseguiu com Colson na segunda-feira, Piers.

— Não é uma sujeira sobre Colson.

— Então, é sobre quem?

— Seu pai, — diz Piers, respirando audivelmente. — A sujeira está no seu pai.



TRINTA E SEIS

Ezra

— Você ainda está bravo comigo?

Eu me forço a focar em Mona. Pela janela da cozinha, vejo Kimba sentada no pula-pula no quintal. Ela está no telefone há vinte minutos e, com base em sua expressão, não são boas notícias.

— Hã? — Eu pergunto. — Bravo com você por quê?

— Aparecendo aqui quando você obviamente queria um tempo a sós com Kimba.

— Eu sempre quero ficar sozinho com ela, — eu digo distraidamente. — Eu tenho que me acostumar a compartilhar, embora ainda não seja muito bom nisso.

— Não pretendo bater em um cavalo moribundo, — diz Mona, bebendo o último gole de cerveja, — mas isso não será tão fácil quanto você pensa. Você estará pedindo a Noah que se ajuste não apenas ao fato de não estar mais com a mãe dele, mas agora a outra pessoa.

— Não precisamos lançar tudo de uma vez. Se Noah é maduro o suficiente para entender por que nunca nos

casamos, ele certamente é maduro o suficiente para entender que separamos. Ainda seremos uma família. Só vai parecer diferente.

— E você espera que Kimba faça parte dessa nova família com a qual você está sonhando? — Mona bufa. — Com base no que vi de Kimba, uma cerca branca pode parecer uma gaiola. Ela está participando da próxima campanha mais quente do país e está saindo da última. Pegue o que puder, mas não espere tudo dela, ok?

Eu ainda estou revirando as palavras dela na minha cabeça, descobrindo o que é verdade e o que posso "resolver" de Kimba, quando Mona boceja.

— Interromper seu pequeno ninho de amor me desgastou, — ela diz, indo para a porta dos fundos. — Eu estou indo para casa.

Eu ando com ela no quintal. Ela acena para Kimba, que ainda está sentada na beira do pula-pula e acena de volta com um pequeno sorriso, sua atenção obviamente no telefonema. Verifico o jardim, uma cobertura para o fato de que quero estar por perto quando Kimba terminar sua ligação.

— Ok, Piers, — ela finalmente diz. — Mantenha-me informada, e obrigada.

Corto o caminho pela abóbora e o feijão para alcançar o pula-pula. Ela estende a mão, um olhar preocupado no rosto.

Eu ando, subo no pula-pula e a puxo para dentro da rede que cobre comigo. Deito nós dois e a coloco ao meu lado, afastando os cabelos do rosto.

— Tudo certo? — Eu pergunto depois de alguns segundos silenciosos.

Ela balança a cabeça e envolve um braço em volta da minha cintura, apertando forte. Inclinando minha cabeça para baixo para ver a carranca em seu rosto, levanto o queixo com o dedo indicador. — O que é isso? O que está errado?

— Piers, um cara da minha equipe que sempre tem os ouvidos bem atentos para mim, ouviu algo... perturbador.

— O que ele ouviu?

— Ele descobriu que alguém escreveu uma biografia não autorizada sobre meu pai.

— Ele foi um grande homem. Muitas figuras públicas têm biografias escritas sobre eles. Existe algo de ruim nisso? Mentiras?

— Definitivamente mentiras. — Ela se afasta e inclina um olhar pesquisador para mim. — Este autor alega que meu pai teve um caso.

— O quê? Com quem eles dizem que ele teve um caso?

— Sua mãe, — diz Kimba, sua voz calma e questionadora. — Isso é ridículo, certo? Meu pai nunca... sua mãe... não faz sentido.

Eu não respondo. Quando a ruptura aconteceu, eu não entendi nada, exceto que estávamos nos afastando e não consegui mais ver Kimba. Isso era tudo o que importava. Quando eu era mais velho, repito aquela noite repetidamente na minha cabeça e comecei a juntar os fragmentos em algo que, embora horrível, fizesse algum tipo de sentido. Nossos pais tiveram um caso. Eu não tinha ideia de quem traiu com quem, ou mesmo se minha especulação estava certa. Mas, ouvindo Kimba dizer em voz alta, percebo que pode ter sido.

— Não é verdade. — Kimba se levanta para sentar e me olhar. — Você conhece meu pai. Ele nunca... é uma mentira, Ezra. Temos que provar que é mentira. Temos que conversar com sua mãe para que ela saiba que estão contando essas mentiras sobre ela. Que eles planejam publicar essas mentiras sobre o meu pai.

— Sim. — Sento-me e coloco meu braço em volta do ombro dela, beijando o topo de sua cabeça. — Nós vamos.

— Por que você não parece chocado? — Ela se afasta e espia meu rosto ao luar. — Você não acredita nisso, acredita?

Olho para trás, desejando ter aprendido a mentir para ela, mas nunca menti. — Eu não sei em que acreditar.

— Acredite em *mim.* — Ela sai do pula-pula e volta rapidamente para casa. Dou um suspiro e sigo. Ela já está subindo as escadas e no quarto de hóspedes quando eu me junto a ela. Ela puxa minha camiseta e cueca, jogando-as na cama e caminhando até a cadeira onde ela colocou seu

macacão. Ela o coloca e desliza os pés nos sapatos de salto alto.

— Onde você vai? — Eu pergunto, como se eu não soubesse.

— Casa. Eu tenho que avisar minha família. — Ela para e fecha os olhos. — Minha mãe. O que eu vou lhe dizer?

— O que Piers disse exatamente?

— Ele diz que há uma cópia antecipada por aí. Várias pessoas leram, mas ainda não foi publicado. Pinta meu pai como uma espécie de hipócrita por se posicionar como ativista dos direitos civis e pilar da comunidade, *o que ele era,* enquanto mantinha um caso com sua mãe, o que ele não faria. Eu sei nos meus ossos que não, Ez.

Considerando o quão evasiva minha mãe sempre foi, sinceramente não sei em que acreditar. Uma lágrima escorre pela bochecha de Kimba, que ela afasta impaciente.

— Preciso chegar em casa, contar à minha família, descobrir um plano de batalha, incluindo uma liminar para fechar essa merda antes que chegue às livrarias. — Ela pega sua bolsa do banco no pé da cama, parando para olhar para mim. — Você pode conversar com sua mãe e descobrir por que alguém mentiria sobre isso? Ajudar-me a chegar ao fundo disso?

Eu aceno sem palavras e a sigo escada abaixo, pegando minhas chaves do prato na mesa do saguão. — Vou levá-la para casa.

— Não. — Ela olha das minhas chaves para o meu rosto e morde o lábio. — Eu já liguei para um Uber.

Franzo o cenho e olho para a porta da frente, onde, não há duas horas atrás, compartilhamos nossos corpos, descascamos nossas almas. Precisaria apenas de um boato para que perdêssemos isso de novo tão rapidamente?

Sua expressão é implacável, e talvez eu possa convencê-la, mas é óbvio que ela quer ficar sozinha.

— Você pode me ligar quando souber mais? — ela pergunta. — Depois que você falar com sua mãe?

— Você promete que não permitiremos que o drama de nossos pais, seja o que for, fique entre nós? Porque não estou perdendo você por uma merda estúpida, Kimba. De novo não.

— Eu simplesmente não sei em que acreditar. — Ela olha para mim, a incerteza em seus olhos. — Eu também não quero te perder. Eu sei disso.

É um pequeno conforto, mas dou alguns passos à frente e pressiono seu corpo macio contra a porta. Inclino-me para escovar seu lábio inferior com o polegar e depois a beijo, delicadamente no início, e depois com crescente calor e intensidade. A atração visceral, a coisa que nos magnetiza, que sempre nos uniu, não me falha agora, e ela é dócil e me

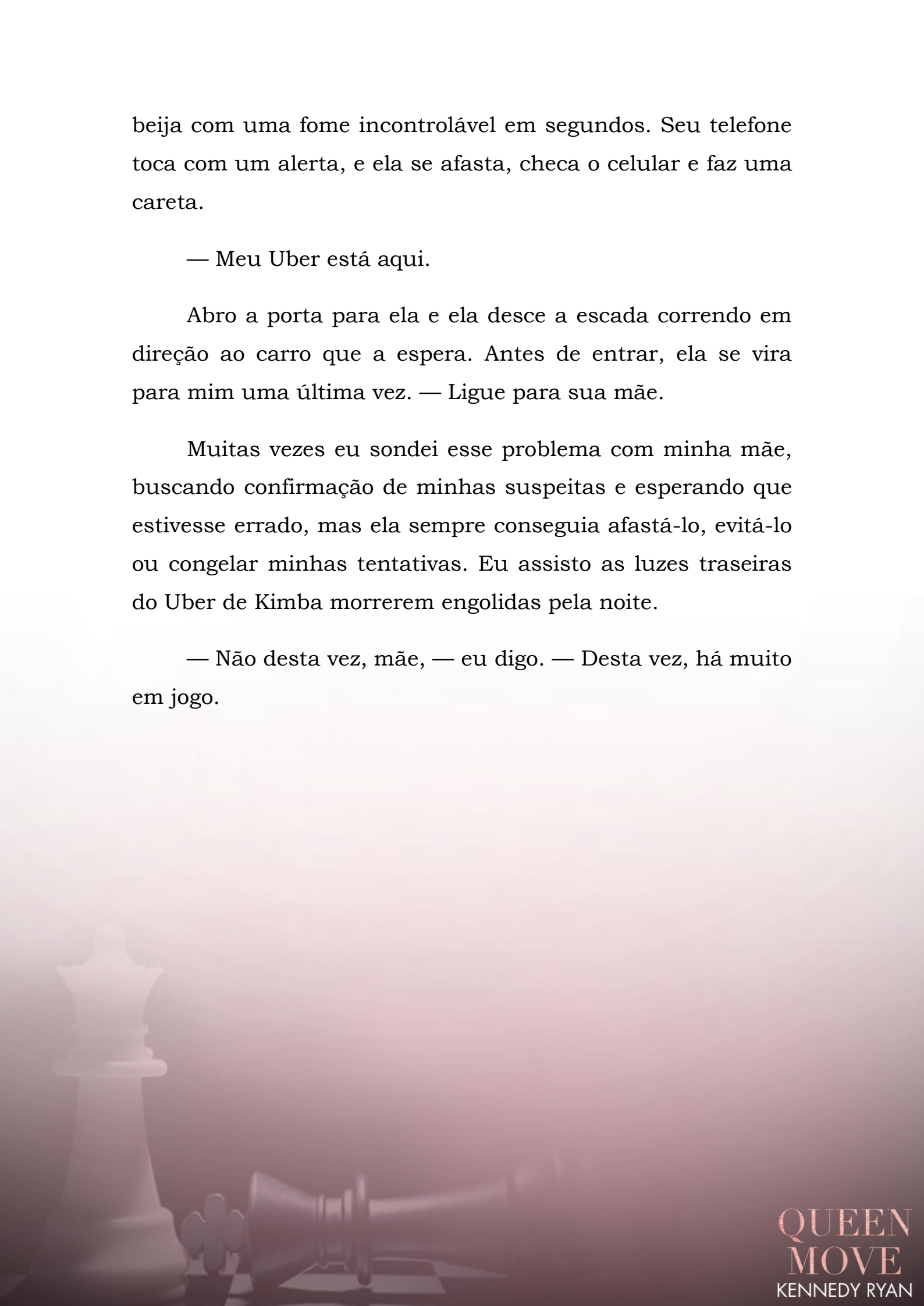
beija com uma fome incontrolável em segundos. Seu telefone toca com um alerta, e ela se afasta, checa o celular e faz uma careta.

— Meu Uber está aqui.

Abro a porta para ela e ela desce a escada correndo em direção ao carro que a espera. Antes de entrar, ela se vira para mim uma última vez. — Ligue para sua mãe.

Muitas vezes eu sondei esse problema com minha mãe, buscando confirmação de minhas suspeitas e esperando que estivesse errado, mas ela sempre conseguia afastá-lo, evitá-lo ou congelar minhas tentativas. Eu assisto as luzes traseiras do Uber de Kimba morrerem engolidas pela noite.

— Não desta vez, mãe, — eu digo. — Desta vez, há muito em jogo.



TRINTA E SETE

Kimba

— Isso é ridículo, — diz Kayla de seu assento na mesa da cozinha na manhã seguinte. — Papai? Sua fonte deve estar enganada.

Olho para cada um deles, mamãe, Kayla e Keith, e desejo como o inferno que eu possa poupá-los dessa provação. Principalmente mamãe, que ficou em silêncio desde que lhes dei a notícia na reunião de emergência da família que convoquei. Ela provavelmente está em choque.

— Eu gostaria que ele estivesse errado. — Agradeço a Esmeralda pela torrada e pelo chá de ervas que ela se tornou tão hábil na preparação.

— Quero dizer, Ruth Stern? — Keith pergunta, seu rosto torcido depreciativamente. — Eu não acredito nisso. Se papai fosse trair, seria com alguém mais fina que Ruth Stern.

Todas as três mulheres na mesa giram nossas cabeças para ele, como se estivessem em um laço e o encarando.

— Papai nunca trairia, — eu estalo.

— Você *comentando* sobre a maneira como ela parecia. — Kayla recostou-se na cadeira e cruzou os braços sobre o peito. — Típico.

— Ruth é uma boa mulher e já foi uma das minhas melhores amigas, — diz mamãe, com a voz baixa, mas aguda. — Mantenha o nome dela fora da sua boca, Keith.

Um silêncio pesado segue suas palavras, e meus irmãos e eu trocamos um olhar significativo.

— Mamãe, — eu digo, minha voz cuidadosa. — Você pode pensar por que alguém começaria um boato assim e se houver algum grânulo de...? — Eu olho para Kayla em busca de ajuda.

— Verdade, — Kayla termina. — Se alguém está transformando alguma coisa que *de fato* aconteceu e o torcendo em uma mentira?

— Seu pai nunca me traiu, — diz mamãe, em pé. — Nem um dia. Eu sei disso e vou garantir que o mundo saiba disso também, se esse lixo chegar à publicação.

— Não vai, — eu juro. — Vamos acertar as coisas antes que isso aconteça.

Ela assente e sai.

— Keith. — Eu o chuto embaixo da mesa e encontro alguma pequena satisfação em seu pequeno grito. — Você é o advogado da família. Tenho uma ligação agendada com a

editora logo de manhã. Preciso que você coloque o temor de Deus neles para que, se publicarem essa porcaria, tenham em mãos uma prova de calúnia que os levará à falência.

— Vou fazer. — Ele se levanta e pega um dos deliciosos croissants que Esmeralda colocou no café da manhã. — Mas eu tenho que chegar em casa. Delaney vai me matar se eu perder o jantar de domingo.

— Parece bom, — eu digo. — E Keith?

— Sim? — Ele se vira para a porta, bonito e parecendo mais com papai todos os dias.

— Depois de lidarmos com o editor, vamos falar sobre sua campanha.

— Tuuuudo bem. — Ele arrasta a palavra como se estivesse me dando tempo para mudar de ideia sobre ajudá-lo.

— Você tem muito o que fazer se quiser concorrer.

Ele dá um sorriso, faz uma saudação e sai pela porta.

— Isso foi legal da sua parte, — murmura Kayla, levantando e pegando a bolsa Hermès que seu marido a presenteou após o bebê número cinco.

— Eu *sou* legal.

— Você não chega tão longe na política sendo *legal.* Além disso, caso eu não tenha mencionado, você fez um

ótimo trabalho ontem à noite. Seus sobrinhos e sobrinhas adoraram vê-la na TV.

— Bem, obrigada por garantir que meu cabelo parecesse ótimo. — Eu rio, puxando meu telefone para conferir meu e-mail.

— Qualquer coisa teria sido uma melhoria no estilo de cabelo *acabei de foder* que você estava usando quando Lorette pegou você.

— Como você é esperta, — eu digo, sem levantar o olhar da tela do telefone. — Sem comentários. Não estou falando com você sobre isso.

— Então você *está* dormindo com Ezra Stern?

— Zee. — Eu pego um olhar longo o suficiente para ela saber que estou falando sério. — Eu não quero falar sobre isso.

— E o que há com sua esposa de união estável?

— Ela é... eles não são casados. — Eu desisto, colocando meu telefone na mesa. — Como você não aceita o não como resposta, como nunca faz, o que quer saber?

— Eu já perguntei o que eu quero saber. Número um. Você está transando com ele? E número dois, e a mulher com quem vive e com quem tem um filho?

— Número um, sim, — digo desafiadoramente. — Estou transando *pra* caralho com ele. E número dois, ela o deixou ir e não o recuperou. Satisfeita?

Os lábios de Kayla se contraem.

— Eu acho que a pergunta é: *você* está satisfeita? Ele está comparecendo? — Flashes de Ezra penetrando em mim contra a porta da frente me fazem mudar de posição, suprimindo gemidos.

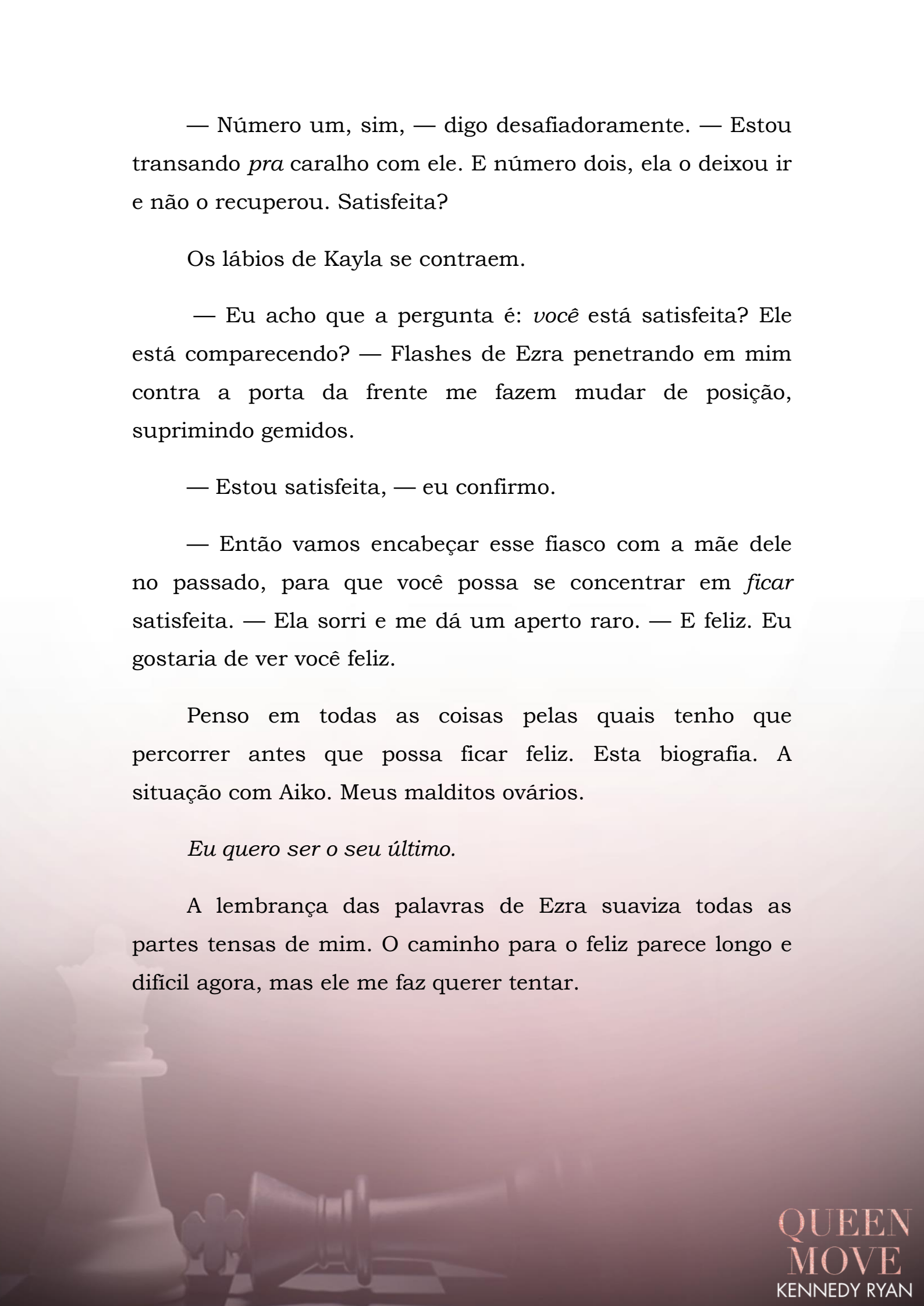
— Estou satisfeita, — eu confirmo.

— Então vamos encabeçar esse fiasco com a mãe dele no passado, para que você possa se concentrar em *ficar* satisfeita. — Ela sorri e me dá um aperto raro. — E feliz. Eu gostaria de ver você feliz.

Penso em todas as coisas pelas quais tenho que percorrer antes que possa ficar feliz. Esta biografia. A situação com Aiko. Meus malditos ovários.

Eu quero ser o seu último.

A lembrança das palavras de Ezra suaviza todas as partes tensas de mim. O caminho para o feliz parece longo e difícil agora, mas ele me faz querer tentar.



TRINTA E OITO

Ezra

— Mãe, precisamos conversar.

— Ezra, oi. Como você está?

— Estou bem. Você recebeu minha mensagem ontem à noite?

— Mensagem? Onde você a deixou?

— No telefone de casa. O correio de voz do seu celular está cheio.

— Oh, você sabe que eu nunca checo nenhum deles, querido.

— Isso pode explicar por que está cheio. Minha mensagem dizia que precisamos falar com urgência.

— Está tudo bem com Noah? — A preocupação atinge sua voz uma oitava. — Eu verifiquei ontem e...

— O objetivo de Noah ganhar mais independência no acampamento é *não* o checar todos os dias, mãe. Espero que você não tenha sido sufocante à longa distância.

Porque eu experimentei isso em primeira mão.

— Eu? Sufocante? Claro que não. Ele mencionou em uma de nossas *poucas* ligações que você não tem nenhuma mezuzah[27] em casa.

Essa conversa não tem nada a ver com o motivo pelo qual liguei ou com qualquer coisa que tenha considerado. Sempre. — Mezuzah?

— Você cresceu com eles em nossa casa, Ezra.

— Claro que sim, mas...

— E, no entanto, quando perguntei a Noah se ele tinha um pendurado em *sua* porta, ele disse que não.

— Mãe, que tal você trazer alguns com você quando você trouxer Noah de volta e pendurá-los em qualquer porta que achar melhor. Parece bom?

— Bem, é a sua casa, é claro. Você decide.

A paciência extrema é um esporte?

— Podemos voltar à razão pela qual liguei? É importante.

— Ah, sim. Desculpa. O que você precisa?

— A verdade.

— Ezra, não seja misterioso. A verdade sobre o quê?

— Você teve um caso com Joseph Allen?

---

27 Mandamento da Torá que deve ser afixado no umbral das portas.

O choque reverbera no silêncio que cai entre nós ao longo das milhas.

— Porque é isso que algum biógrafo escreveu em um livro que será publicado em breve. É verdade?

— Isso absolutamente não é verdade, — ela responde com uma voz curta.

— Então você nega?

— Eu nego ter um caso de qualquer tipo com Joseph Allen? Eu nego inequivocamente.

— Então o que aconteceu entre vocês quatro na noite daquela discussão?

— Isso não é da sua conta. Você é meu único filho e eu sacrifiquei muito por você. Fiz tudo o que pude para facilitar seu caminho neste mundo, como qualquer mãe deveria, mas tenho uma vida privada e você não tem direito a isso.

— Mamãe...

— Você pediu a verdade e eu a dei. É mentira. Quando o livro será lançado?

— Se Kimba conseguir o que quer, o que costuma acontecer, não vai sair, mas foi escrito e deve ser publicado em breve.

— Bem, ela tem que parar isso, — mamãe diz, a ansiedade apertando suas palavras.

— Eles vão arruinar a reputação desse homem. E, oh Deus. Pobre Janetta.

— Você está preocupada que ela acredite?

Há uma longa pausa do outro lado antes de minha mãe responder.

— Não. Se alguém sabe que é mentira, é Janetta.

— Vocês duas eram tão próximas, mas depois daquela noite tudo mudou.

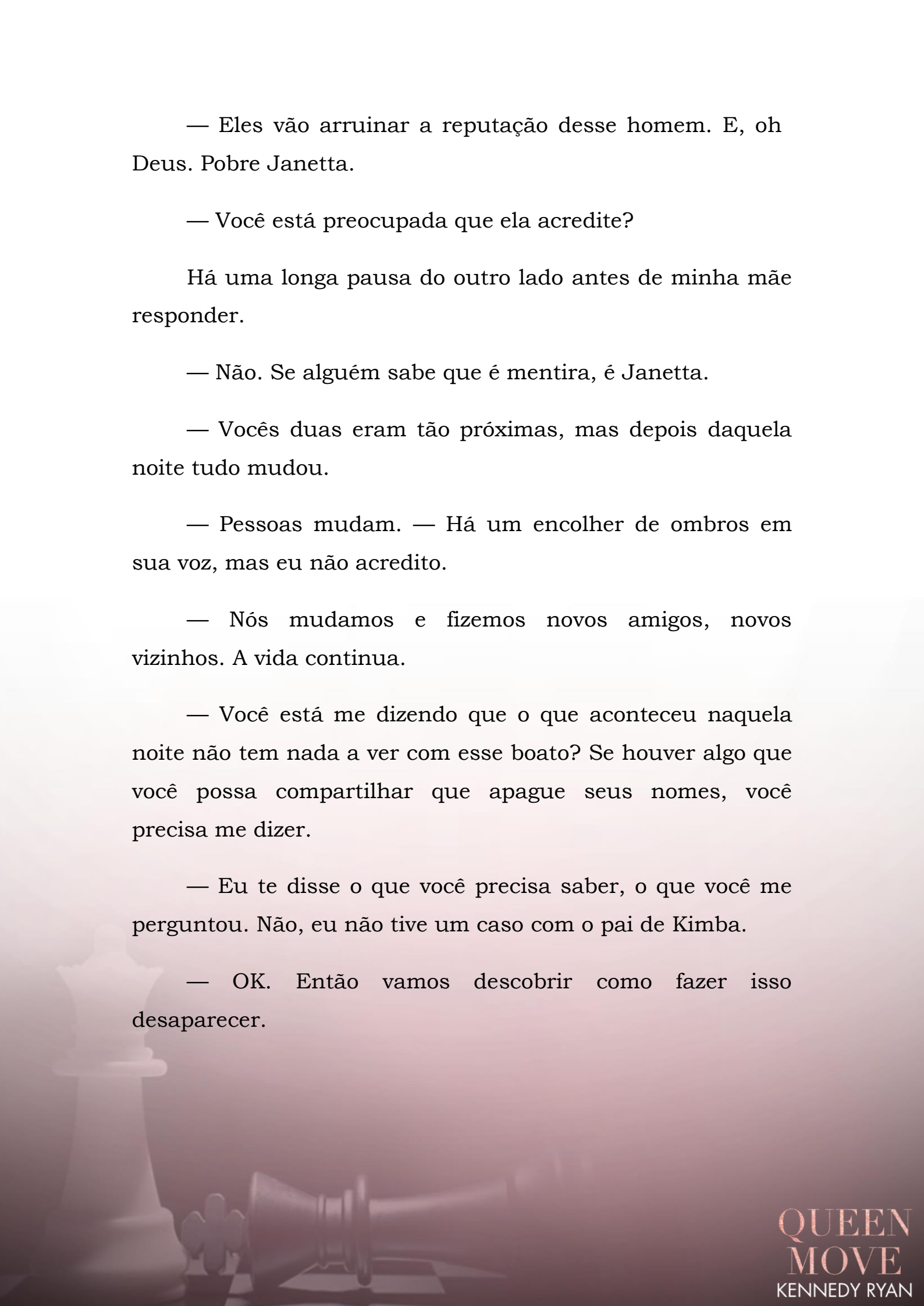
— Pessoas mudam. — Há um encolher de ombros em sua voz, mas eu não acredito.

— Nós mudamos e fizemos novos amigos, novos vizinhos. A vida continua.

— Você está me dizendo que o que aconteceu naquela noite não tem nada a ver com esse boato? Se houver algo que você possa compartilhar que apague seus nomes, você precisa me dizer.

— Eu te disse o que você precisa saber, o que você me perguntou. Não, eu não tive um caso com o pai de Kimba.

— OK. Então vamos descobrir como fazer isso desaparecer.



TRINTA E NOVE

Kimba

— Isso é realmente muito bom, — diz Keith, folheando o manuscrito que Piers conseguiu adquirir, para que o tivéssemos na segunda-feira de manhã.

— Absurdo! — Kayla coloca a cópia na mesa da sala de jantar da mamãe. — É mentira.

— Não quero dizer a parte sobre papai tendo um caso com a Sra. Stern, — diz Keith. — Mas eles acertaram todas as outras coisas sobre a vida dele. Seu trabalho em direitos civis, tudo o que ele fez pela cidade, seu histórico como promotor naqueles primeiros dias, logo depois de Emory. Está bem escrito e o faz parecer ótimo.

— Você quer dizer, exceto toda a parte de traição com a esposa? — Eu pergunto, jogando minha cópia na mesa ao lado da de Kayla. — Sim, bem, se eu colocar uma gota de tinta em um copo de água, você ainda vai beber?

— Depende se estou com sede. — Ele ri. — E com base em nossa conversa com a editora, eles estão com muita sede.

— Ele realmente parecia que levaria isso até o fim, — murmuro, mordendo o interior da minha bochecha. —

Precisamos descobrir quem é a fonte deste biógrafo para o caso. Ele não deixa claro no texto.

— É uma parte tão pequena do livro em geral, — acrescenta Kayla. — Se eles apenas removessem essa *mentira,* eu ficaria bem com isso.

— Eles contam com essa mentira para vender muitos livros, — digo.

— Não podemos deixar que isso aconteça, — diz mamãe da porta, a cópia escondida debaixo do braço. Ela decidiu ler a dela no andar de cima, no quarto dela, enquanto meus irmãos e eu estávamos acampados lá embaixo o dia inteiro, lendo com vinho e lanches da despensa.

— É uma mentira, — continua ela. — Joseph nunca foi infiel e, para eles, mancharem sua reputação, seu legado desta maneira... eles não podem.

— Nós não vamos deixá-los, — eu prometo, mesmo que minhas costas estejam contra a parede e não tenho certeza de como pará-las sem arrastá-las para uma longa batalha na corte, e provavelmente sensacionalizando ainda mais.

— Vou continuar trabalhando do ponto de vista jurídico, — diz Keith, de pé e se alongando. — Bem, passamos por um bocado, família, mas eu dediquei meu dia inteiro a isso. Não cheguei ao escritório, mas preciso chegar em casa.

— O mesmo. — Kayla se levanta. — Meus filhos estão voltando do acampamento para casa. Eu preciso ir preparar o jantar.

Kayla olha para o telefone quando ele vibra. — Ugh. O que eu te disse? Meus filhos. Levarei uma eternidade para me livrar de todos eles. Eu quero tanto um ninho vazio.

— E você será um desastre emocional quando eles partirem. Acredite em mim, — diz mamãe, rindo. — Envie-os aqui no próximo fim de semana. Assim você e Lawrence terão algum tempo para si mesmos.

A expressão geralmente altiva de Kayla suaviza e ela beija a bochecha de mamãe. — Eu vou aproveitar e sair antes que você mude de ideia. — Ela se dirige para a porta e acena por cima do ombro.

— Eu também estou fora, — diz Keith. Ele se inclina para dar um beijo na cabeça de mamãe e depois na minha. Mamãe o leva até a porta e ouço meu telefone tocando à distância. Eu corro para cima onde estava carregando.

Ezra.

— Ei, — eu digo.

— Você disse que atenderia ao telefone.

— Eu sei. Eu sinto muito. O telefone morreu. Você falou com sua mãe?

— Sim. Ela nega.

— Bem, é claro que ela nega, — eu digo com facilidade, apesar do profundo alívio que derrama através de mim. — Não é verdade.

— Você tem mais o que fazer aí?

— Não. Fiz tudo o que posso por hoje, acho. Amanhã começaremos de novo.

— Venha passar a noite, — diz ele, enviando arrepios ao longo da minha pele.

— Com você? — eu pergunto provocativamente.

— Essa é a ideia, sim, — diz ele, um sorriso evidente em sua voz.

— Poderíamos...? — Hesito, não tenho certeza se quero trazer isso à tona agora. — Eu não quero ficar na sua casa hoje à noite.

— Noah ainda não voltou. Nós...

— É a casa de Aiko, Ez. Suas fotos, chinelos, roupão, roupas e caneca da mamãe. Ela está em todo lugar, e eu gostaria de uma noite com você onde, toda vez que me viro, não sou confrontada por sua vida com ela.

— Sinto muito, Tru, — diz ele após uma pausa carregada. — Eu deveria ter percebido isso, mas um hotel parece... decadente. Entendo a discrição, mas não quero que você sinta que estamos nos escondendo ou fazendo algo errado.

— Não me sinto assim, mas não precisamos ir a um hotel. Eu sei exatamente o lugar.



QUARENTA

Ezra

— Não cheguei a vir aqui quando estávamos crescendo, — digo a Kimba. — É lindo.

A superfície do lago Lanier brilha como vidro vulcânico sob o luar, preto e brilhante.

— Meu avô comprou a casa do lago antes de vocês se mudarem. — Ela estabelece um prato de frios e o pão fresco que compramos a caminho daqui.

— As coisas aumentaram significativamente para o papai, não apenas o dinheiro que ele estava ganhando, mas todo o trabalho que ele estava fazendo. Tornou-se um bom lugar para nos afastarmos da cidade.

A casa do lago dos Allens é modesta, mas confortável. Sua melhor característica é o cais privado que leva ao lago. Estamos jantando sob uma pequena estrutura coberta no final do cais.

— A vida glamourosa, hein? — Kimba brinca, oferecendo um sanduíche. — Eu realmente saio para o meu homem.

Agarro-a pela cintura e a puxo para o meu colo, inalando a mistura única de limões e cacau, que não deve funcionar, mas é intoxicante em sua pele.

— Diga a última parte novamente, — digo na enseada atrás da orelha dela. Ela se vira para mim, beija minha mandíbula.

— Qual parte, baby?

Faço uma anotação de que também quero que ela me chame de baby mais tarde.

— Não me provoque, Tru. Você sabe. Diga isso de novo.

— Meu homem. — Ela coloca os braços atrás do meu pescoço. — Você gosta de ouvir que você é meu homem, Ezra?

— Muitíssimo. — Eu seguro seu peito, passando o polegar sobre o mamilo e sorrindo contra sua garganta quando sua respiração engata. — Seu homem está com fome.

— Assim como sua mulher, — ela diz, inclinando a boca sobre a minha, beijando-me possessivamente com um ardor que combina com o meu.

— Você vai me alimentar, ou o quê? — Eu murmuro no beijo enquanto diminui. Ela sorri contra os meus lábios e se vira para a mesa para pegar o sanduíche, oferecendo-me uma mordida. Aperto minhas mãos na sua cintura e a puxo para mais perto do meu peito.

— Hoje foi cansativo, — diz, mordendo o sanduíche e oferecendo para mim novamente. — Esse livro tomou conta de nossas vidas.

— Vocês leram? — Tomo um gole da taça de vinho que ela traz aos meus lábios.

— Sim. — Ela revira os olhos. — É realmente muito bom, caramba. Envolvente e fazem o papai parecer um gigante, além de acusá-lo de infiel com a sua mãe, é claro.

— Gostaria de saber se essa abordagem pode funcionar melhor. Ou seja, você vê tudo de bom no livro. Negocie com o editor que, se o autor remover esse aspecto, a família Allen ajudará a promovê-lo.

— Hmmm. — Suas sobrancelhas escuras se franzem e ela assente. — Isso pode funcionar, mas eu ainda quero refutar essa mentira sobre papai. É muito incendiária. Põe muita ameaça à sua memória, ao seu legado e ao que ele significa para esta cidade. Eu preciso falar com o autor, descobrir a fonte e provar que é falsa.

— Se alguém pode fazer isso é você. — Abro a boca e olho para ela com expectativa. — Comida, por favor.

Ela ri, inclina-se e me oferece outra mordida. Comemos um sanduíche juntos, trocando mordidas e beijos, alternando com goles de vinho de um copo. Neste momento, junto à água ao luar, compartilhamos tudo.

— Estou cansada de falar sobre esse livro maldito, — ela resmunga quando terminamos de comer. — Você já ouviu falar de Noah?

— Brevemente. — Recolho nossos pratos ao lixo e os jogo em uma sacola. — Ele está bem. Imaginando se ele pode ficar mais uma semana.

— Você vai deixar?

— Não. — Eu rio e pego sua mão enquanto subimos a doca e voltamos para a casinha. — Eu sinto muita falta dele.

Sua rica risada rola sobre o lago e ela levanta minha articulação para um beijo. — Você é um pai tão incrível.

— Obrigado. Eu amo crianças, — digo, abrindo a porta e deixando-a entrar na casa à minha frente. — Eu gostaria de ter mais.

Seu primeiro passo para a sala vacila por apenas um segundo e seu sorriso desliza. Eu ouço o que acabei de dizer. Merda. Ela acha que estou dizendo que eu queria que Aiko e eu tivéssemos mais filhos? Ou que estou impondo alguma expectativa a ela?

Eu a sigo para o quarto. — Kimba, eu não quis dizer...

— Eu sei o que você quis dizer, — diz sentada na beira da cama. — Você derramou todo o seu coração no YLA, e eu vi você com as crianças na festa de Noah. É evidente o quanto

eles te amam e por quê. Você é tanto um pai para alguns deles quanto para Noah.

Fico quieto por um momento, pensando em todas as crianças da nossa escola que não têm pais, que me procuram por conselhos, que me procuram em busca de orientação.

— Eu queria mais. — Sento-me ao lado dela, pego a mão dela, e o colchão macio cede sob o meu peso adicional. — Não tínhamos a intenção de engravidar de Noah. Inferno, foi o pior momento. Eu era um pobre estudante de doutorado e mal conseguia me cuidar, mas depois, depois de Aiko e eu estarmos juntos por anos e as coisas estabilizarem, eu quis outro bebê.

— E? — ela pergunta, sua voz baixa, mas alerta com algo que ainda não tenho certeza.

— E Ko não. Ela se sacrificou muito. Adiei algumas oportunidades quando ela teve Noah, mudei para Atlanta porque eu queria montar a escola aqui. A última coisa que eu queria fazer era fazê-la sentir pressão.

— Como você se sentiu? — Kimba pergunta.

— Eu não me ressenti.

Kimba solta uma risadinha e olha para as nossas mãos no colo. — De certa forma, eu a invejo.

— Não. — Inclino-me até ver o rosto dela, olho nos olhos dela. — Você não tem nada para ter ciúmes. Você sabe disso, certo?

— Ela passou todos esses anos com você. Ela teve uma vida com você. — Ela afunda o queixo no peito. — Uma criança com você. Eu não trocaria o caminho que escolhi pelo de mais ninguém. Eu amo as escolhas que fiz. Eu as sustento, mas escolher uma coisa geralmente significa não escolher outra. Eu olho para minha irmã. Ela reclama, mas seus filhos são a alegria de sua vida.

— Eu tenho certeza que você teve ofertas, — eu me forço a dizer, não querendo ouvir sobre os homens que ela poderia ter tido e mantido. Estou feliz que ela não tenha se amarrado permanentemente a nenhum deles para que eu pudesse tê-la agora.

— Papai costumava dizer para não perder seu tempo com coisas que não ateavam fogo por dentro, e eu não faço. Toda campanha, toda eleição, cada candidato, em que eu acreditava. Acreditava que colocar aquela pessoa no poder avançava em uma de minhas convicções. — Ela morde o lábio inferior. — Eu senti o mesmo sobre as pessoas. Não queria perder tempo com quem não me incendiou por dentro. E houve pessoas que eu gostei, pessoas com quem gostei de sexo, mas ninguém com quem eu quisesse construir uma *vida.* Por isso nunca me comprometi. Ninguém nunca me colocou em chamas por dentro. — Ela olha para mim, seus

olhos me dizendo antes de suas palavras. — Até agora. Você me colocou em chamas lá dentro, Ezra Stern.

Eu não consigo respirar. Eu não posso engolir. Não consigo me mexer. Minha compostura oscila na ponta de uma agulha, mas, pelo menos, tenho presença de espírito suficiente para saber exatamente o que devo dizer agora. — Eu te amo, Tru.

Parece que as palavras estavam esperando na minha língua há anos, para o momento em que eu tivesse idade suficiente, livre o suficiente para senti-las, dizê-las. O olhar em seu rosto diz que ela esperou tanto tempo para ouvi-las de mim. Ela desliza os dedos nos meus cabelos e toca seus lábios macios nos meus.

— Eu também te amo, — diz ela. — Muito.

Eu a beijo tão profundamente que luto por respirar, mas não consigo parar. Ela é o meu ar e seu coração bate um tambor falante, contando nossa história através das paredes do peito. Quero que sejamos um, que sejamos unidos, enganchados e selados. Quebrando o beijo, ela se senta na cama e deita de costas, com os lábios molhados e cheios. Ela me observa com uma expectativa sensual. Mantendo os olhos em mim, ela desfaz a linha de botões segurando o vestido de verão juntos. Os lados caem, revelando seios carnudos cheios de cetim dourado e renda. Ela se senta, encolhe os ombros e vira as costas para abrir o sutiã. Seus seios se soltam e eu

estendo a mão para tocá-la, mas ela balança a cabeça, os olhos escuros e derretidos.

— Assista-me, — ela sussurra.

Ela levanta, puxando o vestido debaixo dela, jogando-o de lado. Ela faz o mesmo com a calcinha dourada, deslizando-a e jogando-a de lado, ficando nua na cama. Ela deita em uma nuvem de cachos. Engulo em seco quando ela levanta os joelhos e abre as pernas, honrando-me com essa linda e nua intimidade.

— Você está assistindo? — Ela pergunta, sua voz rouca e quente. Consigo concordar e tento não babar.

Ela desliza os dedos magros pelo plano de sua barriga e entre os lábios gordos de sua vagina, apertando seu clitóris.

— Merda, Tru, — eu assobio, avançando.

— Veja.

Ela se apalpa, um movimento agressivo que achata os lábios e a tensão dos nervos. Seus dedos trabalham, roçando seu clitóris primeiro devagar, depois com mais velocidade, mais pressão. Suas costas arqueiam e ela geme, os olhos bem fechados. Eu não posso resistir. É isso ao lado dela, esperando sentir o cheiro dela. Eu sei como ela cheira, seu gosto, e minha boca fica cheia de água, mas ela é tão claramente responsável por seu próprio prazer que eu nem quero me intrometer.

— Meus seios, — ela suspira. — Chupe meus seios.

Graças a Deus.

Com permissão para fazer parte da coisa mais quente que eu já presenciei, tomo seu mamilo entre meus lábios. Seus quadris estão balançando e ela dá um tapa na boceta, então eu sei que ela não quer ser gentil. Eu mordo, e ela geme, seus dedos indo mais rápido.

— Sim, Ez. — Ela mergulha entre as pernas, reunindo sua essência, tocando-se com uma mão, mas ela me oferece a outra, molhada e brilhante.

Pego seus dedos na minha boca, lambo entre os dedos, arrasto meus lábios sobre a palma da mão, procurando cada traço dela. Aperto um seio e chupo com força o outro.

— Oh meu Deus, é isso. — Ela grita, seus quadris curvando-se da cama, seu corpo endurecendo com a tempestade de seu prazer. Ela monta a mão e morde o lábio e puxa o joelho para trás, abrindo-se mais para os dedos saqueadores. Eu continuo apertando seus seios, mas recuo o suficiente para observá-la, porque sei que isso é tanto para mim quanto para ela. Ela sabia o que isso faria comigo. Já existe um ponto molhado no meu short por vê-la gozar. Ela geme com as sensações e depois de alguns segundos, para.

— Levante-se, — ela ordena roucamente, seus olhos escuros, fendas possessivas. — Tire a roupa para mim. Eu quero te ver.

Eu faço, meu olhar fixo no dela. Eu tiro a camiseta por cima da minha cabeça, saboreando o rastejar faminto dos olhos dela sobre o meu peito e abdômen. Solto o cinto, puxando-o pelas alças e jogando-o no chão. Meus shorts e boxers seguem, caindo ao redor dos meus pés. Ela lambe os lábios, os olhos fixos no meu pau. Eu tomo no meu punho e bombeio, lentamente, esfregando meu polegar sobre a ponta molhada. Em segundos, estou alongando, engrossando. Amplio minhas pernas, planto meus pés para me preparar para a torrente.

— Eu vou gozar se eu não parar, — eu suspiro.

— Então pare. — Ela abre as pernas. — Dê isso para mim.

Ajoelho-me na cama entre suas coxas e alinho nossos corpos. Apoiando-me em um cotovelo, empurro o cabelo dos olhos dela.

— De quem você é? — Eu nunca perguntei a outra mulher isso, nunca precisei. Mas, no âmago de quem eu sou, sei que pertenço a Kimba. Eu quero ouvir que ela sente o mesmo.

— Eu pertenço a mim mesma, — diz ela, uma faísca de desafio em seus olhos. — E ao garoto que se casou comigo aos seis anos de idade.

Eu me afasto e olho em seus olhos, vivo com amor, paz e fogo.

— Você lembra.

— Lembro-me de tudo. Você me deve uma vida.

A distância entre nós é uma dor física quando ela está dizendo as coisas que eu sonhei ouvir, refletindo as palavras que estão trancadas em meu coração há anos. Os tesouros que pensei que apodreceriam, desapareceriam com a idade, mas nunca foram. Nosso amor é tão brilhante e real como no dia em que fomos criados juntos. Eu mergulho em seu corpo, e ela se envolve firmemente em volta de mim, braços e pernas me agarrando a ela. Apoio uma mão na cabeceira da cama, enrolo o braço sob o joelho dela e empurro mais fundo, não encontrando resistência, apenas uma recepção calorosa, molhada e firme.

Eu me rendo a todos os desejos primitivos que verifiquei. Eu caio pela porta da armadilha para os meus desejos mais básicos, mordendo seu pescoço, seus seios. Penetrando nela com tanta força que a cabeceira bate na parede e a cama desliza.

— Oh meu Deus, Ez. — Ela deixa cair os braços atrás dela, acima da cabeça, entregando seu corpo para mim completamente.

— Tão duro quanto você quer. Contanto que você queira. Apenas continue me fodendo assim.

Eu agarro a plenitude de sua bunda em uma mão, apertando, empurrando mais fundo, incitando nossos corpos

além dos limites de carne e osso. Aquele lugar onde nos unimos é uma porta de entrada para o que eu quero mais do que qualquer coisa. Estou desesperado para alcançar seu coração, sua alma.

Nós arranhamos, mordemos, suspiramos e rosnamos até seu corpo tremer embaixo de mim com soluços e estremecimentos. Mesmo depois que ela goza, eu continuo precisando me libertar, mas não querendo que isso termine no caso de tudo ser um sonho. Quando gozo, é com um rugido primitivo que ricocheteia pela medula e lágrimas na garganta.

Ficamos deitados no escuro, nossas barrigas pressionadas, um emaranhado de membros suados e batidas cardíacas apressadas. Não posso imaginar deixar o corpo dela agora, então não o faço. Nossa pele esfria e nossa respiração se transforma em um silêncio que não precisa ser quebrado. Descansamos em nossos próprios pensamentos e nos braços um do outro.

— Eu preciso lhe dizer uma coisa, — ela finalmente diz.

— OK. — Eu encontro a mão dela, uno nossos dedos. — O que é?

— Estou na... — Seus dedos apertam os meus e eu a ouço engolir. — Estou na pré-menopausa Ez.

Não sei o que *pré* na frente significa, mas reconheço a *menopausa.* Estendo a mão para acender a luz, mas ela me para.

— Não.

Relutantemente, eu abaixo a mão e deito para encará-la, distinguindo o formato de seu rosto à luz da lua que entra pela janela.

— Você é jovem demais para isso, certo?

— É cedo, mas acontece com mulheres diferentes em momentos diferentes. É quando isso está acontecendo para mim.

— Então o que isso quer dizer?

Ela hesita. Uma incerteza incomum paira sobre ela. Ela sempre tem certeza, mas agora, mesmo no escuro, vejo que ela não tem.

— Não menstruo há quatro meses, quase cinco agora. Eu posso ter um ano, dezoito meses para ter um bebê naturalmente. É difícil saber, mas há uma janela definida e cada vez menor. Há uma data de validade no futuro próximo.

Às vezes não sou a ferramenta mais afiada do galpão. Demoro alguns momentos para perceber que a incerteza, pelo menos em parte, pode ser por minha causa.

— Você não acha que isso faz diferença para *mim,* acha? Sei que isso é um grande negócio, e apoiarei você sempre que

ficar difícil, mas amarei você, não importa o quê. Você sabe disso, certo?

— Você é um ótimo pai, — diz ela, um tanto hesitante. — Você admitiu que quer ter mais filhos. Não quero ser presunçosa, mas acho que temos algum tipo de futuro juntos.

— Isso não é presunçoso. Eu sei que você está em Washington e está viajando muito, e eu estou aqui em Atlanta. Nós vamos resolver isso, mas não se engane. Você é meu futuro, Kimba.

— Eu me sinto da mesma maneira, e é por isso que eu queria que você soubesse que é possível que eu nunca tenha filhos naturalmente. Ainda estou decidindo o que quero fazer.

— Qual é a decisão? O que você está considerando?'

— Quero eleger o primeiro governador latino da Geórgia.

— E você vai.

Ela sorri, segura meu rosto e acaricia minha mandíbula. — Apenas um homem apaixonado seria tão confiante de que eu posso fazer isso. Vai ser difícil como o inferno.

— Difícil como o inferno é a sua configuração padrão, Tru. Não é o meu amor por você que me diz isso. É o seu histórico. É quem você sempre foi.

Eu a puxo para mim, acaricio suas costas e beijo sua têmpora.

— Eu não estava pensando em ter um bebê agora, — diz ela, colocando a cabeça no meu peito. — Não tenho certeza se quero focar nisso se precisar focar na campanha de Ruiz.

— Você pode fazer as duas coisas?

— Eu não sei. Eu posso pegar as coisas que o médico recomendou para reiniciar meu período.

— Eles podem fazer isso?

— Às vezes. Se puderem, há uma chance de eu ter um bebê, mas não sei se quero, apenas porque alguém diz que precisa ser agora. Eu poderia adotar mais tarde.

Poderíamos adotar mais tarde.

É o que eu ouço. Noah nem sabe que Aiko e eu terminamos. Há muita transição pela frente e temos que lidar com isso com cuidado, mas não há dúvida de que quero passar minha vida com Kimba.

— Parecia errado não contar, — diz ela. — Eu não queria que você pensasse que eu estava escondendo isso de você ou escondendo alguma coisa.

— Estou feliz que você fez. — Eu a puxo para mais perto, desejando poder protegê-la de toda ameaça à sua felicidade, sua paz de espírito.

— Vamos enfrentar tudo isso juntos.

Ela se sente pequena aninhada contra mim. A humanidade de pele nua e respirações superficiais me lembra que a mulher que o mundo vê como tão poderosa também é vulnerável. O privilégio da intimidade me mostrou isso, e adormeço sonhando com maneiras de mantê-la segura.



QUARENTA E UM

Kimba

Ainda estou na cama quando meu telefone toca na mesa de cabeceira na manhã seguinte. Ezra está cantarolando no banheiro. Ele é um madrugador e já acordou. Eu tenho recebido notificações desde a aparição na CNN de amigos e colegas me parabenizando, mas o número piscando na minha tela é a única pessoa que eu realmente esperava ouvir.

— Congressista Ruiz, — eu digo, sentando na cama, coração na garganta e telefone no ouvido. — Bom Dia.

— Bom dia, Kimba, — diz ele. — Espero não estar ligando muito cedo.

— Não há muito cedo neste jogo. Você sabe disso, senhor.

— Bom. Bem, eu queria ligar e dizer que foi uma apresentação brilhante na outra noite. — Eu sorrio, mas mantenha minha voz calma.

— Desculpe? Apresentação?

— Você estava tentando provar que ativo valioso seria na luta contra Colson em novembro.

— É isso que você acha? — eu pergunto incapaz de manter o sorriso da minha voz.

— É exatamente o que eu penso, — ele ri. — Funcionou.

Eu pulo da cama e me permito dar um soquinho no ar e uma reboladinha rápida antes de responder.

— O que exatamente você está dizendo, senhor?

— Estou dizendo, vamos nos encontrar nesta semana para conversar sobre o que será necessário para vencer nesse excelente estado da Geórgia. Você está pronta para isso?

— Oh, eu sempre estou pronta.

— É isso que eu quero ouvir. Bom trabalho com Colson. Ansioso para vencer com você e sua equipe.

Ezra sai do banheiro enquanto eu desligo.

— Tudo certo?

Eu praticamente pulo pelo quarto e jogo meus braços em volta do pescoço dele. — Ruiz acabou de me contratar.

— Tru, isso é incrível. — Seus braços fortes me apertam, o aperto perfeito. — Eu estou tão feliz por você. Orgulhoso de você. Você fez isso.

— Eu não fiz nada ainda. — Eu me afasto, rindo em seu rosto. — Colson não vai rolar e se fingir de morto.

— Claro que há um longo caminho pela frente, mas temos que comemorar isso. Você viu a chance e fez a jogada.

Ele pega meu rosto entre as mãos, olhando para mim atentamente, tanto amor em seus olhos azuis-escuros.

— Eu sei que esta é a primeira campanha sem Lennix e você sente que tem algo a provar, mas não tem. Mateo Ruiz acabou de tomar a melhor decisão da vida dele. Ele escolheu *você.* Não seu pai, nem seu nome de família ou sua parceira. *Você* aproveitou essa oportunidade. *Você* deixou de lado seus próprios medos e inseguranças para ir a esse programa. *Você* falou a verdade ao poder e chamou Colson na sua merda. Na frente de milhões. — Ele aperta minha cintura e abaixa a testa para descansar na minha. — E eu estou tão incrivelmente orgulhoso.

Sempre houve lugares difíceis de alcançar em mim que apenas Ezra poderia encontrar e tocar. Mesmo quando éramos crianças, quando eu mal me entendia, em um parque deserto em um balanço, ele fazia as perguntas certas ou me deixava quieta para descobrir as coisas sozinha. Todas as vezes que estávamos lá um para o outro correm de volta para mim em um loop.

E vamos nos fortalecer.

Se eu soubesse que isso era possível para nós, eu teria destruído o mundo à procura de Ezra Stern.

— Eu senti tanto a sua falta, — eu sussurro, lágrimas queimando minha garganta. — Estou tão feliz que você está na minha vida novamente.

— Estou feliz também, — diz ele, sua voz rouca com as emoções que escurecem seus olhos. — E você não está se livrando de mim.

— Eu não desejo.

Ele parece hesitar por um momento e depois continua. — Ontem à noite você confiou em mim algo difícil. — Ele levanta meu queixo, procura meus olhos. — Eu não quero você apenas quando você é forte. Quero você quando estiver vulnerável, quando estiver perdida, quando não tiver certeza. Eu vejo a armadura que você tem que vestir para fazê-la em seu mundo. Eu só quero que você saiba que aqui, comigo, você pode tirar a armadura.

Toda a minha vida, eu tive que ser a mais forte em todos os lugares. Era esperado da filha de Joseph Allen. Foi exigido no mar de tubarões da política. Ninguém queria abrir espaço para mim, então eu tive que abrir meu próprio espaço.

Tudo bem.

É o que você faz. Você trabalha se quiser as recompensas. E aceitei que às vezes tenho que trabalhar mais do que todos os outros para obter os mesmos resultados. Essa é a realidade que garotas como eu aprendem a conviver. Nós o usamos para nos fortalecer. Eu chuto aquelas portas,

seja em botas de trabalho ou Jimmy Choos. Olhando para o chão, meus pés estão nus. Aqui com Ezra, minha *alma* está despida, e com suas palavras, eu me afundo contra ele e por alguns momentos, descanso. É um suspiro da alma e seus braços se apertam ao meu redor. Ele beija minha têmpora e acaricia minhas costas. É tão bom deixar alguém me amar, deixá-lo me amar, compartilhar meus fardos com seus ombros fortes.

— Você está bem? — Ele pergunta.

Olho para ele, traço a linha forte de sua mandíbula e a seda escura de suas sobrancelhas. Ele não gosta quando digo que é "fofo", mas é exatamente isso que ele é. Querido, raro, precioso e *meu.*

— Estou agora.

— Você tem certeza que está bem se passarmos pela minha casa primeiro? — Ezra pergunta depois que tomamos banho.

— Claro. — Puxo o lençol da cama. — Você precisa ir para a sua reunião, certo?

— Exato. — Ele pega sua camiseta YLA padrão do banco no final da cama e a veste.

— Não acredito que esqueci que deveria encontrar a editora no centro ao meio-dia ou teria trazido as roupas certas comigo. Eu tinha no meu calendário que seria amanhã. Que bom que meu editor me lembrou. Só vou me trocar em casa. Eu posso deixar você em sua casa e chegar lá a tempo.

— Parece bom.

Recolho a roupa de cama e ando para beijar sua mandíbula. Ele dá um tapinha na minha bunda, beija minha bochecha e se afasta.

— Eu vou carregar o carro.

— Eu vou colocar isso na lavanderia. Há um serviço que vem para limpar. Eles vão mudar a roupa de cama.

Acabamos de adicionar a lavanderia. Planejamos algumas atualizações e reformas por um tempo, mas papai morreu e ninguém parecia se importar até recentemente. A casa do lago não tem sido muito usada ultimamente, mas minha família passou bons momentos aqui. Agora que o congressista Ruiz me convocou para executar sua campanha, vou garantir que essa casa seja usada enquanto estou aqui, mesmo que seja apenas para mim e Ezra fugirmos.

A lavanderia é pequena e arrumada e possui uma lavadora e secadora novas e brilhantes.

— Legal, — murmuro, colocando a roupa de cama em um cesto no canto. A luz do sol da manhã brilhando através

da janela pega um brilho dourado. Olho para baixo e vejo a pequena ponta de algo em um canto distante. Na verdade, está alojado na fenda entre a parede e o chão, e eu teria deixado passar se o sol não quisesse que eu o encontrasse. Agacho e puxo-o com uma unha até que ela esteja totalmente revelada no chão. A estrela de David. E no centro, uma pedra de ônix.

Minha respiração pega. Eu já vi esse berloque antes. Ruth Stern usava o tempo todo quando estávamos crescendo.

Pego o berloque e corro para fora. Ezra está guardando minha mala e batendo o porta-malas.

— Ez, — eu digo, meu coração disparado com as possíveis implicações do que encontrei. — Você disse que nunca veio aqui antes, certo?

— Certo. — Ele se inclina contra o carro e me estuda. — E?

Estendo minha mão, palma para cima, com o amuleto da Estrela de David, um pouco manchado, mas ainda brilhando. Ele endurece e depois levanta da minha mão.

— Parece da minha mãe, mas eu não vejo isso há anos. Ela perdeu. — Ele olha do pingente para o meu rosto, sua expressão refletindo as mesmas especulações.

— Se você nunca veio com sua família, como isso estaria aqui? — Eu pergunto. — Acabamos de derrubar algumas paredes quando adicionamos uma lavanderia. Talvez o

amuleto tenha sido desalojado ou arrastado pela confusão. Encontrei na lavanderia. Sua família nunca veio aqui, então por que o berloque de sua mãe estaria nesta casa?

Tudo o que eu acreditava sobre meu pai fica desfocado, embaçado por um brilho de lágrimas. — Você acha... Ez, você acha que eles vieram aqui juntos? *Como* isso estaria aqui, a menos que ela não estivesse?

— Eu não faço ideia. — O punho de Ezra se fecha sobre o pingente. — Mas eu vou descobrir. Eu prometo a você isso.

O silêncio entre nós no caminho de volta à cidade palpita com nossos pensamentos não ditos. Meu coração está pesado demais para palavras. Decepção com meu pai. Machucada em nome da minha mãe. Estou desiludida que o homem que me guiou mais do que qualquer outra pessoa em um ponto pode ter se perdido. Eu sei que ele era humano. Apesar do que mamãe pensa não me enganei que papai fosse perfeito, mas isso?

Enquanto Ezra dirige, meu telefone começa a tocar, arrancando-me do caos de meus próprios pensamentos e me mergulhando no caos de outro tipo. Um que eu sei administrar.

Trabalho.

Enviei uma mensagem para Karla e Piers com as notícias sobre Ruiz, e meu telefone não parou de tocar desde

então. Karla já está projetando o que será necessário para tornar a Geórgia nossa base para o futuro próximo.

Além de comemorar, Piers quer discutir novas descobertas sobre o autor da biografia. Eu digo a ele para me conseguir um número para que eu possa confrontar essa pessoa. Mesmo que o pingente suscite a possibilidade da infidelidade de meu pai, não quero um livro sensacionalista e o inevitável circo da mídia que virá com ele, o reexame de todo o bem que meu pai fez pela lente de um erro. Se eu puder proteger o legado da minha mãe e da minha família desse escândalo, eu o protegerei.

Entramos na entrada de carros de Ezra e estou ao telefone com Karla quando ele nos deixa entrar em casa.

— Minhas roupas ainda estão no quarto principal, — ele sussurra.

Concordo com a cabeça, ouvindo Karla, sigo-o pelas escadas.

— Sim, eu preciso dessa informação, — digo a ela, sentando na cama e olhando ao redor do quarto novamente. As fotos dele, Aiko e Noah picam a menor gota de sangue ciumento no meu coração. Ele tem passado. Ele tem uma família. Eu já amo Noah e posso ver como o pai dele ajudou a moldar Ezra no homem que ele é hoje. Aiko? Espero que ela e eu possamos ser amigas e que as coisas possam ser amigáveis na transição à frente.

Estou momentaneamente distraída com o peito, abdômen e bunda de Ezra enquanto ele troca de roupa. Seus músculos contraem e flexionam com os movimentos simples. Ele é tão *grande* agora. Eu nunca teria previsto que Ezra fosse tão fisicamente imponente quanto seu pai, mas ele é. E ele está alheio ao quão excitada isso me deixa, não que isso exija muito dele.

— Você me ouviu, Kimba? — Karla pergunta.

— Hã? — Sento-me na beira da cama de Ezra, devorando cada centímetro de pele nua e elegante antes que ele a cubra. — O que foi Karla?

— Eu perguntei quando você vai voltar para a cidade?

— Em breve. — Eu sei que vou ter que ir pelo menos uma vez antes de começarmos a fazer compras aqui, mas estou relutante em deixar Atlanta.

Durante anos, vim em casa apenas para visitas raras e férias, mas essa viagem me lembrou de todas as coisas que eu amo na cidade e me deu coisas novas para abraçar. Fico feliz em fazer da Geórgia minha base por um tempo. Pela primeira vez em anos, quero estar perto de casa.

Desconecto a ligação e vou até Ezra, beijando a linha dura de sua mandíbula. Ele mergulha, mudando o ângulo para que ele possa pegar meus lábios. O beijo pega fogo e ele se senta na beira da cama, puxando-me para seu colo. Isso é felicidade. Paixão. Contentamento de uma maneira que

nunca conheci antes. Mesmo o choque do que encontramos na casa do lago, os problemas que ainda estão por vir, não podem diminuir isso.

— Que porra é essa, Ezra?

Eu quase caio do colo de Ezra com a pergunta zangada, mas me recupero e caio na cama ao lado dele.

— Quem diabos é você? — Aiko exige, olhando para mim e entrando completamente no quarto.

Só a vi na vida real uma vez, no funeral de meu pai, e isso foi à distância. As fotos nas paredes do quarto não contavam a história completa de sua beleza. O rosto dela é oval, pálido, os lábios vermelhos como cerejas e o cabelo balança uma cortina escura até a cintura. A expressão em seu rosto esconde sua frágil miudeza. Ela é delicada e de aço, uma erva adorável no meu jardim.

— Você tem dois segundos, — diz ela, veneno pingando de suas palavras, — para tirar essa cadela da minha casa.

Cadela?

Espere.

— O que você está fazendo aqui? — Ezra se levanta, sua expressão estranhamente calma diante da raiva óbvia dela. — Você não devia voltar até a próxima semana.

— O que *eu* estou fazendo aqui? — Ela se aproxima dele, apenas chegando ao meio do peito, e aponta um dedo fino

para mim. — Esta é minha *casa.* O que essa cadela está fazendo no nosso quarto, Ezra?

São dois. Você tem mais um golpe Aiko.

Estou perdendo a paciência com isso rápido. Ezra sabe. Ele olha entre nós duas como se estivesse preso entre duas ursas.

— Não a chame assim, — ele retruca, as palavras cortadas, uma carranca estragando a harmonia de seus traços.

— O nome dela é Kimba, e você não a desrespeitará.

— *Desrespeitá-la*? — A voz de Aiko quebra, e ela leva o lábio inferior trêmulo entre os dentes. — O que ela está fazendo aqui, Ezra? No *nosso* quarto*?* Realmente?

Ele esfrega as mãos sobre o rosto e solta um suspiro pesado. — Olha, eu sei que é desconcertante voltar para casa e encontrar alguém aqui assim, mas esse não é mais o *nosso* quarto. Eu estava apenas trocando de roupa porque minhas coisas ainda estão aqui. — Sua voz, sua expressão gentil. — Você sabe que eu não estava dormindo aqui antes mesmo de você sair, Ko.

— Sim, mas eu não pensei... — Ela abaixa os olhos para o chão. — Tão cedo?

— Baby! — Uma voz chama do andar de baixo. — Tudo certo?

— Chaz, eu estou bem, — ela grita, seus olhos nunca deixando o rosto de Ezra. — Você pode deixar as malas na porta.

Um silêncio cresce após suas palavras, alguns segundos depois que uma bomba cai antes que você possa ouvir novamente.

Ezra olha para ela, sobrancelhas erguidas até o céu. — Seu novo amante está lá embaixo em *nossa* casa e você quer conversar comigo sobre eu ter me movido rápido? Posso dizer, com certeza, que você encontrou alguém novo antes de mim. Você encontrou alguém novo antes mesmo de *sair,* então não entre aqui chamando Kimba de cadela e tentando me fazer sentir culpado. Você não tem motivos para isso.

Ele tem que resolver isso e minha presença não vai ajudar. Além disso, estou cansada de ser o centro e a espectadora deste drama. E se Aiko me chamar de cadela mais uma vez, não posso ser responsabilizada por minhas ações.

— Ezra, — eu digo, de pé e focando nele, não no olhar malévolo de Aiko queimando através das minhas roupas. — Eu devo ir.

— Sim, você deve, — ela retruca. — Temos negócios familiares para discutir.

Ela deveria estar feliz por eu ter controle suficiente para ignorá-la. Ezra a lança um olhar exasperado e depois vira seu

olhar aquecido, azul-escuro, ardendo para mim. — Eu vou levá-la para fora.

Começamos a ir em direção à porta do quarto, mas Aiko fica na minha frente, passando os olhos pelo meu vestido de verão e sapatilhas, meu cabelo e rosto. — Eu conheço você.

Eu não sou famosa. Meus candidatos são. Uma pessoa comum não reconheceria um analista político na rua por algumas aparições na televisão, então não tenho certeza de que é de onde ela acha que me conhece.

— O funeral, — ela sussurra, lançando um olhar acusador em Ezra. — Fomos ao funeral do pai dela. Lembro-me porque era o dia em que minha avó teve um ataque cardíaco.

Também me lembro. Vê-la no telefone, andando na grama, angústia gravada em seu lindo rosto.

— Você disse que ela costumava ser sua melhor amiga. — Aiko engasga, balança a cabeça. — Eu realmente encontrei outra pessoa primeiro, Ezra? Há quanto tempo isso vem acontecendo? Oh meu Deus.

— Não. — Ezra fecha os olhos e eu posso ver a disciplina necessária para ele permanecer calmo diante da crescente histeria. — Você está certa. Nós assistimos ao funeral do Sr. Allen, mas Kimba e eu não nos víamos desde então. O prêmio que recebi, o evento que Mona e Noah participaram comigo, a fundação da família de Kimba o patrocinou e nos vimos lá.

Ela respira fundo e solta em um suspiro indignado. — Eu tinha ido embora faziam apenas alguns dias.

— E nada aconteceu imediatamente, — diz Ezra, seu olhar flutuando para mim e suavizando com algo muito mais do que carinho. Não há como Aiko confundi-lo com outra coisa senão o que é.

— Você se *importa* com ela, — ela sussurra horrorizada. — Você acha que está apaixonado por ela? Já?

Há uma parte de mim que não quer que ele lhe diga, não quer machucá-la mais do que ela obviamente já está. Mas a parte alfa de mim que parece que ele sempre foi meu desde o dia em que nascemos quer prendê-la na parede e rosnar que ele estava emprestado, mas ele é *meu* novamente e ela vai voltar atrás.

Mas é a decisão de Ezra.

— Eu sabia que seria difícil para você, — diz Ezra, não abordando sua pergunta diretamente. — Mas precisamos ser civilizados e adultos sobre isso. O modo como lidamos com a transição afetará como Noah se ajusta. Vamos resolver os detalhes. Você pode ficar com a casa. Eu posso ficar por perto para que Noah possa...

— Você já resolveu tudo, hein? — Aiko interrompe.

— Temos um filho juntos, — diz Ezra. — Seria irresponsável para mim não ter considerado como isso afetaria...

— Dois, — diz Aiko, seu sorriso caindo, seus olhos duros e planos, uma vidraça sobre suas emoções.

— Dois? — Ezra faz uma careta. — Dois o quê?

— Você disse que temos um filho juntos, — diz Aiko. — Mas nós temos dois.

Ela se vira para mim, desafio e dor se misturando em sua expressão. — Cheguei cedo em casa porque estou grávida.



QUARENTA E DOIS

Ezra

— Você o *quê?*

Tomei cuidado com minhas palavras, disciplinado em minhas emoções desde que Aiko entrou, mas sua declaração ridícula puxa o alfinete no meu controle.

— Grávida. — Aiko olha para mim, a esperança subindo nos olhos e levantando os cantos da boca. — Um bebê, Ezra. Você sempre quis outro.

Kimba se encolhe, e eu vejo o mesmo rosto nela da noite passada, incerto ao luar, ouço sua voz tremendo enquanto ela me diz que talvez nunca tenha um filho.

— Anos atrás, — eu lembro Aiko. — Eu queria outro bebê anos atrás. Você não. Tudo bem. Não é algo que discutimos há muito tempo e você sabe disso. E se você estiver grávida, não é meu. Mal fizemos sexo o ano todo. Chaz seria...

— Quase não é nunca, — Aiko diz suavemente. — Uma vez é suficiente. E você me fodeu uma vez.

— Não, eu...

Taco terça-feira. Margaritas.

Engulo a bile de arrependimento e me forço a encontrar o olhar interrogativo de Kimba. Ela sabe antes de eu dizer, pegando sua bolsa da cama e saindo do quarto. Mordo um rosnado, lanço um olhar frustrado para Aiko e começo a ir atrás dela.

— Espere aqui, — eu digo.

— É minha *casa,* — ela grita de volta. — Onde mais eu iria?

Desço as escadas tão rápido que quase caio nos dois últimos degraus. Chaz está parado na porta com as malas de Aiko. Um tique muscular em sua mandíbula e suas mãos estão cerradas em punhos ao seu lado.

Eu também, cara. Eu também.

Isso é tão estranho quanto uma situação poderia ser. Não há nenhuma saudação que seria apropriada, então eu passo e o deixo para Aiko lidar. Pela porta de tela, vejo Kimba já do lado de fora na varanda, a cabeça inclinada sobre o telefone.

Puxando a porta atrás de mim, coloco minha mão sobre a dela. Ela retira de volta, balançando a cabeça.

— Ezra, não. — Sua voz é firme, mas sua mão treme ao redor do telefone, apesar de seu aperto mortal.

— Olhe para mim.

Ela não olha, fixando os olhos no chão da varanda. Eu seguro seu rosto, travando minhas mãos delicadamente em torno das maçãs do rosto altas, sentindo os músculos tensos em seu queixo.

— Por favor, fale comigo, Tru.

Ouço a súplica na minha própria voz e não me importo. Não significa nada se ela sair desta varanda sem me ouvir, sem me dar uma chance. Ela se solta das minhas mãos e se afasta.

— Você tem, vamos ver. — Ela olha para o telefone dela. — Três minutos antes de Lamont, meu motorista do Uber, chegar. Fale.

— Você não pode deixar isso acontecer entre nós.

Ela se vira com isso, seu vestido de verão queimando e se acomodando em volta de suas longas pernas. — Deixar isso acontecer entre nós? — Ela solta uma risada incrédula. — Se Aiko está grávida de seu bebê, não *há nenhum* nós, Ezra.

— O inferno que não existe nós. Você não pode dizer isso.

— O que *diabos* você espera que eu diga? Que eu estou bem com isso? Eu não estou. Não me peça para estar. Eu não posso... — Ela pressiona os lábios e pisca rapidamente. Por um momento, gostaria de não a conhecer tão bem quanto conheço minhas próprias mãos, meu próprio coração. Há

tanta dor sob sua fúria e eu a conheço muito bem para não ver.

— Estou ouvindo tudo isso pela primeira vez, — digo. — Assim como você. Não sei o que diabos está acontecendo. Não sei o que é verdade ou...

— Mas pode ser verdade. Você dormiu com ela, certo?

— Uma vez. Uma vez em meses, e vivemos juntos por dez anos. Você não pode ficar com raiva por eu ter dormido com minha ex-namorada uma semana atrás antes de você e eu começarmos.

— Não é tão ex. — Ela ri, o som vazio de diversão. — Esta é a casa dela, é o quarto dela, possivelmente o seu bebê que ela está carregando. Não vá tão rápido com a ex.

— Chaz está literalmente parado na porta. — Pego suas mãos, segurando quando ela tenta se afastar. — Se Aiko *estiver* grávida, poderia facilmente ser dele.

— Isso é uma merda de *Casos de Família*, — diz ela, sua respiração ficando dura. — Eu não preciso disso. Se eu fosse um cliente meu, eu os aconselharia a ir embora e não olhar para trás.

— É isso que você quer fazer? — Eu pergunto, minha voz solene, meu coração se partindo. — Afastar-se de mim?

Ela fecha os olhos, me bloqueia. — Eu não sei. Não sei de nada agora.

— Você sabe disso.

Aperto seu pescoço e a arrasto para perto, pressionando nossos lábios. Ela se afasta, mas eu persigo, precisando que nossa paixão pegue fogo por um instante, para lembrá-la. Leva apenas um segundo. Assim que nossos lábios se encontram, eu procuro o sabor e a textura de sua língua e o doce e liso revestimento de sua boca. Ela suaviza, geme, inclina-se para mim, apertando os dedos nos meus cabelos, segurando minha mandíbula, forçando minha boca a abrir mais. Eu a deixo pegar o quanto ela quer, me tocar como ela quer. Eu corro minhas mãos em uma onda apertada pelas costas dela e agarro o inchaço de sua bunda.

Ela é tão boa.

Ela foi feita para mim. Ela não pode esquecer isso. Não importa o quão ruim essa merda de bomba que Aiko jogou agora, Kimba não pode nos perder de vista. Com movimentos sutis dos meus quadris nela, eu a lembro o quão instantaneamente duro a sensação, o cheiro dela me faz ficar.

O movimento de busca é um eco fraco do que compartilhamos há poucas horas na casa do lago. Ela era minha. Eu estava dentro dela, onde eu pertencia, e se não estivesse em plena luz do dia na minha varanda, eu levantaria seu vestido e estaria lá novamente.

— Merda, — ela geme, alcançando entre nós o meu pau. Meus dentes cerram. Eu quero me perder nisso, desesperadamente desejo que ela possa me tirar de dentro da

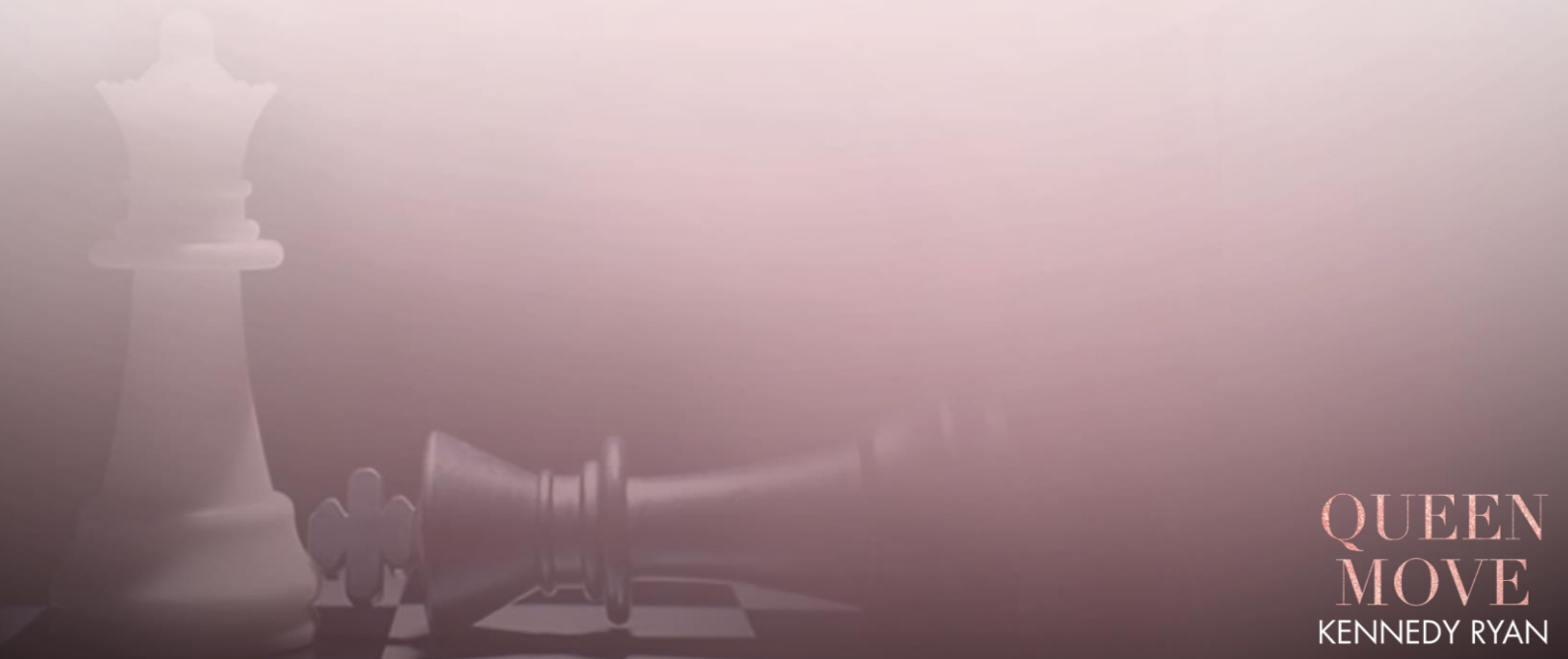
calça, cair de joelhos e me chupar. Mas Chaz está lá dentro, a poucos metros de distância, e meu vizinho, duas casas abaixo, saiu para cortar o gramado.

— Baby, — eu murmuro contra seus lábios. — Volte para dentro para que possamos resolver isso.

Minhas palavras quebram o feitiço que nossos corpos sempre causaram um no outro e a realidade volta a ser a névoa que criamos. O cortador de grama de Bob dispara. Duas mães conversam ao sinal de parada, empurrando carrinhos de bebê. Um alerta é emitido pelo telefone de Kimba.

Ela olha para baixo, lambendo os lábios inchados e molhados dos meus beijos.

— Lamont está aqui. — Ela desce os degraus em direção ao Prius parado na frente da minha casa. — Eu tenho que ir.



QUARENTA E TRÊS

Kimba

— Portanto, a editora está suavizando alguns aspectos legais, — diz Keith. — Mas exercer sua *ira da pressão de Kimba Allen* provavelmente ajudaria. Você está ligando para eles hoje?

Pisco algumas vezes, dissipando a imagem mental de Aiko ontem em pé no quarto deles, chorando por ter o bebê de Ezra.

— O quê? — Eu limpo minha garganta e foco no rosto carrancudo do meu irmão. — Sim. Eu vou fazer isso.

Olho ao redor do escritório na sede da nossa fundação familiar, como se isso me desse uma pista do meu próximo passo. — O que eu estou fazendo?

— Onde está sua cabeça? — Kayla exige de trás de sua mesa. — Tudo o que lhe disse hoje de manhã tive que repetir.

— Eu sinto muito. — Inclino-me no meu assento e solto um longo suspiro. — Apenas muita coisa acontecendo. Sim. Vou ligar para a editora. Piers encontrou o nome verdadeiro do autor. Ela está escrevendo a biografia sob um pseudônimo.

— Qual o nome? — Kayla pergunta.

— Hum, deixa eu ver. — Olho para o meu telefone, passando rapidamente pelo nome de Ezra e todas as mensagens que ele enviou que ficaram sem resposta e encontro a última mensagem de Piers. — Serena Washington.

Keith franze a testa e senta-se na beira da mesa de Kayla.

— Eu conhecia uma Serena Washington.

— Sério? — eu pergunto. — Quem?

— Lembra da senhora Washington? — Keith pergunta.

— Nossa velha vizinha intrometida? — O rosto de Kayla se ilumina com reconhecimento. — Aquela velha senhora me pegou em tantas posições comprometedoras.

— Todo o *ensino médio* foi uma posição comprometedora para você, Zee. — Eu rio, abaixando-me quando ela joga um clipe de papel em mim. — Você sabe que é verdade. Mamãe não te chamou de rabo rápido por nada.

— Tão rápida, — diz mamãe da porta. — Pensei que seu pai perderia a cabeça com todos aqueles meninos que vieram em casa.

— Eu não era tão ruim, — diz Kayla, tentando fingir indignação, porque ela sabe que era.

— Você era, — Keith, mamãe e eu dizemos em harmonia.

Nós quatro rimos, e isso me lembra todos os bons momentos que tivemos quando crescemos. Parece com as manhãs de sábado, quando o trabalho estava terminado, e parávamos para almoçar na cozinha. Risos, macarrão com queijo e nuggets de frango enquanto esperava o sol se pôr e o Shabat terminar para que Ezra e eu pudéssemos brincar.

Ezra.

Pego meu telefone, sem surpresa ao ver duas novas mensagens dele. Eu não respondi, mas ele não vai parar se eu não responder.

Eu: *Me dê um pouco de espaço.*

Ezra: *Ligue para mim.*

Eu: *Você já perguntou à sua mãe sobre o pingente?*

Ezra: *Ainda não. Apenas algumas coisas acontecendo aqui, como eu tenho certeza que você se lembra.*

Ezra: *Eu sinto sua falta.*

Coração maldito. Pulando batidas e merda.

Eu: *Faz apenas um dia.*

Ezra: *Um dia em que você ignorou minhas mensagens.*

Eu: *Após esta reunião, eu ligo para você.*

Ezra: *Se você não ligar, eu irei à casa de sua mãe.*

Essa é uma cena que eu quero evitar a todo custo. Dou um suspiro e coloco o telefone de volta na minha bolsa. O silêncio sobrenatural da minha família tipicamente turbulenta me faz perceber que todos estão me encarando.

— O quê? — Eu pergunto, dando a cada um, um pedaço da minha carranca. — O que vocês estão olhando?

— Para quem você está mandando mensagens? — Kayla aponta o queixo para o meu telefone.

— É aquele garoto Stern? — Mamãe pergunta com um sorriso. — O caminho está aberto para você desde que ele tinha idade suficiente para saber.

— O que isso significa mamãe? — Eu pergunto. — Idade o suficiente para saber o quê?

— Para que servem as garotas, — diz Keith.

— Concentre-se, família, — eu digo, tentando manter minha voz leve quando meu coração está titânico no meu peito, sobrecarregado e afundando. — Menos conversa sobre minha vida amorosa e mais sobre esta biografia maldita. Piers me deu o número da autora, essa Serena Washington, então vou tentar encontrá-la hoje.

— Sim, como eu estava dizendo, — Keith interrompe. — Eu conhecia uma Serena Washington. Ela era sobrinha da

Sra. Washington. Morava do outro lado da cidade, mas levava um ano no ônibus. Ela estava na minha classe.

— Isso seria uma coincidência, — diz Kayla. — Embora Washington não seja exatamente um nome único.

— Se houver uma conexão, — eu digo, de pé e pegando minha bolsa, — eu vou encontrar.

Vou até a porta, mas mamãe me para lá com uma mão no meu braço. — Tru, — diz ela. — Eu te amo e estou feliz por tê-la em casa.

Estou surpresa por um momento e olho da mão dela no meu braço para a sinceridade em seus olhos.

— Sim, eu esqueci o quão bom é ter você por perto, — diz Keith, seu sorriso arrogante suavizado nas bordas em um sorriso doce.

Todos olhamos para Kayla em silêncio e nos observando.

— O quê? — Ela sorri. — Tru tem sido um pé no saco toda a minha *vida.*

O humor óbvio por trás de seu insulto nos leva a rir de novo, e eu percebo o quanto eu precisava que as coisas estivessem certas com eles entre tantas coisas erradas.

— Amo vocês, pessoal. — Divido um sorriso agradecido entre todos. — Zee, existe um escritório que eu possa usar para fazer algumas ligações?

— Sim, — diz ela. — Escritório vazio no final do corredor.

Eu ando pelo corredor e fecho a porta do escritório atrás de mim com um clique decisivo, encostada nela, quase com medo de ligar para Ezra. Número um, o que está acontecendo sob o teto dele afetará o resto da minha vida, e eu não tenho controle sobre isso. Não ter controle me faz sentir como uma daquelas coisas ondulando e batendo que você vê em publicidade de pneus e carros usados.

Número dois, a única coisa que eu odeio mais do que me sentir fora de controle é me sentir fraca. E Ezra é minha fraqueza.

Não há como continuar se esse bebê for dele. A pior coisa para o meu estado de espírito, embarcando em uma das campanhas mais importantes da minha vida, seria lutar contra a menopausa... Enquanto outra pessoa está grávida do bebê do meu namorado. Quando estou longe dele, quando não o vejo ou ouço sua voz, ou o *sinto,* sei que é o melhor. Mas ele me deixa fraca. Ele vai me fazer estúpida também? Querê-lo significa aceitar algo que sei que para *mim* é totalmente inaceitável?

Eu ligo.

— Tru, — responde Ezra no primeiro toque, com a voz calma, mas com uma fina linha de ansiedade. — Ei.

— Ei. — A linha fica quieta, mas não há como dizer o que ele dirá, então eu preencho o silêncio primeiro. — Alguma palavra sobre o pingente?

Sua pausa me diz que não é onde ele queria começar essa conversa.

— Deixei uma mensagem de voz para minha mãe, — diz ele. — Ela não é boa em checá-los, mas vou tentar novamente. Falei com Noah, porém, e pedi para que ela me ligasse de volta. Ela liga para ele todos os dias, embora ela negue.

Permito-me sorrir, pensando no sorriso rápido e ansioso de Noah e em seus olhos, exatamente na sombra dos de Ezra, sempre brilhantes de perguntas, afiadas de inteligência. — Ele é um ótimo garoto.

— Sim, ele é. — Ezra limpa a garganta. — Aiko não tem ideia de quanto tempo ela está. — Isso coloca meu sorriso em uma linha reta.

— Oh sim?

— Ela e Chaz estão dormindo juntos há três semanas. É cedo, mas poderia muito bem ser dele.

— E quando você dormiu com ela pela última vez?

— Sete semanas atrás. — Não preciso dizer a ele que é mais provável que seja dele. Ele sabe disso. — Ela está

tentando agendar uma consulta com seu médico para que possamos ter certeza.

— Você vai com ela?

— Claro. — Eu ouço o cenho em sua voz, ouço a tensão de querer separar isso *de mim,* mas sendo um homem muito bom para mandá-la sozinha. Eu me ressinto e me apaixono mais por ele na mesma respiração.

— Isso é bom. Você deveria ir.

— Kimba, eu preciso saber o que você está pensando.

— Você sabe o que estou pensando. Estou pensando... — Engulo as lágrimas quentes que se aglomeram na minha garganta, me dou um momento para firmar minha voz antes de continuar. — Eu acho que se este é seu bebê, você deveria estar lá para sua família.

— Aiko é a mãe de Noah e minha amiga. Estarei lá para ela, quer este seja meu bebê ou não, mas não é isso que estou lhe perguntando. O que você está pensando sobre *nós?*

— Ezra, há muitas bolas no ar agora. — Fico contornando a pergunta, não porque não sei a resposta, mas porque tenho medo que com uma palavra se eu deixar, com um toque se eu o vir, ele me fará mudar de ideia. — Eu tenho uma pista da biógrafa. Keith acha que ela pode estar relacionada com a Sra. Washington.

— A intrometida, senhora Washington? Do bairro antigo? De jeito nenhum.

— Talvez. Pode ser apenas uma coincidência. Vou tentar encontrá-la, conversar com ela e ver.

— Essa é uma bola no ar, — diz ele ironicamente. — Podemos falar sobre a nossa bola?

— Vamos ver o que acontece na consulta antes de termos essa conversa.

— Eu não preciso saber se o bebê é meu para saber que eu quero você, — diz ele às pressas, como se estivesse com medo de que eu desligue. — Se eu sou o pai, serei bom. Você sabe disso.

— Você é um pai fantástico. Eu não esperaria nada menos de você.

— Mas minha mente não mudou sobre Aiko. Nosso relacionamento acabou e já faz um tempo, e meu coração não mudou em relação a *você.* Eu ainda quero ser o seu último.

— Ez. — Eu empurro a dor em um longo suspiro. — Não.

— Tru, não deixe isso nos arruinar.

— Eu preciso ir.

— Se você pudesse...

Eu desligo. Eu tenho que.

Eu ligo para Piers imediatamente para me impedir de ligar para Ezra de volta.

— Ei, chefe, — diz ele. — O que eu posso fazer por você?

— Você já conseguiu o endereço? — Eu pergunto, forçando a conversa, a confusão com Ezra fora da minha mente. — Dessa garota Serena? Acho que vou fazer uma visita surpresa a ela. Melhor que ela não me veja chegando.

— Ataque surpresa. Eu gosto disso. Eu devo ter o endereço em breve. Eu estou trabalhando nisso. Oh! Pensei em algo que pode ser útil em sua busca.

— O que seria?

— Parece que a editora é uma empresa familiar, — diz Piers. — E você nunca vai adivinhar quem faz parte dela.

— Quem?

— O Rafferty Group.

— Como? — Sento-me na beira da mesa, não tenho certeza se o ouvi direito.

— Sim. Rafferty.

— Como James Rafferty, o homem que ajudamos a eleger governador há dois anos?

— O próprio. Obviamente, ele não está envolvido no dia-a-dia, governando e tudo mais, mas é assunto da família dele. Ele ainda tem força.

— Então nós também.

— Ele te deve, — diz Piers. — Não apenas o elegemos, mas também encobrimos que...

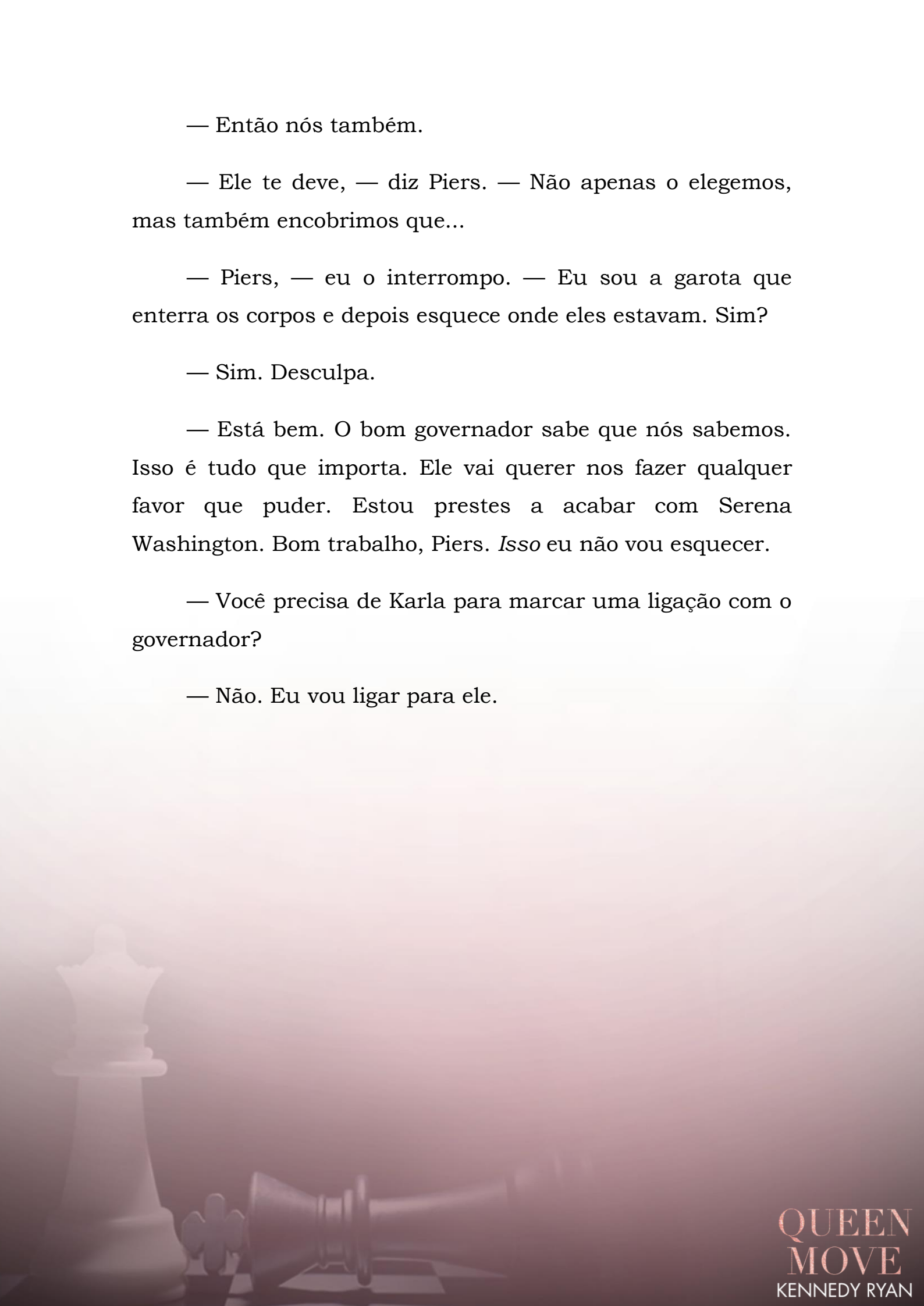
— Piers, — eu o interrompo. — Eu sou a garota que enterra os corpos e depois esquece onde eles estavam. Sim?

— Sim. Desculpa.

— Está bem. O bom governador sabe que nós sabemos. Isso é tudo que importa. Ele vai querer nos fazer qualquer favor que puder. Estou prestes a acabar com Serena Washington. Bom trabalho, Piers. *Isso* eu não vou esquecer.

— Você precisa de Karla para marcar uma ligação com o governador?

— Não. Eu vou ligar para ele.



QUARENTA E QUATRO

Ezra

— Era ela no telefone, não era?

Aiko está na porta do quarto de hóspedes onde eu tenho dormido. Sento na beira da cama, o telefone ainda na minha mão. Kimba desligou há muito tempo, mas ainda ouço a voz dela, a resignação nela. Se esse for meu bebê, eu vou perdê-la, e é como um cardume de piranhas preso na minha barriga, um frenesi de ansiedade e pavor.

Não respondo à pergunta de Aiko, mas levanto-me e atravesso o quarto para sair. Ela não se move, mas bloqueia minha saída, uma pequena parede me mantendo dentro.

— Ko, — eu digo, ouvindo a impaciência em minha própria voz. — Eu preciso passar.

— Ezra. — Ela passa as mãos no meu peito.

Eu passo por ela, caminhando para o corredor e descendo as escadas. Sento-me na minha mesa, abro o laptop e tento me distrair de todas as outras coisas que exigem minha atenção. Há um e-mail para remarcar a reunião da editora que perdi por causa do anúncio da bomba de Aiko. Eu preciso terminar este livro. Outro e-mail do

diretor financeiro da YLA sobre o orçamento do próximo ano e uma doação que estamos solicitando. Eu preciso olhar para as projeções dela.

Eu preciso resolver a questão desta gravidez.

Eu preciso de Kimba.

Minha cabeça cai em minhas mãos. É inútil tentar me concentrar quando meu futuro está na balança. Eu desisto, deixo-me sentir o peso de possivelmente perdê-la... De novo. Não como um garoto que não tinha ideia da mulher magnífica que ela se tornaria, que poderíamos estar juntos, mas como um homem que conheceu seu corpo e vislumbrou sua alma, foi consumido pelo fogo que arde por dentro.

Você me colocou em chamas lá dentro, Ezra Stern.

— Precisamos conversar, — diz Aiko da porta.

— Fale com Chaz. — Levanto a cabeça, concentro minha atenção no laptop e tento novamente.

— Chaz não é o pai deste bebê.

Eu olho para ela então. — Oh, então você não transou com ele nas últimas três semanas? Eu estava enganado sobre isso?

Cor inunda suas bochechas pálidas e ela desvia o olhar para o chão. — Você vai me condenar por algo que concordamos?

— Absolutamente não. — Eu fecho o meu laptop e dou a ela uma aparência nivelada. — Mas você também não pode me condenar. Você quer ter o seu bolo e comê-lo também.

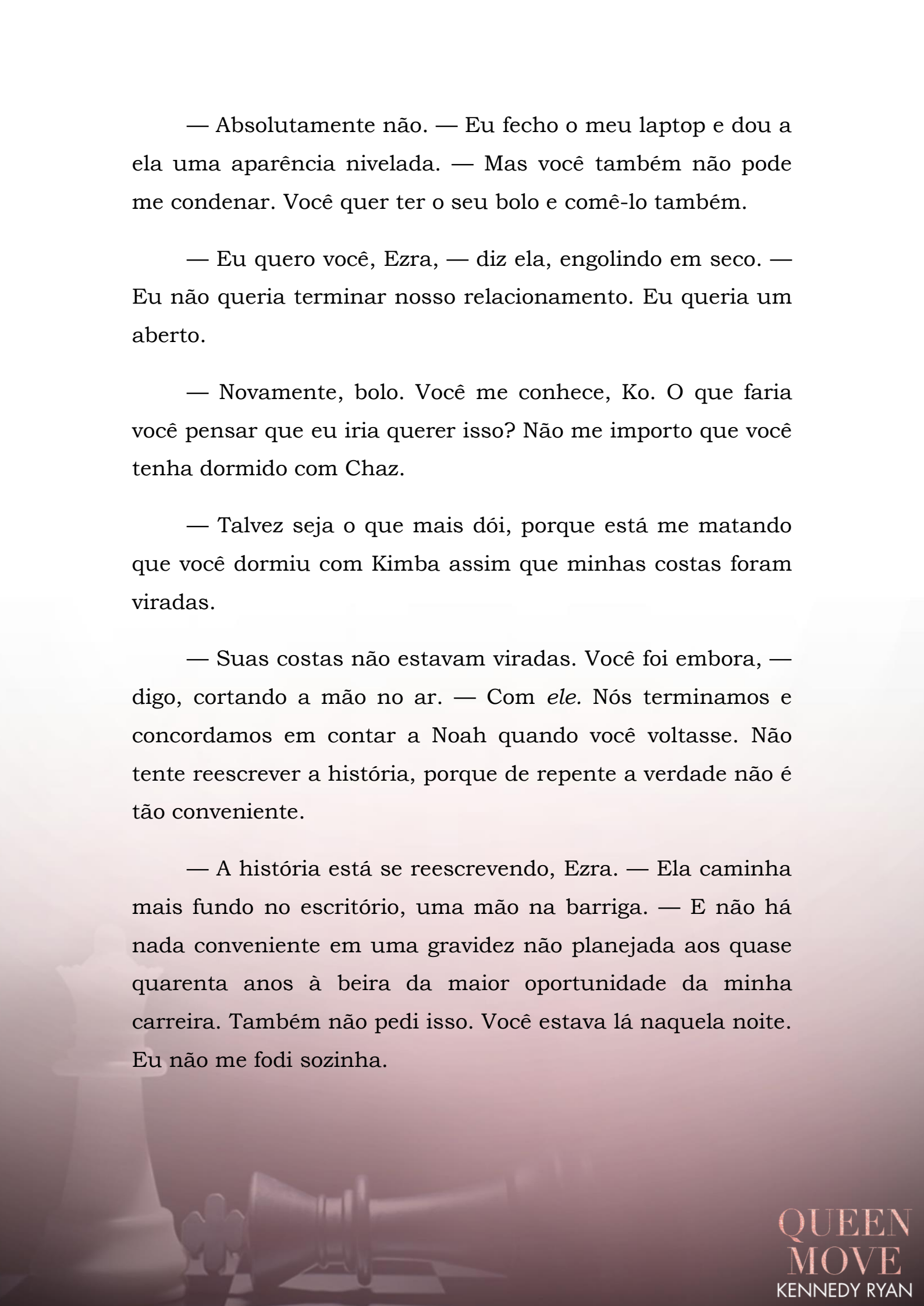
— Eu quero você, Ezra, — diz ela, engolindo em seco. — Eu não queria terminar nosso relacionamento. Eu queria um aberto.

— Novamente, bolo. Você me conhece, Ko. O que faria você pensar que eu iria querer isso? Não me importo que você tenha dormido com Chaz.

— Talvez seja o que mais dói, porque está me matando que você dormiu com Kimba assim que minhas costas foram viradas.

— Suas costas não estavam viradas. Você foi embora, — digo, cortando a mão no ar. — Com *ele.* Nós terminamos e concordamos em contar a Noah quando você voltasse. Não tente reescrever a história, porque de repente a verdade não é tão conveniente.

— A história está se reescrevendo, Ezra. — Ela caminha mais fundo no escritório, uma mão na barriga. — E não há nada conveniente em uma gravidez não planejada aos quase quarenta anos à beira da maior oportunidade da minha carreira. Também não pedi isso. Você estava lá naquela noite. Eu não me fodi sozinha.



— Eu sei disso. — Eu expulso o máximo da frustração que consigo em um longo suspiro. — Se este é meu bebê, você sabe que eu vou apoiá-lo, mas não vamos ficar juntos.

Eu olho diretamente para ela, para que ela possa ver a finalidade no meu rosto. — De novo não. E não apenas por causa de Kimba. Eu nem tinha visto Kimba quando terminamos. Você e eu terminar as coisas era a coisa certa a fazer, para todos nós. Ainda é.

— Mas isso *não* aconteceu. — Ela atravessa a sala, pressiona as palmas das mãos na mesa e se inclina para frente. — Isso não aconteceu porque Noah não sabe. Nossas famílias, nossos amigos não sabem. Quando Noah chegar em casa, diremos a ele que ele terá um irmão ou irmã e ficará em êxtase. As coisas vão voltar ao normal.

— Eu não quero normal. Eu quero Kimba.

A mágoa se manifesta em sua respiração aguda, nas lágrimas que enchem seus olhos imediatamente.

— Ko, — eu digo, deliberadamente suavizando meu tom. — Eu te disse antes de você sair que eu queria uma pessoa que eu poderia amar pelo resto da minha vida. Essa pessoa é Kimba, e eu sei que isso lhe parecerá rápido, mas eu a conheço desde que éramos bebês. Mesmo quando estávamos separados, nunca deixei de conhecê-la.

— Se eu fizer uma pergunta, você responderá honestamente?

— Sempre.

— Eu já tive alguma chance?

Faço à pergunta a consideração que merece e me forço a ser honesto com ela, continuando sendo o mais gentil possível.

— Provavelmente a melhor chance que alguém já teve. Se você tivesse dito 'sim' quando te pedi em casamento, teria encontrado uma maneira de manter distância de Kimba quando nossos caminhos se cruzassem novamente.

— Vocês não poderiam ter sido apenas amigos?

Olho por ela em direção à cozinha, ao lavabo e volto para a noite em que Kimba e eu fizemos amor pela primeira vez. Os sons selvagens que fizemos. O desejo desesperado que pairava no ar. Essa absoluta busca há muito tempo de estar dentro dela pela primeira vez.

— Não, eu não acho que poderia ter sido apenas seu amigo, mesmo que eu tenha me enganado achando que eu poderia ser.

— Quando você se apaixonou por ela?

Sinto o metal frio em volta do meu dedo novamente. Cheiro da grama recém-cortada no meu quintal. O barulho do vidro quebrando nas pedras.

— Eu tinha seis anos de idade. — Eu rio sem humor e toco meu dedo anelar vazio. — E novamente quando eu tinha

sete anos. Oito. Nove e dez. Acho que me apaixonei por ela todos os dias nos primeiros treze anos da minha vida, e assim que a vi novamente, meu coração se lembrou.

Ela me observa, com o rosto comprimido, mas alguma aparência de aceitação finalmente entra em seus olhos. Meu celular vibra sobre a mesa, quebrando o humor pungente e doloroso.

— Minha consulta é amanhã, — diz Aiko, virando-se para sair. — Primeiro horário.

Verifico a tela e respondo imediatamente. — Mãe, ei.

— Ei! Você disse que precisava falar comigo urgente. Está tudo bem?

— Sim, é bastante urgente. Se você já checou suas mensagens, saberia quando seu filho precisa de você. Noah disse para você ligar?

— Quando eu falaria com Noah? — Ela esconde.

— OK. Deixa pra lá. Eu vou lidar com isso mais tarde. Eu tenho uma pergunta para você.

— Tudo certo. — Mesmo que ela diga, ouço a cautela em sua voz.

— Você já visitou a casa do lago dos Allens?

A pergunta cai em uma poça de silêncio tão profunda que eu quase a perco. — Mamãe? Você ouviu...

— Eu te ouvi. Eu... por que você me pergunta isso? — Cuidado se torna evasão.

— Não me lembro de termos ido com eles lá. O avô de Kimba comprou pouco antes de partirmos.

— Sim, então por que você...

— Seu pingente estava lá, mãe, — eu interrompo antes que ela possa encontrar uma maneira de mentir para mim sem me dizer nada. — A estrela de David que você perdeu naquele verão. Kimba e eu fomos para a casa do lago e ela a encontrou na lavanderia.

— Que lavanderia? — Ela pergunta e depois suspira.

— Sim, — eu digo, soltando a palavra. — Eles acabaram de terminar as reformas que derrubaram algumas paredes e arrastaram algumas coisas. A lavanderia não estava lá... quando você estava.

Ela solta um suspiro longo e cansado do outro lado da linha.

— Nada é o que parece, Ezra, — diz ela, suas palavras cansadas e enigmáticas.

— Eu não estou interessado em como as coisas parecem. Estou interessado em como eles eram. Como elas são.

— Seu pai e eu estávamos tendo problemas, — diz ela, sua voz encolhendo. — Eu queria deixar Atlanta, precisava da minha família ao meu redor.

— Eu lembro.

— E você sabe o quanto eu queria tirar você do sul. Seu pai e eu queríamos expor você a experiências mais amplas. Até então eu nem sonhei em ir para o exterior, mas acabou sendo bom para você, não é?

— Sim, foi ótimo para mim, além do fato de significar que perdi Kimba.

— Sim, me desculpe por isso. Na época, parecia a melhor coisa a fazer.

— Qual foi a melhor coisa a fazer? Mudar? Por quê? O que aconteceu? — Faço uma pausa e depois faço a pergunta novamente, a que ela negou antes. — Você foi infiel ao papai?

Eu praticamente posso ouvir sua coragem se reunindo e tomando forma antes que ela diga a palavra.

— Sim.

Eu aceno e suspiro. Finalmente, a verdade. — Eu não te condeno, mãe.

— Bom. Porque você não tem direito, — diz ela, me desafiando claramente.

— Claro que não. Eu só quis dizer que nunca julgaria. Você pode me contar o que aconteceu?

— Nós juramos, nós quatro, que nunca contaríamos. Seguimos caminhos separados e concordamos em levá-lo ao túmulo.

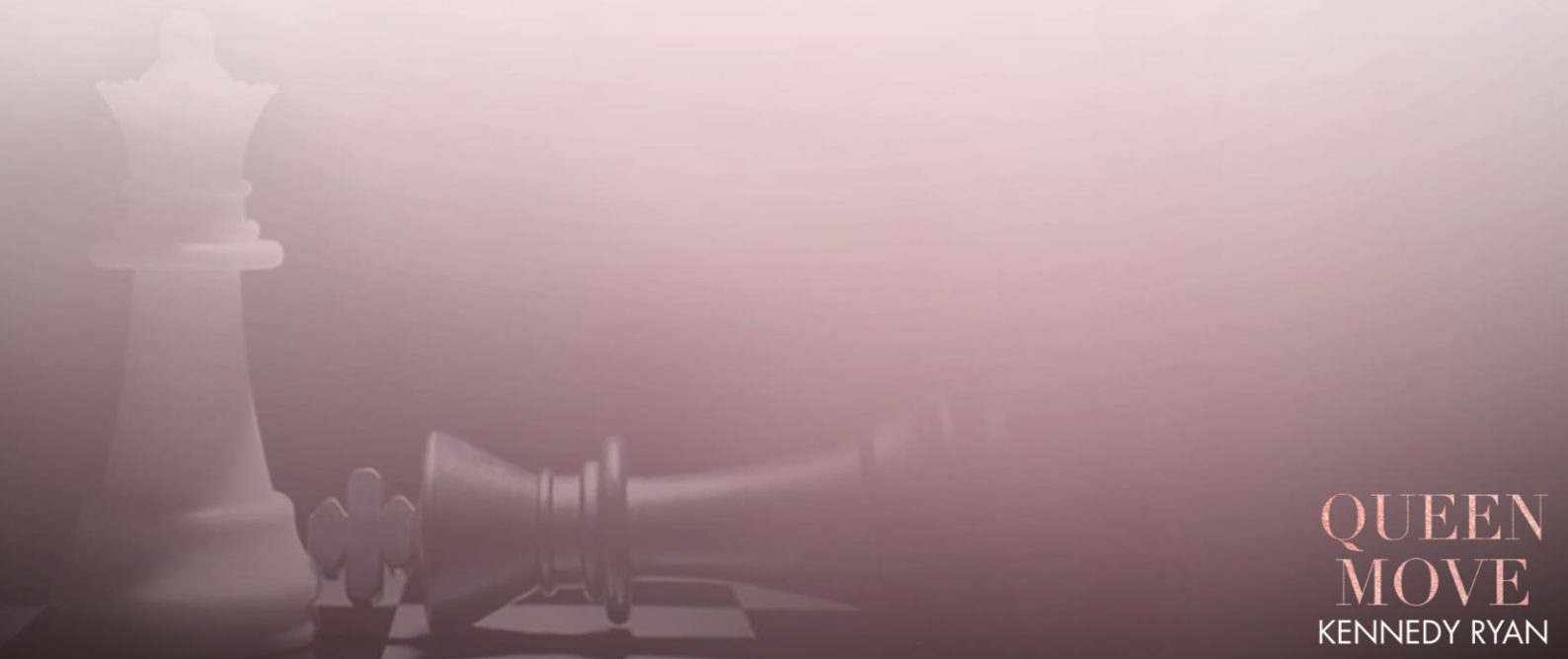
— Bem, dois de vocês já estão no túmulo, e a verdade está surgindo se Kimba não puder impedir que este livro seja publicado.

— Não, querido. É como eu disse antes. Nada é o que parece. Essa não é a verdade.

Franzo a testa, apoiando os cotovelos na mesa e tocando minha cabeça, tentando juntar as palavras dela em algo que faça sentido.

— Eu não entendo. Comece do começo.

— Começou, como a maioria dos casos começam, com a solidão. Eu estava tão sozinha. — Uma respiração prende em sua garganta. — Nós duas estávamos.



QUARENTA E CINCO

Kimba

— Manteremos contato.

No dia seguinte, na varanda de Serena Washington, eu me viro para a mulher que causou todo esse problema. Ela parecia tanto com sua tia que, quando ela abriu a porta, eu não conseguia parar de olhar. Eu queria tirar uma foto e enviar uma mensagem para Ezra, para que ele pudesse se maravilhar também. A mulher que estava sempre varrendo a varanda da frente, bisbilhotando furtivamente toda a vizinhança, tem uma sobrinha sósia e é tão preocupante quanto a tia.

— Você realmente acha que pode me conseguir uma turnê de livros? — Ela pergunta enquanto eu vou embora depois de horas discutindo termos e acertando as coisas.

— Eu posso, mas é claro que precisamos fazer algumas edições antes que o livro seja lançado. Felizmente, a editora ainda não havia enviado muitas cópias antigas, e estamos entrando em contato com esses leitores para informá-los sobre as informações erradas no rascunho que leram.

— Informações erradas? — O ceticismo marca a expressão de Serena. — Tia Roselle estava com o dedo no pulso de tudo. Ela raramente estava errada, mas se você diz.

— Bem, ela estava errada sobre o meu pai, — eu digo com uma confiança que não pode ser real até que eu saiba mais sobre o pingente que encontramos. — Tudo o que ela pensou ter ouvido meus pais discutindo sobre aquela noite, ela não fez. E escrever algo assim com base em especulações não confirmadas é imprudente e potencialmente calunioso.

Ofereço um sorriso indulgente desde que chegamos a termos que atendem à minha satisfação. — Mas lição aprendida, certo?

Serena levanta o queixo. — Lição aprendida.

— Eu quero ser clara. Eu já falei com a editora. A única maneira de publicar este livro é se essas alterações forem feitas, e depois que eu as aprovar.

— Estou surpresa que você esteja permitindo isso.

— Você é uma boa escritora e uma jornalista inteligente. Está claro. Com exceção das informações errôneas sobre meu pai ser infiel, — digo, fazendo uma pausa, como se lhe desse a chance de me contradizer, mas olhando para ela como se ela não devesse, — nós amamos o livro.

— Obrigada.

— A adição de contas pessoais da minha família fará com que seu livro não seja uma biografia não autorizada, algo que publicamente condenamos e destruímos, para uma que tenha todo o nosso apoio. Além disso, atrasar a publicação faz sentido para que possamos acompanhar o lançamento com a dedicação do novo Museu de História Joseph Allen Atlanta. Estou lhe assegurando um best-seller do *New York Times.*

Dou-lhe um sorriso de abelha rainha, doce como favo de mel, mas com um pouco de picada. — Esta é a parte em que você me agradece, a propósito.

— Obrigada, — diz Serena ironicamente. — Você já resolveu tudo, hein?

Não tenho certeza se é ressentimento ou admiração em sua voz. Ela é livre para sentir qualquer um. Eu não ligo para o que ela *sente.* Eu me importo com o que ela faz. E agora eu a tenho sob controle.

Xeque-mate.

Nunca ouvirei essa palavra sem pensar em Ezra, sem ver duas crianças em sua sala de estar com uma prancha grande e peças pesadas, ébano e marfim, entre nós.

— Eu preciso ir. — Eu sorrio e começo a descer os degraus. — Mas entraremos em contato. — Uma vez no Benz de mamãe, ligo para Ezra através do elaborado painel do carro.

— Tru?

A esperança na voz dele quebra meu coração, porque eu sei que provavelmente vou quebrar o dele também. A menos que... Só me permiti considerar a possibilidade de que não seja filho de Ezra algumas vezes. Todas as manobras que tive que fazer ao longo do último dia, as conversas com o governador Rafferty, ameaçando a editora, persuadindo e colocando Serena em seu lugar debaixo do meu polegar, todos os movimentos que fiz foram cuidadosamente calculados, uma aposta que não podia permitir perder. Este jogo exigiu meu foco completo. Eu não podia me permitir considerar o que estava acontecendo com Ezra, mas ouvindo sua voz, tudo cai no meu coração de uma vez, um extrato de esperança e mágoa, pavor e medo.

E amor.

— Sim, ei. — Eu dou um suspiro cansado. — Tenho boas notícias.

— Você tem?

— Serena está removendo as mentiras sobre nossos pais de seu livro.

O silêncio dele me surpreende. Eu esperava júbilo instantâneo, triunfo. Não esse silêncio de espera, como se ele não tivesse certeza do que comemorar.

— Essas são boas notícias, Ezra, — digo desnecessariamente.

— Claro que são. Fiquei impressionado porque não esperava que fosse tão fácil.

— Fácil não foi.

— Eu posso imaginar, — diz ele. — Podemos conversar? Eu quero dizer sobre nós? Não tudo isso?

Ele disse que Aiko estava tentando agendar uma consulta médica. Ele já sabe?

— Ez, o que...

— Cara-a-cara, — diz ele, sua voz tão nivelada quanto a mesa de concreto.

Isso não pode ser bom. Se não fosse o bebê dele, ele não iria me contar agora? Ou talvez ela ainda não tivesse ido à consulta. Ou talvez eles descobriram que era um alarme falso. Qualquer coisa boa que ele me dissesse imediatamente, mas ele quer me ver, quer me convencer, me persuadir. Me levar *por amor* a fazer algo estúpido. Sou tão fraca por esse homem, mas não o deixarei fazer isso. Eu desenho as linhas claramente para mim. Se o bebê for dele, eu não vou ficar. Meu coração vai quebrar a cada passo dele, mas seria um ato de autopreservação. Se o bebê não for dele...

Dói esperar tanto. A esperança é um pássaro que pode voar ou ser abatido no meio do voo. Entro na garagem da minha mãe.

— Estou em casa. Nós poderíamos nos encontrar aqui.

Ele faz uma pausa e, quando fala novamente, sua voz se aprofunda, se aquece. — Senti sua falta, Tru.

Eu sinto sua falta, também está na ponta da minha língua, mas eu me seguro, deixo o silêncio depois que suas palavras se estendem.

— Também tivemos algumas descobertas aqui, — diz ele quando é óbvio que não vou responder da mesma forma.

— Você falou com sua mãe?

Outro silêncio. Eu garantindo que o que foi escrito nessa biografia nunca chegue às prateleiras é diferente de confirmar que não era *verdade.*

— Como ela explicou seu pingente estar na casa do lago se sua família nunca esteve lá?

— Minha família não, mas ela esteve com sua mãe, eu acredito.

— Oh. — O alívio passa por mim, explodindo em uma risada. — Está certo. Mamãe costumava levar amigos para lá nos fins de semana com as namoradas. Não achei que ela tivesse começado antes que sua mãe partisse, mas acho que sim. Provavelmente o grupo delas de mah-jongg.

— Você terá que perguntar à sua mãe.

— OK. — Eu suprimo o nervosismo que aumenta toda vez que penso na gravidez de Aiko, em saber a resposta. — Então eu vou te ver daqui a pouco.

Ele respira fundo. — Eu te amo, Tru.

Não posso dizer de volta novamente. Ainda não. Não até eu saber que meu coração está seguro e que minha esperança não é em vão.

— Vejo você em breve, Ezra. Tchau.

É difícil desligar, quebrar até a menor conexão com ele, mas eu faço. Como diabos eu vou deixá-lo ir se Aiko está tendo seu bebê? Deus, a amarga ironia disso. Eu nem consigo menstruar e ela engravidou *duas vezes* do homem que eu amo, mesmo sem tentar.

Na cozinha, mamãe está cozinhando. Carne crua e legumes frescos lotam o balcão. Coloco minha bolsa na ilha no centro da sala e ando até ela, aperto-a, e ela devolve.

— Você já está cozinhando? — Eu me viro para me encostar no balcão para poder ver seu rosto.

— Eu queria fazer algo de bom. — Mamãe olha para mim, com os olhos escuros e sóbrios sob o lenço de cabeça vibrante que esconde o cabelo. — Você estará em casa para jantar?

Eu avalio a comida. Costeletas de porco, vagem, espiga de milho, batata-doce. — Tudo isso apenas para nós? — eu pergunto.

— Só nós. — Ela solta uma risada ofegante, pisca, lambe os lábios quando eles tremem. — Alguns dias ficam

ruim, sentindo falta do seu pai. Sei que parece bobagem, mas ajuda quando cozinho as... suas coisas favoritas.

Aquele sentimento de que geralmente tento me esconder apreende meu coração desavisado. Luto. Desolação pelo fato de papai nunca entrar por aquela porta. Nunca mais me chamar de *menina.* Lágrimas picam meus olhos.

— Eu também sinto falta dele, — eu sussurro. — O tempo todo. Fico me perguntando quando isso parará de doer.

— Para mim, não vai. — Mamãe limpa a sujeira da batata-doce, sem olhar para mim. — Eu perdi o amor da minha vida, e abriu um buraco no meu mundo. Não para de doer tanto quanto você se acostuma com a dor, lembrar-se de como acordar na cama sozinha. Ah, você tem que aprender tudo de novo, como um bebê aprendendo a andar, porque eu esqueci como viver sem aquele homem.

Há um milhão de coisas que eu quero dizer, quero perguntar, mas ela nunca falou isso abertamente sobre sua dor e eu temo que qualquer coisa que eu diga a faça parar.

— Às vezes, — ela continua, — eu entro no escritório dele e tiro aqueles charutos fedidos que ele costumava esconder.

— Você sabia sobre isso? — Eu pergunto. Minha pergunta, minha risada atrofiada, chorosa.

— Ele sabia que eu sabia. — Ela ri, estalando as pontas dos feijões. — Não tínhamos segredos, Tru.

Seu olhar sondador se volta para mim. — Como foi com aquela garota Washington? — A lembrança de nosso drama atual me tira do passado.

— Bem. — Eu me viro para ajudar a tirar as pontas dos feijões. — Ela concordou com as condições que estipulei.

— Então ela está tirando isso do livro? As mentiras sobre seu pai e Ruth?

— Sim. A editora não divulgará se não retirar. E eu tenho que dar a aprovação final.

— Você é extraordinária, garota. — Mamãe ri e balança a cabeça.

Minha conversa com Ezra faz cócegas nos meus pensamentos. Não as partes difíceis que ele e eu temos que resolver para o nosso futuro, mas as partes misteriosas do passado de nossos pais.

— Ezra e eu fomos para a casa do lago na outra noite.

— Então as coisas devem estar indo bem, — diz mamãe, com um sorriso provocador.

— As coisas *estavam* indo bem. — Eu faço uma careta. — Elas podem estar parando, mas isso é outra questão. Quando estávamos lá, achei o pingente da estrela de David que a Sra. Stern costumava usar.

As mãos da mamãe ficam ainda embaixo da água e todo o seu corpo parece congelar. Lentamente, suas mãos começam a se mover novamente, mas ela não fala. Então eu faço.

— Ezra não se lembrava de sua família ter ido para lá, então ele perguntou à Sra. Stern sobre isso. — Ela vira a cabeça e me encara por longos segundos.

— E o que ela disse?

— Ezra não me contou tudo, mas ela disse que estava lá com você, — eu digo, apressando minhas próximas palavras, sentindo a ponta de uma faca que não consigo ver. — Eu disse que às vezes você faz uma viajem de garotas com suas amigas, e deve ter sido algo assim.

Faço uma pausa, engulo, espero.

— *Foi* algo assim, mamãe?

Por um segundo, acho que ela não responderá, nem reconhecerá minha pergunta. Então ela desliga a água, seca as mãos em um pano de prato próximo e me olha.

— Não. Éramos apenas Ruth e eu. — Desafio e pavor competem nos olhos de mamãe. — A razão pela qual eu tinha tanta certeza de que Joseph nunca teve um caso com Ruth é porque eu tive.

— O q-quê? — Pela primeira vez eu não ligo que gaguejei. O que ela está dizendo é incompreensível, mas como

ecos daquela noite me provocam com a verdade, faz muito sentido.

Maldita seja Ruth!

Deixe-me explicar.

Você não pode explicar isso!

— Foi um ano difícil, — diz mamãe, olhando para as mãos, acariciando o pequeno diamante que papai lhe deu quando se casaram. Ela sempre recusou as ofertas dele para atualizar. — Seu pai estava ocupado, trabalhando, fora o tempo todo. Al também estava. Não é desculpa. Ruth e eu apenas... estávamos lá uma para a outra. Eu nunca teria pensado...

Ela encolhe os ombros. — Aconteceu. Eu *deixei* isso acontecer. O dia em que Joe morreu foi o mais difícil da minha vida. O dia em que ele descobriu sobre mim e Ruth foi o segundo.

Estou impressionada. Congelada no meu choque e apertando um feixe de vagens na minha mão.

— Eu quebrei o coração dele... — Lágrimas escorrem pelas bochechas de mamãe.

— Eu quebrei o coração dele e demorou anos para consertá-lo. Eu não tinha certeza se poderia. Ele não foi embora. Ele era *alguém* por sua conta aqui em Atlanta. Talvez ele estivesse preocupado com as aparências, mas esse não

era seu pai. Eu gosto de pensar que ele não me deixou porque não suportava viver sem mim. Me amou tanto que ele teve que descobrir o perdão.

A cozinha, confessionário de mamãe, está completamente silenciosa. Até a geladeira prende a respiração enquanto ela reúne seus pensamentos e eu recolho minha inteligência dispersa.

— Nós não planejamos, — diz mamãe. — Mas ela estava infeliz aqui e sentia falta da família. Fiquei ressentida, senti como se estivesse carregando toda a carga com seu pai, e sentia muita falta dele. Sentia falta de ser tocada, vista.

Mamãe respira fundo.

— Fomos descuidadas quando fomos para a casa do lago. Paramos para pegar algo da loja da esquina lá. Al encontrou o recibo, fez perguntas... — Ela dá uma risada triste e balança a cabeça.

— Ruth é uma péssima mentirosa. — Ela não olhou para mim enquanto contava a história, mas agora seus olhos tristes encontram os meus. — O amor não é uma coisa arrumada, Kimba. Nunca pode ser perfeito porque nenhum de nós é. Alguém em algum momento fará uma bagunça. O teste desse amor é como você o limpa. Seu pai ficou e nós limpamos tudo juntos.

Mamãe se vira para o balcão, pegando feijões novamente.

— Estou feliz que você foi capaz de parar Serena Washington, — diz mamãe. — Naquela noite, nós quatro concordamos que nunca contaríamos. Todos nós tínhamos coisas a perder. Isso seria um escândalo agora. Mas naquela época?

Mamãe lança um olhar significativo para mim. — Naquela *época?* Nossas vidas teriam sido arruinadas. Eu teria dito ao mundo o que acabei de dizer se isso significasse limpar o nome do seu pai. Pelo bem de Ruth, fico feliz por não precisarmos.

Tenho perguntas, mas perguntar a ela seria como profanar uma oferta que mamãe fez livremente. Ela me disse o que achava que eu deveria saber, e isso é bom o suficiente para mim.

— Eu odiei perdê-la, — diz mamãe, sorrindo. — Como uma amiga. Sabíamos que o que aconteceu entre nós foi um erro quase antes de começar, mas às vezes quando você está sozinha e magoada, tenta qualquer coisa para se sentir melhor.

— Obrigada por me dizer. — Eu engulo minha curiosidade e choque. — Eu acho... eu *suspeito* que a Sra. Stern tenha contado a Ezra também.

Mamãe sorri e transfere os feijões da pia para uma panela. — Ruth e eu sempre pensamos que vocês encontrariam o seu caminho. Pensei que tivéssemos rompido aquilo, mas acho que o destino tinha outras ideias.

Minha risada é amarga, vazia.

— O destino tem um senso de humor doentio.

— Como assim? — Diz mamãe, franzindo a testa.

— Depois de todos esses anos, finalmente encontramos o caminho de volta um ao outro no momento certo quando ele está livre, mas a ex está grávida e eu estou na pré-menopausa.

— Grávida? — Mamãe procura meu rosto. — O que você vai fazer?

— Ele está a caminho daqui. Aiko estava indo ao médico, então ele deveria saber agora se é dele ou não. — Eu caio contra o balcão. — Mamãe, se for dele, eu não posso fazer isso. Não posso vê-la carregar seu bebê enquanto não tenho certeza de que algum dia poderei ter um. A campanha do congressista Ruiz é o meu primeiro voo solo verdadeiro, sem Lennix. Eu quero fazer isso direito. Eu tenho que fazer. Espero que Ruiz faça a diferença para as pessoas aqui na Geórgia que precisam de ajuda. Será a luta da minha vida.

— Você o ama? — Mamãe pergunta baixinho.

Eu fecho meus olhos, não querendo responder a isso. Não preciso. Meu coração responde por mim, batendo o nome de Ezra no meu peito. — Sim.

— Isso aconteceu antes que você e Ezra se reunissem?

— Sim, mas e se...

Um milhão pensamentos lotam minha mente e envenenam minha alma.

Se alguém se machucar quando as coisas derem errado, será você.

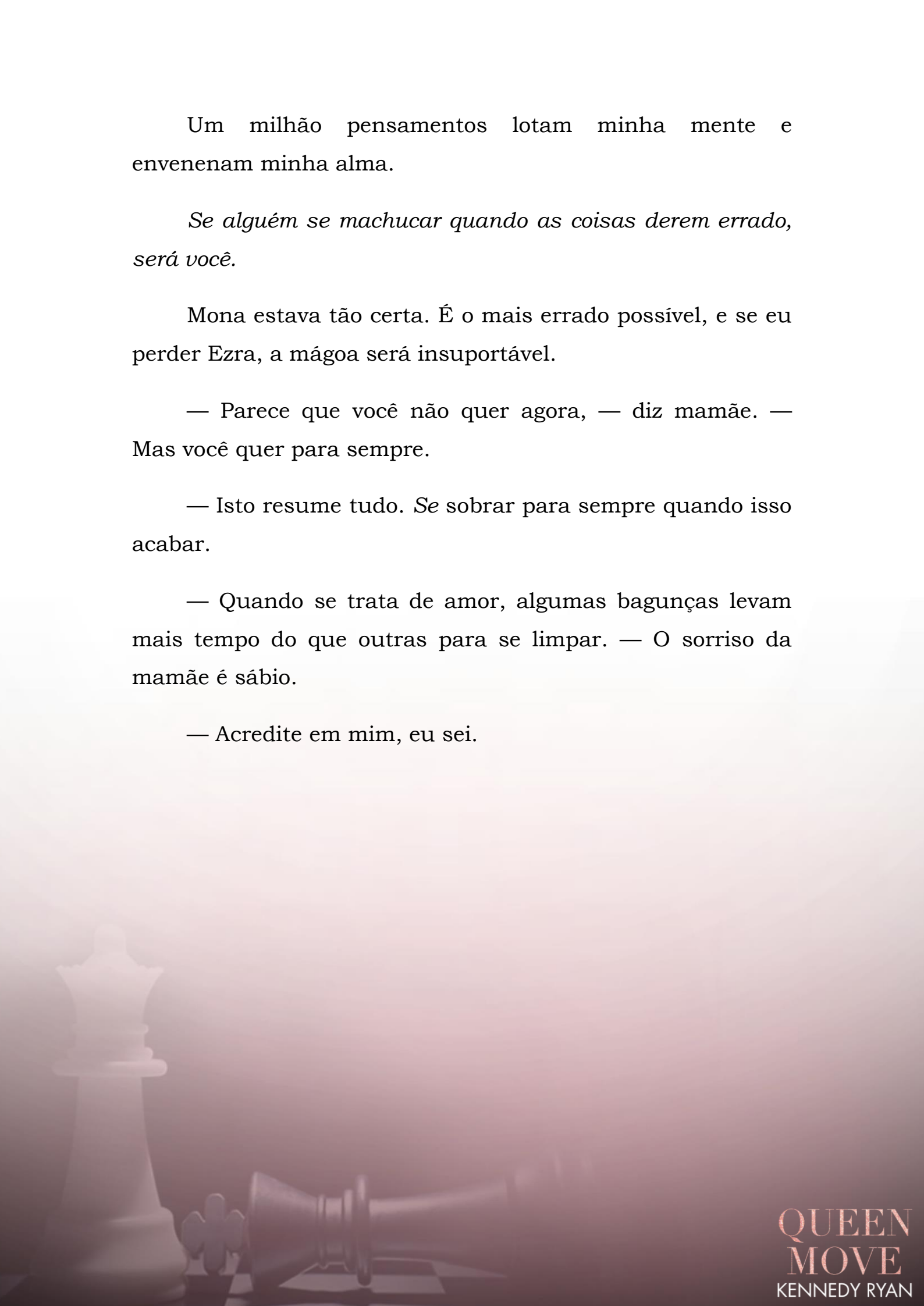
Mona estava tão certa. É o mais errado possível, e se eu perder Ezra, a mágoa será insuportável.

— Parece que você não quer agora, — diz mamãe. — Mas você quer para sempre.

— Isto resume tudo. *Se* sobrar para sempre quando isso acabar.

— Quando se trata de amor, algumas bagunças levam mais tempo do que outras para se limpar. — O sorriso da mamãe é sábio.

— Acredite em mim, eu sei.



QUARENTA E SEIS

Ezra

É apenas um pedaço de papel, mas minha mão treme segurando-o.

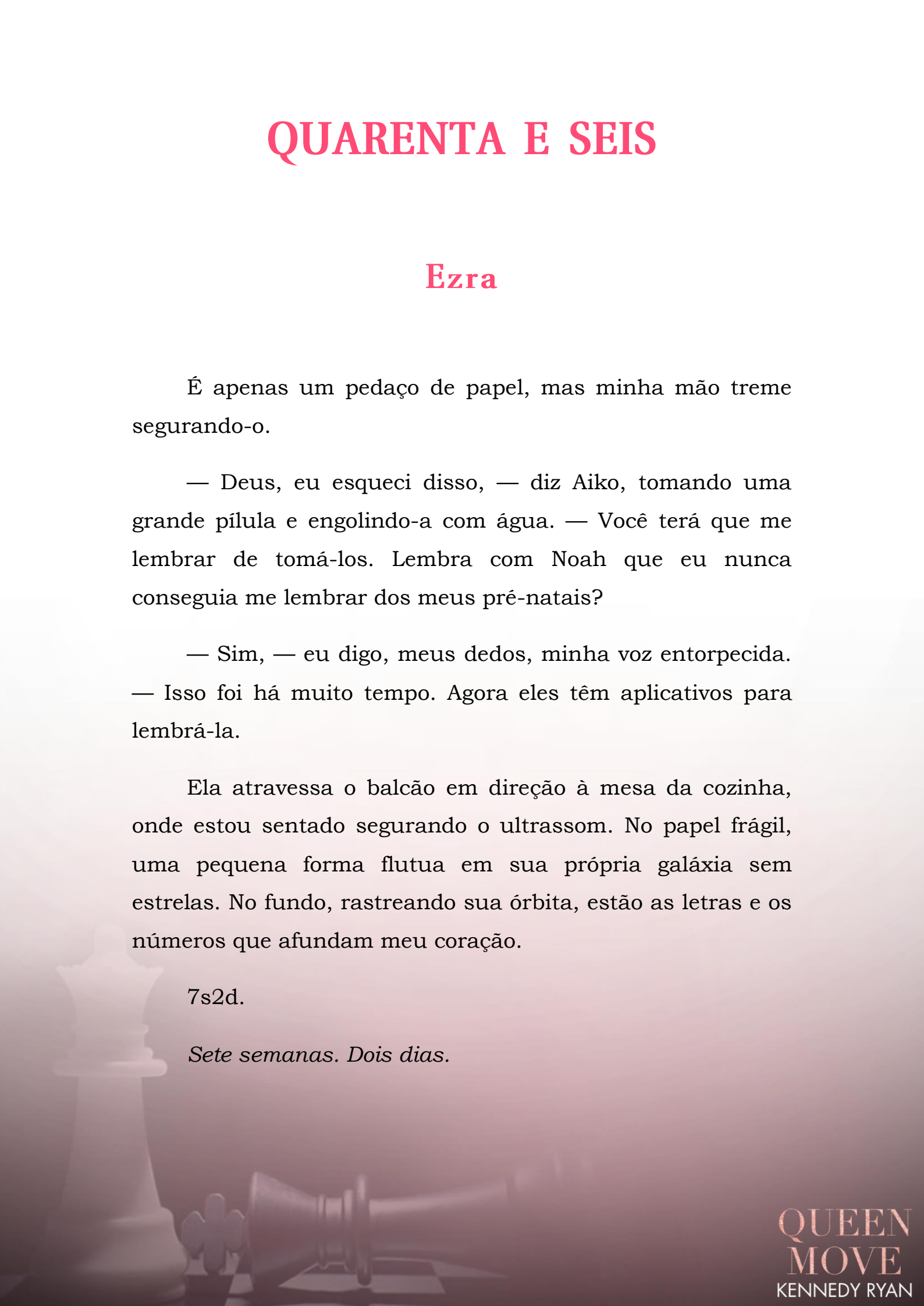
— Deus, eu esqueci disso, — diz Aiko, tomando uma grande pílula e engolindo-a com água. — Você terá que me lembrar de tomá-los. Lembra com Noah que eu nunca conseguia me lembrar dos meus pré-natais?

— Sim, — eu digo, meus dedos, minha voz entorpecida. — Isso foi há muito tempo. Agora eles têm aplicativos para lembrá-la.

Ela atravessa o balcão em direção à mesa da cozinha, onde estou sentado segurando o ultrassom. No papel frágil, uma pequena forma flutua em sua própria galáxia sem estrelas. No fundo, rastreando sua órbita, estão as letras e os números que afundam meu coração.

7s2d.

Sete semanas. Dois dias.



O bebê é meu. Qualquer vida que está apenas começando merece alguma celebração, mas hoje, agora, parece que minha vida acabou.

Pelo menos minha vida com Kimba.

— Eu preciso ir embora. — Eu levanto para sair.

— Ir embora? — Aiko toma outro gole de água.

Eu não respondo, mas recolho minhas chaves do prato no balcão. — Eu não fiz isso de propósito, — diz ela. — Se é isso que você pensa.

— Eu sei disso. Por favor, não piore as coisas.

— Piorar? — Ela se aproxima de mim com cautela, como se eu pudesse correr com seus movimentos repentinos. — Por que piorar? Nós somos uma família. Noah ficará tão animado com um irmãozinho ou irmãzinha.

— Sim. Ele vai. — Eu rio com voz rouca. — Boas notícias para todos, hein? — Ela olha das chaves para o meu rosto.

— Você vai contar a ela?

— Sim, não que ela realmente...

Me dê uma chance. Fique.

Kimba provavelmente não fará nenhuma dessas coisas e não posso culpá-la. Linhas de cascalho na minha garganta e eu mal posso me mover. É o peso da ansiedade, mas sou

muito teimoso, muito determinado... muito apaixonado por Kimba para desistir ainda. As probabilidades estão diretamente contra mim, mas eu tenho que tentar.

— Eu não quero fazer isso sozinha, Ezra. — A sobrancelha de Aiko se enruga. Lágrimas vazam dos cantos dos olhos.

— Você não está sozinha. Você tem Noah e eu.

— Eu tenho? — Ela procura meu rosto. — Você?

— Você tem minha amizade e minha promessa de ser o melhor pai que posso ser para esse bebê.

— E se Kimba não aceitar?

Eu ouço a esperança em sua voz e tenho que esmagar isto.

— Mesmo que Kimba não me queira, ainda é tudo o que posso lhe dar Ko. — Aperto a mão dela. — E isso é muito. Terá que ser suficiente, porque é tudo o que tenho.

Todo o resto pertence à Kimba, quer ela queira ou não. Se ela vai ficar com isso ou não.

Aiko assente, pisca as lágrimas e tenta sorrir.

Eu me curvo para chamar sua atenção. — Você sabe que eu apoio você, certo? Eu não vou deixar você fazer isso sozinha. É meu filho também.

— Você não está nem um pouco empolgado, Ezra? Você sempre quis outro bebê.

Eu concordo com a cabeça. Há uma parte distante de mim que, em algum momento, encontrará alegria por ser pai novamente, porque amo muito as crianças. Tenho certeza que quando as coisas se resolverem com Kimba, como quer que elas fiquem, ficarei empolgado com a chance de ser o pai de outra pessoa. Hoje, não há espaço para emoção. O medo e a esperança passaram a residir em meu coração, e não tenho ideia de quem vai ficar.

Quando estaciono em frente à casa de Janetta Allen, não saio do carro imediatamente. Sento-me neste momento entre a esperança e o inferno, entre a possibilidade de Kimba viver com isso, ficar por isso e a certeza de que ela não viverá. Sabendo que ela está lá dentro, querendo vê-la tanto quanto estou com medo dessa conversa, não é um lugar que eu possa ficar muito tempo.

Ela atende a porta quase assim que eu toco a campainha. Ficamos ali por alguns segundos apenas nos observando, um desejo cauteloso brotando entre nós. Um lado do cabelo está puxado para trás, expondo os ossos altos do rosto.

— Você está linda, — digo a ela.

Ela está vestida para o que, em seu mundo, constitui batalha. O vestido de linho é nitidamente branco contra o rico cobre de sua pele, com mangas minúsculas flutuando nos

ombros como pétalas. Não são as roupas que dão a impressão de *não brinque comigo,* é a confiança que ela usa por dentro. Ela provavelmente daria a mesma impressão, não importa como ela estivesse vestida. Presumo que seu traje foi cuidadosamente escolhido com Serena Washington em mente.

— Obrigada. — Ela dá um passo para trás e acena. — Podemos conversar aqui.

É a sala da frente, semelhante à que a Sra. Allen tinha na casa antiga. Ninguém se sentava nesses móveis ou realmente respirava lá. Esta é uma atualização, uma sala muito mais opulenta, mas parece a mesma coisa, como se eu não pudesse respirar.

Ou talvez seja por causa das notícias que tenho para compartilhar.

Kimba senta em um dos sofás de cor creme e gesticula para um assento em frente a ela, uma rainha segurando a corte. Tão formal. Não vou deixar que ela tire isso da intimidade, do sentimento. Esta é a coisa mais real que já tive, e se eu a perder, não vou fingir que não dói. Ignoro a sugestão dela e sento-me ao lado dela o mais perto possível. Ela me lança um olhar irônico e se afasta de volta até que ela esteja no canto do sofá.

— Você disse que precisávamos conversar? — Ela pergunta, suas palavras tão nítidas quanto sua roupa...

— Sim, eu... — Existe alguma maneira de dizer isso que faça soar melhor, que me daria uma chance? — A consulta de Aiko foi hoje de manhã.

Ela assente. — Eu imaginei isso. E?

— Grávida de sete semanas.

Eu vejo a devastação em seus olhos antes que ela possa mascará-la, um flash rapidamente apagado.

— OK. Obrigada por me avisar.

— Tru, ainda podemos...

— Eu não posso, Ezra, — ela diz em um suspiro duro. — Antes que você me pergunte, eu não posso.

Eu a alcanço, mas ela se levanta, saindo do meu alcance. Eu sigo. Ela é meu ímã, e mesmo quando tento resistir, sou atraído por ela. Esta deveria ser a nossa segunda chance, e não vou desistir dela, de nós, sem lutar por ela.

— Podemos pelo menos conversar sobre isso? — Eu pergunto.

— Não há nada para conversar. — Ela se senta à beira de outro sofá de cor creme.

— O inferno... — Eu moo as palavras em pó entre os dentes e tento me recompor. Estou acostumado a estar no controle, mas ela me deixa louco. Ela me deixa louco como uma droga. Um alucinógeno que me convence de que

pertencemos um ao outro, que poderíamos fazer dar certo, que ela poderia me amar o suficiente para ficar. Lutar.

— Não faça isso conosco, Tru. De novo não.

Ela fecha os olhos e lágrimas derramam sobre suas bochechas, quebrando-me por dentro. Estou machucando-a, o que me mata, mas não consigo parar. Eu tenho que tentar.

— O que você precisa que eu faça? — Eu pergunto, engolindo um milhão de pedidos. — Como posso provar para você que isso poderia funcionar?

— Você tem uma família.

— Eu quero você! — Em voz alta, uma declaração estridente na casa deserta. — Eu quero... — Minha voz quebra, minha dor de acordo com a dela. — Eu sou apenas metade sem você. Você tem que me dar essa chance.

— Eu não posso. — Sua boca e suas mãos tremem. — Não me peça para assistir outra mulher carregar seu filho quando eu nunca conseguirei.

— Eu não ligo. — Pego o rosto dela entre minhas mãos trêmulas. — Eu tenho Noah e eu vou ter esse bebê e tenho meus alunos. Eu não preciso de mais nada além de você. Você acha que eu me importo se você não pode ter filhos? Eu não me importo.

— É mais do que isso. — Ela balança a cabeça, livrando-se das minhas mãos. — Ter um bebê juntos, é íntimo. Algo

que você e eu podemos nunca experimentar. Novos sentimentos por Aiko poderiam se desenvolver. Os antigos poderiam voltar. Você nunca sabe como vai se sentir.

— Eu sei. Eu sei exatamente como vou me sentir. Eu me apaixonei por você quando eu tinha seis anos e esse amor só cresceu. Só vai crescer.

Uma risada aquosa se abre em um sorriso em seus lábios.

— Ezra, você não entendeu? Estou com ciúmes. Sou possessiva sobre você. Estou com raiva que ela consiga isso com você e eu não. Não posso *viver* com tudo isso e fazer o que preciso. Não posso fazer meu trabalho, não posso perseguir meus sonhos, não consigo me concentrar em nada disso quando estou tão terrivelmente focada em você. Sobre a possibilidade de você amá-la novamente.

— Eu não vou.

— Ou transar com ela.

— *Eu não vou.* Estou saindo de casa. Eu te disse que faria.

Ela fica quieta com isso, e a esperança começa a subir no meu peito novamente. Ela morde o lábio e me olha bem nos olhos.

— Estou menstruada.

— OK. O que isso significa?

— Estou tomando remédios homeopáticos no último mês, mais ou menos, para ver se posso recuperar minha menstruação. Voltou hoje.

— Você tem uma janela, certo? — O músculo da minha mandíbula dá um espasmo. — Você está pensando em... deixar outra pessoa... tentar te engravidar?

Sem mim?

— Eu não quero engravidar agora, — diz ela, balançando a cabeça. — Eu preciso dar ao congressista Ruiz meu foco e atenção. Nós vamos fazer história. Eu quero estar no meu melhor, e grávida aos 37 anos e lutando contra a menopausa, não tenho certeza se vou me sentir melhor. Eu posso, mas não é o que eu quero fazer. Não agora. Não quero virar minha vida de cabeça para baixo porque meu corpo decidiu virar uma ampulheta reprodutiva.

— Entendo.

— Eu quero isso nos meus termos. — Ela respira fundo. — Vou consultar meu médico para ver se meus óvulos estão bons. Se estiverem, congelarei o máximo que puder e eles serão minha rede de segurança. Então, se no final desta campanha eu decidir que quero ter um bebê, terei opções.

— E eu? Nós?

— Se você ainda quiser...

— Se eu ainda... o que diabos isso significa? Eu te amo. Claro que vou querer você, quero fazer isso com você.

— Veremos. — Ela morde o lábio, engole. — Mas acho que, pelo menos até o nascimento do bebê, seguiremos caminhos separados.

— Não. — Minha negação é um copo jogado contra a parede, quebrando. — Você pensa que é ciumenta, possessiva. O pensamento de você encontrar alguém na campanha, *foder* alguém, se apaixonar por outro homem, alguém menos complicado, mais fácil, com menos bagagem... eu não posso viver com isso. Não posso voltar.

— Talvez não voltemos e não avancemos. — O riso dela é vazio. — Papai costumava dizer que às vezes a jogada mais poderosa que você pode fazer é ficar quieto. Aprendi isso nas últimas semanas.

— Como assim?

— Fugindo do nome da minha família, das expectativas, fugindo da minha dor pelo papai. Todo esse tempo eu pensei que meus candidatos estavam concorrendo, mas talvez eu fosse a única concorrendo o tempo todo. Talvez nós apenas... esperemos.

— O que isso significa? Você está dizendo que vamos ficar juntos?

— Por enquanto, — diz ela, olhando para mim com lágrimas nos olhos. — Não. Não posso.

— E você estará com outra pessoa? — Estou prendendo a respiração, segurando meu coração para ela, oferecendo-lhe a chance de quebrá-lo.

— Não, — ela ri e golpeia as lágrimas em suas bochechas. — Não quero mais ninguém. Só você.

Eu quero ser o seu último.

— Acho que nós... esperamos e vemos o que acontece, — diz ela. — Apenas espere enquanto eu elejo o primeiro governador latino-americano da Geórgia e você apoiará Aiko do jeito que ela precisa e estará lá para Noah do jeito que ele precisa. E nem discutimos como o seu livro vai mudar tudo. Uma vez publicado, você será procurado de uma maneira que nunca foi antes. Marque minhas palavras, isso mudará sua vida.

— E uma vez que o governador for eleito, o bebê nascer e eu tiver conquistado o mundo com o livro?

Ela sorri. Não é um sorriso largo que faz promessas, mas um que diz o que ela pretende. — Então vamos ver.

Eu odeio esse plano, mas, pelo menos, ela não está desistindo de mim, como a maioria das mulheres fariam. Eu a alcanço, e desta vez ela não se afasta. Ela se aconchega no meu peito, envolvendo o braço em volta da minha cintura. Eu seguro seu rosto, jogando minha mão sobre sua mandíbula e abaixando minha cabeça para um beijo. Entre nossos lábios, sinto o gosto de lágrimas, dela e minha. Eu provo nossos

sonhos, nossas esperanças, nossos medos. Nós nos beijamos até ficarmos sem fôlego e ofegantes. Ela agarra minha camisa como a vida, como se ela caísse se soltasse. Engulo mais dor ao pensar em me separar dela novamente, mesmo que isso acabe sendo temporário.

— Eu te amo, Tru.

Na sinagoga, sussurrávamos o Baruch Shem porque faz parte de uma oração reservada aos anjos considerados puros, uma bênção que não somos dignos de oferecer a Deus. É assim que digo à Kimba que a amo porque não a mereço, não tenho o direito de pedir que ela entre neste pântano da minha vida, mas estou implorando para que ela faça isso.

— Eu também te amo, — ela sussurra de volta, lágrimas escorrendo pelo rosto e sua voz soluçando em uma respiração quebrada. — Não sei o que vai acontecer, mas sei que você é o amor da minha vida, Ezra Stern, e nunca mais me sentirei assim.

— Promete? — Eu pergunto, passando meu polegar em seus lábios.

O sorriso dela é triste, mas vou me contentar com isso por enquanto, como todas as outras coisas que tenho que me contentar... por enquanto. — Farei melhor do que uma promessa.

Ela une nossos dedos mindinhos. — Pacto.

Eu rio através do nó na minha garganta. — Pacto.

QUARENTA E SETE

Kimba

Nós perdemos.

Eu li a mensagem de texto uma segunda vez. Uma terceira, deixando as palavras baterem na minha cabeça como um sino de igreja.

Felita: *Devo ligar? Você quer os detalhes da votação?*

Olho ao redor do quarto deprimente do hotel com a decoração datada da cidade do Alabama, onde vou dormir esta noite. Tenho uma reunião com uma organização local de direitos de voto amanhã de manhã. Como devo inspirá-los e incentivá-los quando a própria legislação que poderia destruir seus esforços acabou de ser aprovada?

Eu: *Não. Ligo para você em uma hora. Eu preciso comer.*

O frango cozido demais e os legumes de baixa estação, já pouco apetitosos, têm ainda menos apelo agora, mas hoje eu só comi um pãozinho. Quanto melhor eu comer, grãos integrais, legumes frescos, evitando alimentos processados, melhores minhas chances de congelar óvulos de qualidade e talvez ter um bebê quando estiver pronta. Olho para a sacola que contém minha seringa e remédio para a injeção que

tenho que me dar. Eu sou boa em muitas coisas. Aparentemente, aplicar-me uma injeção hormonal não é uma delas.

É tão fácil, disse a enfermeira.

Qualquer um pode fazer isso, ela disse.

Mas eu odeio agulhas e enfiar uma no meu quadril é a última coisa que quero fazer.

Tiro o vestido e visto calças de ioga. Estou vasculhando minha bolsa da noite, procurando uma blusa para vestir, quando o perfume de Ezra me atinge. Um canto de algodão vermelho aparece debaixo dos meus produtos de higiene pessoal.

A camiseta do YLA.

Encontrei-a na minha bolsa durante a nossa viagem para a casa do lago. Deve ter se misturado com minhas coisas. Não fiz nenhuma tentativa de devolvê-la a ele e me pego empacotando-a toda vez que vou para a estrada. Estou guardando pelo menos isso para mim. Jogo meu sutiã do outro lado do quarto e puxo a camisa de Ezra sobre minha cabeça. O algodão bem gasto me transporta instantaneamente para um local e hora diferentes. Não era um quarto de hotel sujo, mas a sua cama, onde ele podia fazer amor comigo a noite toda e me abraçar até o sol nascer.

Puxo a gola no nariz e inspiro.

Um anel de fogo aperta meu coração, queimando, doendo, forçando lágrimas pelos cantos dos meus olhos.

Eu sinto sua falta.

Em um dia como hoje, quando eu perco, pior ainda, quando as pessoas pelas quais eu deveria estar *lutando* perdem, eu quero ir até ele. Abandonar esta separação autoimposta e deixá-lo me abraçar. Meu telefone, a tela escureceu, ao lado da comida emborrachada, silenciosamente me desafia a ligar. Eu ignoro.

Em vez disso, pego a pequena bolsa. Eu não posso suportar o pensamento de afundar a agulha na minha carne agora. Não deve ser difícil, eu sei. Sou uma durona, entendi, mas sou uma durona que odeia agulhas e ter que me injetar com uma delas é o meu pior pesadelo. Será a última coisa que farei antes de dormir.

Eu cutuco um garfo na comida encomendada do serviço de quarto e torço o nariz. Não é ótimo, mas há um eco no meu estômago vazio e um latejar na minha cabeça.

Eu dou quatro mordidas medíocres quando meu telefone acende com uma mensagem.

Mateo: *Abaixo outros quatro pontos nas pesquisas. Quando você vai voltar?*

Esse dia pode piorar?

Eu: *Não se preocupe com as pesquisas. Elas são preliminares. Nós nem começamos realmente. As eleições estão muito longe. Volto amanhã. Estarei na sede ao meio-dia.*

Espero que ele não responda, e ele não responde. Sabíamos que seria uma corrida difícil e que nossas chances são altas, mas a realidade dessa subida íngreme chega a todos nós às vezes. Tirei um tempo valioso da campanha para vir ao Alabama e combater essa merda de legislação de supressão de eleitores.

E perdemos.

Agora estamos nas pesquisas e Mateo está de olho em mim, provavelmente avaliando sua decisão de contratar nossa equipe. Desejando ter ido com seu primeiro instinto, apostado no bom e velho garoto Anthony.

OK. Eu estou em espiral.

Lennix poderia me tirar da cabeça, mas ela está tão perto de parir e tem muito em seu prato. Eu odeio incomodá-la. Eu poderia ligar para Viv ou Kayla. Até mamãe, mas eu já sei que só há uma voz que realmente quero ouvir. E hoje à noite eu estou fraca o suficiente para ligar.

Ele atende no primeiro toque. — Kimba?

A voz de Ezra é um líquido escuro derramado sobre minhas terminações nervosas, fazendo-me tremer, me acalmando no espaço de um hálito quente.

— Ei, Ez.

A corrente de ar do outro lado parece alívio, descrença. Alegria.

— Você está bem? — Ele pergunta. — Nós não conversamos e eu...

— Eu sei. Me desculpe por não ter ligado.

Uma batida de silêncio se enche de todas as coisas que poderíamos ter dito um ao outro nos últimos quatro meses.

— Você esteve ocupada, — diz ele. — Compreendo.

— Você também. — Meu sorriso esconde a dor no meu coração. — Você entregou o livro?

— Uh, sim. Está tudo nos bastidores, coisas de preparação no momento.

— Como está Noah?

— Ele está bem. — Um sorriso entra em sua voz, aquele reservado para seu filho. — O mesmo Noah. Procurando maneiras novas e inventivas de governar o mundo.

Eu rio, me forço a fazer a próxima pergunta.

— E, hum... Aiko? Como está indo a gravidez?

Outra batida de silêncio, cheia de todas as coisas que nos mantêm separados. — Ela está ótima. O bebê está crescendo. Saudável.

Eu quero perguntar se o bebê já chutou. Se ele estava lá para isso, se ele sentiu. Se é um menino ou uma menina. Se Aiko tem esse brilho famoso. Se isso está aproximando-os... novamente, lembrando-os por que passaram a última década juntos.

Fazendo-o amá-la?

Mas não faço nenhuma dessas perguntas, caso não consiga viver com as respostas.

— Você tem certeza que está bem? — Ezra pergunta. — Você precisa de mim? Eu posso ir...

— Sim, preciso de você, mas não, você não pode vir.

— Tru, — ele geme, meu nome tortura em seus lábios. — Baby onde você está? Me diz o que está errado.

— Apenas um dia de merda, — eu digo, minhas palavras ficando lacrimejantes. — Estou nesta cidade covarde lutando contra uma legislação de merda que promoveria a supressão de eleitores. E nós perdemos. As pessoas que realmente precisavam dessa vitória não entendem, e eu sinto... sinto que decepcionei as pessoas, sabe?

— Você não fez. Eu sei que você fez tudo o que pôde.

Certo, e a pior parte é quando não é suficiente. Muitas vezes não é suficiente. Lágrimas picam meus olhos e é bom chorar por alguém que não seja eu; sair dos meus próprios problemas por tempo suficiente para considerar todas as

pessoas e comunidades que serão afetadas quando limparem a lista de eleitores.

— Merda, — eu digo, minha voz tremendo. — Por que as pessoas são tão... Deus, eu odeio isso.

Lágrimas correm pelos cantos da minha boca quando penso nas pobres mulheres idosas naquele comitê que vou abordar amanhã; aquelas que sofreram o pior de discriminação. Eu fungo, apreciando o silêncio que ele me permite. Ele me disse uma vez que eu poderia tirar minha armadura com ele, e mesmo que ele não possa me ver, eu estou nua, vulnerável de uma maneira que ninguém nunca me vê. Espero que sejam todos os hormônios que estou tomando e não minhas emoções reais.

— Você sabe o que eu amo em você, Kimba?

Eu preciso tanto ouvir isso.

— O quê?

— Você salva todas as suas lágrimas pelas coisas que a incendeiam por dentro. Quem já pensou que você fosse fria nunca ouviu sua paixão pelas pessoas, nunca viu você lutar por elas quando isso é inconveniente ou mesmo uma causa perdida.

Ele tem razão. Eu guardo minhas lágrimas para as coisas que mais importam. Por isso choro por ele.

— Ez, eu sinto tanto sua falta, — eu digo, minha decisão desmoronando.

— Tru, caramba, onde você está?

— Alabama.

— Eu posso ir. Isso não está longe.

— Não. — Eu respiro todas as razões pelas quais ele não deveria vir. Respiro meu desejo de tê-lo comigo.

— Voltarei à Geórgia amanhã ao meio-dia de qualquer maneira.

— Atlanta?

— Não, estamos locados em Atenas agora. É mais fácil para a família de Mateo.

— Você sabe o que eu daria para ter uma noite com você?

Há uma necessidade desesperada em sua voz que deixa cair um gancho em mim, me puxa para me afogar. Eu sou pega. Eu sou dele, mas não é hora. Mas, Deus, eu estou tentando.

— É um menino ou menina? — Eu me forço a perguntar, precisando me lembrar *porquê* preciso esperar.

— Tru, não.

— Menino ou menina, Ez? Você deveria saber agora.

Sua respiração libera em um fluxo cansado. — É uma garota.

Eu lambo as lágrimas frescas que se acumulam nos cantos da minha boca e olho para o saquinho de agulhas e hormônios, minhas armas para lutar pelo que é fácil para tantas outras mulheres.

— Você está feliz, é claro, — eu digo, mantendo minha voz o mais uniforme possível.

A linha fica quieta com a respiração retida. Ele não quer dizer a coisa errada, a coisa que me afastaria. Mais longe.

— Justo, é justo, — eu digo, minha voz deliberadamente leve. — Se eu for honesta com você, você tem que ser honesto comigo. Você está feliz?

— Tru.

— É por isso, Ezra. É por isso que você não pode vir até mim, por que não podemos ficar juntos agora. Eu... estou feliz *por* você. Eu simplesmente não posso assistir.

Ele limpa a garganta e, quando sua voz retorna, é rouca, rouca, despojada. — E você? Você voltou ao especialista?

— Sim. — Eu limpo minhas bochechas. — Estou aplicando injeções agora. Injeções de hormônio para que eu possa congelar meus óvulos...

— O quê? Você está... você está congelando seus *óvulos?* O que isso significa? Quantas vezes você faz isso? Existem efeitos colaterais?

— Whoa, amigo, — eu rio e sento na cama irregular, recostando-me. — Essa arma estava carregada.

— Desculpa. — Ele solta um suspiro rápido. — Eu simplesmente não sabia.

— Como tenho mais de 35 anos, terei menos óvulos viáveis. Então, faço várias rodadas para aumentar minhas chances de gravidez. E como estou na pré-menopausa minhas chances diminuem ainda mais. Felizmente, uma vez que os óvulos estão congelados, eles não envelhecem, então eu posso... você sabe. Quando eu estiver pronta. E se achar que posso querer mais de um bebê, bem, preciso fazê-lo mais vezes.

— Você acha que quer mais de um bebê? — Ele pergunta, a curiosidade em sua voz mal contida, pressionando a porta.

O caos da casa de Kayla, cinco crianças cantando juntos, brigando, cuidando um do outro, vem a mim. Manhãs de sábado com meus irmãos, limpando a casa, comendo macarrão com queijo.

— Eu acho que quero, — eu digo com uma risada surpresa.

— Isso pode ser... — Suas palavras quebram e depois avançam. — Tru, isso pode ser *nosso.*

Não me permiti pensar dessa maneira, que o que estou fazendo agora possa ser minha única esperança de ter filhos... com ele. Que possa ser o fundamento de *nossa* família. Até terminarmos esta temporada, através da gravidez de Aiko, não pensarei assim.

— É melhor eu ir, — digo a ele, puxando sua camisa sobre o meu rosto para que eu possa absorver os vestígios dele em suas fibras. — Eu tenho uma reunião de manhã cedo.

— Ligue novamente se precisar. Gostaria disso. — Ele suspira. — Eu preciso disso, Kimba.

Eu também. Vamos ver...

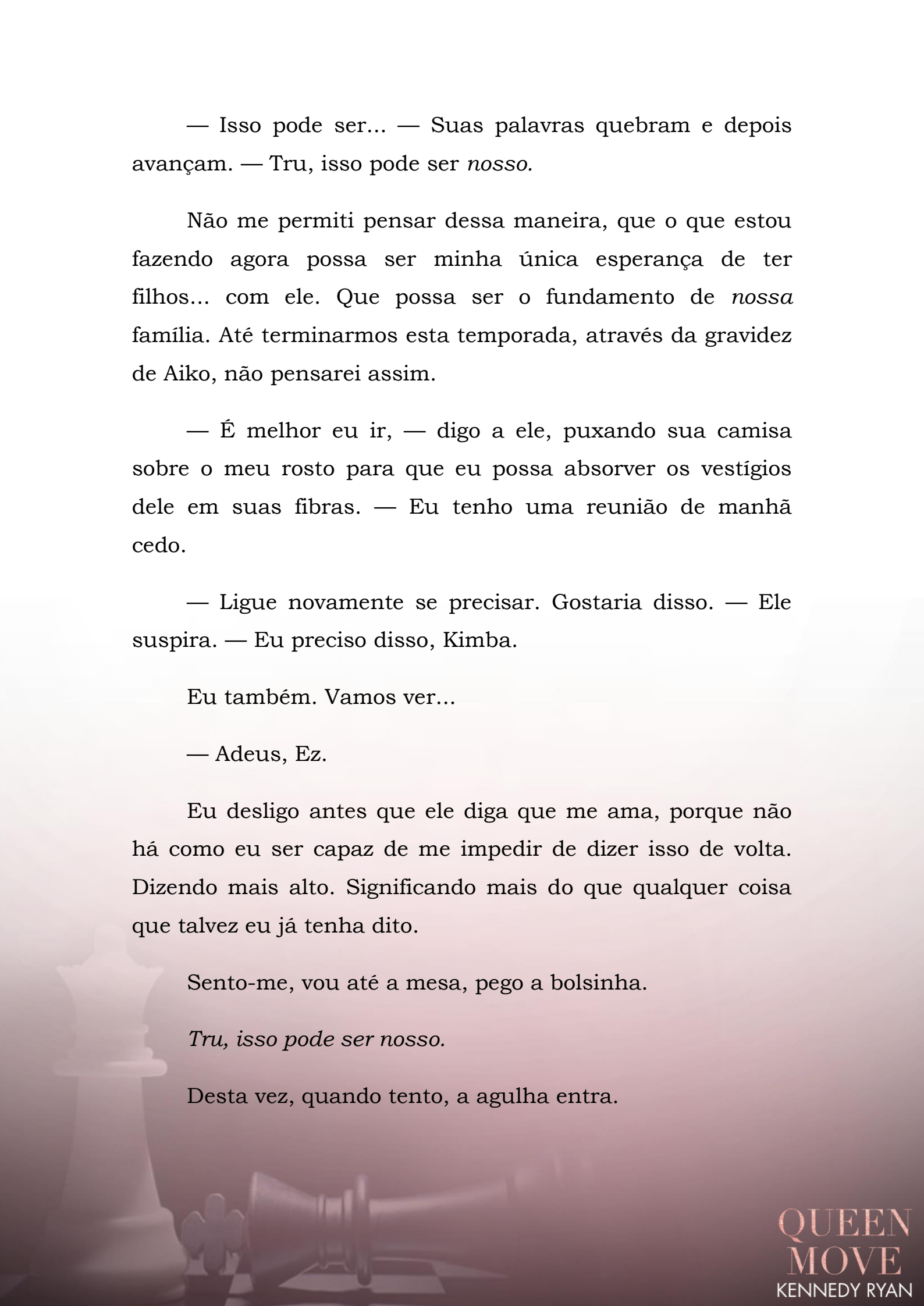
— Adeus, Ez.

Eu desligo antes que ele diga que me ama, porque não há como eu ser capaz de me impedir de dizer isso de volta. Dizendo mais alto. Significando mais do que qualquer coisa que talvez eu já tenha dito.

Sento-me, vou até a mesa, pego a bolsinha.

Tru, isso pode ser nosso.

Desta vez, quando tento, a agulha entra.



QUARENTA E OITO

Ezra

— Sou só eu!

A voz de Mona sai da cozinha e minha nova filha, Mai, enrolada em meus braços, sacode com o som.

— Inferno. — Eu a balanço um pouco até que a pequena ruga entre as sobrancelhas se estabilize. Ela se acalma novamente, sua boca rosada torcendo até mesmo durante o sono.

— Jack? — Mona chama. — Onde você está?

— Mo! — Eu sussurro. — No meu escritório. Que tal abaixar essa voz?

Ela aparece na porta do meu escritório, vestida com um vestido esvoaçante rosa quente e usando saltos perigosamente altos para uma mulher que eu raramente vi fora do Chucks. Seus locs estão arrumados e presos com uma flor combinando atrás da orelha.

— Desculpa. — Ela cobre a boca. — Ainda estou me acostumando a ter um bebê em casa.

— Eu também, — eu digo, oferecendo a ela um sorriso tanto quanto meu corpo cansado pode produzir. — Você tem maquiagem e sapatos chiques. O que há Janet? Obama vindo para a cidade? Esse é o único homem para quem eu já vi você se vestir assim.

— Muito engraçado. — Ela caminha até a minha mesa e coloca as costas da mão na testa de Mai. — A febre baixou?

— Sim. — Eu beijo o cabelo de Mai, inalando o cheiro de xampu de bebê. — Ela baixou, mas agora Aiko está doente.

— Você está brincando? Vocês não podem *ter* uma pausa. Como está o Noah?

— Aparentemente seu sistema imunológico resiste a toda cepa da doença. Eu disse a ele que são todas as vitaminas que venho alimentando à força há anos.

Eu aceno para o traje dela. — Onde você *está* indo?

— Eu tenho um encontro. — Ela brinca com um brinco em forma de leque e não encontra meus olhos.

Encontro? Mona?

— Eu conheço esse cara? Quais são as intenções dele em relação a você? — Eu pergunto, apenas brincando. Eu me sinto como o irmão mais velho protetor dela, apesar de termos a mesma idade. Ela não namora muito desde o divórcio e não quero vê-la se machucar.

— Você não o conhece, e essa segunda pergunta idiota é o porquê.

— Sério, onde você o conheceu, Mo? Tinder? Bumble? Mostre-me o perfil dele.

— Igreja, — diz ela, levantando o queixo e olhando para mim com insistência. — Ele é diácono na igreja da mamãe. Não brinque, por favor, sobre minha erva, meu vinho ou meus vibradores ou como não estou...

— Sem brincadeiras. Eu nem o conheci e já sei que ele não é bom o suficiente para você. — Os olhos dela se arregalam e depois amolecem.

— Awww. Obrigada, chefe.

— Além disso, eu vou viver indiretamente através de você. — Olho para a bagunça na minha mesa e Mai na dobra do meu braço. — Vai ser uma noite difícil. Este é o tempo mais longo que ela dorme em dias. Não espero que dure. Toda vez que tento colocá-la para baixo, ela acorda e preciso terminar minha parte com essas doações antes que o livro saia na próxima semana e a turnê comece.

— Olha, eu posso cancelar isso. Jamal e eu podemos sair a qualquer momento.

— Jamal, é?

Ela revira os olhos e seus lábios se contraem. — Estou falando sério. Vou mandar uma mensagem para ele.

— De jeito nenhum. A escola finalmente acabou e você tem carregado muita carga extra para mim ultimamente. Vai. Divirta-se. Eu vou ficar bem.

— Tem certeza?

— Positivo.

— Eu sei que é muito, — diz ela. — Mas o lado positivo é que a escola acabou e, por mais que eu saiba que você odeia deixar Mai com Aiko sozinha, será bom ter algum tempo para você sair em turnê. Estes últimos meses foram brutais.

Novo bebê. Terminando o ano letivo. Preparação para o lançamento do livro.

Saudades de Kimba. O tempo todo. Cada minuto de cada dia.

— Por falar em fora da escola, — diz Mona, puxando seu telefone, — eu tenho algo que pode fazer você rir.

— Uma risada que eu poderia precisar. — Considero o laptop à minha frente e a planilha com código de cores. — Antes de mergulhar nisso.

Ela anda e coloca o telefone na mesa para que eu possa ver. — Mantenha o volume baixo para não acordar Mai, — diz ela, sorrindo. — Você vai amar isso.

É um vídeo no Instagram da mais recente coreografia de nossa equipe de step no pátio da YLA. — Isso diz cem mil

visualizações? — Olho do telefone dela para o sorriso de Mona.

— Nós nos tornamos virais, Jack. Logo *Ellen* pode nos querer. Não seria o momento perfeito para o seu livro sair?

— Estou tão orgulhoso deles. — Balanço a cabeça. — Eles continuam me surpreendendo.

— Não é? — Ela pressiona o botão home em seu aplicativo do Instagram, e eu dou uma olhada na publicação que aparece.

— Oh, merda, — ela murmura, mordendo o lábio inferior.

É Kimba com um cara. Cara alto parecido com Idris Elba. Ele provavelmente tem a minha altura, mas é mais volumoso. A mão dele está na cintura dela, e ela está rindo dele. Seu cabelo está liso e se espalha pelos ombros, nus em um vestido sem alças.

Nós não conversamos muito desde que ela ligou do Alabama. Uma mensagem ocasional, um telefonema no Natal. Geralmente iniciado por ela. Esse é o plano dela. Seus termos, e eu estou tentando o meu melhor para respeitar o que ela diz que precisa. Eu sei que havia uma parte dela com medo de que meus sentimentos mudassem, aprofundando-se para Aiko enquanto passávamos pela gravidez. Ela não poderia estar mais errada. Nos últimos meses, Aiko e eu nos lembramos porque éramos amigos em primeiro lugar. Eu

entendo por que Kimba queria esperar. Nossa situação era complicada, difícil e instável, mas superei isso contando com a promessa de que não haveria mais ninguém.

Quem é esse filho da puta bonito?

— Que diabos? — Eu solto bufando, pegando o telefone de Mona da minha mesa.

— Isso não é nada, — diz Mona às pressas, tentando recuperar o telefone de mim. Levanto e ando com Mai e eu fora de seu alcance. — Ezra, não exagere.

— Você viu isso? — Arranco os olhos da tela, do sorriso brilhante de Kimba à expressão culpada de Mona.

— Não é grande coisa.

Lendo a publicação de The Shade Room, parece que eu não sou o único que pensa que pode ser algo.

SEGUREM SEU CORAÇÃO! KIMBA ALLEN, POLÍTICA, E ISRAEL HAMMOND, PROFESSOR, ATIVISTA, AUTOR E LINDO DE BABAR, JUNTOS POR UMA NOITE NA CIDADE? ESTAMOS EM TEMPO INTEGRAL PARA ESTA CONEXÃO.

Ouvi falar de Israel Hammond, mas sempre o vi como um... pensador. Não esse homem corpulento. E nunca pensei nele com Kimba.

— Isto é real? — Eu pergunto à Mona, estreitando um olhar afiado. — Kimba disse...

Ela disse que não queria mais ninguém, mas isso foi há quase um ano. Ela provavelmente está cansada de esperar, não que eu tenha pedido a ela. Presumi que isso fosse tão difícil, tão solitário para ela, quanto para mim.

Ela não parece solitária nesta foto.

— Não conversamos muito ultimamente. — Mona pega seu telefone de mim com cuidado, como se fosse uma arma carregada. — Mas eu sei que a vida dela está louca agora. Sua firma não apenas teve o congressista Ruiz e Keith, mas também algumas outras peças-chave que ela disse que precisavam de apoio. Ela está muito magra.

— Eu sei.

— Então. Quando a temporada de eleições terminar...

— Eu sei. — Meu queixo está doendo, estou segurando-o com tanta força. — Você não precisa me tranquilizar, Mo, eu entendi.

Está quieto, ela olhando para mim e eu olhando para Mai.

— Não deixe Jamal esperando, — digo a ela, minha voz uniforme. — Eu não quero que você se atrase.

— Ezra, não é nada.

— Certo. É melhor você ir.

Ela mergulha para beijar a bochecha de Mai. — Vou verificar vocês amanhã.

— Obrigado, — eu digo, dando-lhe um sorriso que *eu* sei que *ela* sabe que não é real.

O suspiro pesado de Mona fala por ela antes de sair em direção à saída dos fundos.

Assim que a porta da cozinha se fecha atrás dela, pego meu telefone, meu dedo pairando sobre o contato de Kimba. Olho para Mai como se ela pudesse me parar antes que seja tarde demais.

— Eu vou me arrepender disso, hein, garotinha?

Eu ligo de qualquer maneira.

Soa quatro vezes e estou formulando a mensagem que deixarei no correio de voz de Kimba quando ela atende.

— Ezra?

Sua voz ao vivo me joga por um segundo. — Uh, sim. Tru, ei.

Pareço tão estranho quanto me senti em nossa dança da escola. Eu apenas ligo para ela assim, do nada? Como se conversássemos todos os dias? Nós não fazemos. Não fazemos.

— Tudo certo? Noah? O bebê? — Ela faz uma pausa para limpar a garganta. — Aiko?

— Eles estão doentes. Quero dizer, Mai está doente, mas a febre dela passou. Aiko acabou de pegar o que Mai tinha, eu acho. Noah está intacto.

— Claro que ele está. — Sua risada é baixa e rouca, familiar e perdida. — E você? Você está bem?

— Sim. Estou bem. Quem é Israel Hammond?

Isso não foi sutil.

— Oh. Bem, Iz e eu...

— Oh, é Iz? É assim que você o chama?

Isso não foi nada discreto.

— É assim que *todos* os amigos dele o chamam, sim, — diz ela, com a voz mais lenta, rígida. — Você quer me perguntar alguma coisa, Ezra?

— Vi uma postagem no Instagram.

— The Shade Room? Sim. Eu ouvi sobre isso. De alguma forma, eu não te identifiquei como um cara do Shade Room.

— Eu não sou. — Faço uma pausa, dou-me um segundo para reunir minhas coisas melhor. — Você está vendo ele? Ou... você quer vê-lo?

— Eu não estou vendo ele, não. Nossos interesses se cruzam e nos conhecemos há anos. Ele tem uma namorada.

— O Shade Room não mencionou isso.

— Ele é muito... particular. — Ela ri. — Na verdade, acho que ele é um pouco constrangido com isso. Ela é mais jovem do que ele e costumava ser a assistente dele no passado.

Eu me sentiria um idiota se não fosse pelo fato de que meu telefonema impulsivo e ciumento significa que eu posso falar com ela.

— Eu encomendei seu livro. — A voz dela é quente. Meu braço segurando Mai está dormente. Estou tão exausto que mal consigo manter os olhos abertos e ainda tenho muito trabalho a fazer antes de dormir, mas ficaria ao telefone com Kimba a noite toda, se pudesse.

— Obrigado. Você e minha mãe. Um passo mais perto de um best-seller.

— Estou animada por você. Orgulhosa de você.

— Como está indo a campanha? Ou campanhas. Mona diz que você está em algumas.

— Bem, obviamente, o congressista Ruiz é nossa principal preocupação, mas participamos de algumas campanhas menores. Nada que não possamos lidar.

— Parece uma disputa apertada. Quero dizer, entre Ruiz e Colson.

— Muito mesmo. Uma das mais apertadas, mais difíceis que já estive. Colson é duro e joga sujo. Estamos na luta de nossas vidas.

— Não tenho dúvidas de que você resolverá.

— Acredito que sim. E você? Como estão as coisas aí? Além da doença.

— Bem. — Eu hesito. — Encontrei uma casa nas proximidades.

O silêncio do outro lado ganha vida com uma dúzia de perguntas que ela não faz, mas eu sei que existem.

— Ela precisa de muito trabalho, — continuo, — mas é apenas uma rua para que eu ainda possa estar por perto de Noah e Mai, perto da escola.

— Oh. Isso é ótimo. Eu não percebi que você...

— Eu disse que iria me mudar.

— Eu sei que você disse.

— Eu sinto sua falta. — A verdade surge das partes mais profundas de mim e aparece na minha voz. — É quase insuportável às vezes.

— Eu sei, — ela sussurra, com a voz embargada. — Também sinto sua falta. Eu...

— Kimba, que diabos? — uma voz feminina exige do seu lado da ligação. — Você acabou de sair do campo no meio de

uma batalha para atender uma ligação? Nós precisamos de você.

Eu sou tão idiota. Fiquei com ciúmes e liguei, afastando-a da mesma coisa em que ela me disse que precisava se concentrar.

— Sinto muito, — eu digo rapidamente. — Eu vou deixar você ir.

— Se eu não puder sair de uma reunião por dois minutos sem que as coisas desmoronem, — Kimba diz categoricamente, — por que diabos estou lhe pagando, Felita?

— Bem, seus dois minutos estão quase acabando, — responde Felita, a tensão em sua voz diminuindo um pouco. — E então começo a cobrar horas extras.

Kimba ri. — Volte lá. Estou chegando.

— Mateo estava pedindo por você, — diz Felita. — Só queria que você soubesse.

— Eu disse que estou indo. — Kimba espera até que uma porta se feche. — Desculpa. Eu provavelmente...

O lamento de Mai interrompe o que Kimba começou a dizer. Olho para tristes olhos azuis. Ela está cansada e provavelmente com fome agora. Com Aiko doente também, vou usar o leite que ela bombeou que está na geladeira.

— É um conjunto de pulmões que ela tem, — diz Kimba. — É melhor eu deixar você ir. Eu tenho que ir de qualquer

maneira. Aparentemente, o mundo queima se eu sair de uma reunião.

Os pulmões de Mai mudam para outra marcha.

— Shhh. — Eu a balanço e ando rapidamente até a cozinha para pegar o leite. — Tru, talvez possamos...

— Kimba, — uma voz profunda diz do outro lado.

— Mateo, ei.

— Eu poderia usar sua opinião sobre isso se não quisermos perder *mais* cinco pontos amanhã. — Há uma mordida em sua voz, e eu quero dizer a ele para lidar com seus próprios cinco pontos.

— Certo, — diz ela. — Eu estou indo agora. — Eu ouço a porta fechar decisivamente.

— Eu realmente tenho que ir, Ez.

— Entendi, — digo, abrindo a geladeira em busca das garrafas que sei que Aiko deixou, mas não consigo encontrar. O lamento de Mai não para, então falo mais alto para me certificar de que Kimba me ouça. — Acabei de ligar porque sinto sua falta como o inferno. Quando isso acabar...

— Sim, — diz ela, sua voz baixa, cansada e triste. — Quando isso acabar.

QUARENTA E NOVE

Kimba

— Bem, demos o melhor de nós, — digo a Mateo Ruiz.

— Foi o que fizemos, — diz ele, com os olhos solenes.

Aperto a mão dele e me inclino para a frente com um sorriso. — Eu disse que íamos fazer história.

A sobriedade que pairava ao seu redor a noite toda, quando ele compreendeu completamente o que conseguiu, clareia, e ele sorri. — Não há dúvida, eu não poderia ter feito isso sem você.

— Foi uma honra estar em sua equipe, *governador.*

A música nos alcança através das paredes do hotel, e ele oferece seu braço para mim. — Acho melhor me reportar à pista de dança. Eles estão tocando minha música.

Quando saímos para o corredor, sua esposa e família estão esperando, junto com uma equipe de segurança. Sua esposa o observa com tanto orgulho que toca até meu coração politicamente cansado. Eu permito que eles sigam em frente, para entrar no salão de baile, onde são recebidos por aplausos selvagens, quase ensurdecedores. Esse é o som de

pessoas que testemunharam a história e realizaram o que foi praticamente um milagre político. Estou honrada por ter feito parte disso.

Eu uso uma porta diferente daquela que leva ao palco. O baile de posse do governador reuniu os cidadãos mais poderosos e influentes da Geórgia, todos em uma sala. Vou até a mesa designada para meus amigos e familiares. Piers, Karla, Felita e o resto da minha equipe se reúnem lá, e começamos nossa própria celebração privada.

— Excelente trabalho, — digo, brindando a todos com minha taça de champanhe. — Vocês são o melhor dos melhores, e eu não gostaria de fazer isso com mais ninguém. Vamos continuar fazendo história. Vamos continuar fazendo a diferença.

— Vamos continuar ganhando dinheiro, — Piers interrompe com uma risada.

— Também não tenho objeções a isso. — Eu sorrio por cima da borda frágil do meu copo. — A menina tem que pegar o papel dela.

— Então, o que vem depois, chefe? — Karla pergunta, tomando um gole de champanhe.

— Acredite ou não... — Eu suspiro. — Precisamos começar a mudar nosso foco para a campanha de reeleição do presidente Cade.

— Já, hein? — Piers pergunta, mordendo um porco chique em uma travessa.

— Será muito diferente do que elegê-lo pela primeira vez. Agora ele tem um histórico real de governo que todo mundo vai querer separar, — eu os lembro. — Mas Maxim Cade é um candidato em um milhão. O próprio homem será nosso maior recurso.

— Com licença, — uma voz profunda e familiar puxa atrás de mim. — Seu irmão pode participar dessa celebração?

Eu me viro para sorrir para Keith e o estudo com orgulho, não apenas porque ele parece tão bonito em seu smoking, mas porque ele se comportou tão maravilhosamente durante sua própria campanha. Porque ele está de pé com a esposa, que parece genuinamente feliz e há algum tempo.

— Congressista Allen, — eu provoco. — Eu acredito que parabéns estão em ordem para você também.

— Eu literalmente não poderia ter feito isso sem você, mana. — Ele olha de mim para minha equipe, que também o ajudou. — Sem todos vocês. Não posso agradecer o suficiente.

— Tenho certeza que vou pensar em uma maneira que você possa, — eu digo.

Todos riem enquanto minha mãe, Kayla, e seu marido Lawrence se aproximam e se sentam à mesa. Karla se aproxima para que mamãe possa se sentar ao meu lado.

— É uma ótima noite para a família Allen, — diz mamãe. — O que seu pai sempre disse? Grandes movimentos fazem grandes ondas. Faça grandes coisas. Faça grandes ondas.

Ela olha para mim e depois para Keith, que senta com o braço apoiado nas costas da cadeira de Delaney. — Ele ficaria orgulhoso de você.

Ela muda os olhos para Kayla. — Orgulhoso de todos vocês. Não apenas por esta noite, mas por como vocês estão vivendo suas vidas, servindo aos outros. Esse é o legado de Allen.

A emoção gravada nos rostos de Keith e Kayla pica meu coração. Eu pisco as lágrimas. Eu me vi quase chorando no último ano e meio do que em toda a minha vida. Provavelmente todos os hormônios que tive que injetar neste corpo, mas espero que não seja um estado permanente de coisas.

— É uma ótima noite para os Allens, — diz Keith, seu sorriso cada vez mais amplo. — Não apenas serei um congressista, como serei pai novamente. Delaney está grávida do nosso terceiro.

Todos na mesa batem palmas, exclamam e dão um tapinha nas costas do meu irmão. Alegria e ciúme se misturam em mim. Eu levanto um e esmago o outro, oferecendo a meu irmão e Delaney um sorriso genuíno.

— Eu vou ser uma tia de novo, hein? Isso é incrível. Estou tão animada por vocês.

— Laney diz que se eu acho que ser congressista significa que não preciso trocar fraldas — Keith diz, inclinando-se para beijar a bochecha de sua esposa: — Eu posso pensar novamente.

Todos rimos, mas meu sorriso está começando a doer. Na clínica de fertilidade, tenho um freezer cheio de óvulos e nenhuma garantia. Agora que a campanha terminou, preciso descobrir o que quero fazer com eles.

— Você está tão bonita hoje à noite, — mamãe se inclina para me dizer enquanto todos na mesa retornam aos seus jantares e conversas.

— Obrigada mãe.

Lorette colocou meu cabelo em um penteado elaborado de cachos. A Lotus criou meu vestido sem ombro, cor de pimenta caiena especificamente para esta ocasião. Seu design de sereia suspira em torno de minhas curvas, curvas que tive que trabalhar duro para controlar o último ano e meio enquanto meu peso flutuava, as ondas de calor aumentavam e as mudanças de humor oscilavam, enquanto gerenciavam as disputas mais quentes do país a campanha governamental.

Um ano e meio.

Toda a minha vida adulta foi medida em campanhas concorridas. Prefeitos. Governadores. Senadores. Presidente. Nunca me arrependi dos sacrifícios pessoais que fiz para cada campanha. Eu vi isso como um chamado ao serviço, colocando as pessoas em posições para fazer a diferença.

Tikkum Olam.

Reparar o mundo.

Ezra fez o que queria, e eu também.

Ezra.

O calor reveste o interior da minha garganta e o prato à minha frente borra sobre a mesa através de um repentino filme de lágrimas. Um senso de propósito me levou a cada passo de cada campanha, e sempre foi o suficiente. Mais que o suficiente. Tem sido gratificante. Pela primeira vez, por mais feliz que tenha feito minha parte, essa vitória parece vazia de alguma forma.

— Diga-me uma coisa, — diz mamãe, sua voz baixa o suficiente para apenas eu ouvir. Viro minha cabeça para olhar em seus sábios olhos escuros. — Tudo o que você trabalhou para fazer essas outras pessoas felizes, — pergunta a mãe. — Quando é a vez de Kimba?

Olho ao redor da sala. Mateo e sua esposa estão na fila de recepção, aceitando os parabéns de todos. Kayla e Lawrence comem dos pratos um do outro, checando seus telefones a cada poucos minutos por mensagens da babá.

Keith e Delaney riem e conversam baixinho, aproveitando o brilho de sua vitória e as notícias do bebê.

Nos últimos dezoito meses, esta noite brilhou no fim do túnel, um farol que me manteve na tarefa e focada. Esta noite foi minha recompensa. *Ele* foi minha recompensa.

— Você é tão parecida com seu pai, — mamãe bufa, mas suaviza com um sorriso. — Precisava que tudo fosse feito à sua maneira. Tinha suas listas e objetivos e precisava seguir o caminho que ele planejou. Deixe-me contar o que eu disse a ele. A vida não se importa com seus planos. A vida vai estragar seus planos, querida. — Mamãe aperta minha mão. — Você não esperou o suficiente? Ele não fez também? Você já está pronta para limpar essa bagunça?

Passei toda a minha vida adulta limpando a bagunça de outras pessoas. Para o bem maior, sim, mas eu me tornei adepta a cobrir bundas nuas, dar más decisões e fazer desaparecer as indiscrições. Eu nunca conheci uma bagunça que eu não poderia lidar... Até Ezra Stern. É mais fácil lidar com a bagunça de outra pessoa do que limpar a sua. Me passe o problema de alguém? Eu posso consertar isso. Mas quando Aiko ficou grávida do bebê de Ezra, esse não era apenas o futuro deles. Era meu. *Minha* felicidade na balança. *Meu* coração na minha manga. Olho para mamãe, mas ela não está olhando para mim. Ela está acariciando aquele minúsculo diamante com pedacinhos de gelo que papai lhe deu há mais de quarenta anos, tão pequeno que você mal consegue vê-lo à distância. Ela perdeu o amor da sua vida.

Eu vou perder o meu?

— Eu tenho que ir. — Levanto-me e dou adeus à mesa. — Vejo você... quando eu vir você. Eu tenho merda para fazer.

O olhar assustado de Karla salta de mim para o palco. — Mas o congressista... o *governador* Ruiz tem um discurso planejado. Ele a reconhecerá, ele a levará ao palco. Nós conversamos sobre isso.

Levar-me ao palco. Reconhecer-me. Eu não faço as coisas que faço para que as pessoas possam me dar um tapinha nas costas. A única coisa que Ruiz pode fazer por mim é manter as promessas que ele fez durante a campanha. E o único homem que preciso ouvir chamar meu nome não está nesta sala.

— Você vai, — digo a Karla, pegando minha bolsa da mesa. Eu olho para Piers, Felita. — Ou um de vocês. Eu não ligo.

— Você está realmente saindo agora? — Felita pergunta, um cenho franzido entre as sobrancelhas. — O discurso está mais adiante no programa. Você não quer esperar? O que dizemos ao governador?

Olho para mamãe, aquecida pela aprovação consciente em seus olhos, em seu sorriso. Esta pode ser a minha melhor jogada ainda.

— Diga a ele que esperei o suficiente.

Não sei onde Ezra mora.

Saí de sua antiga casa apenas para perceber que não sei onde fica sua nova casa, ou se ele está nela. Ele disse que estava reformando uma casa "próxima", mas não consigo conectar — próxima— ao Google Maps.

Muita coisa mudou para ele nos últimos meses, das quais talvez possa ser uma casa nova. Como previ, o livro dele foi um enorme sucesso, atingindo todas as listas. Eu estava no meio de gerenciar várias campanhas, mas o vi em alguns programas matinais. Mandei uma mensagem de parabéns para ele. Seu livro está nos aeroportos. Há um documentário da Netflix em andamento sobre a história do YLA. Novo bebê. Livro novo. Novo sucesso.

Casa nova?

Na ausência de uma ideia melhor, embora eu tenha certeza de que existe uma, estaciono em frente a casa deles. Parece que ninguém está em casa, mas a porta da frente se abre.

— Merda. — Resisto ao desejo de me esconder atrás do volante como um perseguidor.

Aiko sai para a varanda, de mãos dadas com um homem alto... que não é Ezra. Reconheço o cara que estava sem jeito na porta com a bagagem de Aiko no dia em que ela soltou a bomba sobre sua gravidez.

Chaz.

Eu gostaria de poder desaparecer, mas fico quieta, esperando que o Benz de minha mãe se torne milagrosamente invisível antes que eles percebam.

— Kimba? — Aiko pergunta da garagem onde um carro, presumivelmente o de Chaz, está estacionado. — É você?

Ótimo.

Abro a porta e enfio a cabeça para fora, sorrindo como se fosse perfeitamente normal eu estar sentada do lado de fora da casa dela, vestida com roupas formais.

— Oi. — Meu aceno é tão duro quanto o meu sorriso. — Eu estava pensando se... Ezra está em casa por acaso?

— Ele pode estar. — Aiko sorri, inclina a cabeça para o lado. — Não posso ter certeza, já que ele não mora mais aqui.

— Oh. Certo. Você poderia... me dizer?

— Na próxima rua. — Ela aponta para a direita. — Quarta casa à esquerda. Cinza com persianas vermelhas.

— Uh, obrigada. — Eu sorrio para Chaz. — Bom... ver você de novo. — Seu sorriso irônico zomba de todos nós.

Subo de volta e me afasto antes que isso se torne mais assustador. A casa de Ezra é fácil de encontrar. As persianas são vermelhas e seu Rover está na garagem. Eu saio do carro e fico no janeiro frio por um momento, procurando em minha mente a coisa perfeita a dizer.

— Estou pronta? — Eu pergunto em voz alta, encostada no carro. — Desculpe por demorar tanto. Vamos fazer isso.

Continuo tentando encontrar o que dizer desde o carro, descendo a garagem, subindo os degraus e entrando na varanda. Quando toco a campainha, ainda não sei o que vou dizer, mas sei que não posso esperar mais.

— Kimba.

A estrutura alta de Ezra enche a porta. Não consigo ver além dele para dentro de casa, mas também não consigo tirar os olhos do rosto dele. Uma barba sombreia o cume de sua mandíbula. Seu cabelo está um pouco mais longo do que eu já vi há algum tempo, os cachos grossos escuros e elásticos. Seus olhos sob a luz da varanda, azul volátil. A emoção que emanava dele, uma tempestade em miniatura, mal contida.

— Posso entrar? — Eu pergunto.

— Uh, claro. Sim. — Ele dá um passo para trás, permitindo-me entrar. Um lustre moderno de madeira e vidro soprado está pendurado no teto do hall. Há muito pouco mobiliário na sala de estar à direita, um sofá e uma televisão. Uma mesa de café incompatível.

— Você acabou de se mudar? — Eu pergunto, minha voz cortando a tensão.

— Alguns meses atrás. Não queria escolher os móveis... sozinho.

Ele segura meu olhar e eu mordo meu lábio inferior, desvio o olhar. Estou sempre no controle, mas me sinto completamente fora em profundidade agora. E se ele *tiver* encontrado outra pessoa? Mesmo que Aiko pareça estar com Chaz, quem sabe se Ezra permaneceu solteiro? Ele ainda está olhando para mim, seus olhos intensos, alertas. Sua postura, enganosamente indolente, encostado na parede com os braços cruzados. Mas há tanta tensão em seus ombros largos, nos músculos tensos de seu pescoço.

Sem saber o que dizer a seguir, dou um passo adiante no corredor para inspecionar fotos na parede. Há uma série de colagens. O primeiro contém fotos de Noah, como era de se esperar. Muitos deles com Ezra e uma menina que só poderia ser Mai.

Não há dor no meu coração ao vê-la, primeiro envolvida nos braços de Ezra e depois ficando maior, mais redonda. Eventualmente, por conta própria, seu sorriso brilhava com alguns dentes minúsculos. Não há ciúmes ou ressentimentos. Como poderia haver? Com seus olhos azuis da meia-noite, boca agridoce e cachos escuros, ela é tão obviamente, como Noah, uma extensão de Ezra.

E eu me apaixono por ela à primeira vista.

— Ela é linda, Ez, — eu respiro.

— Ela é. — Ele vem para ficar ao meu lado, desliza a mão na minha. Aperto seus dedos, mas ainda não consigo desviar o olhar do pequeno querubim de cabelos escuros que Noah segura como uma obra de arte de valor inestimável. Ezra passa o dedo sobre uma foto com os dois filhos. — Ele é ótimo com ela.

Concordo, ainda processando a força da minha resposta à filha dele. Meus olhos se voltam para uma colagem de fotos na parede ao lado daquela com ele e seus filhos. No começo, não reconheço as duas crianças nas fotos. Eles são obviamente imagens mais antigas, não brilhantes e lustrosas como as outras. É facilmente uma dúzia deles. Uma menina e um menino no parque, em balanços. Andando de bicicleta. Jantando, cercado pela família. E no centro, eles como bebês em uma banheira.

— Somos nós. — Só consigo reunir ar suficiente para gerenciar essas palavras. — Ezra, são...

— Nós. — Ele sorri e aponta para as fotos na parede. Em uma delas, é uma refeição de sábado à noite, uma na minha casa antiga. Nossos pais estão lá, meu pai e minha mãe de mãos dadas. Kayla, Keith. Ezra e eu.

— Onde você os encontrou?

— Sótão da minha mãe, garagem. Ela tem muito mais. Estes foram apenas alguns dos meus favoritos. — Ele faz

uma pausa, vira a cabeça para olhar para o meu perfil. — Você veio para ficar?

Não tiro os olhos para os dois bebês no centro da colagem, pegos no meio da banheira. Uma vida inteira. Nós nos conhecemos a vida inteira, mas perdemos muito. Perdi muito tempo. Não mais.

— Se você ainda me quiser.

As palavras mal saíram da minha boca. Ele me puxa para ele, empurra-me para a parede. Seu corpo prende o meu, protetor e agressivo ao mesmo tempo. Enfio minha mão em um espaço entre os botões de sua camisa, encontrando veludo sobre pedra embaixo. Ele aperta minha bunda com uma mão e aperta meu pescoço com a outra, levantando minha boca e abrindo. Seu beijo é profundo, desejo, a pressão de seus ombros e peito, quadris e coxas, um peso delicioso que me prende no lugar para que ele possa pegar tudo o que quiser.

Deus, como eu senti falta disso, senti falta *dele.* As texturas, o sabor e o cheiro dele. Ele sente, tem gosto e cheira como *meu.* Eu alcanço entre nós o comprimento do seu pau, deslizando minha mão para cima e sobre o comprimento duro e estendido dele.

— Deixe-me fazer um tour pela casa, — ele sussurra no meu pescoço. Agarrando minha mão, ele me arrasta escada acima. — Há uma cozinha, um lavabo, um pátio na cobertura e outras coisas. — Ele atravessa o patamar, nos leva pelo

corredor até um quarto grande e me puxa para dentro nos braços dele. — O tour acabou.

Coloco minha testa no ombro dele e rio, tentando recuperar o fôlego. — Eu não consigo ver o pátio da cobertura?

Ele coloca os polegares sob o meu queixo e empurra até nossos olhares trancarem. — Depois.

— Depois do quê?

Seus olhos ficam azuis-escuros e ele lambe o arco do meu pescoço, chupa meu lóbulo da orelha, segura meu peito, escovando o mamilo para vida. Ele pega minha boca, o beijo é como uma droga, uma exploração completa que faz minha cabeça girar.

— Eu te quero tanto, — diz ele, sua respiração vindo forte. — Meu pau está me dizendo para levá-la aqui e ali.

Ele me dá uma leitura aquecida da cabeça aos pés, lambendo os lábios. — Mas você é meu presente. Eu também quero levar o meu tempo desembrulhando você, espalhando você na minha cama.

— Desde que você esteja dentro de mim nos próximos cinco minutos não me importo com a opção que você toma. Faz muito tempo, Ez. Eu preciso de pau, não de opções.

— Cama, então.

Segurando a mão dele, eu ando para trás em direção à cama grande, sem tirar os olhos dele. Faz tanto tempo desde que estávamos no mesmo quarto, muito menos sozinhos. O quarto mal está iluminado por uma única lâmpada. Quando meus joelhos atingem a beira do colchão, chego atrás de mim para me despir.

— Não. — Ezra gentilmente me vira, deslizando as mãos sobre meus ombros e braços nus, estabelecendo-se nos meus quadris. — Eu faço.

O assobio de sua respiração por entre os dentes se mistura com o assobio do zíper enquanto ele o abaixa, descascando a seda de brocado para que o ar beije e separe minha pele nua. O vestido cai nos meus quadris e depois se rende, caindo no chão em um derramamento de decadência ao redor dos meus tornozelos. Ele traça a curva nua da minha bunda na calcinha minúscula, minhas coxas. Ele desliza os dedos sob os restos de renda nos meus quadris e desliza a calcinha para baixo. Eu saio e ele acaricia o interior da minha coxa.

— Em cima da cama.

Sua voz profunda e rouca quebra o silêncio e eu subo na cama, esperando por ele. Minha respiração fica pesada. Meus músculos do estômago se contraem, antecipando sua dureza. Totalmente vestido, ele se estica e me puxa para cima, montando seus quadris. Ele me leva mais longe até minhas coxas apoiarem seu rosto, minha boceta pairando sobre sua

boca. Nossos olhos se conectam, nunca quebrando o contato quando as pontas levemente calejadas de seus dedos me abrem.

— Uma boceta tão bonita, — ele sussurra, perto o suficiente para que sua respiração ofegue a umidade do meu lugar mais privado. Um santuário que reservei para ele, por esse momento desde a última vez que nos beijamos.

O primeiro golpe de sua língua força o ar dos meus pulmões, arrancando o prazer do meu núcleo e fluindo através das minhas pernas.

— Droga. — Eu forço minhas mãos contra a parede acima da cabeceira da cama. Meus joelhos tremem quando ele me lambe de novo e de novo e de novo, a varredura lânguida e constante de sua língua e lábios quase demais. Meus joelhos puxam contra um prazer que é quase insuportável, mas ele agarra minha bunda, pressionando-me com mais força em sua boca, não me dando trégua pelos beijos famintos que ele me dá.

Minha testa cai na parede entre as palmas das mãos e eu giro meus quadris em ritmo com o trabalho glorioso de sua língua. Ele passa o polegar através da minha umidade, acariciando meu clitóris a cada golpe e, em seguida, traçando a faixa enrugada entre minhas nádegas, pressionando lá.

— Eu posso?

Eu aceno, empurrando para trás, antecipando a penetração no local muito raramente tocado. Seu polegar desliza, grande, intrusivo, perfeito. Minha respiração trava com a pressão tentadora, a plenitude sublime. Sua outra mão se estende, segurando meu peito enquanto ele bombeia o polegar para dentro. Eu suspiro, um arrepio percorre meu corpo com força repentina. Ele desliza a outra mão para baixo, deixando meu peito, deslizando sobre minha barriga e encontra o botão de nervos latejantes. Ele me enlouquece com a pressão interna e o golpe delicado e implacável em meu clitóris. Eu agito meus quadris em seu toque, me importando com nada além dessa urgência florescendo dentro de mim. Me ultrapassa, lavando todos os nervos que terminam com a força do tsunami que arranca um soluço de mim. O orgasmo se desenrola, soltando meus membros e me deixando exausta.

Ele desliza por baixo do meu corpo flácido, gentilmente me colocando na cama, me vira de costas. De queixo caído, braços e pernas frouxos, eu abro meus olhos. Seus olhos queimam sobre o meu rosto, ao longo do meu corpo. Há tanta paixão quase amarrada em sua expressão, em seus olhos. Eu forço meu braço a se mover, estendo a mão e aliso o músculo que tiquetaqueia em sua mandíbula, escovo o arco artisticamente esculpido de sua boca com meu polegar. Ele vira a cabeça na minha mão, beija minha palma.

— Eu te amo, — eu sussurro, assistindo seus longos cílios caírem, seus olhos se fecham enquanto ele absorve as

palavras, permite que eles molhem os lugares secos que reconheço porque eu também estive seca sem ele. Eu estive sozinha. Eu tenho estado, às vezes, incerta como isso funcionaria, como terminaria. E agora, amor, alívio, reunião.

Ele fica em pé, despindo-se eficientemente ao pé da cama, jogando o jeans e a camisa para longe. Ele é o mesmo que eu me lembro, músculos cortados de pedra, pele cortada de faixas de veludo, mas tendo passado tanto tempo sem ele, há uma novidade em sua forma. Um frescor à sua beleza masculina que nunca mais darei como certo.

Ele coloca os quadris magros entre minhas pernas abertas. Quando ele olha para cima, seu rosto ainda molhado do tempo e o cuidado que ele tomou para garantir o meu prazer, seus olhos se conectam aos meus, queimando.

Mil promessas não ditas em meu coração. Existe um conhecimento entre nós, uma intuição de corpo, alma e mente que nunca tive com mais ninguém. Em seu primeiro impulso, uma posse dura e segura, sei que nunca o farei. Ele não recua, mas fica enterrado dentro de mim, sua têmpora pressionada contra a minha. Ele inclina a cabeça até que apenas uma respiração separa nossas bocas. Ele fecha o espaço, beijando-me ferozmente enquanto se empurra mais fundo. Envolvo minhas pernas em torno dele, ligando meus tornozelos na base de sua coluna. Ele se move, um impulso após o outro, construindo lentamente o momento entre nossos corpos. Gotas de suor, pingam enquanto ele nunca desiste, os únicos sons no quarto são nossos grunhidos,

ofegantes e sussurros urgentes de *mais, mais rápido, mais forte, por favor, nunca pare.*

Finalmente, ele geme na curva do meu pescoço, derramando em mim, um fluxo quente de amor e paixão desencadeada. Eu quero tudo, apertando meus braços e pernas ao redor dele como se ele fosse uma nuvem de fumaça que poderia se afastar, como se eu pudesse perdê-lo se não tomar cuidado. A percussão de nossos corações, marretas em nossos peitos, diminui. Nossos membros apaixonados são um emaranhado de cobre e bronze. Eu corro meus dedos pelos cabelos dele, localizo os músculos em sua barriga, acaricio o tendão em seu quadril, os braços de aço. Eu seguro a mão dele. Meu corpo está saciado, mas meu coração ainda anseia por ele, por contato ininterrupto. Quero-o até estar cheia, atropelada e exausta de carinho. Não consigo parar de tocá-lo, certificando-me de que ele é real e está aqui e é meu.

Ainda é só meu.

Nossos corpos esfriam quando ele rola para longe.

— Não, — protesto, minha voz rouca. — Não vá ainda.

— Eu volto já. — Ele se inclina e beija minha testa.

Fecho os olhos e puxo o edredom por cima dos ombros, saboreando o calor, o cheiro de nós nos lençóis. Quando ele gentilmente me vira para encará-lo, ele está de joelhos ao lado da cama, cotovelos apoiados no colchão.

— Ei, bonito, — eu digo sonolenta, acariciando a linha de suas sobrancelhas, a ponte do nariz.

— Ei, — ele responde, seus lábios se curvando, mesmo que seus olhos continuem sérios. — Eu quero conversar com você sobre algumas coisas.

— OK. — Eu me arrasto para sentar com minhas costas contra a cabeceira da cama e as cobertas dobradas debaixo dos braços. — Fale.

— Nós meio que pulamos isso, — diz ele, ligando os dedos nos lençóis. — Mas eu quero falar sobre o que aconteceu enquanto estivemos separados.

Um calafrio percorre minha pele, enrijecendo minhas costas e enchendo meus músculos de tensão. É aqui que ele confessa que ele *cedeu* à tentação e dormiu com Aiko uma, duas, três vezes?

— O que aconteceu? — Eu pergunto, mantendo minha voz calma e com o grau certo de curiosidade.

— Fiz o que precisava fazer, — diz ele, estudando os lençóis. — Eu queria estar lá para Mai, Noah e Aiko, é claro.

Trago as lágrimas ameaçadoras, cerro os dentes e me preparo para decepção.

— Fiquei lá até a chegada de Mai, fiquei nos primeiros meses para poder estar por perto para ajudar o máximo possível. Trocar fraldas, alimentação à meia-noite tudo.

Meu coração se fecha com o punho diante da foto que ele pinta da família, do bebê e da vida juntos enquanto estávamos separados.

— Mas precisávamos de nossos próprios lugares para estabelecer um novo normal, — diz ele. — Especialmente para Noah. Ele precisava ver essa separação para entender como nosso relacionamento estava mudando.

— Olha, — eu digo, decidindo apenas abordar meus piores medos. — Se você precisar me dizer que você... escorregou... que você e Aiko...

— Eu estou tentando assegurar-lhe que *não houve* nenhum eu e Aiko, — ele corta, mantendo meus olhos em um olhar firme. — Não além de Mai e Noah, e uma longa amizade. Eu sabia o que queria então e sei o que quero agora.

Eu não pergunto, com medo de questionar, de assumir, mas desvio o olhar, prendo a respiração e espero.

— Você. — Ele aperta minha mão, puxa meus dedos até eu olhar em seus olhos. — Eu só quero você.

Uma respiração aliviada escapa da linha tensa da minha boca.

— E Aiko? O que ela quer?

— No começo, — ele diz, sua boca com uma curva irônica, — ela não sabia. Era difícil para ela pensar em nós de maneira diferente, mas ela não tinha escolha. Ela sabe que

estou apaixonado por você, e ela teve que aceitar que ela e eu nunca seríamos o que éramos antes.

— E?

— E ela entende agora. — Ele ri, balançando a cabeça. — Chaz ajudou.

— Eu o vi na sua casa. Sua casa antiga. Eu fui lá primeiro.

— Eles estão juntos. Chaz começou a voltar quando ela ainda estava grávida. Agora eles estão namorando, demasiado doce, o pacote completo.

— Bem, isso não é convencional.

— Em nenhum momento a Aiko já foi convencional.

— E como Noah está se adaptando a tudo isso?

Ezra encolhe os ombros largos e nus.

— Ele é bem maduro, extraordinariamente inteligente e aberto de uma maneira que a maioria das crianças não tem na idade dele. Acho que ajudou que nunca tivéssemos um relacionamento convencional, nunca nos casássemos. Foi um ajuste não vê-lo tanto. Quero dizer, estou na esquina, então ainda o vejo todos os dias, o tempo todo, mas é diferente quando você não vive sob o mesmo teto. Ele está comigo alguns dias e com Ko os outros. Funciona, mas eu estou sempre conversando com ele, fazendo com que ele fale e me diga como ele está.

Observo o homem que amo, o homem que conheço desde criança, um garoto desajeitado se encontrando. Eu o conheço muito bem, e nunca o vi mais precisando de um bolso para enfiar a mão.

Exceto que ele está nu.

Ele limpa a garganta e um pouco do vermelho que costumava rastejar sobre suas bochechas o tempo todo colore seu pescoço. — Então pensei agora que minha... situação está resolvida e a campanha do governador acabou, talvez possamos discutir nosso futuro.

Abro a boca e ele corre antes que eu possa falar.

— Primeiro de tudo, se você quer um bebê, eu também quero. Natural. Óvulos congelados. FIV. Eu não ligo. Eu quero fazer você feliz, Tru.

Olho para a simetria áspera de seus traços, o nariz proeminente e os lábios esculpidos. A asa escura de suas sobrancelhas sobre os olhos violeta africanos. A ponta dos cachos cortados. Lembro-me desse homem quando menino, o menino desajeitado, esguio e grande demais para o corpo. Ele teve que crescer na beleza de seu rosto. Eu vi o arco de sua vida, como ele se desenvolveu ao longo do tempo. A emoção queima minha garganta e meus lábios tremem. Antes que eu soubesse como os bebês eram feitos, imaginei os nossos.

— Eu adoraria... — Ele limpa a garganta novamente. — Eu estava esperando que você considerasse... oh, inferno.

Ele chega ao chão e puxa uma caixa de veludo preto. Meus olhos arregalados se conectam com os dele, e nós dois engolimos em seco, à beira de algo que eu não tinha certeza se algum dia aconteceria. Ele abre a caixa e eu estou tão chocada com o que está lá dentro, eu rio.

Na fenda onde normalmente estaria um anel, está o elo de uma lata de refrigerante.

— Eu esperava que você considerasse, — ele repete, — se casar comigo novamente.

Novamente.

Os anos caem e somos aquelas crianças em pé debaixo de um olmo no quintal dos Sterns, rindo do vidro quebrado e selado por votos que não entendíamos. É dolorosamente doce, aquela lembrança envolvendo meu coração machucado. Tão doce quanto um milhão de momentos que compartilhamos antes de podermos entender quão raro e precioso era o que tínhamos. Nós éramos luz e consolo um do outro.

Hazak, Hazak, Venithazek.

Seja forte, seja muito forte, e nós nos fortaleceremos.

A perspectiva de que finalmente poderíamos viver isso, de que poderíamos finalmente ser parceiros pelo resto de nossas vidas e cumprir as promessas que fizemos à sombra dessa árvore me leva às lágrimas.

— Não chore. — Ezra esfrega minhas bochechas, mas não consegue conter o fluxo. — Tru, eu...

— Sim, — eu consigo sussurrar, quase incapaz de vê-lo através de uma enxurrada de lágrimas. — Eu vou me casar com você novamente.

Ele tinha que saber que eu diria que sim, que nunca poderia recusá-lo, mas ele parece abalado, um longo suspiro de alívio corre de seu peito. Ele lentamente puxa o elo da cama de veludo. É maior que um elo de refrigerante normal, mas ainda não cabe quando eu estendo uma mão trêmula, e ele a desliza o mais longe possível no meu dedo anelar.

— Acho que teremos que conseguir uma substituição, rápido. — Ele ri.

Nunca houve uma corrida, uma eleição, uma campanha, uma vitória que me fez sentir assim. É o tipo de satisfação encontrada apenas quando você fica parado. Quando você *para* de correr o tempo suficiente para se encontrar, colide com o seu futuro e libera o passado. O caminho para este momento é pavimentado com um milhão de “se”. Se nossos pais nunca discutissem, nunca se afastassem. Se os Sterns nunca tivessem se mudado. Se Ezra e eu tivéssemos nos encontrado antes. Mas toda possibilidade muda *esse* momento, muda o caminho que nos tornou quem somos neste exato segundo. E não posso deixar de pensar que quando nascemos no mesmo dia, quando fomos criados juntos, nosso caminho foi definido, mesmo com seus atrasos,

desvios e desilusões. Somos feitos de escolhas, perdas e triunfos e, sim, algumas coisas. Ezra e eu fomos feitos para este momento, feitos um para o outro exatamente como somos agora.

E olhando nos olhos dele, eu não mudaria nada.



EPÍLOGO

Ezra

Um ano depois

— Estude sua rainha para que você possa dar o que ela quer sem perguntar.

– Nipsey Hussle, Músico, Ativista, Empreendedor

O Natal nos Sterns é um caso incomum.

Uma coesão de tradições, religiões e famílias. Há uma árvore de Natal que quase atinge o teto e meias penduradas sobre a lareira. Uma menorah reside na janela e um rolo de mezuzah guarda quase todas as portas, cortesia de minha mãe. Para o jantar, comemos peru recheado, macarrão com queijo e couve. O frango frito da Sra. Allen fez as pazes com o peixe e o pão da minha mãe. Panquecas de batata, arroz cozido no vapor e bolinhos completam a refeição, uma mistura de pratos para satisfazer qualquer paladar. Pauzinhos aninhados entre os garfos e as colheres.

Sentados em volta da nossa mesa? Três avós, uma judia, uma vietnamita e uma negra. Todas essas

nacionalidades se reúnem em Noah e sua irmã mais nova, Mai, que se contorceu o tempo todo para se afastar da mesa para poder ver seu novo filhote. Aiko sentou-se com Chaz e Mama Tran, que adicionaram seu Pho lendário ao nosso menu de férias. Mamãe e Stanley realmente deixaram Nova York. É a primeira vez de Stanley em Atlanta, e ele quer ver o King Center e comer frango e waffles antes de sair. Como ponto turístico de Atlanta, isso é algo bastante fácil que podemos facilmente ir. Surpreendentemente, assim que a Sra. Allen e mamãe se viram, foi como nos velhos tempos. Não... um caso secreto dos velhos tempos, mas conversando na cozinha enquanto cozinhavam, gargalhando lembranças, compartilhando fotos de netos e acompanhando as mudanças de vinte e cinco anos operaram em suas vidas.

As duas perderam os maridos. Minha mãe tem um novo. Muita coisa mudou desde a primeira noite em que elas banharam dois bebês juntos. Depois do jantar, elas insistiram em limpar, e suas conversas incessantes, suas risadas e lembranças flutuam pela casa enquanto nos acomodamos em jogos de tabuleiro e sobremesa. Nossas mães até ameaçaram jogar juntas um jogo de mah-jongg.

— Bem, nós sobrevivemos ao nosso primeiro Natal, — diz Kimba, caminhando ao meu lado na lareira, pegando minha mão. — Quero dizer, não tenho certeza de que você pode chamar apenas de Natal quando houver batistas, budistas e judeus, mas você entende o que eu quero dizer. Os feriados.

— Não é o feriado que temos em comum. — Eu olho para a nossa família, cheia de variadas religiões e práticas.

— São um ao outro. *Nós somos* o que nos uniu.

Kimba assente, um sorriso satisfeito no rosto. Satisfação suada. Fizemos uma jornada que quebraria a maioria dos casais, mas não somos a maioria.

Nós somos almas gêmeas.

Por mais fantasioso que possa parecer, eu acredito nisso. Religião, política, crenças, todas as coisas que formam a visão de mundo de uma pessoa, nenhuma delas é tão forte quanto o que me liga a ela: o tecido conjuntivo de nossas almas.

— Todo mundo está ocupado, — eu sussurro. — Vamos subir ao telhado.

Ela olha para mim, uma sobrancelha levantada.

— Devemos fugir quando temos uma casa cheia?

— Devemos fugir *porque* temos uma casa cheia. — Eu me curvo no ouvido dela. — Eu mal beijei você o dia todo neste hospício. Essas pessoas são loucas.

Ela ri, seus lábios nus, bonitos e cheios, espalhados em um sorriso. De mãos dadas, subimos os dois andares para chegar ao telhado. A vista daqui é o que me ganhou nesta casa. O horizonte de Atlanta, edifícios manchados de luz brilhando à noite como diamantes em uma cama de cetim

preto. Uma fila de arranha-céus alcançando as estrelas, tão dignos quanto as pessoas que moram aqui. Kimba acende as luzes dos piscas. Acendo a fogueira, tiro duas taças de champanhe e uma garrafa do balde de gelo atrás do bar.

— Você planejou isso, hein? Tendo o seu caminho comigo no telhado? — Ela sorri, acena com a cabeça para a garrafa. — E você sabe que eu não posso ter isso.

Viro a garrafa para que ela possa ver o rótulo. — É cidra cintilante, e sim, eu tenho fantasiado em ter meu caminho com você no telhado o dia todo.

Encho as taças e pego um dos sofás, afundando nas almofadas macias. Ela pega cobertores do abrigo próximo e se senta na minha frente, as costas pressionadas no meu peito, e puxa os cobertores sobre nós.

— Você está com frio? — Beijo os cachos que ela deixou soltos e livres hoje à noite, entregando-lhe uma taça do líquido cor de mel.

Ela mexe contra mim e coloca a cabeça na curva do meu pescoço e ombro. — Estou bem por enquanto.

— Como você acha que foi o jantar? — eu pergunto, ligando nossos dedos e descansando-os em seu estômago.

— Assim como se pode esperar com tudo o que tínhamos acontecendo. — Seus ombros tremem contra mim. — Sua ex e o namorado dela estavam lá com os filhos que vocês tiveram juntos. Nossas mães estavam no mesmo

cômodo pela primeira vez em 25 anos desde que terminaram o *caso.* E seu padrasto está aqui. É apenas... tudo tão estranho. E eu que pensei que Aiko engravidar fosse uma merda de Casos de Família.

A riqueza de nossas risadas flutua sobre o fogo, para as estrelas.

— Mona teria adorado isso, — digo a ela. — Ela estaria balançando a cabeça e tirando sarro de nós a noite toda.

— Espero que ela esteja se divertindo. Conhecer a família do seu namorado, é muito.

— Ela e Jamal estão namorando há tanto tempo. Já era hora de ela conhecer a família dele.

— Eles namoram sem parar, — corrige Kimba, — não exclusivamente por tanto tempo. Eu não culpo Mona por ser cautelosa. Ela já foi machucada antes. Ela precisava saber que Jamal estava falando sério.

— Estou feliz por ela. — Eu levanto a mão esquerda, estudo o diamante quadrado que coloquei há quase um ano atrás. — Estou feliz por nós.

Não houve noivado longo. Por que haveria? Nós dois tínhamos certeza. Casamos no dia dos namorados, passados apenas um mês do baile de posse do governador Ruiz, e começamos a tentar um bebê imediatamente. Na verdade, antes de imediatamente.

— Quando devemos contar a eles? — Kimba pergunta, pressionando nossas mãos na barriga lisa.

— Gostaria de esperar o máximo que pudermos.

— Por quê? — Ela inclina a cabeça, pegando meu olhar por cima do ombro. Seus olhos escuros, franjados com um grosso véu de cílios, me fazem perder minha linha de pensamento. Me fazem perder a cabeça. Eles sempre fazem. — Por que você quer esperar? — Ela pergunta novamente, cutucando o cotovelo nas minhas costelas.

— É nosso segredo. Quero mantê-lo apenas nosso enquanto pudermos. Tem sido muito trabalho e alguma decepção. Eu só quero saborear um pouco.

Ela engole em seco, interrompendo a linha lisa da garganta, e lágrimas nadam em seus olhos. Esta não é a nossa primeira gravidez. Perdemos um, tão cedo que mal tivemos tempo de comemorar, mas ainda doía. Tentar ter um bebê quando seu corpo está resistindo de maneira hormonal a todos os aspectos é difícil. Kimba gerencia as ondas de calor e outros sintomas da pré-menopausa com remédios homeopáticos e ioga o máximo que pode, mas não há como negar que seu corpo está marchando nessa direção. E estamos lutando para conseguir nossos bebês antes que seja tarde demais. Queríamos tentar naturalmente primeiro, mesmo que tenhamos óvulos congelados e esperando. O médico ficou surpreso que, considerando a pré-menopausa fomos capazes de conceber não uma, mas duas.

— Vamos contar à nossa família em algumas semanas, — proponho. — E depois do primeiro trimestre para todos os outros.

Ela limpa a garganta, pisca para limpar os olhos de lágrimas persistentes. — Isso soa bem. Vou contar à Lennix e ao Presidente Cade, é claro.

Eu franzo a testa. Kimba é uma estrela política. Corrida após corrida, ela prova isso, e os telefones da Allen & Associates nunca param de tocar. Não interfiro, mas a protegerei dos candidatos que colocariam seus interesses acima dos dela, de suas campanhas sobre a saúde dela.

Eu a protegerei de si mesma.

— Precisamos de instruções muito claras do médico, Tru, — eu digo, colocando um cacho atrás da orelha, beijando a curva do pescoço. — Eu sei que você quer reeleger o presidente.

— Não há nada que eu queira mais do que esse bebê, Ez. — Ela olha para mim, com os olhos sóbrios e firmes. — Nada. Se eu precisar reduzir meu envolvimento na campanha, eu o farei. Prometo que farei tudo o que o médico me pedir.

Eu seguro seu seio, ainda mais cheio agora que ela está grávida, escovo meu polegar sobre seu mamilo e espero a respiração inevitável. — E o que eu digo para você fazer?

Ela se vira para que seus joelhos descansem em ambos os lados das minhas pernas, então ela está montada em mim. — Você está realmente tentando foder sua esposa ao ar livre neste telhado?

— Não seria a primeira vez, — eu rio, agarrando um punhado de cachos e trazendo seus lábios aos meus em um beijo feroz e com a língua entrelaçada. Quando o beijo diminui, eu rolo minhas mãos sobre os músculos tensos de suas costas, sobre o inchaço de sua bunda, a linha flexível de suas coxas. Eu a conheceria em qualquer lugar. A forma dela, o cheiro, o sabor. Com o passar dos anos, essas coisas mudarão, mas esse fio vivo que nos conecta desde o nascimento é inviolável.

— Depois desse bebê, você quer outro? — Eu pergunto. — Nós temos óvulos.

Ela ri, um som gutural e feliz que me envolve mais calorosamente do que esse cobertor de caxemira. — Temos óvulos, Dr. Stern. Depois deste, vamos ver o que meu corpo deixou. Vou tentar de novo.

Eu sou ganancioso. Eu acordo todas as manhãs faminto por tudo o que posso obter desta vida, dessa mulher, e quero oferecer tudo o que tenho para dar. Passamos duas décadas separados e, pelo resto de nossas vidas, compensarei o tempo perdido.

Ela olha para mim, o riso morrendo. — Mas se não, nós temos Noah e Mai. Eu sei que eles não são meus, mas eu os amo como eles fossem. Eu realmente amo, Ez.

— Eu sei que você ama. — Eu levanto a pequena presilha suspensa da corrente que ela usa no pescoço, um símbolo de nossos dois casamentos, de um amor ao longo da vida.

— Você sabe que mamãe acha que papai resolveu tudo isso, certo? — Ela pergunta, pegando meus dedos no colar. — Que ele solicitou que eu apresentasse os prêmios, selecionasse você, para nos reunir novamente.

A lembrança de Joseph Allen, um gigante nesta cidade, que ficou conversando durante horas comigo naquele dia, rabiscando furiosamente meus sonhos em um guardanapo enquanto nosso café esfriava, é vívida em minha mente. Eu desempacotei meu coração para ele naquele dia, e não há como ele ter visto o que estava em meu coração sem ver sua filha Tru.

— Eu não colocaria isso além dele. — Meu sorriso desaparece. — Talvez ele não tivesse se soubesse o que você teria que suportar, vivendo através de outra pessoa que tenha meu filho.

Kimba coloca a testa na minha e enfia os dedos nos cabelos da minha nuca.

— Ele não teria mudado nada. Papai sabia em primeira mão como o amor pode ser confuso, — ela diz, suas palavras melancólicas, certas nos meus lábios. — Mamãe me disse que o amor não é arrumado, e ela está certa, mas toda a bagunça pela qual passamos para ter isso, ter um ao outro, valeu a pena.

Nada que a vida nos lançou até agora, nem uma separação de vinte anos, nem a gravidez de Aiko ou qualquer um dos desafios que advêm da negociação de uma família mista tão complexa como a nossa, conseguiram quebrar a base que lançamos para esse casamento a partir do dia que nascemos.

O riso de Noah, os guinchos de Mai, o barulho das peças de mah-jongg, a sinfonia de nossa vida juntos, clama lá embaixo. Uma cacofonia que, do lado de fora, parece provavelmente discordante e soa como uma massa de barulho. Mas para nós isso faz sentido, todas as notas se encaixam. Harmonia onde poderia haver caos. Os gostos, os sons, as histórias, reunidos em terras distantes, carregados pelo nosso sangue, misturados em nossos laços.

Para sempre.

NOTA DA AUTORA

Enquanto escrevia, alguns leitores se perguntaram se eu havia inventado o Crown Act que Kimba discute. Eu não fiz. É algo real e muito vital na luta pela paridade no local de trabalho, não apenas entre homens e mulheres, mas para proteger pessoas de todas as etnias e tradições contra preconceitos sistêmicos.

Saiba mais sobre a Lei da Coroa aqui: https://www.thecrownact.com

E quanto ao livro que Kimba dá a Noah, *A Grande Questão de Shaz de Ezra* é um livro real escrito por Aviva L. Brown. Ela escreve livros sobre judeus de cor, diferentes tipos de famílias judias e todos os dias da vida judaica.

